SARA HOLLAND



EVERLESS

PRISIONEIROS DO
TEMPO E DO SANGUE

MORROBRANCO
EDITORA


EVERLESS
PRISIONEIROS DO TEMPO E DO SANGUE

EVERLESS

PRISIONEIROS DO TEMPO E DO SANGUE

SARA HOLLAND

VOLUME 1

Tradução
Isadora Prospero

MORROBRANCO
EDITORA

t.me/SBDLivros

Copyright © 2018 by Glasstown Entertainment, LLC

Edição original publicada em 2018 por HarperTeen, um selo da HarperCollins Publishers.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Glasstown Entertainment, LLC e Inkwell Management LLC.

Título original em inglês: Everless

Direção editorial: Victor Gomes

Coordenação editorial: Giovana Bomentre

Tradução: Isadora Prospero

Preparação: Bárbara Prince

Revisão: Leticia Campopiano

Design de capa: Copyright © Billelis e Jena Stempel

Adaptação de capa: Julianne Vituri

Diagramação: Gustavo Abumrad

Produção em e-book: SBD

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações e situações são produtos da imaginação do autor ou usados como ficção. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram contemplados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H734e Holland, Sara

Everless: prisioneiros do tempo e do sangue / Sara Holland;

Tradução Isadora Prospero. — São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

p. 368; 14x21cm.

ISBN: 978-85-92795-70-2

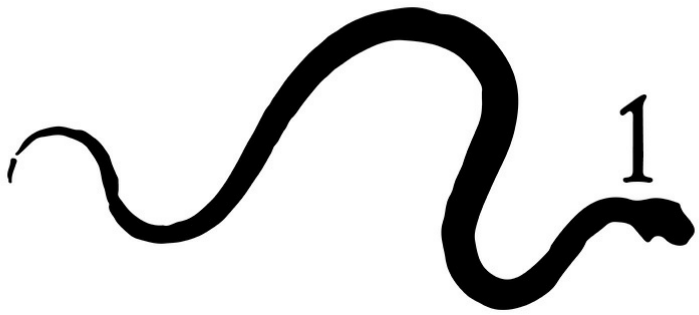
1. Literatura infanto-juvenil americana — Romance.
2. Ficção Young Adult. I. Prospero, Isadora. II. Título.
CDD 813

Todos os direitos desta edição reservados à:
EDITORA MORRO BRANCO
Alameda Santos, 1357, 8º andar
01419-908 — São Paulo, SP — Brasil
Telefone (11) 3373-8168
www.editoramorrobranco.com.br

Impresso no Brasil
2019

SBD

Para os meus pais,
por todas as histórias



A maioria das pessoas tem medo da floresta, pois acredita em velhos contos sobre fadas que congelam o tempo no sangue de alguém ou bruxas capazes de verter os anos de uma pessoa sobre a neve com apenas um sussurro. Dizem que até o espírito do próprio Alquimista vaga por estes bosques, prendendo eternidades em um fôlego.

Sei que não devemos ter medo de histórias. A floresta abriga perigos reais — ladrões com facas rudimentares e pó alquímico no cinto, que armam emboscadas para roubar o tempo de qualquer um que se aventure para fora da segurança do vilarejo. Nós os chamamos de sangradores. E por causa deles que Papai não gosta que eu saia para caçar, mas não temos escolha. Felizmente, no inverno, não há vegetação rasteira para escondê-los de vista nem canto de pássaros para abafar seus passos.

Além disso, conheço este bosque melhor que qualquer pessoa. Sempre amei este lugar, o modo como os galhos entrelaçados bloqueiam a luz do sol e cortam o vento gélido. Poderia passar o dia inteiro aqui ou só continuar caminhando entre as árvores reluzentes com suas teias de gelo fino, através da luz do sol filtrada pelo dossel e transformada em adagas. Adeus.

Uma fantasia. Nunca deixaria meu pai sozinho, especialmente se ele estiver...

— Não está — digo a mim mesma.

A mentira congela no ar invernal e cai ao chão como neve. Eu a chuto com a ponta da bota.

Papai costuma dizer que algumas das árvores na floresta têm mil anos. Elas já estavam aqui antes do nascimento de qualquer pessoa viva hoje, até a Rainha, e antes mesmo que o Alquimista e a Feiticeira vinculassem o tempo ao sangue e ao metal — se é que já existiu uma época assim. Estas árvores estarão aqui, ainda em pé, depois que morrermos. Mas elas não são predadoras, como lobos ou pessoas. As raízes sob meus pés não vivem por séculos fazendo outras plantas murcharem e envelhecerem. E o tempo não pode ser sangrado delas.

Pena que não somos mais parecidos com árvores.

O antigo mosquete de Papai pesa em minhas costas, inutilizado. Não encontro nenhuma caça há quilômetros, e em poucas horas vai escurecer e as barracas do mercado vão abaixar seus toldos uma a uma. Logo, terei que voltar para a cidade e enfrentar o credor de tempo. Pensei que caçar acalmaria meus nervos e me prepararia para o que devo fazer, mas agora só estou com mais medo.

Amanhã vence o aluguel em Crofton. Como todo mês, a família Gerling vai reabastecer seus cofres com nosso ferro-sanguíneo, alegando que lhes devemos isso por sua proteção. Por sua terra. No mês passado, quando não pudemos pagar, o coletor só nos deu um aviso — Papai parecia tão doente, e eu tão jovem, — mas não foi uma gentileza. Este mês, ele vai pedir o dobro, talvez mais. Agora que tenho 17 anos e a lei permite que eu sangre meu tempo, sei o que preciso fazer.

Papai ficará furioso — se estiver são.

Só mais uma tentativa, digo a mim mesma quando passo por um pequeno córrego que flui através das árvores. O fio de água está silencioso, congelado — mas, por baixo, há um breve vislumbre de verde, marrom e dourado: uma truta, agitando-se sozinha ao longo de alguma corrente invisível. Viva por baixo de todo aquele gelo.

Ajoelho-me depressa e arrebento a camada de gelo com a coronha da arma. Espero a água se assentar, espero o brilho das escamas e, em meu desespero, envio um apelo silencioso à Feiticeira. O ferro-sanguíneo que esta trata vai render não vai nem arranhar o aluguel devido por Papai, mas não quero entrar no mercado com as mãos abanando. Não vou.

Eu me concentro, obrigando meu coração acelerado a se acalmar.

Então — como acontece às vezes, — o mundo parece desacelerar. Não, não é que parece. Os galhos realmente param de sussurrar no vento. Até o estalar quase inaudível da neve derretendo no chão fica mudo, como se o mundo estivesse segurando o fôlego.

Olho para baixo, para uma luzinha pálida na água enlameada — ela também está presa na respiração do tempo. Antes que o momento passe, ataco, enfiando a mão nua no riacho.

O choque do frio sobe pelo meu pulso, entorpecendo os dedos. O peixe permanece imóvel — petrificado — enquanto estendo a mão até ele, quase como se quisesse ser pego.

Quando a fecho ao redor de seu corpo escorregadio, o tempo acelera outra vez, o peixe se debate entre meus dedos, puro músculo, e arfo quando quase o deixo cair. Antes que ele possa se lançar para a liberdade, eu o puxo da água e o jogo em minha sacola, com um movimento experiente. Por um momento, apenas observo, um pouco nauseada, enquanto o animal se debate ali dentro, fazendo o tecido se contorcer.

Então, a sacola se imobiliza.

Não sei por que o tempo às vezes desacelera assim, completamente ao acaso. Obedecendo a Papai, nunca falei disso para ninguém — uma vez, ele viu um homem ter vinte anos sangrados apenas porque alegou ser capaz de fazer uma hora retroceder com um gesto. Bruxas como Calla, no nosso vilarejo, são toleradas como um divertimento para os supersticiosos -contanto que paguem o aluguel. Antigamente, eu ia ouvir suas histórias sobre como o tempo ondulava e desacelerava, às vezes até causando fissuras no chão ou terremotos, mas então Papai me proibiu de visitar a loja dela, receoso de atrair atenção para nós. Ainda me lembro do perfume do lugar — temperos misturados com o sangue de antigos ritos. Mas, se Papai me ensinou alguma coisa, é que manter a cabeça baixa significa ficar a salvo.

Enfio as mãos sob os braços para aquecê-las e me agacho sobre o córrego outra vez, tentando retomar meu foco. Mas não aparecem mais peixes, e pouco a pouco o sol abaixa seus raios através das árvores.

A ansiedade contorce meu estômago.

Não posso mais adiar a ida ao mercado.

Há anos sei que acabaria assim, mas ainda xingo baixinho. Viro em direção à cidade e jogo a sacola pesada sobre o ombro. Eu me afastei mais que de costume e me arrependo disso agora que a neve está ensopando minhas botas puídas e as árvores interceptam o que resta do calor do dia.

Finalmente, elas ficam mais esparsas e abrem caminho para a estrada de terra que leva à cidade, transformada em lama congelada após a passagem de centenas de rodas de carroças. Caminho devagar ao lado dela, preparando-me para o mercado. Sou assombrada por pensamentos sobre a lâmina do credor de tempo, sobre os frascos esperando para serem preenchidos com sangue. E então o sangue esperando para ser transformado em ferro, a onda de exaustão que ouvi dizer que se segue após o tempo ser sugado das veias de uma pessoa.

Mas pior é a ideia de ouvir através das paredes finas de nossa cabana enquanto Papai se agita de um lado para o outro no colchão de palha. Só a Feiticeira sabe como ele precisa descansar. No último mês, eu o vi definhar como uma lua de inverno.

Juro que os olhos dele estão ficando acinzentados — um sinal de que seu tempo está acabando.

Queria que não houvesse uma explicação tão simples para o fato de que ele esqueceu meu aniversário hoje de manhã.

Papai nunca esqueceu meu aniversário antes, nem uma única vez. Se ao menos ele admitisse que tem vendido tempo, apesar de eu ter implorado que não fizesse isso, e me deixasse lhe dar alguns anos. Se ao menos a *Feiticeira e o* Alquimista fossem reais e eu pudesse prendê-los em uma *cela* e exigir que encontrassem um modo de lhe conceder vida eterna.

E se — não consigo encarar este pensamento de frente e se ele tiver só mais um mês ou um dia?

Uma lembrança flutua para o topo da minha mente: uma velha mendiga em Crofton, que tinha sangrado sua última semana em troca de uma tigela de sopa, cambaleando de porta em porta, cumprimentando cada pessoa por quem passava e implorando pelo ferro de um dia ou até mesmo por um pedaço de pão. Primeiro, ela esqueceu o nome das pessoas — então, esqueceu o formato do vilarejo por completo e perambulou pelos campos, erguendo a mão para bater no ar.

Papai e eu a encontramos aconchegada no trigo, a pele fria como gelo. Seu tempo tinha acabado. E tudo começara com o esquecimento.

Pensando nela, eu corro. Meu sangue me impulsiona, implorando para ser transformado em moeda.

***

Crofton se anuncia por algumas colunas finas de fumaça, então pelo mosaico de telhados espiando por sobre as colinas. O caminho estreito que leva à nossa cabana desvia da estrada principal a leste, bem antes do vilarejo. Mas eu passo reto por ele e continuo em direção ao barulho e à fumaça do mercado.

Dentro do muro de pedra baixo que delimita toscamente a periferia do vilarejo, fileiras de casas se inclinam umas contra as outras feito pessoas em uma multidão, como se, ficando próximas, pudessem afastar o frio, o bosque ou o lento drenar do tempo. As pessoas passam por mim depressa, com corpos escondidos sob camadas de roupas e cabeças abaixadas contra o vento.

O mercado não passa de uma extensão de pedras enlameadas onde três estradas se encontram. Está lotado e barulhento esta tarde: todos têm que pagar o aluguel, e o espaço está cheio de pessoas vendendo. Homens em roupas simples de fazendeiros e mulheres com bebês nas costas pechincham pedaços de tecido, um pouco de pão e ossos de boi recheados de medula, ignorando o punhado de mendigos que vagueiam de uma barraca a outra e cujo refrão — "Uma hora? Uma hora?" — mistura-se ao zumbido geral de atividade. O ar está enevoado com a fumaça de fogareiros oleosos.

Há uma longa fila serpenteando a partir da loja de empréstimo de tempo de Edwin Duade; Papai e eu não somos os únicos que precisam se virar todo mês para pagar as contas. Esta visão sempre faz meu estômago doer — dezenas de pessoas agrupadas ao longo das paredes, esperando para ter seu tempo removido do sangue e forjado em moedas de ferro-sanguíneo. Sei que preciso me juntar a elas, mas, por algum motivo, não consigo me obrigar a entrar na fila. Se Papai descobrir...

É melhor comer algo primeiro, para me fortalecer antes de vender meu tempo. E posso aproveitar para vender minha caça, por mais mísera que seja.

Eu me dirijo para a barraca do açougueiro, onde minha amiga Amma está atrás do balcão, distribuindo tiras de carne seca para um grupo de estudantes em aventais limpos. Uma pontada de nostalgia misturada com inveja me atravessa. Eu poderia ter sido uma daquelas meninas. Eu fui, na verdade. Depois que Papai foi expulso de Everless, a propriedade dos Gerling — a raiva quando me lembro disso é tão familiar quanto minha própria pulsação gastou suas economias com livros e papel para mim, para que eu pudesse ir à escola. Mas, à medida que sua visão se deteriorava, o dinheiro para livros e papel foi sumindo junto com seus trabalhos. Papai me ensinou tudo que sabe, mas não é a mesma coisa.

Afasto o pensamento e aceno para Amma quando ela me vê. Ela sorri e a cicatriz em sua bochecha se franze. É uma relíquia de uma incursão de sangradores no vilarejo onde ela nasceu, um ataque que deixou seu pai morto e sua mãe com apenas alguns dias no sangue. Ela se agarrou à vida apenas o suficiente para trazer as filhas para Crofton, então seu tempo se esvaiu por completo e deixou Amma responsável pela irmã caçula, Alia.

Para Amma — provavelmente, para muitas das garotas pelas quais passo —, meu ódio pelos Gerling pareceria mesquinho. Eles mantêm suas cidades livres de sangradores e ladrões de estrada como aqueles que mataram os pais de Amma, e administram o comércio. Em troca de sua proteção, esperam lealdade — e, é claro, contribuições mensais em moedas de ferro-sanguíneo. As fronteiras de Sempera são protegidas para evitar que alguém escape com os segredos do ferro-sanguíneo, que é o motivo de Papai e eu termos ficado nas terras dos Gerling mesmo depois de sermos expulsos de Everless por incendiar a forja, muitos anos atrás.

Eu me lembro de Everless — seus corredores cobertos com tapeçarias e portas de bronze reluzentes, seus moradores desfilando ouro, seda e joias. Nenhum Gerling perseguiria uma pessoa na floresta para cortar sua garganta, mas eram ladrões mesmo assim.

— Ouvi falar que eles marcaram a data, o primeiro dia da primavera — uma das garotas diz, animada.

— Não, é antes — outra insiste. — Ele está tão apaixonado que não quer esperar até a primavera para se casar.

Ouço a conversa, distraída. Sei que elas estão fofocando sobre o que parece

ser o único assunto na boca de todos ultimamente: o casamento de Roan, a união das duas famílias mais poderosas em Sempera.

O casamento de Lorde Gerling, corrijo-me. Ele não é mais o garoto melecado e de dentes separados que eu conhecia e que se juntava aos jovens criados para brincar de esconde-esconde. Assim que casar com Ina Gold, a protegida da Rainha, ele será praticamente o filho de Sua Majestade. O reino de Sempera é dividido entre cinco famílias, mas os Gerling controlam mais de um terço da terra. O casamento de Roan os tornará ainda mais poderosos. Amma revira os olhos para mim.

— Dispersando — ela diz, enxotando as garotas com um gesto. — Chega de conversa fiada.

Elas se afastam em um redemoinho de cores fortes, seus rostos corados. Em contraste, Amma parece exausta. Seu cabelo está preso com firmeza e há olheiras escuras sob seus olhos. Sei que ela deve estar acordada desde antes do nascer do sol, fatiando e pendurando carne. Tiro a truta miserável para colocar em sua balança.

— Dia longo? — As mãos dela já estão se movendo para embrulhar o peixe em papel.

Tento sorrir.

— Vai melhorar na primavera. — Amma é minha melhor amiga em todo o mundo, mas nem ela sabe como as coisas andam difíceis para mim e Papai. Se soubesse que estou prestes a ser sangrada, ficaria com dó de mim. Ou, pior, ofereceria ajuda. Não quero isso. Ela já tem o bastante com que se preocupar.

Ela me dá uma moeda horária manchada de sangue em troca do peixe e acrescenta uma tira de carne seca como presente. Quando os aceito, ela não afasta as mãos das minhas.

— Eu estava torcendo para você vir hoje — ela diz, abaixando a voz. — Preciso te contar uma coisa.

Seus dedos estão gelados e seu tom é sério.

— O que foi? — pergunto, tentando manter a voz descontraída. — Jacob finalmente te chamou para fugir com ele? —Jacob é um rapaz local que tem uma queda óbvia por Amma e tem sido tema de nossas piadas há anos.

Ela balança a cabeça e não retribui o sorriso.

— Eu vou embora do vilarejo — conta, ainda apertando minhas mãos com força. — Vou trabalhar em Everless. Estão contratando criados para ajudar com os preparativos do casamento. — Ela dá um sorriso incerto.

Meu próprio sorriso desaparece e o frio se espalha por meu peito.

— Everless — repito, desnorteada.

— Jules, ouvi dizer que estão pagando um ano por mês. — Os olhos dela estão brilhando agora. — Um ano inteiro! Consegue imaginar?

Um ano que eles roubaram de nós, penso.

— Mas... — Há um nó em minha garganta. A maior parte do tempo, tento manter afastadas as memórias de Everless, de minha infância. Mas o rosto de Amma, cheio de esperança, faz tudo voltar de uma vez: os corredores labirínticos, os vastos jardins, o sorriso de Roan. Então, a lembrança das chamas queima todas as outras. De repente, sinto um gosto amargo na boca.

— Você não ouviu os boatos? — pergunto. O sorriso dela vacila e eu hesito, odiando estourar a bolha de sua felicidade. Mas não posso retirar as palavras, então sigo em frente. — Eles só estão contratando garotas. Garotas bonitas. O Lorde Gerling mais velho trata as criadas como brinquedos, bem debaixo do nariz da esposa.

— Esse é um risco que terei que correr — ela diz suavemente. Suas mãos soltam as minhas. — Alia também vai, assim como Karina. O marido dela está perdendo todo o tempo deles em apostas. — Posso ver a raiva em seus olhos. Karina é como uma mãe para ela, e Amma fica furiosa ao vê-la sofrer. — Ninguém tem trabalho. Everless é minha única chance real, Jules.

Quero discutir, convencê-la de que o destino de uma garota em Everless é ingrato e degradante, que todas elas se tornam um título sem nome, mas não posso. Amma tem razão — aqueles que servem os Gerling são bem recompensados, ao menos pelos padrões de Crofton, embora os ferros-sanguíneos que recebem como pagamento sejam tirados — roubados — de pessoas como Amma, Papai e eu.

Mas sei o que é passar fome, e Amma não compartilha de meu ódio pelos Gerling nem de meu conhecimento de sua crueldade. Então lhe dou meu melhor sorriso.

— Tenho certeza de que será maravilhoso — digo, esperando que ela não perceba a dúvida em minha voz.

— Imagine só, vou ver a Rainha com meus próprios olhos — ela fala, empolgada.

Embora Papai tenha um desprezo secreto pela Rainha, para a maior parte das famílias ela não é nada menos que uma deusa. Na verdade, pode muito bem ser uma deusa: está viva desde a época da Feiticeira. Quando o ferro-sanguíneo se espalhou pelas veias de todos, invasores vieram de outros reinos. A Rainha, na época a líder do exército semperano, os aniquilou e tem governado desde então.

— E Ina Gold — Amma continua. — Dizem que ela é linda.

— Bem, se vai se casar com Lorde Gerling, deve ser mesmo — respondo casualmente. Mas meu estômago se revira quando penso em Lady Gold. Todos conhecem sua história: uma órfã como tantas outras, abandonada quando bebê nas praias rochosas perto do palácio de Sempera, como um sacrifício à Rainha. Devido às muitas tentativas de assassinato, em especial nos primeiros anos de seu reinado, a Rainha se recusou a ter filhos próprios ou se casar. Em vez disso, prometeu escolher uma criança para criar como príncipe ou princesa e, se a criança fosse digna, para herdar a coroa quando ela estivesse pronta para cedê-la. Talvez os pais de Ina estivessem ainda mais desesperados do que os camponeses de Crofton. A menina atraiu o olhar da dama de companhia da Rainha; Sua Majestade escolheu Ina Gold como filha e, dois anos atrás, oficialmente a nomeou como sua herdeira.

Agora ela tem 17 anos. A mesma idade que Amma e eu — só que ela vai herdar o trono e o banco real de tempo e viver por séculos. Sua vida será repleta de banquetes e bailes e coisas que nem posso imaginar, e ela nunca vai se preocupar comigo e com todas as outras pessoas que queimam suas vidinhas fora dos muros do palácio.

Digo a mim mesma que a inveja grudando em minha garganta é por causa disso, e não porque ela vai ser a esposa de Roan.

— Você poderia vir também, Jules — Amma diz em voz baixa. — Não seria tão ruim se cuidássemos uma da outra.

Por um segundo, imagino a cena — os corredores estreitos dos criados, a

vasta extensão do jardim, as grandiosas escadarias de mármore.

Mas é impossível. Papai nunca aceitaria. Fomos obrigados a fugir de Everless, a fugir dos Gerling. E por causa deles que passamos fome.

Por causa de Liam.

— Não posso deixar meu pai — digo. — Você sabe disso.

Amma suspira.

— Bem, eu a verei quando retomar. Quero economizar tempo suficiente para voltar para a escola.

— Por que parar por aí? — provoco. —Talvez um nobre se apaixone por você e a leve para seu castelo.

— Mas o que Jacob faria? — ela retruca com uma piscadela. Dou uma risada forçada. De repente, percebo como me sentirei sozinha nos longos meses em que Amma estará longe. Tomada por um medo súbito de que nunca a verei de novo, eu a puxo para um abraço. Apesar das longas horas passadas separando osso e cartilagem, o cabelo dela ainda cheira a flores silvestres.

— Adeus por enquanto, Amma.

— Estarei de volta antes que você perceba — ela promete. — Cheia de histórias.

— Não duvido — respondo. O que não digo é: espero que sejam histórias felizes.

***

Fico com Amma o máximo que posso, mas o sol está afundando atrás do horizonte. Com o estômago pesado de terror, sigo relutante até o credor de tempo. Passo entre barracas para encontrar o fim da fila, ainda longa demais, que serpenteia em direção à porta de Duade, onde está gravado um símbolo de ampulheta. Atrás dela, estará o brilho da lâmina, o pó que transforma sangue e tempo em ferro.

Mantenho os olhos no chão para evitar ver as pessoas que saem da loja, pálidas, ofegantes e um pouco mais próximas da morte. Tento dizer a mim

mesma que algumas delas nunca vão visitar o credor de novo — que semana que vem, depois de encontrarem trabalho, vão voltar para casa, derreter um ferro-sanguíneo no chá e bebê-lo. Mas isso não acontece aqui em Crofton; pelo menos, eu nunca vi. Nós só sangramos, só vendemos.

Depois de alguns minutos, uma comoção atrai meu olhar. Três homens estão emergindo da loja — dois coletores, homens de Everless, com o brasão da família brilhando no peito e espadas curtas balançando nos cintos. E, entre eles, está o credor de tempo, Duade, com os braços presos.

— Me soltem! — Duade grita. — Não fiz nada de errado!

A multidão murmura e sinto o pânico nos cercar. Certamente não são poucas as ilegalidades que acontecem na loja de Duade, mas a polícia dos Gerling sempre as deixou de lado com uma piscadela, um aceno e um ferro-sanguíneo passado de mão em mão. O credor de tempo pode ser um sujeitinho puxa-saco e ambicioso, mas todos precisamos dele de vez em quando.

Eu preciso dele hoje.

Enquanto Duade luta em vão contra os soldados, o som de cascos ecoa na praça. Todo mundo se aquieta de imediato, e Duade fica imóvel nas mãos dos coletores quando um jovem em uma égua branca vira a esquina do mercado, o capuz erguido para se proteger do frio.

Roan. Contra minha vontade, meu coração fica mais leve. Ao longo dos últimos meses, Roan Gerling, que agora é maior de idade, começou a visitar os vilarejos de sua família. A primeira vez que apareceu, mal o reconheci — tinha se tornado esguio e incrivelmente bonito, — mas agora, sempre que venho ao mercado, torço em segredo para avistá-lo, embora saiba que ele jamais me veria. Quero odiá-lo por suas roupas finas e o jeito como olha ao redor com aquele sorriso leve e caridoso, lembrando-nos de que é o dono de cada árvore, cabana e pedrinha na estrada. Mas minhas lembranças de Roan são profundas demais para que eu o odeie, não importa o quanto tente. Além disso, os coletores são mais indulgentes quando ele está por perto. O que quer que esteja acontecendo com Duade, Roan vai pôr fim a isso.

Mas quando olho de novo para a loja, o olhar de Duade, preso entre os dois guardas, não é de alívio. E de puro medo.

Confusa, viro enquanto o garoto abaixa o capuz. Ele tem os ombros largos, a pele dourada e o cabelo escuro que eu esperava. Mas suas feições são severas: sobrancelhas tempestuosas, nariz duro, testa aristocrática.

O ar desaparece de meus pulmões.

Não é Roan. É Liam. Liam, o irmão mais velho de Roan, que pensei que estaria estudando História a uma distância segura, em alguma instituição coberta de heras à beira-mar. Liam, que há dez anos passeia em meus pesadelos. Sonho com tanta frequência sobre a noite em que fugimos que não consigo separar os pesadelos das lembranças, mas Papai garantiu que eu lembrasse de uma coisa: Liam Gerling não era nosso amigo.

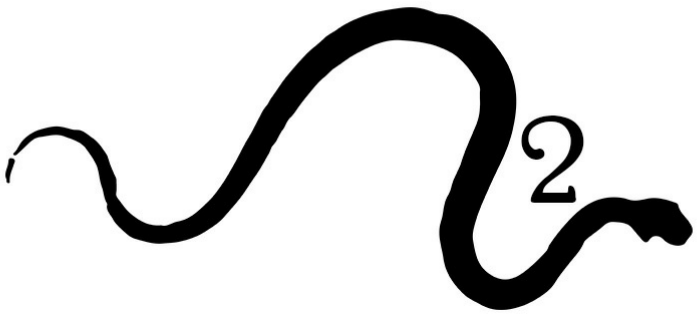
Liam tentou matar Roan quando éramos crianças. Nós três estávamos brincando na forja e Liam empurrou o irmão no fogo. Se eu não tivesse puxado Roan antes que as chamas o pegassem, ele teria sido queimado vivo. Como recompensa, tivemos que fugir do único lar que já conheci, porque meu pai ficou com medo do que Liam faria comigo se permanecêssemos em Everless, sabendo o que eu vira.

Mais tarde, quando eu tinha doze anos, Liam encontrou Papai e eu em nossa cabana nos arredores de Rodshire. A briga deles me acordou no meio da noite e, quando saí do quarto, meu pai agarrou minha mão — ele tinha afugentado Liam — e fugimos uma segunda vez.

Fico paralisada, dominada pela sensação de que meus piores medos se tomaram reais — de que, depois de tantos anos, Liam encontrou meu pai e eu de novo.

Sei que devo me virar, mas não consigo desviar meus olhos dele nem parar de imaginar seu rosto como era dez anos atrás, me encarando com ódio através de uma cortina de fumaça, no dia em que fugimos de Everless para nunca mais voltar.

Ouço a voz de Papai: *Se um dia vir Liam Gerling, corra.*



Mesmo aos dez anos, Liam era frio e distante. Ele foi para um internato menos de um ano depois de deixarmos as terras dos Gerling, mas boatos sobre ele continuaram a circular. Criados de Everless que vinham cumprir tarefas em Crofton diziam que a fachada silenciosa de Liam podia virar raiva em um piscar de olhos — que seus pais o temiam e por isso o enviaram para longe. Mas não foi raiva que fez Liam empurrar o irmão em direção ao fogo da forja ou nos perseguir até Rodshire. Foi crueldade. Não consigo imaginar quanto sua maldade pode ter crescido nos anos desde então.

Agora, enquanto me encolho e recuo até a porta mais próxima, pergunto-me como o confundi com Roan. Os dois têm a mesma altura, a mesma estrutura robusta e cachos negros — mas, enquanto o cabelo de Roan é indomável, o de Liam foi alisado para trás do rosto. Sua boca é uma fenda fina e sem humor; seus olhos se escondem atrás das pálpebras e são impossíveis de ler. Assomando sobre a multidão em seu cavalo, ele parece uma estátua, sentado reto como uma vareta na sela — orgulhoso, inflexível e eterno. Ele examina a fila de pessoas que esperam para ver Duade.

Tarde demais, ergo a mão para levantar o capuz, mas seu olhar já pousou em mim. Será imaginação minha ou ele parou por um instante, os olhos se demorando em meu rosto? Medo se aloja em minha garganta e minhas mãos tremem enquanto puxo o capuz sobre o cabelo. Quero me virar e fugir da fila, mas isso só chamaria mais atenção para mim.

Felizmente, o povo humilde do vilarejo não parece atrair o interesse de Liam. Seus olhos passam reto por mim e ele encara Duade, segurado pelos

guardas.

O velho credor de tempo parece aterrorizado. Roan teria mandado seus homens o soltarem, mas Liam não tem nada de sua gentileza.

— Por favor. — O silêncio é tal que consigo ouvir Duade implorar. — Meu senhor, foi um erro honesto, nada mais.

— Você quebrou a lei. Sangrou tempo de uma criança. — A voz de Liam está mais profunda, mas tão fria como quando ele era um garoto. — Vai negar?

Ao meu redor, sombras de dores antigas cruzam alguns rostos e sei que estes na fila são pais. O tempo das crianças é imprevisível, difícil de medir e difícil de vincular, e é fácil tirar demais e acidentalmente matar o doador. Mas muitos não tiveram opção, e imagino que observar seu filho sangrar é um castigo por si só, mais cruel do que qualquer coisa que os Gerling poderiam imaginar.

— Como cu poderia saber que era uma criança? — Duade ergue olhos desvairados para Liam, uma desculpa inútil depois da outra tombando dos lábios. — Apenas acredito no que me dizem, meu senhor, não passo de um criado...

A voz de Liam corta o ar, tão fria e afiada quanto uma faca.

— Levem-no para Everless. Sangrem um ano.

As palavras fazem Duade congelar.

— Um ano? — Por um momento, ele só parece chocado. Então pânico toma seu rosto. — Lorde Gerling, por favor...

Os coletores arrastam Duade em direção a uma carruagem à espera. Liam contrai a perna, como se fosse descer do cavalo, e meu estômago se revira de náusea. De repente, sinto-me prestes a desmaiar. Enquanto Liam está distraído, abaixo a cabeça e escapo da fila, correndo em direção a um beco que posso pegar como atalho para casa.

Quando saio do mercado, olho para trás — e me arrependo no mesmo instante. As pessoas estão se afastando da loja do credor de tempo, mas Liam continua lá — e olha diretamente para mim. Meu coração dá um salto e, por um momento longo demais, fico congelada, imobilizada por seu olhar

penetrante. Se ele me reconhecer...

Corra. A voz de meu pai.

Mas ele bate os calcanhares no cavalo e vira para o outro lado, de volta à estrada principal, como se estivesse ansioso para partir de um lugar tão desprezível quanto nosso vilarejo. Meu sangue pulsa nos ouvidos enquanto também me viro e corro para casa.

Quando emerjo do vilarejo no campo de trigo estéril, o pânico que enevoa minha mente começa a se dissipar, deixando apenas o terror profundo e inescapável que Liam plantou em meu estômago com seu olhar. Tenho pesadelos desde a noite em que fomos banidos de Everless — terrores noturnos cheios da fumaça do incêndio evoluíram para sonhos em que sou perseguida por um assassino sem rosto, com imagens de fogo e terror, e o cheiro acre de metal quente e palha em chamas, que enche minhas narinas agora enquanto lembro dos olhos de Liam.

Lembro a mim mesma que dez anos se passaram desde que ele me viu pela última vez. Papai e eu éramos só criados; eu, uma garota de sete anos com joelhos ossudos e uma touca de criada. Ele poderia reconhecer Papai, mas não há como me reconhecer.

Só quando vejo a cabana, uma coluna fina de fumaça subindo da chaminé, lembro de que eu deveria ter trazido jantar para casa. A tira de carne seca de Amma terá que servir esta noite. Pelo bem de Papai, espero que a moeda horária que consegui pela truta valha a barriga vazia.

O sol se afunda mais. Olho para o oeste, em direção ao horizonte, onde o céu está entremeado de cinza e vermelho dourado. Outro dia gasto.

Uma guirlanda murcha de sempre-vivas pende na porta dos fundos e um ornamento de raposa, que fiz na infância torcendo arame e pregos, fica na janela. Minha mãe aparentemente acreditava nesses talismãs. Segundo meu pai, ela passava horas amarrando ramos de pinheiro ou polindo sua antiga estatueta de madeira da Feiticeira — uma figura graciosa com um relógio em uma mão e uma faca na outra —, que deixamos no peitoril para trazer proteção e longevidade. Uma estátua parecida, embora muito maior e menos bonita, fica perto do muro oeste de Crofton, onde os devotos — ou desesperados — pedem bênçãos. Embora nunca tenha dito, sei que meu pai mantém essas coisas por perto para honrar a memória de minha mãe. Ele não

acredita nelas mais do que eu. Se a Feiticeira existe, ela não está ouvindo nossas preces.

Dentro de casa, passo algum tempo na cozinha sem luz, esperando meus olhos se adaptarem à escuridão e temendo o momento em que encontrarei meu pai de mãos abanando. Não que ele vá ficar bravo comigo — ele nunca fica —, mas estou sempre consciente de sua figura emagrecida e do tremor em suas mãos. O que ele terá esquecido enquanto eu estava fora? Meu nome? Meu rosto? No pânico por causa de Liam Gerling e da comoção que ele causou, esqueci-me completamente do aluguel. E agora que Duade foi levado a Everless para ser sangrado pelo credor de tempo dos Gerling, que esperança tenho de vender mais para ele antes que o coletor chegue?

Uma voz desconhecida vem da outra sala e eu congelo. As palavras estão abafadas pelo estalar do fogo, mas identifico que é um homem. O medo me atravessa outra vez. Será que Liam me reconheceu no fim das contas? Será que enviou alguém atrás de mim?

Vou até as cortinas e as abro. E paro.

Preciso de um momento para compreender a cena diante de mim. O coletor do aluguel, um homem de Crofton que todo mês vai de casa em casa como uma doença, está sentado com meu pai perto da lareira. Ele veio cedo, mais cedo que o normal. Entre eles, em uma mesa de madeira rústica, há uma fileira de objetos: uma tigela de bronze pequena, um frasco de vidro, uma faca de prata. As mesmas ferramentas que entulham o balcão do credor de tempo em sua loja com vitrine de vidro. As ferramentas para drenar tempo.

Papai vira para mim. Seus olhos enevoados se arregalam.

— Jules — ele diz, erguendo-se com dificuldade. — Não esperava você de volta até escurecer.

Meu coração se aperta; já escureceu.

— O que está acontecendo? — pergunto com a voz embargada, embora eu já saiba. O coletor relanceia em minha direção, parecendo grande demais para nossa casa pequena.

Meu pai afunda na cadeira outra vez.

— Estou pagando nosso aluguel — diz com calma. — Por que não espera lá fora e aproveita o dia bonito?

Antes que eu possa responder, o coletor interrompe.

— Quatro meses, então. — Seu tom é pragmático, levemente entediado. — Pelo aluguel deste mês e do mês passado.

— Quatro meses? — Dou um passo em direção à mesa, erguendo a voz. — Papai, não pode fazer isso.

O funcionário dos Gerling olha para mim por um breve momento, então dá de ombros.

— Essa é a multa por atrasar o pagamento. — Seus olhos me percorrem mais uma vez, então ele se volta para as ferramentas. — O tempo existe para ser queimado, garota.

É uma expressão comum no vilarejo — por que acumular tempo quando todo dia é monótono e brutal, igual ao anterior e ao que virá em seguida? Ouvi-la de um homem que nunca sentiu fome ou frio faz meus dedos coçarem para formar um punho. Em vez disso, tiro a moeda horária do bolso e a estendo para ele.

— Fique com isto e eu...

O coletor me interrompe com uma risada curta e sem humor.

— Fique com suas horas, garota — ele diz. — E não faça essa cara chateada. Depois que o tempo do seu pai se esgotar, você vai herdar as dividas dele, e eu odiaria que houvesse desavenças entre nós.

O xingamento que eu estava prestes a cuspir em sua cara congela na garganta. *Depois que o tempo de seu pai se esgotar.* Como se ele esperasse que isso acontecesse em breve. Ele mediu o tempo no sangue de meu pai?

Papai desvia os olhos, a mandíbula tensa, enquanto o homem estende a mão à faca. Mas ele a pega primeiro e desenha uma linha reta ao longo da própria palma, com tanta calma como se fosse carvão sobre papel em vez de lâmina sobre pele. O sangue jorra.

— Quatro meses — ele repete, pegando um frasco de vidro e o apertando contra a palma para coletar o fio de sangue. — Tenho de sobra.

Mas não é só minha imaginação o modo como seu rosto fica mais pálido a cada segundo, as linhas parecendo mais profundas; ou o modo como ele murcha um pouco quando o frasco preenchido deixa sua mão, é fechado com

uma rolha e desaparece na bolsa do funcionário dos Gerling. Estico a mão e agarro seu pulso antes que ele possa pegar um segundo frasco.

— Não. — Com a outra mão, afasto a faca até que esteja fora do alcance dele. O coletor me observa com as sobrancelhas erguidas e me dirijo a ele. — Quatro meses pelo aluguel de dois? Tem que haver outro jeito.

— Jules.

Ignoro a censura suave de meu pai e me viro para o coletor. Ele parece entediado, o que me enfurece quase tanto quanto o fato de que está tirando tempo de meu pai. Mas reprimo a raiva e deixo minha voz o mais doce possível, abrindo um sorriso para combinar.

— Deixe-me vender meu tempo, senhor. O senhor pode levar cinco meses.

Interesse cintila por um momento nos olhos do homem, e posso imaginar o que ele está pensando — que pode repassar o aluguel para os Gerling e embolsar o mês extra para si mesmo. Mas então meu pai interrompe:

— Ela tem dezesseis anos.

— Dezessete — corrijo, odiando como minhas palavras o fazem franzir o cenho em confusão. — Papai, hoje é o 11º dia do mês. Completei dezessete anos.

O coletor olha de um para o outro, sem saber em quem acreditar, então resmunga e balança a cabeça.

— Não. Não vou atrair a ira da Feiticeira sobre a minha cabeça sangrando uma criança.

A ira da Feiticeira ou de Liam Gerling?

— Por favor. — Viro metade do corpo para Papai e falo com os dois homens ao mesmo tempo. — Nunca doei tempo. Posso recuperar depois.

— É fácil falar que vai recuperar depois — Papai retruca, teimoso. — E mais difícil recuperar de fato. Coletor, me dê outro frasco.

— Vou trabalhar em Everless. — As palavras saem de minha boca antes que a ideia tenha se formado por completo em minha mente. A cabeça de meu pai vira bruscamente para mim e ele me observa com uma advertência no olhar.

O coletor não se mexe.

— E?

— E... — Eu pisco, tentando lembrar o que Amma me contou no mercado. — Eles estão pagando um ano por um mês. Se nos perdoar um pouco desta vez, vou pagar o dobro de nossa dívida. E mais dois meses antecipados — acrescento, tentando esconder o desespero na voz.

O suborno atrai o interesse do homem. Ele me olha dos pés à cabeça, avaliando-me de um modo que faz minha pele se arrepiar, mas mantenho o queixo erguido e suporto seus olhos sobre meu corpo. Sei como os Gerling valorizam juventude e beleza. Não sou nenhuma Ina Gold, mas pelo menos herdei as pernas longas e o cabelo lustroso de minha mãe. Em roupas diferentes, poderia passar por uma garota de Everless.

— Jules! — Meu pai se ergue da mesa com dificuldade, pegando sua bengala. De pé, ele é mais alto que o coletor e eu, e por um segundo doloroso vejo o homem que ele costumava ser orgulhoso e forte o bastante para fazer qualquer capanga dos Gerling hesitar. Abaixo os olhos para a mesa. Dói vê-lo assim. Mas não sei quanto tempo ele vendeu e quanto ainda tem.

— De jeito nenhum. Eu a proíbo de...

— Sente-se — o coletor diz, impaciente. —Tenho coisas melhores a fazer do que ouvir brigas de camponeses.

Lentamente, meu pai cai de volta na cadeira, raiva e medo escurecendo seu rosto.

— Vou deixar vocês dois resolverem isso — o coletor anuncia, com a voz cheia de condescendência enquanto se ergue da cadeira. — Se pretende ir a Everless, eu a verei no mercado ao amanhecer. Veremos se te julgam adequada. Caso contrário, voltarei amanhã para coletar o resto do aluguel.

— Obrigada pela paciência — respondo. Os olhos de meu pai estão fixos em mim. — Eu o verei amanhã.

O coletor dá um grunhido indiferente. O silêncio ecoa quando ele sai, batendo a porta atrás de si.

— Quanto tempo o senhor ainda tem? — A pergunta parece explodir dos meus lábios por vontade própria.

Ele não me ouve ou decide me ignorar. Olha para a mesa, enxugando o corte na palma com um pedaço de tecido.

— Jules...

— Por acaso o tempo que o senhor ainda tem... — insisto.

— Basta. — Não sei se é uma resposta ou uma bronca. Ele respira fundo. — Você é uma criança. Deveria voltar para a escola.

— O senhor deveria ter me contado que atrasamos o aluguel. Eu poderia pagar. Tenho tempo.

— Não — meu pai insiste, e pela primeira vez sua voz é dura. — Não vou deixar.

— Mas falta trabalho aqui. — A raiva que suprimi, a raiva que não podia demonstrar ao coletor de aluguel, se revira e se contorce dentro de mim. — Como ficamos então? Como *o senhor* fica? Preciso de você, Papai. — Para meu horror, posso sentir lágrimas despontando nos olhos. — Pensou nisso antes de deixar o coletor sangrá-lo?

— Há coisas que você não sabe sobre o mundo, Jules. — O confronto o deixou esgotado e ele cai na cadeira. Sinto uma pontada de culpa; ele acabou de ter um mês sangrado e deve estar exausto. — Os Gerling são pessoas más, impelidas pela ganância — ele continua, furioso. — Aquele garoto, Liam, nos mataria para não admitir a verdade sobre o incên... — As palavras somem em um acesso de tosse. As próximas são tão suaves que quase acho que as estou imaginando. —E não vou deixar que eles peguem você.

— Eles não vão me pegar. Não vão nem reparar em mim — argumento, tentando afastar a frustração da voz. Estou cansada de me esconder e esperar. — E, se ganhar tempo suficiente, posso voltar para a escola.

— Não. — Sua voz parece de aço. — Você não vai voltar a Everless. Eu te proíbo.

— Papai, por favor. Não vão nem reparar em mim.

Posso ouvir como pareço: suplicante, infantil. A explosão de raiva dele me perturbou. Sei que ele odeia os Gerling — também os odeio, — mas não vale a pena sangrar toda a vida de meu pai para me manter longe deles. Será que o medo está dominando a mente dele a esse ponto?

— Ainda sou seu pai — ele diz. — E, enquanto você morar sob meu teto, vai fazer o que eu mandar.

Abro a boca para discutir, então um pensamento feio passa por minha mente.

Ele não pode me impedir.

Depois que afugentou Liam naquela noite, quando eu tinha doze anos, ele decidiu reescrever nosso passado. Se o antigo ferreiro dos Gerling acabasse entre o povo do vilarejo, criaria suspeitas e fomentaria perguntas: por que ele trocara um posto tão alto por uma vida árdua no vilarejo? E pior — e se Liam nos encontrasse de novo para executar uma vingança mesquinha? Papai decidiu que era mais fácil criar uma história monótona e típica: um fazendeiro e sua filha que abandonaram os campos depois de uma praga. Ele me ensinou a mentir para que ninguém olhasse para nós com muita atenção.

Ele não percebe, mas me ensinou bem demais.

Dou um suspiro longo.

— Amma vai partir para Everless — eu conto. – Talvez o açougueiro me dê o emprego dela.

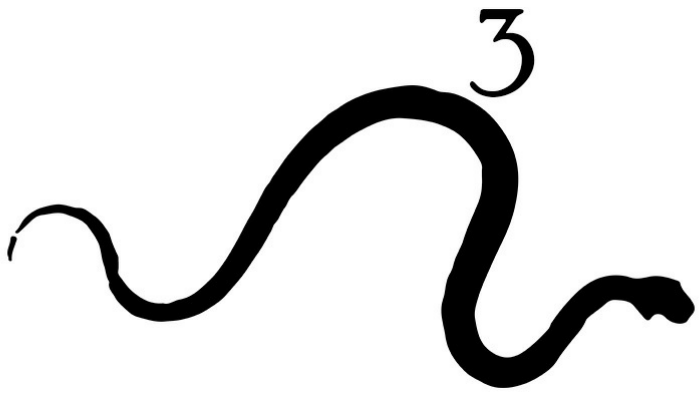
O olhar dele se suaviza.

— Talvez. — Ele estende a mão e cobre a minha. — Odeio que você sequer tenha que trabalhar. Mas pelo menos aqui estamos juntos.

Sorrio para ele, desejando poder falar a verdade — que a ideia de voltar a Everless revira meu estômago e me enche de terror, mas que vou fazer isso mesmo assim. Ele está sorrindo, aliviado, e sei que não percebe a mentira. Eu levanto e beijo sua testa, então vou para a cozinha preparar o jantar.

Quando ele não está olhando, pego na janela a estatueta da Feiticeira — a que pertencia à minha mãe — e a enfio no bolso do vestido. Talvez a Feiticeira me traga sorte. Talvez pensar nela me dê força.

Ao amanhecer, vou precisar de ambos.



Vou dormir antes de meu pai. Em meu leito ao lado da lareira, sob um cobertor fino, com os olhos fechados, eu o ouço rabiscar anotações em seu livro de contabilidade. Sei que ele está calculando seu tempo, como se, ao conferir repetidamente os números, fosse descobrir de repente um jeito de pagar por todas as coisas para as quais não temos dinheiro. Então a porta da cabana range quando ele vai pegar água do poço lá fora; o fogo estala quando ele joga outro tronco na lareira. Por fim, ele beija minha testa e se retira para o quarto, suspirando no caminho.

Espero sua respiração ficar regular, então me esgueiro com cuidado do leito e reúno minhas coisas o mais silenciosamente possível. Pego alguns pães de centeio do armário, o suficiente para uma ou duas refeições, e escolho meu melhor vestido, embora o linho azul puído vá parecer humilde ao lado das damas de Everless. Enfio minha faca de caça no cinto, embainhada, e embrulho alguns pertences em uma sacola.

Meus olhos pousam na parede, em um retrato de minha mãe feito por meu pai. Antes de sua visão se deteriorar, ele amava desenhar — um dia, encontrei a imagem escondida embaixo de seu colchão, como se ele não suportasse ser lembrado do que tínhamos perdido. Tive que implorar para que me deixasse pendurá-la na parede. O papel está amarelado e encurvado devido ao tempo, mas a semelhança é impressionante: uma jovem com meu cabelo encaracolado e meus olhos castanhos olhando por cima do ombro e rindo. Estendo a mão e contorno o rosto de minha mãe. Eu me pergunto se ela aprovaria a escolha que estou fazendo. Sua estátua da Feiticeira continua no meu bolso. *Sorte,*

penso, meu coração desacelerando.

No verso de um dos papéis que ele deixou espalhados na mesa, escrevo um bilhete deliberadamente casual: *Fui falar com o açougueiro. Volto antes de escurecer.*

Deixo-o em cima do livro de contabilidade e espero que ele não perceba de imediato a mentira. Se perceber, não duvido que iria mancando até o vilarejo e tentaria impedir as carruagens dos Gerling.

Quando perceber o que fiz, o que ele vai fazer?

Se pensar demais em Papai — em como ele vai ficar preocupado — minha coragem vai vacilar, então calço as botas em silêncio e pego minha sacola. Ficarei longe por um mês, no máximo dois, e escreverei uma carta a ele de Everless para tranquilizá-lo de que está tudo bem. Quando voltar para casa, a sacola cheia de ferros-sanguíneos vai compensar minha mentira.

Faltam duas horas para o amanhecer quando finalmente me convenço a sair, julgando pelo céu e pelo cheiro orvalhado do ar. Caminho depressa à medida que a luz do sol se mescla com o céu a leste. Está mais frio do que ontem e o vento cortante me faz estremecer. O cheiro de terra apodrecida se ergue da neve. Em pouco tempo, o vilarejo de Crofton surge diante de mim, os telhados de palha parecendo cogumelos tortos ao amanhecer. Os únicos sinais de vida são alguns mendigos dormindo em batentes. Enquanto assisto, uma mão fina acende uma vela em uma janela acima da padaria. Não tenho medo — os Gerling nos mantêm a salvo de ameaças externas, mesmo que não da fome —, mas a visão é macabra.

A algumas quadras do mercado, ouço murmúrios. Virando a esquina, vejo a maior reunião de garotas que já encontrei na vida. Deve haver mais de cinquenta ocupando a praça aberta, todas limpas, esfregadas e vestidas em suas melhores roupas. Conheço algumas delas — Amma com a irmãzinha, Alia, pequena e solene aos doze anos; e Nora, uma costureira para quem eu consertava algumas peças até que ela não pôde mais me pagar. Muitas garotas eu não reconheço. Talvez venham das fazendas que se estendem por quilômetros além das fronteiras do vilarejo, atraídas para cá pela oportunidade de trabalhar em Everless.

Caminhando entre elas, há homens portando a insígnia dos Gerling. Eles gritam para organizá-las em uma longa fila e sinto um frio no estômago

quando reconheço um deles — Ivan Tenburn, o filho do capitão da guarda de Everless, agora em seu próprio cavalo e usando sua própria insígnia. Quando pequeno, era cruel e seguia Liam de um lado para o outro; todas as crianças que trabalhavam no palácio morriam de medo dele. Uma vez, enquanto o pai estava fora, ele fez os cavalariços formarem uma fila e bateu em seus joelhos com um chicote. Se algum gritava, ele dava ao próximo garoto cinco chibatadas. Ele dizia que era um jogo chamado "estalos". Lembro do machucado escuro na canela de meu amigo Tam. Levou semanas até sarar.

Também me lembro da voz de Roan, exigindo que Ivan parasse.

O medo me atravessa, tão afiado quanto a lâmina que Ivan mantém ao lado do corpo. Dez anos se passaram, mas pelo modo como ele rosna para as garotas se mexerem, sei que nada mudou.

Vou até Amma e Alia, encolhidas do outro lado da praça. Amma parece insegura. Sua sacola está sobre os ombros e ela está usando uma capa de viagem. Quando me vê, um sorriso aliviado ilumina seu rosto.

— Não acredito! — Ela aperta meus braços e me puxa para um abraço rápido. — Convenceu seu pai a deixar você vir, no fim das contas?

— Só por um mês ou dois — minto. — Se é que vão me escolher.

— Bem, tenho certeza de que ele vai ficar contente quando você voltar com dois anos de ferro-sanguíneo.

Tento me reconfortar com as palavras de Amma enquanto ela me puxa em direção à fila. Sinto a pulsação dela contra minha mão, leve e veloz.

— Estou feliz que esteja aqui. Vai ser maravilhoso agora que estamos todas juntas. — Ao seu lado, Alia sorri para mim.

Quando assumimos nossos lugares, Ivan e os outros soldados dos Gerling discutem entre si, falando em vozes baixas antes de se virar para a fila de garotas. Atrás deles, duas carroças de feno sem teto, conduzidas por meninos magrelos de dentes tortos que não podem ter mais de doze anos, entram rolando na praça. Enquanto isso, Ivan e seus homens percorrem a fila, examinando queixos, olhos e braços e girando as meninas como piões.

— O que está acontecendo? — sussurro para Amma. Ela só balança a cabeça.

Incerteza se acumula em minha barriga. Ouvi que Lorde Gerling gosta de criadas jovens e bonitas, mas nunca esperei ser tratada assim, arrebanhada como gado e examinada como um cavalo para ver se meus dentes e pernas são bons. Estou tentada a correr, mas não consigo fazer meus pés se mexerem.

Mais à frente na fila, um homem examina uma menina de rosto redondo e cabelo frisado que não reconheço. Ele franze o cenho e balança a cabeça. O lábio da menina treme. Ela começa a falar, mas o homem a ignora e passa para a garota seguinte, uma mulher esbelta de vinte e poucos anos. Ele dá um sorriso malicioso para ela e fala algumas palavras baixas. O rosto da jovem fica vermelho e ela sai da fila, correndo até uma das carroças.

A avaliação continua assim. Cerca de um quarto das garotas é enviado para a carroça e o resto é rejeitado. Minha pele se arrepia toda vez que um dos soldados dá um olhar lascivo ou faz uma garota erguer as saias para olhar suas pernas, mas se quero conseguir um lugar em Everless, não posso abrir a boca. Amma ficou branca como a neve que ainda cai e se amontoa nas bordas da praça. Dou um aperto tranquilizador em sua mão para confortar nós duas.

Faltam cinco garotas. Três. Então uma. Mordo o interior da bochecha quando um soldado aparece na minha frente, esperando que meu asco não esteja evidente no rosto. Fico grata que pelo menos não é Ivan. Ele está sorrindo, tão perto que consigo sentir o fedor de seu hálito. Para meu horror, sua mão ergue meu rosto, segurando-o pelo queixo. Eu me encolho — não consigo evitar. O homem gargalha e estende a mão até meus seios.

O instinto toma conta e vejo tudo devagar, como se estivéssemos suspensos em mel. Está acontecendo de novo — o tempo pausando, até o ar fica imóvel, mas ninguém parece perceber. Vejo o sorriso do homem fixo em seu rosto. A expressão horrorizada de Amma, com um grito preso a meio caminho da garganta. Estendo a mão para a faca em meu cinto e a trago para frente, querendo apenas mantê-lo à distância.

Mas então o zumbido nos ouvidos cessa abruptamente e o mundo me alcança.

O guarda e eu ambos olhamos chocados para a linha vermelha, fina como um fio de cabelo, que atravessa sua barriga saliente. Uma gota de sangue se acumula no fim e mancha o uniforme. Eu mal o feri, mas mesmo assim... Meu estômago despenca quando percebo o que fiz.

Há um momento de puro silêncio enquanto ele me olha com fúria, então os outros homens desatam em gargalhadas. O rosto do soldado assume um vermelho profundo e raivoso.

— Vadiazinha — ele cospe, apertando um lenço contra o arranhão. — Vou sangrar dez anos de você...

Eu abaixo a faca, lágrimas ardendo nos olhos, e começo a recuar. Idiota, tão idiota. Um momento impulsivo e joguei fora qualquer chance de chegar a Everless.

Mas então...

— Espere um pouco, Bosley. — Ivan, com a capa de veludo agitando atrás de si, vem até nós. Sua boca está se contraindo e me preparo para o pior. Será que ele me reconheceu?

Mas o som que sai de sua garganta é uma risada, não palavras raivosas. Seu sorriso é maldoso, mas ele não faz ideia de quem sou.

— Gosto desta aqui — ele gargalha. — Pensa rápido e sabe se cuidar. E impressionante que não tenha te espetado como um porco. — Alguns dos outros riem. O homem que tentou me apalpar me encara cheio de ódio, mas não discute.

Em vez disso, vira sua atenção para Amma.

— Não com essa cicatriz — ele fala maldosamente.

Amma pisca, em choque.

— Vou trabalhar duro — ela diz. — Eu juro. — Ela olha para mim, impotente.

— Não faltam trabalhadores, garota — o homem rosna. — Só rostinhos bonitos. Vá pra casa.

Lágrimas transbordam dos olhos de Amma.

— Por favor, senhor...

Mas a súplica é ignorada e o homem já passou para Alia, que está tremendo ao lado da irmã mais velha.

Tarde demais, percebo que Ivan continua me encarando. Seu sorriso morreu e tensiono as pernas, preparada para correr.

— E então? Vá para a carroça.

Olho para Amma, em pânico. Eu nem tinha considerado a possibilidade de ir sem ela.

— Senhor — imploro. — Ela é minha melhor amiga. Por favor, deixe-a ir. — Pelo canto do olho, vejo o outro homem dando um empurrão para mandar Alia à carroça. Ela olha por cima do ombro.

— Ela poderia ser a sangrenta da sua mãe, eu não me importo — Ivan afirma tranquilamente. — Ela vai ficar. Quer ficar com ela?

— Vá. — Amma pisca para conter as lágrimas.

Mesmo que sinta os olhos de Ivan sobre nós, envolvo os braços ao redor de minha amiga.

— Cuide da minha irmã — ela sussurra no meu cabelo.

Quando não a solto, ela empurra meu ombro de leve.

— Vá!

Entorpecida, obedeço, sentindo o peso dos olhos da multidão. Subo na carroça e sento entre as outras garotas favorecidas — todas jovens e bonitas, mas quietas e atordoadas enquanto olhamos para nossas amigas e irmãs rejeitadas. Metade da fila já se dispersou e aquelas que não foram escolhidas se afastam na névoa. Só quando a praça começa a esvaziar, vejo o coletor de impostos, inclinado contra o toldo do verdureiro, observando os acontecimentos com os braços cruzados. Eu o encaro fixamente até que ele percebe, erguendo os olhos para encontrar os meus. Ele me dá um aceno curto, como um carimbo em nosso acordo — vai coletar o tempo apenas quando eu voltar. Solto a respiração que estive prendendo e murmuro outra prece à Feiticeira.

Mantenha meu pai a salvo.

E: *que ele me perdoe.*

Os homens passam para as garotas que restaram. Nora, de trinta anos, é mandada para casa com risos de escárnio. A pequena Alia já está na carroça de feno. De repente, lembro que, quando criança, perguntei a meu pai por que havia tantas crianças em Everless. *Elas trabalham mais ganhando menos*, ele respondeu com a voz amargurada. *Não têm outro lugar para onde ir.*

Quando os homens terminam, cerca de vinte garotas estão apertadas nas duas carroças. Ganhei meu lugar em Everless, mas não me sinto favorecida. Sinto que Amma ganhou o jogo, mesmo que ela ainda não saiba disso.

Mas é tarde demais para desistir. A carroça se move com um solavanco. Ela tem um leve cheiro de estrume e somos doze abarrotadas aqui dentro, ombro a ombro, sobre maços de feno. Coloco o braço ao redor de Alia — ela está chorando baixinho, os olhos fixos na cidade que recua atrás de nós. Do meu outro lado, há uma mulher, Ingrid, que vem de uma fazenda a alguns quilômetros da nossa. Ela parece determinada a permanecer alegre, apesar do processo de seleção nauseante e do vento que fere nosso rosto enquanto a carroça avança aos trancos pela estrada de terra.

— Ouvi falar que Everless tem quinhentos anos — ela diz animada enquanto o vilarejo fica menor atrás de nós. Eu me recuso a virar para observá-lo desaparecer. Tenho medo de que, se fizer isso, vá simplesmente saltar da carroça e correr para casa. — Imagine só! Eles devem ter feiticeiros mantendo as paredes em pé.

Eles não precisam de magia para segurar as paredes, porque o dinheiro funciona igualmente bem. Mas não tenho vontade de me juntar à especulação animada da garota, então me viro para o outro lado e finjo interesse nas curvas baixas e suaves do interior de Sempera. Quando Papai estava melhor de saúde, pegava emprestado um cavalo de um amigo e me levava para cavalgar fora do vilarejo. Devemos conhecer nossas terras, ele instruía, e me pergunto se ele planejava fugir de Crofton se um dia atraíssemos a atenção dos Gerling outra vez.

Exceto por Ingrid, ninguém fala muito. Consigo sentir o nervosismo das outras à medida que as planícies dão lugar a bosques com pinheiros antigos e enormes. Estamos nas terras dos Gerling, mas nem eles caçam aqui — este bosque é apavorante, mais antigo do que aquele onde cacei ontem, e muito mais escuro.

Alia quebra o silêncio.

— Calla diz que há fadas nesta floresta. — Os olhos dela estão arregalados. Como a maioria dos habitantes de Crofton, ela nunca se afastou mais de cinco quilômetros de suas fronteiras, exceto pela viagem que a mãe fez para salvá-la.

— Fadas! — uma garota exclama da frente da carroça. — Elas seduzem as pessoas com sua beleza, então bebem o tempo das suas veias. — É óbvio que ela está provocando, mas há uma nota de tensão em sua voz.

— É verdade — declara outra garota, o cabelo ruivo enrolado de um jeito que só pode ser proposital. — Aconteceu com minha tia. Ela se perdeu nos bosques e acordou velha.

— É mais provável que tenha vendido o tempo e mentido depois — outra resmunga.

— Fadas nem são a pior parte. — Esta garota tem uma linda pele negra e vividos olhos azuis: foi uma das primeiras a ser escolhidas. — Esta é a floresta por onde anda o Alquimista. Ele ainda carrega o coração da Feiticeira em um saco de papel.

— Não, ele comeu o coração dela — Ingrid corrige.

— Que seja — a outra garota diz, revirando os olhos. — E vai comer o seu também, se ficar vagando entre as árvores. Nem a Feiticeira será capaz de te salvar.

Alia dá um gritinho de alarme.

— Por quê? Por que ele pega os corações?

— Ele odeia as pessoas, então tira o tempo de seus corações e o devolve para as árvores — a garota afirma.

— Parem com essa baboseira — outra menina interrompe. O lábio de Alia está tremendo e me inclino para ficarmos mais próximas.

— Não ligue para elas — sussurro. — São só histórias. Não tem por que temer o bosque. — Eu me endireito sem terminar o pensamento: não sei quanto ao Alquimista, mas os monstros que ela vai encontrar em Everless são mais perigosos que qualquer fada.

Então a floresta acaba abruptamente e estamos em Laista, uma cidadezinha próspera fora dos muros de Everless, onde nenhum prédio pode ter mais que um andar. Lembro de Papai me contar que os ancestrais dos Gerling derrubaram as árvores e nivelaram as colinas por quilômetros ao redor de Everless para que os homens que vigiam dos parapeitos pudessem ver todos que se aproximassem. Os muros de arenito entram em nosso campo de

visão, pontilhados com dezenas de guardas. Desta distância, parecem estatuetas.

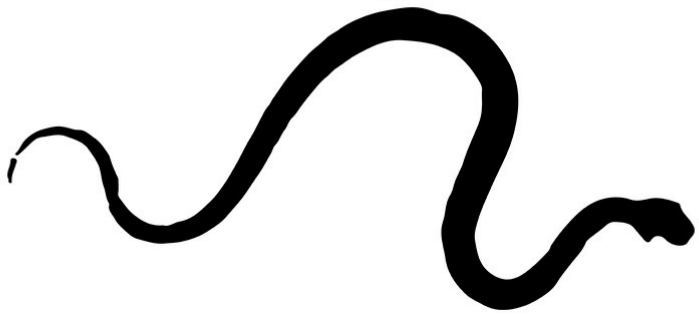
Por instinto, afundo-me no lugar enquanto a carroça range pelas ruas estreitas de Laista em direção aos portões. Quando estamos perto o bastante, um dos guardas no topo do muro, com um grito, ordena-nos a parar.

O mundo está silencioso, imóvel, tudo congelado menos as batidas do meu coração. Ao meu lado, a boca de Alia está aberta, um fio de cabelo grudado em seu lábio inferior. No topo do muro, os guardas estão impassíveis e parados. Tenho a sensação de que o mundo todo vai acabar, desmoronando neste exato momento.

Então há um som alto — as tábuas grossas de madeira e metal, ligadas por pregos de ferro, erguem-se com um tremor — e, com um tranco, nossa carroça volta a se mover.

Uma sombra passa sobre nós e estamos dentro.

4



Everless é uma floresta de paliçadas e torres, vidraças congeladas e varandas com bandeiras verdes e douradas. Uma viela com árvores cuidadosamente podadas corta toda a cidade no meio, incluindo as terras dos Gerling. Em um extremo, a estrada é cortada pelo portão através do qual entramos; embora não seja visível daqui, sei que na outra ponta há um lago, cercado pelos muros de Everless e escurecido por gelo antigo e sombras.

Contra minha própria vontade, devoro a cena — o jardim recoberto de neve cintilante e as árvores nuas e lustrosas. Eu amava Everless principalmente no verão, quando as flores transbordavam dos canteiros e os jardineiros recrutavam crianças para colher os dentes-de-leão que sujavam o jardim esmeralda. Mas a luz pálida de inverno torna a propriedade ainda mais bela, como algo entalhado em prata e cristal.

Depois que descemos da carroça, ficamos tremendo no pátio até que um criado mais velho, com um rosto caído, nos conduz ao corredor estreito dos servos. Mantenho a cabeça abaixada. Meu coração está acelerado e estou convencida de que a qualquer momento alguém vai me reconhecer, mas os serviçais sequer relanceiam para nós.

Somos levadas por um corredor em declive que não reconheço e entramos na rede labiríntica dos salões e aposentos dos criados. Uma lembrança súbita me vem à mente: uma vez Roan descobriu que, se pressionasse os ouvidos às paredes, conseguia ouvir os nobres conversando no corredor principal, no andar de cima. A maior parte do que ouvíamos eram aristocratas cansativos que tinham vivido demais fofocando sobre os casos amorosos de fulano ou

comparando seus investimentos, embora fôssemos jovens demais para entender o que isso significava — séculos comprados, vendidos e trocados do jeito como Papai e eu jogávamos cartas apostando doces. Mas de vez em quando Roan falava comigo através da parede, quando não podia descer aos corredores dos criados para brincar. Mesmo então, sua voz — sua risada — fazia meu coração bater mais forte.

Agora, embora os corredores estejam lotados de serviçais, atravessamos em silêncio. Sei que todos devem estar trabalhando duro, preparando o castelo para a visita da Rainha e o casamento de Roan, ou então Everless mudou e há ainda menos tolerância para conversas e riso.

Logo chegamos à cozinha, um espaço cavernoso que poderia conter minha casa de Crofton inteira três vezes. Está cheia de criados e ressoa com conversas gritadas em diferentes sotaques, que se unem como música. Como a própria Sempera, Everless recebe povos com raízes em muitas terras. Depois que ascendeu ao trono, a Rainha — vendo-se no comando de um reino castigado e vulnerável — ofereceu cem anos a qualquer pessoa de qualquer lugar disposta a se assentar permanentemente no reino, mas fechou as fronteiras para viajantes e mercadores. As pessoas podiam entrar, mas ninguém podia sair.

Em uma bacia enorme, vários criados jovens e vigorosos se esforçam para destrinchar um pedaço enorme de carne de boi. Penso em Amma e sinto uma pontada de dor. Faz anos que a vejo esfolar e secar carne — em comparação com as mãos experientes dela, estes criados são lentos. Neste ritmo, a carne vai estragar antes que eles terminem.

Quando me aproximo deles, afastando-me do grupo e pensando em oferecer ajuda, um garoto praticamente rosna para mim:

— Encontre seu próprio trabalho.

Quando me afasto, tenho um vislumbre da linha branca fina que corta sua palma. E uma cicatriz de venda de tempo. Será que os ferros-sanguíneos que ele ganha são para si mesmo ou para outra pessoa?

Uma mesa de madeira está cercada por criados em pé, cortando montanhas de tubérculos, e em outra mesa, coberta de farinha branca, criados amassam, batem e cortam massa de pão. Dois fogões enormes soltam labaredas no cômodo e dezenas de panelas fervem, cozinham e respigam líquidos,

preenchendo a sala com um vapor aromatizado. Os cheiros fazem minha cabeça girar; não como nada desde o pão que peguei do armário de manhã.

Uma garota alta e deslumbrante, com cabelo cacheado e vestindo as cores dos Gerling, entra na cozinha carregando uma bandeja de prata, que apoia em um balcão de madeira. No mesmo instante, criados usando uniformes marrom enchem a superfície com massas folhadas cor de sol, uma chaleira de bronze pequena e utensílios com entalhes delicados. Enquanto espera, a garota pega da mesa um pedaço de barbante e preguiçosamente amarra o cabelo com ele.

— Lorde Gerling me tirou à parte hoje de manhã — ela conta com os olhos brilhando. Seus braços fortes estão pontilhados com sardas. — Ele quer que eu sirva a Rainha quando ela chegar. Lady Verissa também.

Outra garota bufa.

— Todos sabemos por quê — ela diz, sem tirar os olhos da cebola que está fatiando.

Uma mulher grisalha usando um lindo avental bordado atravessa a cozinha. Diversos criados seguem em seu encalço, como patinhos atrás da mãe.

— Addie — ela diz rispidamente à garota alta de cabelo cacheado —, você ainda serve Lady Gerling, não a Rainha. — A garota, Addie, corre para pegar a bandeja. — Agora suma daqui.

A mulher mais velha parece familiar: o rosto evoca sensações de calor e segurança, embora eu não consiga lembrar seu nome. Ela cumprimenta cada garota nova com algumas perguntas bruscas, então as designa para suas funções.

Ela para ao se aproximar de mim e, por um momento, franze o cenho. Será que me reconheceu? Mas então ela pisca — uma, duas vezes — e o breve olhar de incerteza desaparece.

— Nome? — ela pergunta.

Considero dar um nome falso, mas então me lembro da primeira regra de Papai sobre mentiras: contar o máximo de verdades possível.

— Jules — respondo. É um nome comum. — Venho de Crofton.

— Jules — ela repete. — Já serviu nobres? Preciso de alguém que possa levar bandejas aos aposentos de lordes e damas sem estardalhaço. E, pelo amor da Feiticeira, preciso de uma garota que não vá ficar nervosa e derrubar a bandeja.

Atrás dela, uma das criadas cora até as orelhas. Ela parece uma garota ansiosa, sem dúvidas do tipo que derrubaria bandejas.

Balanço a cabeça. Quando ela franze a testa, acrescento:

— Mas aprendo rápido. E não me abalo facilmente.

Estou preparada para mais perguntas. Em vez disso, a mulher me dá um olhar rápido dos pés à cabeça e assente.

— Então vamos tentar, Jules de Crofton. — E, com outro arquear da sobrancelha, ela gira e se afasta depressa.

***

Quando era criança em Everless, eu morava com Papai em três aposentos conectados à choupana do ferreiro. Como as damas de companhia, o mordomo e os sub mordomos, tínhamos quartos só para nós. Pequenos, mas eram nossos para preencher com pedacinhos de metal e o cheiro de fumaça.

Agora, percebo que tínhamos sorte. O dormitório das criadas é um longo salão que abriga uma colmeia de camas empilhadas, pelo menos duzentas, segundo consigo estimar. Elas foram empurradas tão perto umas das outras que, se deitarmos, podemos facilmente estender os braços e dar as mãos.

Fico contente por estar certa — ninguém parece me reconhecer, nem os criados de que me recordo da minha infância. Dez anos de fome e frio me esticaram, eliminando qualquer suavidade que já tive, então duvido que alguém me reconheceria como a filha do ferreiro a não ser que Papai estivesse ao meu lado — dez anos mais jovem e usando seu avental. Ninguém tem tempo para me observar e fico feliz em me mesclar à nova leva de criados que veio a Everless para o casamento. Depois de reivindicar uma das camas estreitas e de receber um simples uniforme de cozinha marrom, corro de volta para baixo.

A cozinheira chefe no avental bordado — Lora — faz apresentações e dá

instruções em um discurso veloz. Ela anda como se estivesse navegando sobre ondas invisíveis. Sua perna esquerda foi cortada na altura do joelho e ela usa uma perna e um pé de madeira entalhada, delicadamente esculpida, com um sapato vermelho pintado com habilidade, agora escurecido com manchas de gordura. Nascida em um vilarejo ao sul, ela veio a Everless na infância para economizar tempo suficiente para viver mais que os trinta anos de seus pais. Embora eu possa ver que ela não sente amor pelos Gerling, ela os serve bem.

Ela está repassando as regras relacionadas à Rainha pela terceira vez — não fale com ela a não ser que se dirija a você, mantenha a cabeça baixa e nunca a toque por nenhum motivo — quando para de repente e estala a língua.

— Você parece prestes a desabar — ela me fala. Pega um pão pequeno e duro, salpicado com pedaços de gordura, e uma maçã grande de uma pilha na mesa. — Vá comer — ela diz em um tom gentil. — Depois leve o resto para os rapazes nos estábulos. Consegue chegar lá?

Eu assinto, tentando resistir à lembrança: o cheiro dos cavalos, o feno molhado e Roan gargalhando enquanto corria entre as baias, desafiando-me a pegá-lo e sabendo muito bem que eu mal conseguia agarrar a ponta de sua capa de veludo enquanto ela voava ao redor de curvas.

— Muito bem. — Ela dá um tapinha na minha bochecha.

Devoro o pão na mesa sem me dar ao trabalho de sentar. As recém-chegadas ainda estão sendo divididas — um fluxo infinito de garotas levadas para trabalhar como costureiras, lavadeiras e serviçais em antecipação das centenas de convidados que chegarão para o casamento. Addie voltou à cozinha para designar tarefas a elas e as garotas mais bonitas são escolhidas para serem damas de companhia para as nobres.

Quando termino de comer a maçã até o talo, ergo a bandeja e saio da cozinha. Tudo parece menor e mais estranho do que me lembro, como se eu estivesse andando não por Everless, mas por um sonho distorcido e bizarro. Ali é onde me escondi atrás de um relicário e rolei caroços de azeitona no corredor para fazer o mordomo idoso, Girold, tropeçar. Ali é onde risquei minhas iniciais na pedra com Roan certa tarde, enquanto nos escondíamos de Liam depois que ele me xingou. Mais tarde alguém lixou os entalhes, mas ainda consigo distinguir, muito de leve, as letras fantasmagóricas.

Encosto um dedo nelas e sorrio, então recuo rapidamente. É uma fantasia.

Aqueles anos, aquelas lembranças felizes, foram lixadas como a pedra. Agora são apenas isso: impressões.

Mesmo assim, pressiono um ouvido contra a parede no corredor dos criados por um brevíssimo momento, tentando ouvir a voz de Roan Gerling.

Virando um canto, encontro um menino de cerca de nove anos carregando outra bandeja, essa de prata em vez de estanho, e cheia de carne, massas folhadas e uma chaleira de porcelana. Ele está sentado nos primeiros degraus de uma escadaria à esquerda, com cara de choro.

— Está perdido? — pergunto sem pensar.

O menino dá um pulo, quase derrubando a bandeja, então relaxa quando vê que é outra criada.

— Lady Sida não deixa ninguém subir exceto Harlowe — ele explica, sem fôlego. — Mas Harlowe está em casa tendo um bebê, então eu devia levar isto para cima. Mas ela não gosta de meninos. Thom diz que ela vai morder minhas orelhas. — Ele estremece e olha para o chão.

Harlowe, presumo, é a criada pessoal de Lady Sida. Deixo os olhos viajarem pela escadaria escura e estreita atrás do menino, percebendo aonde deve levar. Os nobres têm uma tradição: o mais velho entre eles mora no lugar mais alto do castelo. Lady Sida mantém essa posição desde antes de eu nascer. Ninguém sabe sua idade exata, mas as crianças — tanto as Gerling como as criadas — sussurram que ela tem mais de trezentos anos. O número me dá arrepios. Ela está se aproximando do limite de ferro-sanguíneo que um coração humano consegue suportar — exceto pela Rainha, cuja vida extraordinariamente longa foi, segundo rumores, um presente que a Feiticeira lhe deu antes de desaparecer. Quando o ferro-sanguíneo se espalhou pelo território há cerca de cinco séculos, invasores vieram do mundo todo para tentar tomar o que devia parecer, na época, um presente incrível. A Rainha, na época apenas general habilidosa, liderou o exército semperano à vitória.

O que Lady Sida já tinha visto nesses três séculos? Uma curiosidade mórbida me toma e me agacho na frente do garoto.

— Esta vai para os estábulos — digo, apoiando minha bandeja nos degraus. — Quer trocar?

Ele pisca.

— Você não tem medo?

Sempre que eu ficava triste ou assustada quando criança, meu pai me distraía com uma piada ou uma história até eu esquecer o medo. Nunca tive esse talento, mas ofereço minha mão ao garoto.

— Eu sou Jules. Qual é o seu nome?

— Hinton. — Ele aperta minha mão, parecendo desconfiado.

— Não tenha medo dos velhos; eles são inofensivos -digo, embora eu sempre tenha sentido medo deles. Poucos dos anciãos Gerling aparentam mais de 40 anos, mas muitos estão mais próximos de 140. E impossível adivinhar sua idade só de vista, não até chegar perto o bastante para ver as veias azuis pulsando sob a pele ou presenciar o modo como seus pensamentos fogem no meio de uma frase. E quando alguém vive por séculos, como Lady Sida, dizem que deixam de ser totalmente humanos. E um boato conveniente, já que nenhum de nós jamais saberá com certeza. — Mas levo a bandeja para você, se quiser.

— Obrigado. —Alívio inunda o rosto do garoto. Quando apanho a bandeja, ele já desapareceu.

Subo as escadas na escuridão, obrigando minhas mãos a não tremerem. Lady Sida não era Gerling por sangue, mas por casamento — os criados mais velhos alegavam que a mãe dela era uma bruxa e que seu marido a trouxera para estudar os segredos do tempo em Everless. Quando eu era criança, só a via de uma grande distância, quando ela descia de sua torre em dias de festa. Lady Sida sempre exigiu alimentos estranhos, complexos e antiquados: hidromel, pétalas de rosa adocicadas e passarinhos assados. E boatos diziam que, se alguém a desagradasse, ela roubava um ano do sangue do indivíduo com um único olhar.

No topo das escadas há uma porta de madeira entalhada com uma estrela de quatro pontas — o símbolo de um século, assim como a lua representa um mês e o sol, um ano. Ergo a aldrava de latão e a bato contra o centro da estrela.

Por um momento, há silêncio.

— Entre — chama uma voz tão suave que mal consigo ouvir. Abro a porta com o ombro e entro, levando a bandeja à minha frente como um escudo.

O quarto é grande e escuro, iluminado apenas por um fogo baixo na lareira e pela luz solar aquosa que passa pela janela. Está atulhado de poltronas de veludo e almofadas de seda, estantes pendendo com livros de couro e uma penteadeira abarrotada de joias e pentes de prata. Mas grande parte dos objetos está coberta por uma camada espessa de poeira, como se ela não deixasse os criados tocarem em nada há anos.

—Traga a bandeja.

A idosa está emoldurada pela luz da janela, observando o jardim coberto de neve. Ela é alta e elegante, mas pálida. Sua pele é opaca e fina devido à idade, e seu cabelo longo, que já foi negro, agora é branco como osso. Seus olhos são da cor de chá fraco e aguado. Ela usa um vestido de saia reta, do tipo que saiu de moda há cem anos, com renda nos pulsos e na garganta, e me pergunto se ela não conhece as tendências atuais ou se simplesmente parou de se importar em segui-las.

— Você não é Harlowe — ela diz. Sua voz é áspera como lã velha, mas afiada. — O que aconteceu com Harlowe?

— Harlowe está em casa dando à luz, milady — respondo. Com cuidado, piso ao redor das almofadas e me aproximo.

Ela me esquadrinha em silêncio, as mãos dobradas no colo. Talvez tenha passado o dia todo só olhando pela janela. Sinto uma pontada de raiva. Ela viveu mais anos que metade de Crofton junto — anos pagos por impostos fundiários, como o que o coletor sangrou de meu pai ontem — e é assim que os gasta? Olhando por uma janela para os jardins congelados de Everless?

— É camomila? — Ela examina a chaleira na bandeja. — Harlowe sabe que não bebo camomila. Dá azar, sabe.

Eu não tinha ideia.

— Não — respondo. — Fizemos este especialmente para a senhora.

Sua mandíbula se move, como se estivesse mastigando, então ela pergunta:

— Quais as novas?

— N-novas, milady?

— Garota inútil — ela cospe, acenando como se quisesse afastar uma mosca. — Quanto tempo até a Rainha chegar?

— Dois dias, senhora — respondo, pois ouvi os criados no andar de baixo frenéticos por causa da data. A Rainha e Lady Gold terão um mês para os preparativos do casamento, e Roan vai se casar na véspera da primavera. Eu me relembro que não tenho nenhum direito sobre Roan.

— E a garota? A garota de Roan?

— Ela chegará com a Rainha, milady. — *A garota de Roan.* Meu coração se aperta. Sinto meu rosto corar e espero que Lady Sida não repare.

— Nenhum dos outros filhos que Sua Majestade adotou viveu suficiente para tomar o trono, não é? O que faz Roan pensar que essa garota será diferente? — ela murmura, voltando o olhar para a janela.

Hesito, sem saber se devo ignorar seus resmungos. E verdade que a Rainha adotou outras crianças. Segundo os registros históricos, um morreu da peste que varreu a terra décadas atrás, outro em um ataque contra o palácio e outro se afogou. Tudo antes que eu nascesse. Não me importo muito com a linhagem real ou com qualquer coisa relacionada ao palácio — Papai sempre disse que história e lendas não compram pão, — mas fico curiosa com a acusação por trás das palavras da Gerling idosa: de que a Rainha nunca vai morrer e ceder seu trono. Em um momento de coragem, falo:

— Mas a Rainha nomeou Ina Gold sua herdeira, milady.

Lady Sida estreita os olhos para mim, um sorriso espalhando-se como óleo sobre suas feições.

— Aposto que ela come o coração deles para se manter jovem.

As palavras pairam no ar. Não sinto nenhum afeto pela Rainha, mas a acusação absurda ainda arrepia minha pele, como se eu estivesse esperando um golpe. Isso tem cheiro de insanidade, embora Lady Sida não pareça louca — ela é velha, mas sua voz é firme e sua mente está intacta. Ela está me provocando. Hinton tinha razão de ter medo. O mais rápido possível, apoio a bandeja na mesa de cabeceira ao seu lado e espero ser dispensada.

Mas então ela faz algo que me perturba ainda mais.

Ela tira algo reluzente do bolso do vestido. Levo um momento para reconhecer que é uma moeda anual, dourada e quase tão larga quanto a minha palma. Um ano de vida. Preciso de todo meu autocontrole para não a puxar de sua mão murcha e correr de volta à cabana. De volta a Papai.

Eu me pergunto até onde chegaria antes que Ivan me alcançasse.

— Misture no chá – ela ordena, impaciente. — Rápido, antes que esfrie.

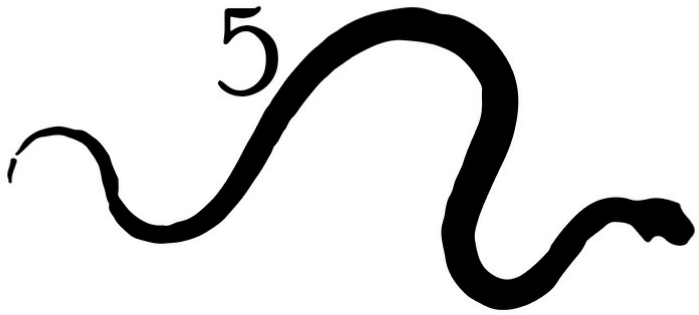
Hesitante, estendo a mão, que treme quando tomo a moeda — a pulsação em meus dedos parece estar vindo de dentro dela, e penso em toda a vida que este pequeno objeto poderia me dar. Que poderia dar a meu pai.

Toda a vida que já custou a outra pessoa.

Mas a moeda, tão pesada e permanente em minha mão, dissolve-se como mel quando a jogo na xícara de chá. Lady Sida faz um bico com os lábios secos e toma um gole longo e sossegado. Não acho que eu esteja imaginando o jeito como a cor retorna à sua face.

Sem esperar ser dispensada, faço uma mesura antes de sair depressa do quarto, assombrada pela imagem da garganta da velha se movendo enquanto o ano entrava no seu sangue. Agora, mais que nunca, o salto do meu coração à menção do nome de Roan parece uma traição — a mim mesma, a Crofton, a Papai. Como ainda posso ter sentimentos por Roan, cuja família trata um ano de vida como um cubo de açúcar? Uma família que destruiu a minha e tantas outras?

5



Quando desabo na cama à noite, meu corpo está pesado de exaustão. Mas sempre que fecho os olhos, vejo o rosto fino de Lady Sida e suas palavras estranhas me mantêm acordada. Alguns tolos cochicham boatos sobre a Rainha, sempre em sussurros — mas eu não esperava isso de uma Gerling.

No entanto... as palavras de Sida não parecem tão absurdas quando penso melhor. A Rainha ter recebido vida da Feiticeira é mais inacreditável. Nunca pensei muito sobre a Rainha, porque Papai e eu estávamos ocupados demais sobrevivendo. Mas...

— Jules — sussurra uma voz.

Alia está inclinada para fora de sua cama de beliche, a alguns metros de mim. Mesmo no escuro vejo que seus olhos estão arregalados de medo, embora ela já pareça exausta depois de um dia na lavanderia, para onde foi designada.

— Um garoto me contou que o Alquimista vaga mesmo pela floresta — ela diz. — Que ele vivia aqui antes e que...

Mas sua colega de beliche, uma costureira mais velha, a silencia gentilmente.

— Querida, se eu contar a história real, vai ficar quieta e me deixar dormir? — A mulher tem um tom brincalhão, mas não malicioso. Alia assente e a outra sorri e me dá um olhar conspiratório. — Ninguém sabe de onde elas vieram: duas crianças que vagavam juntas por Sempera, antes do ferro-sanguíneo, sem nunca se separar ou envelhecer. O Alquimista

transformava a terra em chumbo e o chumbo em ouro. A Feiticeira fazia as flores desabrocharem no inverno.

Sorrio, pensando em como Amma iria resmungar se soubesse que Alia estava acordada até tarde para ouvir contos de fada. E difícil acreditar que havia um mundo antes do ferro-sanguíneo. E, quando estamos presos nesta realidade, não há motivo para acreditar que já houvera. Mas, ouvindo a costureira falar, percebo que sinto falta desse mundo — se é que ele existiu.

— Mas um lorde que vivia nessas terras ficou com inveja das crianças. Então ele as prendeu aqui e exigiu que descobrissem um jeito de torná-lo imortal, como ele vira a Feiticeira fazer com flores e árvores.

Ela é uma ótima contadora de histórias, e sua voz me arrebata como uma canção. Papai e eu deixamos nossos livros para trás quando escapamos de Everless e ele nunca escondeu seu desdém por histórias. *Você não pode ficar com a cabeça nas nuvens*, ele me disse uma vez, quando implorei para ouvir uma no meu leito gelado em Crofton. Nunca mais pedi.

— No meio da floresta, a Feiticeira, trancada em um quartinho com ferramentas toscas, teceu o tempo no sangue, e o Alquimista descobriu um jeito de vincular o sangue ao ferro para que o lorde pudesse roubar tempo de seus súditos e devorá-lo. — Outras garotas começam a ouvir. Não as vejo, mas percebo sua atenção. — Por um tempo, o lorde ficou satisfeito. Mas logo seus olhos ficaram embaçados e sua memória começou a deteriorar. A morte estava tomando seu corpo. Cheio de raiva, ele exigiu que encontrassem um jeito de ele viver para sempre.

Alia se senta, apertando os joelhos contra o peito.

— Um dia, o Alquimista declarou ter feito o impossível: tinha transformado um pedaço sólido de chumbo em puro tempo. Tudo que o senhor precisava fazer era comê-lo.

— Mas o Alquimista era esperto — Alia sussurra.

— Correto — a costureira responde, parecendo satisfeita.

— O lorde cruel foi envenenado e morreu, e isso permitiu que o Alquimista e a Feiticeira escapassem. Cada um foi para um lado e logo eles descobriram que sua magia era tão poderosa que tinha entrado no sangue de todo o povo de Sempera.

— Mas por que eles se separaram? — Alia pergunta.

— O Alquimista não contou à Feiticeira que a magia que fizeram para criar o ferro-sanguíneo tinha um custo alto: a imortalidade da Feiticeira. Ela ficou furiosa com a traição. — Sua voz assumiu um tom trágico. — Embora tenha levado gerações para um único fio de cabelo ficar grisalho, ela envelheceu. Ao contrário do Alquimista, ela amava esta vida e este mundo, e não queria deixá-lo. Por fim, conteve sua raiva e procurou seu velho amigo, tentando recuperar a imortalidade.

Do outro lado do dormitório, uma mulher com voz frágil e fina começa a falar:

— O Alquimista disse a ela: "Para torná-la imortal, preciso guardar seu coração". Então ela transformou o próprio coração em uma palavra e a sussurrou no seu ouvido. A garganta dele se moveu como se estivesse engolindo, então ele deu um punhado de pedrinhas a ela e falou que, se a Feiticeira as comesse, viveria para sempre.

Outras garotas intervém com gritos sussurrados de "mentiroso" e "ladrão". Fecho os olhos, imaginando o gosto de uma pedra.

— Shiu, garotas, deixem-me terminar — diz a velha costureira. — Mas a Feiticeira se lembrava de como o Alquimista tinha enganado o lorde rico. Suspeitando de outra traição, ela decidiu que o obrigaria a comer as pedrinhas, que eram doze no total, e então o afogaria. E foi o que ela fez.

Alia arqueja.

— Mas algo curioso aconteceu — a costureira prossegue em um sussurro dramático. — A Feiticeira viu uma sombra prateada se erguer do corpo do Alquimista e se afastar sobre a terra, rápida demais para ser perseguida. Dentro da prata, algo vermelho-escuro e pulsante brilhava. Tarde demais, a Feiticeira percebeu que o Alquimista realmente a tinha enganado. Ele tinha roubado seu coração.

— Ela conseguiu recuperá-lo? — Alia pergunta. Mas não escuto a resposta da costureira. Já estou caindo em um sono inquieto, perturbado por pesadelos dos quais não me lembro pela manhã.

***

No dia seguinte, Lora me informa que vou trabalhar em uma pequena festa de nobres em um dos lugares mais bonitos de Everless: um jardim fechado, cujo aquecimento vem, o ano todo, de um fogo alimentado por ferro-sanguíneo derretido. O tempo faz a chama arder de modo mais forte e duradouro. Tento não me enojar com a ideia.

Ela passa o dia todo ensinando a mim e a algumas outras criadas da cozinha a arte do auto apagamento: nosso papel, explica, é fazer os Gerling acharem que suas refeições simplesmente se materializaram. Minha função é manter as taças de vinho cheias.

Da adega sob os jardins fechados, posso ouvir a risada aristocrática e musical dos Gerling e o tinido de taças batendo umas contra as outras. Amigos, parentes e outras famílias nobres ligadas pelo tempo inundaram Everless nas semanas antes da cerimônia. E provável que queiram o trunfo de estar entre as primeiras a confraternizar com a Rainha e com sua herdeira. O grupo dos aristocratas aumentou, dos trinta de sempre — os quatro Gerling e seus avós, bisavós e parentes preferidos — para quase duzentos. Eles enchem o salão de jantar todas as noites, impressionando com trajes de seda, penas e joias. Meu nervosismo aumenta quando penso em andar entre eles sabendo que Papai nunca mais deve pisar nestas terras.

E se eu encontrar Roan? Será que ele lembra do acidente — e será que culpa meu pai, seu irmão ou a mim?

Será que sequer se lembra de mim?

— Vamos, basta de caretas. — Lora me dá um empurrãozinho quando passa por mim carregando um bolo gigante decorado com açúcar caramelizado. — Eles vão estar bêbados demais para notar se você cometer um erro.

— Ou pode ser que fiquem mais irritáveis — comento. Mas Lora já se afastou e é substituída por um mordomo, que manda as criadas para o jardim.

Engulo em seco, apertando a garrafa de vinho com tanta força que tenho medo de quebrá-la. Puxei o cabelo para a frente para esconder meu rosto — mesmo que não seja mais aquela garota magrela de joelhos ossudos. Estou

apavorada pela ideia de que Liam se lembrará de mim.

E de que Roan não lembrará.

O jardim murado, pequeno em comparação com os grandes salões de Everless, brilha com a luz de tochas apoiadas em arandelas de ferro batido, sua fumaça subindo até as estrelas. Salgueiros oscilam suavemente na brisa, e os aromas intoxicantes de flores e vinho flutuam com eles. Écomo se eu tivesse entrado na primavera, embora as estrelas ainda tenham um aspecto invernal. Além do muro, posso ver bandeiras de Everless tremendo no vento gelado — mas aqui ele se transforma em uma brisa suave e agradável, contido pelo fogo temporal.

No meio do jardim, o fogo — branco e tão alto quanto eu — estala dentro de um recipiente de bronze, irradiando calor pelo jardim. É lindo, mas pensar no tempo perdido para alimentá-lo faz meu estômago queimar de raiva. Desvio os olhos.

Nobres perambulam pelo jardim, as mulheres cintilando em vestidos de veludo e seda e os homens altos e imponentes, com cabelo escuro ou prateado. Anéis dourados reluzem em dezenas de dedos e um trio de músicos enche o jardim com notas sentimentais.

Instintivamente, procuro por Roan — mas, para meu horror, o primeiro Gerling que vejo é Liam. Ele está inclinado contra uma parede coberta de heras, do lado oposto do jardim, conversando com a mãe, Lady Verissa.

Por um instante, sinto que encolhi e voltei a ser criança. Liam sempre ficou às margens de nosso grupinho de amigos, em contraste silencioso e vigilante com o expansivo Roan. As vezes aparecia na porta, mudo como uma sombra, e nos observava brincar. Mesmo naquela época eu já tinha receio dele -de sua imobilidade e daqueles olhos tão escuros que pareciam engolir a luz, — mas Roan o idolatrava.

Meus dentes rangem agora ao pensar na gentileza que Roan lhe dispensava e em como Liam o traiu. No entanto, para trair alguém, primeiro é preciso amar a pessoa. Duvido que Liam Gerling conheça esse sentimento.

Com certeza nunca o recebeu da mãe, a fria Lady Verissa. Ela tem cerca de cinquenta ou sessenta anos, mas aparenta trinta e está radiante em um vestido de seda esmeralda que deixa seus braços nus. Ébela de um jeito perturbador,

com maçãs do rosto altas e olhos azuis violeta.

Mantenho uma boa distância deles enquanto faço as rondas.

O nível de vinho na minha garrafa diminui depressa — beber até cair é um grande desperdício de tempo, mas com tantos séculos sobrando, quem se importa? — e estou prestes a voltar à cozinha quando uma mulher estala os dedos para mim.

— Você. Venha cá.

Eu me viro, mantendo os olhos abaixados. Uma nobre bronzeada e desconhecida cujo pingente contém o brasão dos Renaldi — um urso dançando — me encara com a taça erguida. Ela está apenas a alguns passos de Liam e Verissa.

Sei que me recusar a servi-la só vai atrair atenção, então corro até ela, esperando que meu chapéu esconda meu rosto e que a escuridão e a passagem do tempo cuidem do resto. De repente a voz de Lady Verissa me alcança, embora ela esteja tentando ser discreta, e eu congelo.

— A filha de Lorde Schuyler está aqui — Verissa diz. — Vi falar com ela.

— A senhora não sabe o nome dela, mas sabe que seria uma boa esposa? — A voz de Liam pinga desdém.

— Isso não é importan... — Ela se interrompe, então controla a voz. — Você não pode herdar Everless se não se casar.

— Basta, sua tola. Não está vendo que a taça está cheia? — a mulher Renaldi dispara, e me afasto depressa. Ela se distancia na direção oposta, enquanto derruba algo pequeno e brilhante no vinho.

Contra meu bom senso, fico nas sombras tentando ouvir o resto da conversa de Lady Verissa e Liam. A ideia de Liam ser forçado a fazer algo que não quer me dá prazer, embora eu sinta pena da pobre garota obrigada a casar com ele.

— Deixe Roan ser o herdeiro. Ele vai aproveitar mais que eu. — Sua voz faz um arrepio descer por minha coluna. Com os olhos abaixados, não vejo o rosto de Liam, mas imagino sua expressão.

Lady Verissa se inquieta.

— Você sabe tão bem quanto eu que Roan...

As palavras são abafadas por exclamações alegres dos convidados bêbados. Automaticamente, procuro a fonte da comoção — e quase deixo escapar um ruído de surpresa. Já vi Roan Gerling algumas vezes nos últimos anos, em suas visitas a Crofton, mas sempre à distância, observando escondida enquanto ele fazia as rondas a cavalo.

Isto é diferente. Diante dos portões do jardim com o pai, Lorde Nicholas, Roan está a poucos metros de mim. Ele usa um traje preto elegante e um *cravat* dourado. Seus olhos azuis brilham na luz do fogo como pedaços do céu de verão.

Esqueço tudo — o fato de que sua família é a causa de nossa ruína e pobreza e de que ele está noivo de uma garota cuja beleza, dizem por aí, é a prova viva de que a magia existe. Por um segundo, não há nenhum outro lugar onde eu preferiria estar que não este jardim, nesta noite, vendo-o sorrir.

Então um grito atormentado corta o zumbido das conversas. Um nobre corado segura uma criada pelo pulso — Bea, que reconheço da cozinha. Uma mancha de vinho se espalha no gibão azul do homem, enquanto ela segura uma garrafa na mão trêmula.

— S-sinto muito — ela balbucia.

— Garota idiota — ele rosna. — Vou te sangrar um mês para você aprender a prestar atenção. — Suas palavras saem arrastadas e seus olhos estão arregalados de raiva. Ele tira do cinto uma pequena faca. O tempo parece derreter como um pingente de gelo no sol.

Um segundo depois, Roan está atrás dele, apertando seu ombro e ao mesmo tempo tirando gentilmente a faca de sua mão.

— Lorde Baldwin — ele diz com uma risada curta. — Não precisa assustar a menina. De qualquer modo, é uma camisa horrenda. Deveria agradecê-la por fazer esse favor.

Todos riem. O homem pisca como se um feitiço tivesse sido quebrado e solta Bea, que lança um olhar grato para Roan. Ele toma a garrafa dela e a garota some entre os convidados.

— Pronto. — Roan dá um tapa nas costas de Balwin e enche sua taça. — O vinho cura a maioria dos problemas, não é? Beba comigo, amigo.

Sem me dar conta, aproximo-me deles, atraída pela voz, pelo sorriso e pela

gentileza de Roan como um bulbo congelado é atraído pelo sol na primavera.

Então os olhos de Roan encontram os meus. Perco o fôlego, paralisada por seu olhar. Ele ergue uma taça.

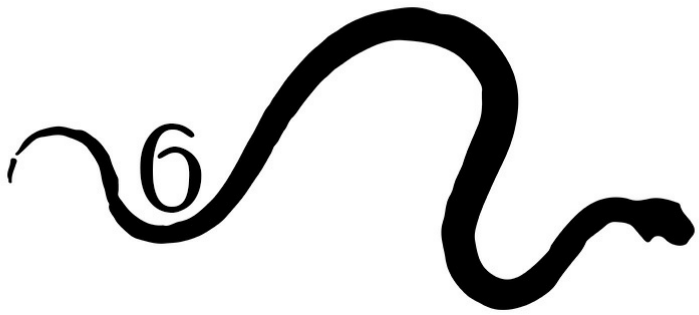
E pisca para mim.

Então vira a bebida, sob gritos de aprovação. Só Liam continua no canto, dando-lhe um olhar de desgosto.

Quando a música recomeça e as pessoas vão dançar, perco Roan na multidão. Meu coração está disparado. O medo me atravessa como a fumaça escura e serpenteante do fogo.

Roan me reconheceu.

Tenho certeza.



Naquela noite, finalmente tenho a chance de escrever duas cartas: uma para Amma e outra para meu pai. Então, no dia em que a Rainha e sua comitiva devem chegar, nos quinze minutos em que posso comer meu pão com queijo, corro para os estábulos em busca de um dos mensageiros que vai aos vilarejos todos os dias.

Escrevi a verdade a Amma, embora só parte dela. Contei que Lora parece gostar de mim, embora demonstre de um jeito esquisito — botando-me para trabalhar da manhã até a noite, de modo que, quando deito em minha cama, mal consigo desfazer a trança antes de adormecer.

Não conto a ela que ferros-sanguíneos tilintam em minha bolsa, que nunca tiro do cinto, nem que Ivan me lança olhares maliciosos e demora para entregar as moedas no fim de cada dia. Eu o suporto como todas as outras, aliviada que pelo menos não seja Liam fazendo os pagamentos. Com frequência, pergunto-me qual pobre homem ou mulher os Gerling drenaram para cunhar as moedas, lembrando da fila serpenteante de pessoas esperando no mercado para sangrar horas, dias e anos.

Fiquei acordada por horas, encolhida na cama diante de uma vela enquanto tentava encontrar as palavras certas para tudo que queria dizer a meu pai.

Finalmente, escrevi “Desculpe”. Não chega perto de ser suficiente, mas não me arrependo do que fiz. Estou aqui há dois dias e já ganhei quatro semanas, que eu teria enviado com a carta, se não fosse pelos ladrões na estrada. Se alguém me reconheceu nesses dois dias, deixou-me em paz. Um único

pensamento me faz seguir em frente: logo terei o suficiente para pagar o aluguel que devemos, e então a primavera vai chegar e, com ela, a caça. Quando acabar o mês, estarei de volta em Crofton, com ferros-sanguíneos suficientes para restituir o que o coletor já tirou de Papai.

Conto as moedas mentalmente. No fim, serão apenas uma fração do que eles tiraram de nós e de Crofton, mas engulo a raiva e a deixo se dissolver como um ferro-sanguíneo no chá. Por Papai.

Por enquanto.

Nos estábulos, um cavalariço de costas largas está preparando o cavalo do mensageiro. Bolsas de couro cheias de cartas pendem da sela e, ao me ouvir chegar, o garoto vira.

Sem pensar, eu grito:

— Tam!

Tarde demais, percebo que revelei minha identidade, mas não me importo. Meu velho amigo é o filho de dois guardas de Everless, mas na infância queríamos ser ferreiros, como Papai. Ele rondava a forja até Papai convidá-lo a entrar e passávamos horas juntos, com os pés balançando do banco de trabalho enquanto observávamos Papai trabalhar com o ferro candente.

Ele aperta os olhos como se tentasse desvendar quem sou. Tiro o chapéu.

— Sou eu, Jules. — Quando ele ainda parece confuso, sorrio e aponto para os dentes da frente. — Viu? Falei que cresceriam de volta. — Por quatro meses, ele me chamou de Banguela depois que meus dois dentes da frente caíram ao mesmo tempo.

Seu rosto se transforma e ele sorri como se iluminado por dentro. Quando me abraça, sou envolvida pelo aroma familiar de metal e fumaça.

— Você está trabalhando na nova forja! — Recuo para observá-lo. Ele está enorme, cerca de trinta centímetros mais alto que eu, mas seu rosto continua o mesmo, belo e sincero. — Não acredito, faz tanto tempo! — As palavras escapam e começo a rir. — Você está bem? Está no comando agora? Etta e Merril continuam aqui também?

Mas Tam sorri com tristeza e faz um gesto estranho, tocando os lábios e afastando a mão. Ele balança a cabeça e repete o gesto até eu entender: ele

não consegue falar.

Minha alegria se dissolve em um instante.

— O que aconteceu? — pergunto, mas ele não pode responder. Nós nos encaramos, perdidos, e sinto algo se desdobrando dentro de mim. Lembranças passam diante de meus olhos: Tam e Roan em uma de suas brigas de mentira, perseguindo-se com espadas de madeira por toda Everless.

Tam estende a mão e aperta meu ombro. Entendo que está tentando dizer que é bom me ver, mas, embora ele sorria, seus olhos estão marejados e seus lábios permanecem fechados.

— Eu venho te ver outra hora — declaro, sem jeito. De repente, meu coração bate contra o peito como uma mariposa contra um vidro iluminado.

Ele aperta meu ombro mais uma vez e então, com um sorriso, pega as cartas de que eu já tinha quase esquecido. Dá as costas para mim e, sem falar mais nada, volto para a cozinha.

E me pergunto o que aconteceu com meu velho amigo.

***

Na cozinha, uma fila de criados cobertos de farinha sova pão freneticamente, como se a própria Rainha os estivesse vigiando. Estou prestes a me juntar a eles quando Lora agarra meu braço.

— Preciso que você desça na adega agora — ela diz. — Pegue a maior quantidade de cebolas que conseguir carregar.

Eu a olho confusa. Já enchi a despensa com cebolas e colares de alho, mais do que ela pode precisar. Assinto, mas não me mexo.

— Tem um garoto nos estábulos que não fala — comento, tentando manter a voz casual. — O que aconteceu com ele?

— Ah, Tam. — O sorriso de Lora se dissolve e ela pega um pouco de massa de pão e começa a espancá-la. Entendo que passei dos limites: só quando fica chateada ela pega trabalho para si em vez de passar para nós. — Pobre rapaz, ele... — Ela deixa a frase no ar, de repente parecendo muito mais velha. — Ele insultou o jovem capitão e perdeu a língua. Não vai mais

cometer esse erro.

Sinto um arrepio na espinha quando penso nos olhos frios de Ivan e no aço de sua lâmina. Eu sabia que ele era cruel, mas isso vai além de tudo que eu seria capaz de imaginar. Sinto uma onda de ódio por ele.

Lora encara a massa como se fosse Ivan.

— Agora vá cuidar da sua vida — ela me diz, no tom mais brusco que já a ouvi usar. — Antes que cuidem dela pra você.

Quero fazer mais perguntas, mas o garoto que estava com medo de levar o jantar para Lady Sida entra correndo na cozinha, desviando de empregados, e para na nossa frente.

— Hinton Carstairs! — Lora repreende. — Devagar!

— Recebemos um mensageiro procurando Lorde Gerling. — Ele está ofegante e corado. — A comitiva da Rainha está chegando! — Sua voz sai cada vez mais esganiçada. — A Rainha está chegando!

Um dos meninos derruba um rolo de massa enquanto uma garota suspira e aperta o coração com a mão coberta de farinha. Não costumo pensar muito na Rainha, mas me arrepio com a ideia de ver a mulher que conduziu o exército de Sempera à vitória e que governa há centenas de anos — uma mulher que dizem ser abençoada pela própria Feiticeira e que até caminhou ao lado dela.

As palavras de Lady Sida azedam meus pensamentos: *Aposto que ela come o coração deles para se manter jovem.*

Eu estremeço. Ridículo.

— Sim, sim, sabemos que a Rainha está chegando — Lora murmura, dando um olhar de censura para os empregados alvoroçados. Então ela aperta o ombro de Hinton. — Qual é a previsão de chegada?

— Uma hora — Hinton responde, ainda ofegante. — Talvez menos.

Ao nosso redor, a cozinha irrompe em falatório, mas Lora só franze o cenho. Ela solta Hinton e se vira para mim.

— Adega — diz. — Agora.

— Mas... — começo.

— Agora — ela dispara. Não lamento ter uma desculpa para sair da

cozinha: há uma energia frenética no ar que está me deixando inquieta.

O ar fresco em meu rosto enquanto desço para a adega é um alívio depois da cozinha abafada, mas a escuridão e a proximidade dos corredores subterrâneos me deixam ansiosa — ou talvez seja o fato de eles estarem desertos e eu ter me acostumado ao vaivém de criados ao meu redor dia e noite. Pego uma tocha da parede e a seguro no alto.

Entro na adega e passo por barris de maçãs com seu leve aroma azedo. Há algo que não deveria estar aqui, uma forma escura no canto. Avanço, e a luz fraca e cintilante revela a figura de um homem encolhido no chão de terra, tremendo em uma capa velha. Eu o reconheço mesmo antes que meus olhos se acostumem ao escuro.

— Papai. — Minha voz sai em um suspiro enquanto meu pai tenta se erguer, apoiando-se em uma estante. Corro até ele e passo um braço por sua cintura, segurando-o em pé. Ele está com um aspecto terrível: pálido e magro, com o rosto sujo de terra e os olhos vazios. Sinto suas costelas sob a capa. — Como... por quê... o que está fazendo aqui?

Ele ri, um rumor baixo no peito, então começa a tossir imediatamente.

— Eu tinha que te ver.

— O senhor não deveria estar em Everless, Papai. — Ele está magro demais.

— Isso não impediu você — ele retruca. Apesar de sua fraqueza, está me provocando.

Meu sorriso é fugaz e tenso — desesperado.

— Eu era criança naquela época, ninguém se lembra do meu rosto. Como o senhor pôde... E se um Gerling o vir? O senhor disse que...

— Ninguém vai me ver — ele garante, e até suas palavras revelam a exaustão da jornada. — Convenci um fazendeiro a deixar eu me esconder na sua carroça de trigo. Além disso, não vou ficar por muito tempo.

— O senhor poderia ter me enviado uma mensagem, Papai. Eu teria voltado para casa. — Pensar nele se arrastando pela estrada um dia inteiro, curvado de exaustão, enche-me de culpa.

Ele está sorrindo, mas há algo em seus olhos que não entendo.

— Não podia esperar nem confiar em um mensageiro. — Ele ergue dedos gelados ao meu rosto. — Jules, minha garota pratica, deixe-me dizer outra vez: você tem que voltar para casa.

— Papai, está tudo bem — respondo, entorpecida. Minha mente já está girando enquanto tento bolar um plano para levá-lo de volta a Crofton. Posso alugar uma carroça com os ferros-sanguíneos que tenho na minha bolsa. Lora sabe quem é meu pai, então saberá o risco que ele corre aqui. Não posso pedir ajuda a ela, mas talvez possa pedir que Hinton ou Tam o levem. — Só mais algumas semanas e não precisaremos nos preocupar com o aluguel durante meses. Entendeu? Vai ficar tudo bem. Ninguém me reconheceu.

E a pior hora para lembrar a piscadela de Roan, mas a lembrança aquece meu peito. Não quero esquecer o momento.

— Não — Papai refuta com a voz baixa e urgente. — Este lugar é perigoso pra você. — Por um momento, volto a ter sete anos e aperto sua mão enquanto ele me arrasta de Everless com nossas roupas ainda cheirando a fumaça. — A Rainha vai chegar em breve.

— Precisamos do dinheiro — insisto, com raiva dele e de sua teimosia. Não tenho mais sete anos e ele não tem o direito de mandar em mim.

— Eu dou um jeito com o dinheiro. — Ele aperta minhas mãos com as palmas frias e os dedos rígidos como ossos. A luz das tochas aprofunda as rugas em seu rosto e as olheiras da cor de hematomas. — Por favor, vá embora deste lugar.

— Não posso, eles vão perceber — digo, sem saber se é mentira. A culpa se entrelaça com a raiva, mas a reprimo. Ele me protegeu por dezessete anos e agora vou protegê-lo, não importa o quanto vá doer. — A comitiva da Rainha chegará a qualquer momento. As estradas vão estar cheias de guardas e nobres, o senhor precisa sair antes que eles cheguem.

— Você também, Jules. — Ele aperta meus ombros e me dá um olhar penetrante. — Você não pode chegar perto da Rainha. Não pode deixá-la te ver. Ela vai reconhecê-la, não é seguro.

— A Rainha? — Não entendo. — Não quer dizer Liam, Papai?

Ele parece não me ouvir.

— Ela é uma ladra e... muito perigosa. — Suas palavras saem depressa. Ele

está quase sem ar e só quando pego a tocha vejo como seus olhos estão brilhando, de febre ou algo pior. — Explico no caminho, mas precisamos ir.

— Não posso — argumento. — Se eu não aparecer na cozinha, a punição será severa.

Ele puxa minha mão sem força. Perguntas e medos se acumulam dentro de mim — meu pai está enlouquecendo.

— Espere aqui, vou chamar alguém para te levar para casa. — Então, como vejo que ele pretende discutir, acrescento: — Vou amanhã, depois que falar com Lora.

Ele franze o cenho.

— Jure.

Abro a boca para fazer a promessa, mas ela fica entalada na garganta.

Não faça promessas vazias ou o Alquimista virá buscar sua alma. Um velho provérbio que se diz para as crianças.

Só espero que não seja verdade, porque não posso deixar Everless amanhã. Papai parece estar com um pé na cova; mais do que nunca, precisa recuperar seu tempo. E pior: uma parte de mim, pequena, mas inegável, quer ver se Roan vai me dar outro sorriso.

— Eu juro. — A mentira se revira em meu estômago. — Amo você.

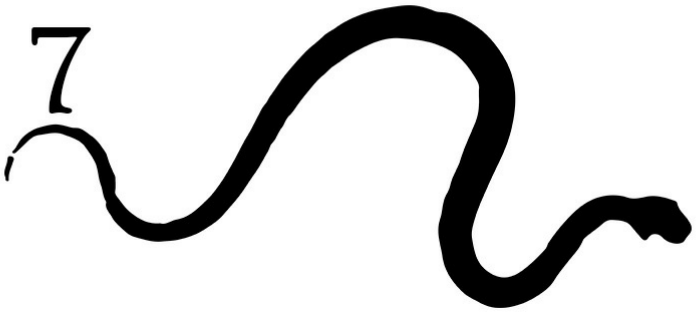
Ele se inclina e me beija na testa, envolvendo-me nos braços. Por um momento, aconchego-me nele e respiro o aroma familiar de metal e palha.

— Amo você — ele murmura em meu cabelo. — Lembre-se sempre disso.

— Vejo o senhor amanhã, prometo — minto. É como segurar uma enguia: a verdade se contorce e tenta escapar.

Mas já estou acostumada com a sensação.

7



De volta na cozinha, encontro Lora do outro lado do cômodo, descarnando um peixe com uma faca longa. Ela retribui meu olhar e abaixa a cabeça depressa, com o cenho franzido de preocupação. Terei que agradecê-la por me levar a Papai.

Mas primeiro preciso dar um jeito de tirá-lo daqui. Olho ao redor até encontrar Hinton, agachado em um canto com um jogo de gravetos enquanto uma panela de sopa ferve abandonada atrás dele.

Quando me vê, ele junta os gravetos em uma pilha e se coloca na frente deles com uma cara de culpado. Mas nem reparo, já tirando moedas da bolsa presa no meu cinto. Queria ter tempo para bolar um plano melhor, mas depois que a Rainha entrar em Everless, os portões vão fechar e guardas serão postados nas paliçadas, examinando cada carruagem que entrar e sair. Esta é minha única chance de tirar Papai daqui.

Pego uma pequena tigela de madeira e sirvo sopa. Hinton arregala os olhos enquanto tiro três moedas semanais do bolso e as jogo no líquido fumegante.

— Você não pode pegar essa sopa, é pra...

— Eu sei — digo, ajoelhando-me na frente dele. Ele me olha com desconfiança, então abro a bolsa e a estendo para ele. Outra moeda semanal, recém-cunhada, brilha entre nós. Seus olhos ficam ainda maiores e me lembro de quando eu era criança: um dia parecia um presente e uma semana durava uma eternidade.

— Preciso de um favor antes que a Rainha chegue. Pode me ajudar?

Ele hesita, mas a moeda é boa demais para negar.

— Vou tentar.

— Sabe chegar na adega? — Ele assente. — Leve esta tigela. Você vai encontrar um homem lá, faça ele beber isto. Ele é... meu pai. — Tropeço nas palavras, tão acostumada a guardar meus segredos, mas agora não importa. — Ele precisa ir embora de Everless, mas está doente e não consegue sair sozinho.

— Por que ele precisa ir embora? — Hinton pergunta, cheio de suspeita.

— É uma longa história — respondo. — Tem a ver com... o capitão Ivan. — Não quero falar o nome de Liam e inspirar perguntas que não posso responder.

Foi a escolha certa. Hinton assente compreensivo — como todos ali, ele tem medo de Ivan.

— E eu faço o quê?

— Tire-o daqui — digo. — Agora. Leve-o a Crofton, se puder. Sabe onde fica? — Ele assente e coloco a moeda em sua mão com um sorriso, esperando não demonstrar meu nervosismo. Se isto não estivesse acontecendo, a ideia de confiar a vida de meu pai a um garoto de nove anos me faria rir, mas estou desesperada.

Ele vira a moeda na mão, então a morde com uma cara pensativa.

— Um carregamento de couro está indo pra Crofton. Posso pedir pros garotos do estábulo o esconderem na carruagem.

Ambos tomamos um susto com o soar profundo e claro de um sino. A cozinha agitada fica em silêncio enquanto as paredes vibram. Por um breve momento, esqueço meu medo, arrebatada pelo som. Quando era criança, ouvia muitos sinos em Everless — toques para anunciar casamentos e mortes, o Ano Novo e proclamações reais, — mas nunca escutei o sino da Coroa, reservado para a Rainha.

Comparada com os sons de que me lembro da infância, esta canção é mais profunda e mais bonita. Ela indica que devemos nos reunir para a chegada de Sua Majestade.

Também indica que meu tempo está acabando.

— Não podemos esperar — falo a ele.

— Estou indo — Hinton diz, empinando o queixo. — Vou pelo portão sul.

— Tome cuidado. — Meu coração bate tão forte que mal consigo falar.

O sino soa de novo, então uma nota mais alta se junta ele, e outra e outra até que todos os doze sinos cantam em Everless. Saio no corredor, juntando-me à maré de criados que fluem para o portão. Garotas erguem as saias para correr e até as criadas mais velhas e varredoras caminham depressa, suas conversas ecoando mais altas que os sinos. O clamor parece vir de outro lado de uma parede de vidro. Meu medo por meu pai zune em meus ouvidos e borra minha visão.

Mas tento ao máximo empurrar o medo para o fundo da mente. Meu pai é forte em sua essência e chegou até aqui. Se o vento estiver favorável e sua sorte se mantiver, de estará em casa esta noite.

O mais rápido possível, junto-me ao aglomerado de criadas em um canto do salão de entrada. Lora se move entre ela, esfregando farinha de rostos e alisando vestidos.

— Jules — ela diz com a voz tensa. — Estávamos te esperando.

Abaixo a cabeça.

— Sim, senhora.

Lora leva a mão ao meu cabelo — alguns fios escaparam do coque na nuca e estão esvoaçando ao redor do meu rosto. Ela os enfia atrás das orelhas e estala a língua de decepção quando eles saltam para fora outra vez.

— Não adianta — ela resmunga, então ergue a voz. —Lá pra fora, garotas, sem demora.

No jardim, centenas de criados ocupam os dois lados do caminho que leva dos portões de Everless ao salão de entrada, um pequeno exército usando verde e dourado, as cores dos Gerling. Tenho um vislumbre de Alia em um grupo de crianças, na ponta dos pés para enxergar o caminho. Guardas o percorrem de tempos em tempos — Ivan na frente —, com as mãos apoiadas na bainha incrustada de joias da espada. E a maior multidão que já vi na vida e faz eu me sentir muito pequena.

Quanto tempo deve haver entre todos nós? Séculos e séculos, dez mil anos ou mais. No entanto, cada Gerling tem dez vezes mais que o resto de nós.

Eles saem juntos, fluindo como riqueza líquida, como ferro derretido, pelas portas da frente do palácio. Lorde Gerling é acompanhado pela esposa e pelos filhos. Atrás dos quatro vem uma dúzia de parentes, usando roupas de seda e veludo. Estremeço ao reconhecer a mulher atrás de Lady Verissa; a duquesa, Lady Corinne, parece ter a idade da filha, mas deve estar com pelo menos sessenta anos. Eu a vejo tirar algo da bolsa e enfiar na boca.

Sinto a raiva se erguer no peito quando imagino a hora derretendo em sua língua. Ergo os olhos para a janela da tone onde Lady Sida deve estar sentada, observando os procedimentos com seus estranhos olhos pálidos — e de repente tenho vontade de ver sua expressão e entreouvir seus comentários quando ela vir a Rainha.

Liam está afastado da família, os olhos semicerrados como se as festividades o entediassem. Uma mistura familiar de medo e raiva me atravessa quando lembro do dia em que ele empurrou o irmão nas labaredas. Como deve ser deturpado um garoto que tem tudo e destrói duas vidas inocentes só para disfarçar a própria crueldade.

Mas Roan.

Roan.

Os velhos do vilarejo dizem que os Gerling têm sangue antigo nas veias — o sangue do homem louco que prendeu a Feiticeira e o Alquimista tantos séculos atrás e que por cobiça os forçou a vincular o tempo ao sangue e nos condenou a nossas vidas de trabalho duro. Eles com certeza têm ferros-sanguíneos suficientes para que seja verdade. E fácil acreditar que os Gerling são profundamente maus, que algo em seu sangue os faz assim. Mas olhando para Roan — com seus olhos azuis como o crepúsculo e seu sorriso de parar o tempo — não vejo nada de mau nele.

Galante, ele oferece o braço à avó com o olhar distante. Está usando um colete dourado em perfeitas condições, mas seu cabelo espicha para todos os lados, como sempre. Penso na discussão que ele deve ter tido com a mãe a respeito disso — a mesma que ouvi tantas vezes quando criança — e, apesar de tudo, tenho que reprimir um sorriso. Ele dá uma cotovelada em Liam, rindo sobre alguma coisa, e me pergunto como pode ter perdoado o irmão,

que tentou empurrá-lo no fogo.

Tola, repreendo-me. Sim, Roan é lindo e charmoso — e ainda será lindo e charmoso quando eu for uma velha, se eu viver tudo isso, e continuará assim por muito tempo depois de minha morte.

Os portões se abrem com um rangido e os criados soltam murmúrios reverenciais. Afasto o olhar de Roan para observar a comitiva da Rainha.

Carruagens brilhantes entram uma após a outra. Há cinco no total, puxadas por orgulhosos cavalos brancos. Alguns guardas andam ao lado delas, suas espadas brilhando no sol da tarde. Meu coração dispara quando a primeira carruagem se aproxima o suficiente para que eu veja a mulher no interior.

A princípio, a Grande Rainha é só um ponto pálido em um campo escarlate. Então, ela passa mais perto. Como as pessoas ao meu redor, prendo o fôlego. Ela é alta e forte e seu rosto não tem rugas, e sei que é assim desde bem antes de meu pai nascer — e antes do pai dele, e do dele. Um pequeno sorriso curva sua boca quando ela olha para a multidão e acena, e sinto o desejo completamente inapropriado de rir ou aplaudir ou ambos.

Ingrid se inclina para mim.

— Ouvi que ela era bonita, mas isso... — Ela hesita. — Nunca esperei isso.

— Minha mãe diz que uma bruxa cuida dela — Bea comenta. Ela se vestiu o melhor possível para a ocasião, cobrindo o vestido da cozinha com um xale azul que destaca sua pele marrom. O aroma de lavanda emana de suas roupas.

Queria que Lora estivesse aqui para mandá-las ficar quietas. Quem sabe qual castigo Ivan inventaria se nos pegasse papeando?

A carruagem que vem em seguida é menor, mas não menos elegante. Quando passa, dou minha primeira olhada na noiva de Roan, Ina Gold. Seu cabelo escuro é curto; toca suas orelhas e emoldura o rosto com formato de coração. Ela é tão bela que praticamente brilha. Seu sorriso perfeito está voltado para Roan, e ela aperta o rosto e as mãos contra a janela como se quisesse que o vidro desaparecesse para ela poder correr até ele. Sinto uma pontada no coração quando vejo que ele retribui o sorriso. Desvio os olhos, virando para a carruagem da Rainha, e noto sulcos profundos na madeira,

como se tivesse sido alvejada por flechas. Estranho.

As carruagens trazendo a Rainha e Lady Gold param, assim como aquelas atrás delas. Enquanto a Rainha desce por degraus estreitos e perolados, arrastando seu vestido escarlate, os Gerling se ajoelham em reverência. Os criados seguem, afundando na grama, e o orvalho umedece minhas saias.

Depois de um longo momento, Lorde Gerling se levanta e acena para que façamos o mesmo.

— Vossa Majestade — ele diz em uma voz retumbante. — E uma honra extraordinária recebê-la em nosso lar.

A Rainha dá um aceno curto, examinando-o rapidamente antes de desviar os olhos. Mesmo à distância, eu o vejo se encolher diante do olhar dela.

— Obrigada, Nicholas.

Sua voz soa remota, como se ela falasse do fim de um túnel longo e escuro. Ela é linda, etérea e elegante, e irradia poder. Sua longa capa vermelha é segurada por uma dama de companhia de cabelo escuro. Enquanto a Rainha avalia Everless, as estranhas palavras de Papai — *Não pode deixá-la te ver* — ecoam em minha mente.

Por que ele disse aquilo?

E onde estará agora?

Dando um passo à frente, Roan beija a mão de Lady Gold. Ela joga a cabeça para trás e ri, e o som preenche o ar, alto e nítido como o soar de um sino.

— Jules — Bea chama, alto demais. — Você está encarando.

Tomo um susto e desvio os olhos, sentindo o rosto queimar. Em vez de Roan e Lady Gold, assisto ao fluxo de homens e mulheres que emergem da carruagem seguinte à de Lady Gold. São a comitiva real e estão vestidos nas cores da Rainha — os homens usando coletes e as mulheres com vestidos de manga comprida e chapéus, tudo do tom vermelho arroxeado de uma taça de vinho. Há menos pessoas do que eu esperava e há algo estranho neles. Suas expressões enquanto desembarcam variam entre a suspeita e o alívio. Ninguém está sorrindo. Uma mulher aperta um xale de linho com manchas vermelhas ao redor do corpo; o vestido por baixo pende em um ângulo

estranho, como se estivesse rasgado. Atrás dela, um homem manca; seu gibão vermelho tem uma mancha marrom no ombro.

Então os esqueço quando Lady Verissa faz um gesto casual — nossa deixa para dar um passo à frente.

Ivan se move entre nós, posicionando os criados em um tipo de falange. Os criados reais usando uniformes cor de vinho vão na frente com os pertences mais preciosos da Rainha: vasos de vidro, livros de couro enormes com páginas douradas, garrafas de licor e perfume. Ivan agarra Addie pelo pulso e a puxa para a frente. O cabelo dela está amarrado no topo da cabeça na forma de um botão de rosa. Outros criados de Everless preenchem as lacunas na procissão real. Troco um olhar com Ingrid; ela também parece confusa com o grupo pequeno.

— Olhe só — ela sussurra. — Eles não trouxeram pessoas suficientes para carregar suas coisas.

Quando a comitiva está posicionada, Ivan rosna para nós — "Em fila!"— e corremos para obedecer. Sou empurrada e termino logo atrás dos criados reais, com uma caixa de veludo nas mãos. Ao meu redor, outros criados pegam maletas de couro, vestidos enrolados em lenços, pinturas a óleo embrulhadas em tecido, até cadeiras e almofadas, grandes demais para carregar. *A Rainha está visitando ou se mudando?,* eu me pergunto com desdém.

Finalmente, seguimos como formigas para a entrada, cinco de cada vez, um pequeno exército destinado a servir e servir e servir. Quanto valem as coisas que carregamos? Quantos anos levamos nos braços agora?

Pensando em Papai, tenho a vontade súbita de lançar a caixa de chapéu no chão. Mas, se fizesse isso, estaria morta em um segundo, julgando pela expressão férrea de Ivan.

A Rainha para logo depois da porta, ao lado dos Gerling, e aperta os olhos para observar a procissão de criados.

— Presumo que serei escoltada a meus aposentos? — ela pergunta, sua voz preenchendo o salão.

No mesmo instante, Ivan nos manda parar em frente à coluna. Eu estanco com os outros, minha pele formigando. Somos disciplinados demais para

fazer qualquer som, mas sinto a empolgação e o desconforto simultâneos dos criados. Embora haja algumas pessoas entre Addie e eu, consigo sentir o aroma de menta e limão do cabelo dela.

Lady Verissa parece desconcertada, mas assente depois de um momento.

— É claro, Majestade — ela diz, assentindo para Addie. A menina dá um passo à frente, empertigada, embora eu veja como está apertando com força a caixa de joias em suas mãos. — Addie servirá Vossa Majestade. Ela conhece Everless e os empregados e lhe garantirá todos os cuidados.

A Rainha olha para Addie, mas não fala nada. A garota sorri nervosamente e encara o chão.

Lady Verissa então se vira para seus filhos.

— Roan, Liam, acompanhem Lady Gold até sua suíte.

Enquanto ela está falando, a Rainha começa a percorrer a fileira de criados. Uma garota de cabelo escuro sussurra algo no ouvido de Ina Gold. Reparo que os atendentes da Rainha, que usam as cores reais, fazem mesuras à medida que ela passa; um momento depois, os criados de Everless os imitam. Minhas mãos começam a suar. Quando ela passa a poucos passos de mim, algo parece ondular ao nosso redor, como se o próprio ar estivesse se virando, atento, na direção dela. Eu me inclino em um movimento automático, abaixando a cabeça. O aviso de meu pai dá voltas em minha cabeça. *Não pode deixá-la te ver.*

Apesar de suas palavras, uma parte de mim quer que ela me note.

Quando me endireito, ergo os olhos — e os olhos da Rainha, que brilham como vidro, estão me encarando diretamente. Um sentimento aflora em meu peito. Parece reconhecimento, embora eu não saiba do quê.

Então algo dá errado. Não sei como começa — talvez a Rainha tenha tropeçado, — mas ela cai para a frente, seus membros rígidos, sua figura alta estranhamente graciosa. Addie se joga para impedir a queda e a Rainha desaba contra ela, de modo que a criada se perde em um mar de tecido vermelho. A caixa que estava nos braços da menina cai e estoura no chão duro, espalhando joias por todos os cantos. Uma gema vermelho escura rola até a ponta de minha bota.

Addie precisa de poucos segundos para endireitar as duas. Mas, em vez de

recuar, ela congela com a mão ainda no pulso da Rainha — sobre sua pele nua. Então a solta de repente, como se tivesse tocado nas brasas de uma fogueira.

A procissão cai em um silêncio sepulcral. Ninguém respira enquanto a Rainha se endireita com uma expressão furiosa. Os olhos da garota estão arregalados e atemorizados — é o olhar de alguém que recebeu um tapa. Ela leva a mão que tocou a Rainha até o peito. Seus dedos trêmulos se fecham sobre o coração.

Não toquem na Rainha. Não prestei muita atenção nas instruções de Lora, pensando que não chegaríamos perto o bastante para que importassem. Talvez Addie não tenha recebido o mesmo alerta. Ninguém — nem os criados reais — se moveu até agora.

Desvie os olhos, quero gritar. Mas a garota só encara a Rainha de Sempera, como se tivesse virado pedra.

Ansiosa para fazer algo, ajoelho-me e começo a pegar as joias do chão. Em pouco tempo tenho as mãos cheias de rubis, safiras e esmeraldas incrustadas em ouro, cada uma das quais, penso com a cabeça girando, deve valer um ano ou mais. Pego a caixa. A tampa, entalhada com um desenho de folhas e frutos angulares, está pendendo de uma dobradiça quebrada. Então um par de mãos femininas tira a caixa de mim. A garota se inclina, o cabelo caindo como uma cortina entre mim e o quadro congelado formado pela Rainha e por Addie. Ergo os olhos e vejo que é a criada morena.

— Eu pego — ela diz baixinho, com um sorriso tranquilizador no rosto bonito e esguio. Solto as joias sem hesitar e ela as coloca na caixa, então a fecha e a enfia embaixo do braço. Em um movimento gracioso, ela se levanta e me convida a voltar à fileira de garotas de Everless.

Addie finalmente se move, tentando desaparecer na fileira junto comigo.

— Caro, traga-a até mim — a Rainha ordena.

A criada pega Addie pelo braço.

— Vossa Majestade — Lady Verissa começa, mas a Rainha a silencia com um olhar. Ivan saiu da fileira e parou alguns passos atrás delas. Seu sorriso ávido me assusta mais que tudo, como se ele farejasse sangue. Contenho um arrepio. O olhar da Rainha está inflamado e focado em Addie.

— Qual é o seu nome? — a Rainha pergunta.

— Addie, Vossa Majestade — ela responde em uma voz quase inaudível.

— Diga-me, Addie. — A voz da Rainha é profunda e ressonante, ocupando espaço no salão. — Ousa tocar em sua Rainha?

A garota está tremendo.

— Majestade, eu... eu só estava tentando ajud...

— Quieta — a Rainha rosna. Roan, Liam e Lady Gold pararam na entrada e assistem à cena. Lady Gold morde o lábio inferior e Roan apoia uma mão em suas costas, mas Liam encara a Rainha atento, com olhos apertados.

— Tire-a daqui — a Rainha ordena. — Não quero mais vê-la em Everless.

O queixo de Addie cai e sinto o choque dos criados.

— Por favor! — O desespero em sua voz é óbvio. — Everless é meu lar! Foi sem querer!

Mas antes que ela possa falar mais, Ivan se aproxima e finca os dedos em seu braço. Logo, uma falange de guardas os circunda, escondendo ambos.

Ouço o choro dela enquanto a levam. Todos ouvimos.

— Peço perdão, Majestade — diz Lady Verissa. Até ela parece abalada e está mais pálida que de costume. — Vamos garantir que a garota receba a punição apropriada.

— Ela será banida. — A Rainha não tenta abaixar a voz, que atravessa o grupo de criados e transforma meu coração em gelo. — E tire um ano de vida por cada protesto que fizer.

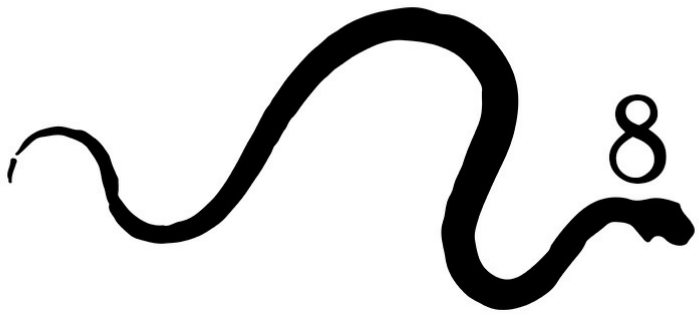
Verissa hesita, então declara:

— Será feito. — Ela estremece de leve, depois dá um aceno para Liam. Ele se afasta de Ina e Roan e sai no crepúsculo atrás de nós. A mãe sabe que pode contar com ele para executar a punição severa.

— Vossa Majestade deve estar exausta — Verissa continua, recuperando a leveza na voz. — Permita-nos levá-la a seus aposentos.

Quando seguimos para o interior da casa, um último soluço chega do corredor, antes de ser cortado pelo baque surdo dos portões de Everless se

fechando.



Naquela noite, ainda pensando em Addie e em meu pai e com saudades de casa, tenho sonhos sombrios.

Estou em uma floresta escura e profunda. Arvores se erguem, altas como torres. Seus galhos nus estão vivos e se contorcem, vindo em minha direção e arranhando meu cabelo e minhas roupas.

Eu corro, a garganta queimando de medo.

Então vejo uma trilha de sangue atrás de mim, passos vermelhos na terra escura. São meus; estou ferida e me movo devagar, sem conseguir escapar. O mundo começa a estremecer e todas as árvores jogam seus galhos para o alto, assumindo uma forma familiar...

Olhos. Um par de olhos.

Meus próprios olhos abrem de repente e, por um momento no dormitório frio e escuro, juro que sinto o chão tremer, como se parte do sonho tivesse sido transportada ao mundo real. Então finalmente percebo uma figura escura acima de mim e abro a boca para gritar. Uma mão a cobre.

Uma mão com um leve cheiro de alho.

— Shiu! — Lora sussurra. — Sou eu. Levante, garota.

Sento na cama e pisco até meus olhos se ajustarem ao escuro. Lora está ao lado de minha cama, usando sua camisola. As outras criadas roncam, tremem e resmungam em seus colchões finos, exaustas depois de cozinhar, servir e retirar o primeiro banquete em honra da Rainha.

— É cedo demais — digo, ainda confusa e emaranhada no sonho estranho. De quem eu estava fugindo? Não me lembro mais.

— Jules. — Lora finca as unhas em meu braço e abaixa a voz ainda mais. — É seu pai.

As palavras atravessam o sono como a faca mais afiada. Pego o vestido pendurado ao lado da cama e o jogo por cima da camisola, após sair tremendo de baixo do cobertor. Levanto depressa demais e quase perco o equilíbrio. A mulher ao meu lado resmunga dormindo enquanto Lora me puxa em meio às criadas adormecidas até o corredor.

Quando ela fecha a porta atrás de nós, abro a boca, uma centena de perguntas querendo escapar.

Então vejo Hinton, que paguei para levar meu pai de volta a Crofton. Ele veste as mesmas roupas, mas agora estão rasgadas e sujas de lama. Parece que esteve chorando e, enquanto me livro dos últimos vestígios de sono, percebo que Lora também. Seus olhos estão vermelhos e inchados.

Meu corpo fica frio.

Lora apoia uma mão no ombro de Hinton.

— Conte para ela — ela diz gentilmente, acrescentando quando ele hesita: — Vamos. Desembuche.

Hinton olha para as botas, evitando meus olhos.

— Conte — ordeno, mas a palavra soa distante, como se dita por outra pessoa.

— Encontrei teu pai na adega, como você mandou. — Ele está tremendo e um arrepio percorre meus braços e nuca — Levei ele pra cima bem quando a Rainha estava entrando, para que ninguém prestasse atenção na gente. Mas, quando fui pegar uma carroça e um cavalo, ele... ele... sumiu. — Hinton me olha com uma expressão infeliz. — Ele não esperou, e eu falei pra ele esperar! Sinto muito. Queria contar para você antes, mas a Rainha...

— Tudo bem — digo, querendo que ele pare.

— Procurei por ele em todo canto, mas um guarda me viu e começou a fazer perguntas. Quando a lua finalmente se ergueu, encontrei seu pai fora da entrada sul, perto do lago. Ele estava ferido.

Estava. Estava. Estava.

— Ferido como? — pergunto, com um nó na garganta.

— Ele tinha caído — Hinton contou baixinha — E suas mãos tinham manchas roxas.

— Manchas roxas? — Olho de Lara para o menino. — Não entenda.

— Ele estava com um cheiro estranho? — Lora pergunta.

Hinton assente com vigor.

— Um pouco. Azedo, como fruta estragada.

— Mava, o corante da fruta, é usado para rastreamento. Os guardas da Rainha cobrem suas armas nele, para caso alguém escape. Mas... — Ela hesita, focada em mim. — O cofre de Everless está pintado com mava também, para marcar qualquer um que tente entrar.

Minha cabeça está girando.

— Está dizendo que ele tentou invadir o cofre dos Gerling? Ele nunca... — Minha voz morre enquanto me lembro de sua expressão pálida e desesperada à luz da tocha.

Lora não responde, mas seu olhar está cheio de pena. Demoro para perceber que Hinton voltou a falar.

— Tentei levar ele pra carroça de novo, mas ele não queria ir.

Suas palavras ficaram mais baixas e tenho que chegar mais perto para ouvi-lo. Embora meus instintos me digam para fugir, enfiar-me em minha cama e fingir que isso é outro pesadelo horrível, a voz baixa de Hinton me mantém congelada.

— Ele começou a ver coisas. A falar com gente que não estava lá.

— Jules, quanto tempo ele tinha? — O tom de Lora é gentil, e sei aonde ela quer chegar: o tempo de Papai se esgotou, ele enlouqueceu e tentou invadir o cofre dos Gerling para... para quê?

Deixo a pergunta no ar e me esforço para não vomitar.

Hinton está tão pálido que suas olheiras parecem hematomas.

— Tentei ajudar, mas ele não deixava. Ele pediu que eu sentasse com ele e disse não havia nada que eu pudesse fazer.

— Ele é teimoso — sussurro. Sei o que Hinton está me contando e pressinto a verdade sombria e terrível tomando forma à minha frente, mas não posso colocá-la em palavras. Olho para ele, esperando que continue. Seus olhos arregalados pedem perdão.

— Eu sentei com ele, como ele pediu. Pensei que estava dormindo, mas daí percebi que... — Lágrimas escorrem por seu rosto. — Eu não sabia o que fazer.

Lora aperta meu ombro.

— Minha mãe foi assim também. Seus dias tinham acabado e ela não contou para ninguém. Foi dormir cedo e durante a noite seu tempo secou e o coração cedeu. — Ela faz o sinal do relógio, movendo dois dedos em um círculo sobre o torso, então tenta me abraçar, mas recuo, tremendo como um animal ferido.

— Ele ainda tinha tempo — consigo falar por fim. — Pelo menos algumas semanas.

Os dois só me olham em silêncio, o rosto de Hinton contraído de pesar e o de Lora com aquela pena terrível.

— Eu conhecia seu pai, Jules — Lora conta. — Não éramos próximos, mas sei que ele era um homem sensato. Se tentou invadir o cofre... E o último mês é volátil — ela acrescenta, rouca. — Você sabe como *é. A mente flui das veias com os anos.*

Um ditado comum em Crofton — comum até demais. Quando a pessoa perde o tempo, perde a cabeça também.

Dou as costas para eles, cobrindo a boca e sentindo que vou passar mal.

— Eu cobri ele como deu. Os homens da carroça de couro disseram que... iam cuidar dele. Levo você lá, se quiser. — Hinton abaixa a cabeça. — Tem ladrões na estrada que tiram os dentes dos mortos pra vender depois. — Ele soa absolutamente infeliz e culpado e, apesar de minha dor, sinto dó; ele é tão jovem e já viu tanta coisa. — Ele estava levando isto.

O ar some de meus pulmões: Hinton está segurando o desenho em carvão de minha mãe.

Sinto a bile subir pela garganta, mas não pego o desenho. Não pode ser

verdade, não pode... Mas, olhando para eles, sei que é.

Eu viro e corro.

Quando minhas pernas começam a queimar, o céu escuro tem o tom cinza opaco de uma espada. Cheguei a uma margem pedregosa ao norte do lago dos Gerling. Na semi escuridão, a água parece um espelho, refletindo apenas a névoa e o palácio, longe — como algo que poderia ser levado pelo vento.

Caio de joelhos diante da água. Aos poucos, percebo que ainda estou descalça e que meus pés estão cortados e tão congelados que não consigo senti-los. Minha mente está encoberta por uma névoa espessa, e além dela se abre um abismo de perda terrível, que ameaça me engolir.

Algo brilha nas pedras diante de mim. Sem pensar, estendo a mão para o objeto e, por um segundo abençoado, meu pai recua de meus pensamentos enquanto encaro boquiaberta a coisa brilhante na palma da mão.

É uma moeda. Dourada e brilhante e do tamanho de uma ameixa, com doze entalhes na borda.

Um ano de vida.

Solto uma risada meio histérica. Só um Gerling poderia derrubar algo tão precioso. O que é um ano para quem tem séculos?

E por que eu não podia ter encontrado isso ontem e salvado Papai?

Imagino o Gerling desconhecido que derrubou esta moeda, sentiu o bolso de seda mais leve e não se deu ao trabalho de dar meia-volta. No lugar dele, eu teria rastejado na lama pelo tempo que fosse necessário. Teria erguido pedras até meus dedos sangrarem, até chegar ao osso.

As pessoas teriam me chamado de louca também, mas estariam erradas.

Eu me recuso a acreditar que Papai é — *era* — louco. Ele sabia algo sobre a Rainha, caso contrário não teria me falado para ficar longe dela — e *não* teria passado seu último dia tentando invadir o cofre dos Gerling como um ladrão. Mas de onde poderiam vir as manchas que Hinton descreveu? Aperto a moeda com tanta força que temo tirar sangue dela. A expressão dele quando nos despedimos... sim, era de loucura. Mas ele estava louco de luto e de despedida.

Percebo a verdade: ele estava dizendo adeus.

Desta vez eu vomito.

Não pode deixá-la te ver, ouço de novo.

Ele não teria jogado sua vida fora sem motivo. Tem que haver uma razão para fazer isso e para me dizer o que disse.

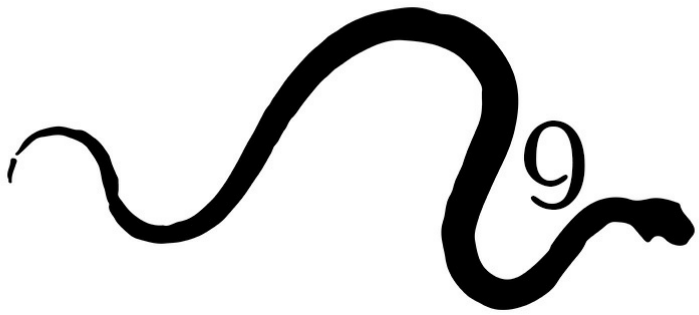
Tem que haver um motivo para ele morrer na neve ao lado dos muros de Everless.

Um soluço finalmente escapa enquanto bato o punho contra as rochas, meus dedos apertados ao redor da moeda. Eu me levanto, cega pelas lágrimas, e a jogo para longe com toda a força. Ela forma um arco pela manhã, um minúsculo ponto dourado no céu, e desaparece na água escura.

A névoa some de minha mente em um clarão, deixando apenas fúria gélida no lugar.

Meu pai morreu aqui. Vou descobrir por quê — e então farei os responsáveis pagarem a dor dessa perda de qualquer jeito possível.

Eu juro.



Havia um homem em Crofton que chamávamos de Fantasma, sempre trêmulo e com os olhos abaixados. Era um apostador e sangrou quase todo o próprio tempo, e também o de seu filho pequeno. Então derrotou Edwin Duade em um jogo de veneno e ganhou duzentos anos, o suficiente para restaurar o tempo de ambos. Mas, quando chegou em casa com a bolsa pesada de ferros-sanguíneos no cinto, o menino estava morto no chão. Seu coração tinha parado de bater. Apesar de toda sua sorte com cartas e moedas, Fantasma errou os cálculos e, em sua busca por fortuna, sangrou tempo demais do filho.

Agora ele mora nas ruas, vivendo cada hora de seus dois séculos ganhados como um tipo de penitência — e alerta — à vista de todos.

Eu considerava a história apenas uma lenda contada por Papai, até encontrar o Fantasma em um beco ladeado por tavernas e taverneiros que sangrariam toscamente a última hora de uma pessoa em troca de bebida — corpos apareciam na sarjeta toda semana. O infeliz olhou para mim quando passei, e seus olhos, afundados como o dos anciãos Gerling, fizeram-me congelar. Eles tinham vivido demais; junto com sua pele cinzenta e seu corpo esquelético; ele parecia mesmo um fantasma.

O sofrimento em seu rosto quase me engoliu. Nunca pisei naquele beco de novo.

Sinto seus olhos me seguirem agora enquanto encaro um teto de pedra desconhecido. Por um segundo maravilhoso depois de acordar, eu não lembrava onde estava ou por quê. Fiquei contente com o colchão grosso sob

as costas em vez do meu leito no chão de terra da cabana.

Então, como uma enchente de primavera, tudo voltou de uma vez — como Lora tinha atado meus pés e me levado a seu próprio quarto, implorando que eu descansasse; como meus soluços ecoaram no espaço pequeno até que desabei sobre a colcha dela, que cheirava a pão, e mergulhei em pesadelos; como meu rosto e minha garganta estão doloridos de tanto chorar, como meus pés queimam e como essa dor não se compara com o abismo que se abriu em peito.

***

Lora se compadece de mim e me deixa ficar em seu quarto, onde passo o primeiro dia e noite após a morte de meu pai. Encolhida sob o cobertor, escuto os murmúrios alegres dos criados através da parede, conversas sobre as aves que serão assadas e as ervas preferidas da Rainha. Meu mundo foi dilacerado, mas nas terras dos Gerling só se fala do casamento entre Roan e a filha da Rainha.

A Rainha — quando as conversas cessam nos dormitórios e o vento abranda lá fora, juro que a ouço andando nos corredores acima de mim.

Em algum momento — não sei bem que horas são — levanto da cama com o desejo vago de caminhar. Mecanicamente, visto-me e vago pelos corredores, ficando na ala dos criados para não cruzar com os guardas da patrulha noturna. É bom estar em pé, focada no movimento e no frio, e não em pensamentos sobre Papai.

As ataduras de Lora estão se soltando e gotas vermelhas despontam no branco. Eu me agacho ao lado da parede para enrolá-las de novo, mas não consigo. Minhas mãos tremem demais. As paredes e o chão de madeira estão congelando. Será que Papai sentia o mesmo frio quando morreu?

—... mortos? Todos eles? — uma voz sussurra. Olho para o corredor, mas está sombreado e vazio, iluminado por lamparinas a óleo tremeluzentes. —... massacrados na estrada como cachorros — a voz diz de novo. E masculina e familiar. Com um choque, percebo que me apoiei no que Roan costumava chamar de parede dos sussurros: o ponto no corredor dos criados onde, graças

a algum capricho da arquitetura, é possível pressionar o ouvido à parede e sussurrar para alguém no salão principal. Ou escutar o que dizem.

Pressiono o ouvido à parede.

Acho que é a voz de Roan do outro lado.

— Sim, mas a Rainha não quer que ninguém saiba — uma voz feminina implora. — Roan, você tinha que ver como eles nos atacaram. Os sangradores teriam matado todos nós se não fosse por Caro. Ela saiu e falou com eles e os convenceu a nos deixar seguir viagem, não sei como. — A voz falha. — A Rainha mandou soldados atrás deles quando chegamos, mas não sei se vão conseguir pegá-los. — Ela para e escuto uma despedida rápida e abafada.

Fascinada, aperto o ouvido ainda mais contra a parede — mas só há silêncio. A voz só podia ser de Ina Gold... e falava sobre mortes. Ou melhor, assassinatos. Minha cabeça gira e me pergunto do que ela poderia estar falando, então lembro das marcas na carruagem da Rainha e das bainhas ensanguentadas dos criados reais. Só posso tirar uma conclusão: a Rainha foi atacada a caminho de Everless.

Quantos morreram? Que horrores a seguem, além da morte de meu pai?

Imagens de morte e violência atravessam minha mente e, como uma enchente, a lembrança da morte de meu pai me arrebata. A dor renovada é quase física, como se algo dentro de mim tivesse fraturado. Puxo os joelhos para o peito e começo a soluçar, enterrando a cabeça entre as pernas para abafar o som.

— Olá? — alguém sussurra. É Roan.

Eu deveria voltar para os dormitórios, mas sua voz é como uma corda para um náufrago. E tênue e talvez não leve alugar nenhum, mas não resisto e me agarro a ela.

— Olá — sussurro de volta com a voz embargada.

— Por que você está chorando? — ele pergunta.

Não consigo falar sobre meu pai, nem para uma voz na parede. Ainda não. Então conto uma versão da verdade.

— Meu coração está partido. — Espero que ele pense que sou uma criada apaixonada chorando por um pretendente que me deixou para trás. Só quero

ouvir a voz de Roan.

— Sinto muito — vem a resposta. Ele hesita, então acrescenta: — Eu entendo.

— Entende? — pergunto, trêmula. — Mas você é... — Eu me interrompo no meio da frase. Tola. Mas não entendo como Roan, ou qualquer Gerling, possa não ter algo que deseje, ou como ele poderia compreender um coração partido, quando está prestes a se casar com a filha da Rainha.

— Não, continue — ele insiste do outro lado. —Sou o quê?

— Um... Gerling — respondo, hesitante. Qualquer um poderia adivinhar isso por seu sotaque, então espero que não esteja me arriscando demais.

Ele ri baixinho. Eu gostaria de me envolver no som ao meu redor, como se fosse um cobertor.

— Você me pegou — ele diz. — Mas os Gerling também têm coração.

— Às vezes não parece — sussurro.

Roan suspira. O som atravessa as paredes como uma pequena cascata.

— Eu sei — ele responde após um tempo. — Era tão mais fácil quando éramos jovens. Não havia corações partidos, nem mortes ou nada ruim.

Havia sim, penso. Meu coração foi partido quando Liam nos expulsou de Everless, mas não falo nada.

— Você parece uma garota gentil. Quem partiu seu coração é um tolo. — Fecho os olhos; se ele soubesse da verdade, não diria isso. — Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Um sorriso repuxa meus lábios. A voz dele é como um bálsamo.

— Só continue falando — sussurro de volta. — Por que disse que era muito mais fácil quando era jovem? — pergunto, ansiando por saber que ele não me esqueceu.

— Hmm. — Posso imaginar seu sorriso lento e brincalhão enquanto vasculha as lembranças de sua infância selvagem. Da *nossa* infância. — Bem, a vida era só brincar. Eu corria pelos jardins com os criados, sabe. Não os desprezava... não os desprezo, como meu irmão e meus pais.

— Minha... prima me contou que ele costumava provocá-la — falo,

escolhendo as palavras com cuidado. — Liam, quero dizer. Ele a chamava de bruxa. — Posso ouvir a amargura em minha voz.

— Não duvido. — Ele suspira. — Meus pais nos proibiram de brincar com as outras crianças depois do incêndio.

Sinto um aperto no coração, mas insisto.

— Incêndio?

Ele pausa.

— Acho que estávamos brincando de capturar a moeda semanal, ou então era raposa e cobra... e a antiga forja pegou fogo.

Ele não conta mais nada, mas suas palavras atacam minha memória.

— Raposa e cobra? — sussurro.

— Ah. — Ele ri. — E um jogo que uma das criadas inventou. Uma pessoa é a raposa e a outra é a cobra, e a raposa vai atrás da cobra.

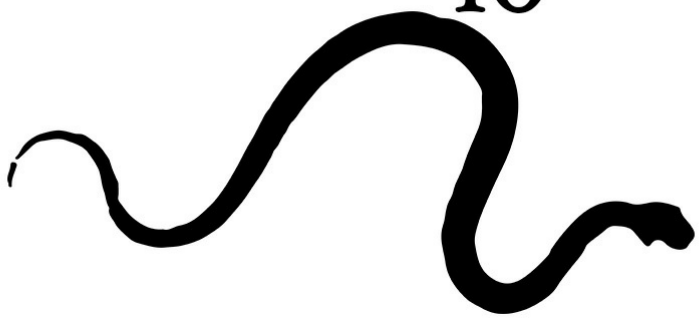
Meus braços se arrepiam — essa criada era eu.

Antes que eu possa responder, ouço uma voz abafada e distante do lado dele.

— Alguém está vindo — ele sussurra — e não seria bom ser pego falando com uma parede. Mas espero que seu coração sare logo.

— Eu também — sussurro de volta, embora isso seja impossível. — Boa noite — acrescento, mas ele foi embora e o corredor fica em silêncio outra vez. Uma gota de doçura se mistura ao luto. E apenas uma gota, mas neste momento parece tudo para mim.

10



Quando entro cambaleante na cozinha na manhã seguinte, usando um vestido preto simples que Lora deixou para mim, Hinton vem me procurar imediatamente, carregando uma bandeja com pão e queijo e uma xícara de chá. Sento com ele em uma mesa lateral e comemos em silêncio. Meus sentidos estão amortecidos — a fofoca dos criados é um rumor abafado e distante e a comida de Lora tem gosto de cinzas na minha boca.

— Meu pai foi assassinado também — Hinton conta após um tempo. Ele fala baixo e mantém os olhos fixos nas espirais da mesa de madeira. — Ele se chamava Conner. Era o ferrador de Lorde Liam... antes.

Inspiro com força, fazendo Hinton me olhar de esguelha. Eu conhecia Conner — um homem compacto de mão firme, com a habilidade quase mágica de tranquilizar qualquer cavalo; sempre tinha uma piada ou história na ponta da língua. Será que Liam o matou?

A questão — e a fúria — devem transparecer em meu rosto.

— Foi o capitão Ivan. — Os olhos dele voltam para a mesa, mas há uma nota de raiva em sua voz. — Depois que meu pai cuidou dos cavalos dele, o capitão perdeu uma corrida de carruagem para Lorde Wynstan, do leste. Ele não gostou disso e meu pai pagou o preço.

Uma fofoca antiga de Crofton me vem à mente — sobre um ferrador dos Gerling que, depois de perder uma corrida, foi amarrado a uma carruagem e arrastado até a morte. Eu nunca tinha conectado a história ao homem que eu conhecia. Por um momento, meu sofrimento fica em segundo plano enquanto encaro o garoto, horrorizada.

Sempre soube que a vida em Everless podia ser cruel e arbitrária — se um indivíduo perdesse sua utilidade, se ficasse velho ou doente ou perdesse um membro, os Gerling o expulsavam sem pensar duas vezes. Mas o lugar que conheci não era tão sombrio quanto este. Eu me inclino e, por um momento, envolvo Hinton nos braços.

— Sinto muito.

Depois de um segundo, Hinton se sacode, como se pudesse jogar as lembranças para longe.

— Já faz muito tempo. Enfim, eu queria te dizer para... se manter ocupada. E pior se ficar sozinha. — Ele estende a mão para mim e a moeda que lhe dei dois dias atrás pelo transporte de meu pai brilha em sua palma. Ele está tremendo.

Em vez de pegar a moeda, fecho seus dedos pequenos sobre ela.

— Você me ajudou muito — falo, enfiando uma media solta atrás de sua orelha. Estou sendo sincera.

Ele balança a cabeça. Seus olhos — ainda tão jovens, apesar de tudo que perdeu — se enchem de lágrimas.

— Desculpe, Jules — ele pede, deixando a cabeça cair contra o peito. Sei o que está pensando: é minha culpa. Reconheço o sentimento em seu rosto.

Eu o aperto com força.

— Você não fez nada errado. Ele estava determinado. — Se sei algo sobre meu pai, é isso. — Você não poderia ter dito nem feito nada para convencê-lo a mudar de ideia.

Se a culpa pela morte pesa sobre os ombros de alguém, esse alguém sou eu — por não ter partido quando ele me implorou, por mentir e abandoná-lo, por ter deixado Crofton, para começo de conversa.

Hinton hesita por um momento, então assente. Suas lágrimas secam e seu rosto se ilumina. Ele também perdeu o pai, mas está sorrindo, gentil, tentando ser bom.

Enquanto o observo serpentear entre as mesas dos criados, cumprimentando as pessoas, sei que nunca me sentirei tão leve de novo.

Pelo resto do dia, eu me perco no trabalho: arrancando folhas fragrantes de

caules espinhosos, salgando carne e transformando nata em manteiga. Os outros criados me evitam. Não me importo — não quero conversar. Não quero sentir.

Quando volto ao dormitório à noite, encontro um grupinho de criadas e um garoto perto da porta no corredor de serviço que leva ao salão principal. Identifico Bea e o cabelo volumoso de Alia, e corro em direção ao grupo para ver o que está acontecendo. Em suas roupas de lavanderia cinza e sem graça, Alia parece ainda menor do que me lembro. Culpa e preocupação atravessam o luto. Eu prometi a Amma que cuidaria de sua irmã, mas mal pensei nela desde que a Rainha chegou a Everless.

Bea está fora do dormitório, no centro do círculo de criados de olhos arregalados, como uma rainha com seus súditos. Paro ao lado de Alia.

— Mas eles pegaram os sangradores? — pergunta urna garota cheia de sardas.

Sangradores? Sinto Alia estremecer ao meu lado. Ela puxa minha manga e, quando me inclino, sussurra:

— Bandidos atacaram a Rainha na estrada a caminho daqui. Bea ouviu que mais de vinte criadas e guardas morreram, Jules.

Meu estômago se revira. Então é verdade.

— Alguns sangradores morreram no ataque — ela conta —, o resto continua à solta. Mas a Rainha mandou seus soldados atrás deles, então é uma questão de tempo. — Ela abraça uma garota que está choramingando, segurando-a até que os ombros da menina param de sacudir.

— Espero que a Rainha sangre toda a vida deles — alguém murmura, em um tom sombrio.

Mas não aguento ouvir mais sobre morte. Enquanto os outros fazem mais perguntas, aperto o ombro de Alia e me viro para o dormitório, me afastando com a cabeça abaixada.

Ali, disposto com cuidado sobre a minha cama, encontro o que Hinton tentou me dar no outro dia — o desenho de minha mãe. Eu o pego com a intenção de escondê-lo no fundo do guarda-roupa ou jogá-lo com os restos na cozinha, para não ter que vê-lo. Não quero me lembrar.

Mas algo me impede. Em vez disso, sento na cama, recuando para as sombras de modo que as outras não possam ver as lágrimas despontando em meus olhos. Observo o que restou de meu pai.

O papel é velho e fino, e o cheiro que emana dele faz meu coração parar de repente: inspiro a fumaça de palha e madeira junto com o aroma afiado de grafite. Na imagem, minha mãe está olhando sobre o ombro, capturada com tanta habilidade que eu não ficaria surpresa se ela desse uma risada.

Viro o papel para baixo na cama antes que a dor em meu peito piore — então paro, porque o lado de trás não está em branco.

Pego a folha de novo e a ergo em direção à luz da minha vela, examinando mais de perto. Ele está coberto de texto, embora as letras estejam apagadas, como se a página pertencesse a um livro muito antigo. A língua em si também é antiga — um semperano nobre e antiquado, pelo que consigo ver, algo que a Rainha poderia ter falado quando menina. Mesmo que algumas palavras e letras sejam desconhecidas, consigo ler o suficiente dos símbolos formais e floreadas para entender que é uma história sobre a Feiticeira e seu inimigo, o Alquimista.

Rio pela primeira vez em dias — é claro que meu pai teria sacrificado uma página deste livro para desenhar minha mãe. Ele odiava superstições.

Mas ainda mais estranho que o bloco de texto é o que está rabiscado nas margens: anotações na letra de uma criança.

A tinta está tão desbotada e manchada e a escrita é tão ilegível que só consigo discernir algumas palavras:

raposa

à floresta

cobra

de chumbo

Raposa, floresta, cobra, chumbo. O jogo de Roan. As palavras puxam uma lembrança para a superfície: sentar-me diante do fogo na forja enquanto meu pai lia um livro de couro sobre uma raposa e uma cobra que eram melhores

amigas.

Não tenho certeza se são as palavras ou o cheiro familiar na página que se expandem dolorosamente em mim, pressionando minhas costelas.

Uma voz baixa soa a meu lado e me assusta.

— O que é isso, uma carta de amor? — ela pergunta, animada.

Fico tensa, mas é só Bea, agora muito diferente da garota trêmula que derrubou vinho no gibão de um nobre. Seu corpo inteiro parece sorrir, sua confiança renovada após reconfortar as outras garotas. Ela senta na cama ao meu lado.

— Nada interessante — digo em voz baixa, enfiando o desenho sob o travesseiro. Então surge uma dúvida: por que meu pai teria trazido este desenho consigo? Pela mesma razão que eu trouxe a estatueta da Feiticeira, para dar sorte?

— Você vai tentar pegar o lugar de Addie? — Bea pergunta. Sua alegria é contagiante para os outros, mas irritante para mim. Balanço a cabeça, mas ela continua: — Lady Verissa está desesperada. Primeiro foi Addie, então a Rainha recusou todas as garotas que Verissa enviou no lugar dela. Fez elas passarem por um teste.

Uma ideia começa a tomar forma.

— Que tipo de teste?

Bea revira os olhos.

— Não faço ideia. Imagino que ela não queira criadas *provincianas.* Verissa mandou várias garotas para serem entrevistadas, mas todas foram rejeitadas depois de responder errado às perguntas. Acho que fizeram de propósito.

— Por quê? — pergunto, embora já saiba a resposta.

— Por causa do que aconteceu com Addie, claro. Quem quer ser banida ou executada? — ela pergunta, estremecendo, então vira o corpo para me avaliar. — Mas aposto que a Rainha gostaria de você, se quiser tentar. E bonita, mas não tímida. E logo não vai sobrar mais ninguém.

Ela levanta em um salto e segue para sua cama do outro lado do quarto sem se despedir. Antes que eu possa deitar, o cabelo loiro e escorrido de Ingrid e seu rosto orgulhoso aparecem de ponta-cabeça do colchão acima do

meu. Desde que viemos juntas a Everless, ela me oferece conselhos não requisitados.

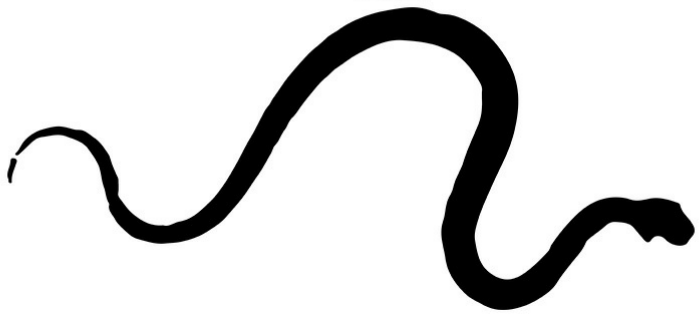
— Aquela lá é ousada demais — ela comenta.

A sugestão de Bea cria raízes em minha mente. Nunca vou conseguir me aproximar da Rainha trabalhando na cozinha; teria sorte de ouvir sequer um trecho de suas conversas entre taças de vinho.

Se pretendo descobrir o que meu pai queria no cofre e como isso se relaciona com seus avisos sobre a Rainha, seria útil estar mais perto dela. Uma vozinha interior me lembra de que farei o exato oposto do que meu pai desejaria, mas será que consigo ignorar as perguntas que comecei a remoer no coração? Além disso, o que tenho a perder agora que já perdi tudo?

Com esse pensamento, deslizo em silêncio entre a coberta e o colchão, como uma faca em sua bainha.

11



Além de me oferecer seu quarto quando Papai morreu, Lora não fez mais nenhuma concessão. Parece que ela, como Hinton, acredita em trabalho árduo como um antídoto para o luto. Tento me perder em minhas tarefas — toda vez que a comitiva da Rainha pede algo da cozinha, eu me ofereço para entregar, sempre encontrando uma porta fechada e um guarda inexpressivo —, mas não importa quanto me canse durante o dia, tentando agradar a Lora e ruminando sobre a Rainha, o sono foge de mim por horas à noite. Os dias são um borrão, mesclando-se uns aos outros. Não sei em que dia da semana estamos quando Lora me aborda na cozinha com uma expressão preocupada.

— Vou te dar a tarde de folga — ela diz em voz baixa. Quando Ingrid ergue os olhos, curiosa, do legume que está fatiando, Lora rosna: — Volte ao trabalho!

Ela me puxa para o corredor e se inclina para perto.

— Pegue uma carruagem pra Crofton e... pegue as coisas de seu pai que estão com o credor de tempo. — Ela me dá um tapinha com a mão coberta de farinha.

Conforme sigo para os estábulos, imagino o que me aguarda no credor de tempo — meu pai só tinha dívidas. Será que vão me obrigar a assistir enquanto derrubam a cabana telha por telha, tábua a tábua? Será que Duade — se está recuperado depois de sangrarem seu tempo — vai me sangrar na loja, para compensar o que meu pai devia? A ideia dissolve meu luto como um ferro-sanguíneo no chá. Preciso de toda minha coragem para pôr um pé na frente do outro.

Como Lora prometeu, a carruagem está esperando por mim nos estábulos, com meu velho amigo Tam nas rédeas. Ele me dá um abraço rápido e apertado, então talvez tenha ouvido o que aconteceu. Aperta meus ombros para me equilibrar enquanto subimos no assento, e eu me inclino contra seu casaco de lã áspera, desejando absorver parte de sua força.

O dia está mais quente do que o esperado para esta época do ano. A neve se transformou em lama ao nosso redor e alguns pássaros corajosos piam no vento enquanto o sol fraco cintila contra a lama branca e marrom. E quase bonito.

Passou-se cerca de uma semana desde que deixei Crofton, mas parecem anos. Quando finalmente atravessamos o portão quebrado, o muro de pedra baixo me parece patético. Não seria capaz de manter afastada uma vaca. Nas ruas, a cidade está encolhida, silenciosa e cinzenta. Distraída, pergunto-me como seria minha vida e de meu pai se nunca tivéssemos vindo a este vilarejo depois de fugir de Everless, se vivêssemos em um mundo diferente, em que a Rainha nunca tivesse isolado Sempera dos outros reinos para proteger os segredos do ferro-sanguíneo, onde poderíamos caminhar até chegar ao oceano, embarcar em um navio e ir... para outro lugar. Sei que deve haver algum *outro lugar*$_y$ onde não há sangradores nem nenhum Gerling nem a Rainha. Mas a fantasia bate contra os limites de meu conhecimento e se dissolve como névoa.

Quando entramos na cidade, Tam amarra o cavalo a um poste perto da loja do açougueiro. Penso em procurar Amma, mas não tenho forças para contar o que aconteceu. Será que ela já sabe também?

Aceno para Tam, que escova a égua. Fico grata por ele entender, sem que eu precise explicar, que preciso de privacidade.

Paro em frente à loja do credor de tempo e congelo, com a mão na maçaneta. De repente, a gola do vestido preto que Lora me emprestou está apertada demais. Depois de receber meu pagamento, mesmo depois do que dei a Hinton, tenho mais dinheiro na bolsa do que já tive em anos, mas trocaria Everless e todos os seus habitantes pela chance de retornar à última vez em que estive nesta praça. Eu nunca teria ido ao mercado e subido na carruagem. Deixaria Papai vender alguns meses ou o convenceria a me deixar vender os meus. Teríamos sobrevivido, como sempre sobrevivemos.

Reúno coragem e entro na loja — esta pela qual passei milhares de vezes, colando o rosto contra a vitrine, mas onde nunca entrei antes. O interior é apertado e cheira a cobre, o chão de terra está manchado com sangue antigo.

Tremendo apesar do calor da lareira, sigo com a cabeça erguida até o balcão. Um casal mais velho, duas mulheres encurvadas por trabalho demais e anos de menos, inclina-se sobre uma mesinha no canto, revezando-se para cortar as palmas uma da outra e deixar o sangue verter em frascos vazios. Eu me pergunto se estão reservando tempo para os filhos. Elas me observam — com curiosidade e pena — quando me aproximo. Acho que ainda sou jovem demais para um lugar como este.

— Meu pai morreu quatro dias atrás — digo a Edwin Duade, torcendo para minha voz não falhar. — Vim pegar as coisas dele.

Ele ergue os olhos para mim, então de volta a seu livro-razão.

— Nome completo, dele e seu.

Ele não oferece nenhuma palavra de conforto nem banalidades. Noto a linha vermelha que atravessa sua palma — outro lembrete de que, apenas uma semana atrás, tudo era diferente, quando o fato de Liam mandar sangrarem Duade era o bastante para me perturbar.

— Pehr Ember. — Desta vez, minha voz falha. — E eu sou Jules.

Duade desaparece em uma saleta dos fundos e uma lágrima — duas — escapam e escorrem por meu rosto. Enxugo-as quando ele emerge, portando uma carta e uma bolsa de lona do tamanho dos meus punhos — uma bolsa que, pelo tilintar que faz contra o balcão, percebo estar cheia de ferros-sanguíneos.

— Você deu sorte, garota — ele diz. — As dívidas dele foram pagas aos coletores.

Eu pisco, confusa.

— Mas.., por quem?

Ele dá uma risada cruel.

— Está tudo pago, O resto não é da sua conta.

Será que Lora pagou? Mas, mais importante...

— Onde está o resto das minhas coisas?

Ele inclina a cabeça,

— E só ísso.

Eu pisco, sem entender.

— Como assim? — Penso em nossa cabana, nosso lar. — Havia a casa e os desenhos na parede, — isso nunca seria o suficiente, mas... — E um relógio de bolso quebrado. O senhor não pegou?

Ele bufa de novo, fazendo um gesto como se afastasse uma mosca.

— Essas coisas não são suas.

— Como... — As lágrimas ameaçam transbordar de novo. Respiro fundo para me controlar. — Deve haver algum mal-entendido. O senhor disse que as dívidas estavam pagas, o que significa que os pertences dele são meus. — Aperto a borda do balcão. — Não havia mais ninguém, eu era a única família dele.

Duade suspira.

— Descanso é privilégio dos Gerling, querida. Você diz que Pehr Ember era seu pai, mas não tenho nenhum registro disso. Nenhum registro seu.

O silêncio ecoa, quebrado apenas pelo casal que arrasta os pés com seus anos esvaziados. Minha voz saí em um sussurro.

— Nenhum... registro meu?

Ele aponta o envelope no balcão.

— Só isto. Não posso fazer mais nada por você.

Assim que saio da vista dele, paro embaixo do toldo esfarrapado de uma loja e examino a carta. Meu nome está escrito na frente do envelope na letra cuidadosa de meu pai. Minhas mãos tremem enquanto o abro com um dedo e tiro um bilhete. A escrita vira um borrão; enxugo os olhos para ler.

Jules,

Estou partindo para buscar você. Espero que volte comigo e que, amanhã, eu possa jogar esta carta no fogo. Mas Everless é um lugar perigoso, agora mais do que nunca, e devo enfrentar a possibilidade de que eu não vá voltar.

Se isso acontecer e você estiver lendo esta mensagem... gostaria de poder lhe

dar mais que uma carta, minha garota. Você merece muito mais. Mas temo que, no momento, isto seja tudo que tenho.

A esta altura, você pode ter começado a suspeitar da verdade — que não sou seu pai de sangue nem aos olhos da lei. Pedi a Duade que lhe dê meus pertences, mas sei que ele não fará isso. A lei é a lei, como o mundo adora nos recordar. Eu pensava em você como minha filha — você é minha filha —, então nunca disse a verdade a ninguém. Peço que faça o mesmo, Jules. Guarde nosso segredo. A vida será um pouco mais fácil com um nome de família, mesmo que seja o meu.

E lhe direi isto quando a vir, mas caso eu só viva o suficiente para dizê-lo uma vez, deixe-me repetir:fique longe de Everless. Fique longe da Rainha. Não posso explicarem uma carta que talvez caia em mãos erradas, mas, com ela por lá, você não está a salvo. Por favor... sei que deve ter muitas perguntas, mas confie em mim.

Antes de partir, você falou que precisa de mim, mas está errada. Você é forte, corajosa e gentil, e sei que vai seguir em frente quando eu não estiver mais aqui. Cada dia e hora que gastei valeram a pena. Só queria poder ter visto a mulher que você vai se tornar.

Minha garota... você é minha filha e eu, seu pai, em todos os modos exceto por sangue. Nunca se esqueça disso. Guarde nosso segredo e se mantenha a salvo. Amo você.

Papai

Ando pelos becos de Crofton como uma louca, evitando o mercado principal, embora queira ver Amma. Tam pode esperar mais um pouco com a carruagem. Faz um frio congelante apesar do sol em um céu sem nuvens, mas a ideia de entrar em uma loja ou taverna, agindo como se nada estivesse errado, embrulha meu estômago.

Em vez disso, meus pés, ainda doloridos por correr descalça ao lado do lago, escorregam na neve suja. Algumas pessoas passam por mim, mas desviam o olhar e mantêm distância. Posso ver que me temem como eu temia o Fantasma. Devem reconhecer a mesma tristeza selvagem em meu rosto, ver como o sofrimento me despiu de minha humanidade.

Aperto a carta de Papai. As frases giram em minha mente como o refrão de uma música: *Não sou seu pai de sangue nem aos olhos da lei. Não sou seu pai de sangue nem aos olhos da lei.* A cena que Hinton descreveu volta também — as manchas nas mãos dele, seu olhar vazio e drenado de tempo.

Suas palavras, tão cheias de significado, não são as palavras de um homem que perdeu a razão. Embora eu não entenda, sinto que há uma verdade terrível espreitando por trás de suas palavras e entrelaçando-se à tinta.

Sinto suas mãos apertarem meus ombros com força, sacudindo-me e exigindo que eu vá embora — até que percebo que são minhas próprias mãos, meus dedos fincados na pele. Estou tremendo, mas não tem nada a ver com o frio.

A bolsa de ferros-sanguíneos pende como chumbo ao lado de meu quadril. Outro enigma. Talvez Duade tenha se enganado e Papai estivesse guardando esse dinheiro, mas por que não o usou para salvar a própria vida?

Alguém grita meu nome.

— Jules!

Reconheço a voz — é Amma — e me viro.

Ela vem correndo pelo beco, abrindo espaço entre as pessoas que passam de cabeça abaixada e casaco erguido sobre o rosto. Seu avental de açougueira manchado está enrolado sob um braço. Ela para a dois passos de mim, o outro braço estendido para me abraçar, então examina meu rosto.

— Jules — ela sussurra. — O quê...? — Aconteceu alguma coisa em Everless?

Não consigo falar, mas a compaixão em seus olhos faz as lágrimas transbordarem de povo. Por um momento ela me observa horrorizada, então pega meu cotovelo e me guia até uma porta próxima, onde nos encolhemos. Ela coloca um braço ao meu redor e me puxa para um abraço. Minha voz ainda está fraca, então só estendo a carta.

Seus olhos correm pelas palavras e se enchem de lágrimas como os meus.

— Ele deve ter vendido seu tempo — ela sussurra, chocada. — Sinto muito, Jules.

Minha voz falha.

— É mais que isso — digo, rouca de chorar. Mas as próximas palavras ficam presas na garganta. Como posso explicar a verdade a Amma? Que ele passou suas últimas horas viajando até Everless e que então, quando ignorei seus apelos para voltar para casa, tentou invadir o cofre dos Gerling por motivos desconhecidos? Que, por causa disso, morreu ao lado dos muros da cidade, apenas com a companhia de um garoto desconhecido?

Temo que ela vá me dizer o mesmo que Lora: *A mente flui das veias com os anos*.

— Eu preciso dele — declaro apenas, as palavras saindo com um soluço.

Ela me puxa para um abraço. Agora, mais perto, sinto o cheiro de sangue animal, mas não importa — ela é como terra firme e estou me afogando. Soluços sacodem meu corpo e ecoam no beco estreito até que fico exausta demais para chorar. Amma mantém os braços ao meu redor enquanto o vilarejo escurece.

— O que ele quis dizer sobre Everless e a Rainha? — ela pergunta depois de um tempo.

Enxugo os olhos.

— Ele nunca gostou dela ou dos Gerling. — *E com um bom motivo; não seriamos pobres se não fosse por Liam,* Mas a carta em minha mão grita que há algo mais. — Mesmo assim... não sei por que ele falou de perigo.

A verdade me arranha por dentro — não sei, não sei.

Amma fica em silêncio por um momento.

— Jules, talvez você não deva voltar.

Eu estremeço.

— Não tenho escolha. — E apenas meia verdade. A ideia de Everless, com sua cozinha quente e fogueiras acolhedoras, é um conforto, mas os Gerling e a Rainha são como veneno. *Perigo,* como disse meu pai. Mas, se for embora, nunca vou descobrir a verdade.

Amma cutuca a bolsa de ferros-sanguíneos presa em meu cinto.

— Para mim, isto parece uma escolha.

Suas palavras pairam no ar entre nós. De repente, a bolsa de moedas parece muito mais pesada conforme assume um novo significado — um novo

futuro, talvez. O que eu poderia fazer com os anos guardados ali?

— Você não tem que voltar — diz Amma, seu rosto se iluminando com as possibilidades. — Alia escreveu para mim falando que quer voltar pra casa. Ela odeia aquele lugar e ganhou o suficiente pra ficarmos tranquilas por uns meses. — Ela para, com a voz embargada. Eu me pergunto se Alia ainda tem medo de que o espírito do Alquimista a persiga pelos corredores de Everless ou se é outra cosia. — Eu estava errada, Jules. Everless não vale a pena. Pra que servem os anos se você vai gastá-los daquele jeito?

Possibilidades cruzam minha mente também, seu brilho esmaecido pelo luto. Eu poderia voltar para Crofton, alugar uma nova cabana e usar o dinheiro para começar um cultivo. Poderia voltar para a escola e aprender uma profissão. Poderia viajar e tentar a sorte em alguma das outras cidades prósperas no litoral de Sempera, finalmente ver o oceano.

Ou... poderia voltar a Everless. Trabalhar duro enquanto fico ouvindo pelos corredores como eu fazia com Roan e torcer para que algo me guie até a verdade escondida na carta de meu pai. Depois que Lady Gold se casar, a Rainha vai voltar a seu palácio à beira-mar. Se não agir agora, perderei minha chance.

A cabana seria vazia e desolada sem Papai, assim como todo o vilarejo. E não consigo me imaginar viajando a qualquer lugar se ainda estiver remoendo as dúvidas sobre as últimas ações dele. Preciso entender por que fez o que fez e por que me alertou para ficar longe da Rainha. Na verdade... Um arrepio desce por minha espinha quando percebo que já sei qual deve ser meu primeiro passo: substituir Addie na comitiva da Rainha. E se eu for banida também... bem, já sobrevivi antes.

— Não tenho que voltar — digo, com a voz baixa e rouca. — Mas quero.

Tiro a bolsa de ferros-sanguíneos do cinto, enfio alguns no bolso e estendo o resto para Amma.

Seus olhos ficam severos imediatamente.

— Jules, não.

— Não preciso mais deles — falo. — Pegue por Alia, se não quiser por si mesma.

É isso que a faz aceitar o dinheiro. Conheço Amma o bastante para saber

que ela é como eu — orgulhosa, mas não tanto a ponto de não fazer o que é certo para sua família.

A minha se foi, a dela, não.

Amma fecha os olhos e lágrimas escorrem por seu rosto.

— Obrigada — ela sussurra, enterrando o rosto em meu ombro. — Obrigada, Jules.

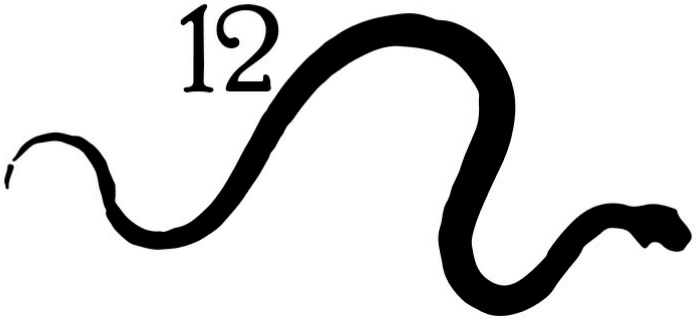
Apoio a cabeça delicadamente contra a dela. Queria tanto que isso me bastasse, que eu pudesse fazer o que meu pai queria — deixar as perguntas enterradas entre as pedras de Everless ou voar como um pedaço de seda no vento. Eu poderia seguir em frente com a vida aqui, com nossa cabana e o jardim, com a escola e minha amiga.

Mas o mistério do aviso de meu pai, suas mãos manchadas e sua morte me deixariam louca.

Vou voltar. Preciso voltar.

Tenho negócios inacabados com a Rainha.

12



Quando Tam e eu passamos pelos portões de Everless, ele me deixa nos estábulos com um saco de papel cheio de doces de mel que pegou com o padeiro.

Os dormitórios estão vazios, exceto por uma mulher deitada em sua cama na parede oposta, enrolada em um cobertor e respirando com dificuldade — deve estar doente, ou Lora já teria vindo aqui sacudi-la. Preciso de toda minha força de vontade para não me enfiar embaixo do cobertor fino e esquecer o mundo. Os segredos de Papai são um peso esmagador sobre meus ombros. Não sei o que fazer, senão bater na porta da Rainha e exigir uma resposta. Minha única escolha é tentar passar em seu teste tolo, se é que vou conseguir uma audiência. Se passar, talvez tenha permissão para servi-la.

Mas o dia de folga da cozinha é uma dádiva. Se pretendo descobrir algo sobre a Rainha antes de me aproximar, preciso começar agora.

Coloco meu melhor vestido — lã azul com mangas longas em vez do marrom na altura dos joelhos que uso na cozinha, Com minha touca de criada, espero conseguir me passar por uma das serviçais dos andares superiores. Roubo um avental e um pano de pó do armário no corredor e sigo para a biblioteca, sabendo que se for descoberta serei açoitada — ou pior.

Digo a mim mesma que, com sorte, ninguém vai reparar em mim, e tento não pensar sobre o fato de que nunca tive sorte.

Quando Papai e eu morávamos em Everless, ele tinha permissão para usar a biblioteca — falou aos Gerling que precisava pesquisar técnicas de forjar ferro, mas na verdade me levava lá à noite para ler livros de história à luz de

velas. Era um dos meus cômodos preferidos — as estantes altas como um prédio de dois andares, o chão de madeira escuro e polido com traçados de ouro, o silêncio aconchegante pontuado apenas por páginas sendo viradas e sussurros maravilhados.

Agora está quase vazia, cortada por raios longos e sombras ainda mais longas do pôr do sol visto pela janela oeste. Alguns nobres estão espalhados pelas mesas e cadeiras, lendo ou escrevendo cartas. Um homem grande cochila em uma enorme poltrona de couro estufada. Ao contrário de quando eu era criança, o silêncio não promete histórias a serem contadas e o ar não estala com magia, efervescente como névoa após a chuva.

Felizmente, a disposição do cômodo ainda é familiar. O grande espaço principal está cercado por entradas para corredores e reentrâncias, seus conteúdos proclamados em placas de bronze acima das entradas. Percebo que não faço ideia de por onde começar. Na escola de Crofton, só ouvíamos coisas reverentes sobre a Rainha: sua grande beleza, sua vitória sobre os invasores, sua sabedoria no trono. Nada que possa explicar por que meu pai teria medo dela.

Examino as placas — *Fábulas populares*, *As terras dos Gerling, Economia* - até ver uma onde se lê *História*, do outro lado da sala. Parece um bom lugar para começar. Contorno o cômodo, fingindo ter um objetivo e ao mesmo tempo tentando permanecer invisível, e entro no corredor em questão.

Livros me cercam dos dois lados, seus títulos dourados reluzindo na luz fraca. Abro um chamado *Histórias de Sempera* e começo a ler na metade de uma página.

> *Segundo o relato de um oficial da Marinha Real a Rainha de Sempera cortou pessoalmente a garganta dos invasores, com uma lâmina que diziam ser capaz de absorver qualquer magia no sangue das vítimas, e que lhe foi dada pela Feiticeira. Ela fez sua credora de tempo, uma mulher encapuzada que caminhava a seu lado pelo campo de batalha, sangrar os homens caídos, extraindo ferros-sanguíneos enquanto seus companheiros eram obrigados a assistir — e esperar sua vez.*

Fecho o livro e o seguro perto do peito, tremendo apesar do calor da sala. Papai nunca me contou muito sobre as invasões e rebeliões que ocorreram no primeiro século da era do ferro-sanguíneo, depois que a magia da Feiticeira e do Alquimista se espalhou pela terra, mas o avô adotivo de Amma dizia que um dos ancestrais deles lutara no exército da Rainha. Com frequência, eu ia até a cabana de Amma e sentávamos na frente da poltrona dele para ouvir o velho contar histórias de ladrões sangradores, membros cortados e cabeças decepadas, até que Amma implorava para ele parar. Os invasores, segundo ele, teriam matado todo mundo em Sempera e levado o ferro-sanguíneo pelo mar, mas a Rainha ordenou que seu exército consumisse o ferro-sanguíneo dos derrotados e se tornasse poderoso.

Ainda apertando o livro, olho ao redor em busca de um lugar para sentar e ler. Então o vejo: Liam Gerling, sentado a uma mesa em um balcão acima de mim e inclinado sobre uma pilha de papéis.

Congelo, o coração disparando. Se ele olhar para baixo, me verá através das barras de madeira polida do parapeito. Devagar, para não atrair atenção, recuo para as sombras de uma estante alta.

Dividida entre fugir e continuar minha pesquisa, eu o observo com atenção. Mesmo se não reconhecer meu rosto, vai notar uma criada lendo em vez de limpar, mas ele não parece estar reparando em nada. Sua testa está franzida em concentração e ele balança a perna impacientemente, como se estivesse frustrado com o que lê. De vez em quando, contrai o rosto, rabisca algo em seu caderno e volta a ler.

Ver suas feições afiadas — há tanto tempo tema de meus pesadelos — faz a raiva se erguer em mim, rápido como as chamas do fogão da cozinha. A lembrança de nossa expulsão de Everless volta em imagens dispersas, explosões de som e calor.

Lembro de vê-lo empurrar Roan para o fogo. Então houve um momento estático como a pausa entre o raio e o trovão — e as chamas rugiram da fornalha como se estivessem vivas, saltando no ar. Lembro do terror nos olhos de Roan.

Fecho os olhos devagar, tentando afastar a lembrança, e as abra outra vez. O que quer que Liam esteja lendo com tanta atenção deve ser importante. Desde que retornou da academia no final do verão, ele assumiu um papel

mais ativo na administração da fortuna dos Gerling e dos negócios de Everless em geral — pelo menos, é o que concluí com base nos resmungos dos criados. Será que a família o teria aceitado de volta se soubesse o que ele tentara fazer com Roan? Será que o próprio Roan se lembra do dia em que quase morreu?

Um criado — Stefan, se não me engano — passa por mim e sinto o cheiro de seu perfume. Ele me espia por cima do ombro com os olhos estreitos de suspeita. O ar fica preso em meu peito, mas o rapaz segue em frente e sobe as escadas no final do corredor. Aproxima-se de Liam e dá uma batidinha em seu ombro.

Liam ergue a cabeça bruscamente, o rosto contorcido de irritação, e o criado murmura algo. Ele suspira e abre uma gaveta, guardando o livro e o caderno e a trancando em seguida.

Estou prestes a me virar quando Liam se levanta e outra coisa atrai meu olhar — uma mancha de cor estranha. Suas palmas parecem ter sido encharcadas em vinho.

As palavras de Hinton flutuam à superfície de minha mente. *Suas mãos tinham manchas roxas*. As mãos de Papai.

Antes que eu possa refletir, meus pés começam a se mover. Enfio o livro de volta na estante e sigo Liam e o criado quando saem da biblioteca, Liam na frente.

Mantenho sempre metade de um corredor entre nós enquanto os sigo, os olhos fixos no longo casaco de Liam, Estamos andando por um dos corredores principais de Everless, povoado por lordes e senhoras voltando a seus aposentos após a refeição noturna, deslumbrantes em seda e veludo e cambaleantes de tanto beber. Mantenho os olhos abaixados e torço para ninguém gritar comigo. Liam ignora todos os cumprimentos que lhe fazem.

Por fim, o corredor se estreita e esvazia e eu fico ainda mais para trás. Minhas palmas suam de ansiedade. À minha frente, os dois homens viram em um corredor e, alguns segundos depois, seus passos param. Também diminuo o passo e dou uma espiada pelo canto. Eles pararam diante de uma porta grande de mogno entalhado. Olho ao redor: as tapeçarias são menos luxuosas que em outros lugares de Everless, mas também mais antigas e elegantes, com elaborados padrões geométricos. Minha respiração se acelera. Eu não deveria

estar aqui; se for pega...

Inspiro devagar para me acalmar, segurando o fôlego com os pulmões cheios — como meu pai me ensinou a fazer quando acordava, suando, de pesadelos infantis. E uma habilidade que venho praticando muito nos últimos dias. Dois pesadelos recorrentes voltaram desde que retornei a Everless — um sobre a noite em que Papai e eu fomos banidos, e outro, mais estranho, sobre uma garota que me segue com uma faca, seu rosto sempre nas sombras.

Liam e Stefan falam com dois homens no corredor — um dos quais reconheço como um coletor de impostos, praticamente indistinguível do homem que visitou Papai e eu em nossa cabana.

Deve ser aqui — o cofre em que os Gerling mantêm sua fortuna. Sempre os imaginei devorando o tempo de Crofton em uma sentada por mês, como porcos se refestelando em um cocho. E claro que um Gerling teria que estar presente quando os impostos são transferidos para o cofre e não deveria me surpreender o fato de ser Liam. Roan não parece o tipo de pessoa que gostaria de passar a tarde contando dinheiro em uma torre cheia de correntes de ar.

Recuo para trás de uma parede e me esforço para ouvir suas vozes e o tilintar de ferro-sanguíneo. Então a conversa cessa por um momento e há um rangido alto e o arranhar de uma porta contra o chão.

— Suba — Liam ordena. Sempre fico surpresa com sua voz grave. — Eu o encontrarei em breve.

Pressiono as costas contra a parede, as batidas de meu coração implorando que ele suba também, para que eu consiga dar uma olhada no cofre. A ideia de entrar ali me atrai e me enche com uma mistura de horror e fascínio.

Então Liam vira o corredor e me surpreende ali com um olhar penetrante.

A distância seria suficiente para fugir, se eu conseguisse me mexer, mas o choque congela minhas pernas. No tempo do que parece uma única batida do coração, ele vem até mim.

— Você está nos seguindo desde a biblioteca — ele diz. Sua voz é calma, mascarando a raiva que enruga a pele ao redor dos olhos. — Por quê?

Abro a boca, mas não sai nada. Agora que ele está realmente olhando para mim, meu terror de ser reconhecida ressurge. As lembranças voltam a cruzar minha mente — o brilho do metal derretido, meu próprio grito nos ouvidos e

a fumaça acre.

Mesmo que ele não me reconheça, estou em um lugar onde não deveria estar. Penso em Ivan e em sua lâmina.

Fui muito, muito tola por segui-lo.

Mas me obrigo a encarar seus olhos, tentando deixar minha expressão neutra e destemida. Enfio a mão no bolso e puxo a primeira moeda que meus dedos encontram — um ferro mensal do fundo que Duade me deu em Crofton. Um instinto enraizado grita para eu não dar o dinheiro, mas eu o solto na mão de Liam, que está cheia de ataduras, a ponta dos dedos manchada de roxo.

— Eu o vi derrubar isto na biblioteca — explico. Então, fingindo curiosidade: — Precisa de algo para a mão, senhor? Temos hamamélia na cozinha.

Seus olhos se estreitam. Ele fecha o punho ao redor da moeda e a guarda sem tirar os olhos de mim.

— Imagino que saiba onde estamos — ele diz.

Por um momento, considero mentir de novo — então penso melhor e percebo que Liam perceberia.

— No cofre.

— E ouviu histórias sobre este lugar, correto?

Assinto lentamente, sem saber aonde ele quer chegar. Sua voz é baixa e perigosa.

— Pois bem — ele diz. — O que ouviu?

— Se alguém que não for um Gerling tentar entrar, a porta suga todo o seu tempo através dos dedos.

Ele ri — um ruído rouco, como se tivesse um espinho preso na garganta.

— Você vai tentar mesmo assim? — ele pergunta.

— Não — respondo depressa e com firmeza, embora não saiba se é mentira.

— É verdade que a porta exige tempo para entrar, e nunca se sabe quanto — Liam continua, uma ameaça subjacente às palavras como um trovão

distante. — Pode ser um dia ou cinquenta anos. E quando o mecanismo te sangra, mancha suas mãos. Assim. — Ele ergue as suas. — É para mostrar quando alguém abriu o cofre de Everless... ou tentou abri-lo. Mas esta é a menor das suas preocupações. O capitão Ivan vai fazer coisa pior se te encontrar onde não deveria estar.

Mal ouço o aviso — minha mente está girando enquanto penso na mancha nas mãos de Papai. Então é verdade que o cofre exige um preço — e Papai estava quase sem tempo. Isso explicaria porque morreu logo depois de passar dos muros de Everless. Porque a sopa que lhe dei não salvou sua vida.

Mas não importa quão desesperado estivesse, meu pai não roubaria ferros-sanguíneos nem joias. O que quer que tentou tirar valia mais que sua vida.

— Qual é o seu nome? — Liam pergunta.

— Jules — murmuro, ainda pensando sobre as mãos manchadas de meu pai. Então percebo o que revelei.

Encaro Liam. Estou perto o bastante para ver que seus olhos estão vermelhos. *Jules é um nome comum*, penso desesperada. Ele não tem por que fazer a conexão com algo que aconteceu dez anos atrás.

— Você também estava na biblioteca — ele diz. — Mais um lugar onde não deveria estar.

Seu tom é casual, como se não estivesse fazendo uma ameaça, só uma afirmação. Preciso de um momento para processar o perigo que estou correndo.

— Eu... eu estava procurando um livro — balbucio sem pensar. Eu deveria ter falado *limpando*, mas talvez tenha sido melhor porque ele teria lido a mentira em meu rosto. — Gosto de ler. — Amaldiçoo minha lentidão e recuo um passo, querendo escapar.

— Lorde Gerling! — chama uma voz.

Aproveito o momento para dar outro passo para trás.

— Boa noite, senhor.

— Espere. — Ele estende a mão e agarra meu pulso. Seus olhos estão levemente frenéticos, o preto nas pupilas se espalhando para as iris escuras. Pressentindo o perigo, estanco e torço para que ele não sinta meu pulso

acelerado sob a pele.

— Que livro? — ele pergunta. Quando o olho confusa, ele emenda: — O que você estava procurando na biblioteca?

— Ah. — Penso, desesperada, mas os títulos de todos os livros que já li desaparecem de minha mente. Não sei o que ele pensaria se eu contasse que estava estudando a Rainha. — Nada importante, só um livro infantil. — Uma lembrança distante emerge. — O *conto de Elisa*...

—... *a Viajante* — ele completa. Seus olhos estão fixos nos meus, ainda selvagens e atentos demais, e sua cabeça está inclinada. — Eu conhecia uma garota que amava esse livro. — Um tom estranho em sua voz faz minha nuca se arrepiar.

Então algo muda: sua postura fica mais rígida e ele recua.

— Criados não devem ser curiosos — ele diz. — Se for encontrada de novo onde não deveria estar, vou denunciá-la ao capitão Ivan. Sugiro que não me teste.

Suas palavras são afiadas. Embora um momento atrás eu estivesse tentando escapar, agora estou parada em choque.

Não falo nada, só dou meia-volta e me afasto.

A raiva faz minhas mãos tremerem enquanto caminho — quase correndo, desesperada para me afastar o máximo possível de Liam dentro dos limites de Everless. Por um momento, quando ele se lembrou do nome daquele livro, quase esqueci quem ele era — o garoto que nos fez ser banidos de nosso lar para encobrir sua crueldade. A fonte de nossa ruína.

Jamais devo esquecer de novo.

Curvo a cabeça para passar por uma entrada para os corredores dos criados, ansiosa para sair de vista. Ao contrário dos corredores principais, com seus tapetes luxuosos e a luz do sol entrando pelas janelas altas, estes são estreitos e sinuosos, escuros e protegidos. Também são familiares e tenho a vontade súbita de ser engolida por eles. Não vejo a figura que está vindo da direção oposta até colidirmos, os ombros batendo com força um contra o outro. Eu tropeço e perco o equilíbrio.

— Desculpe — murmuro, levantando-me depressa. Então vejo o casaco de

veludo do homem. A pessoa que quase atropelei não é um criado.

De repente, as mãos de Roan Gerling seguram meus braços e me erguem.

Seus olhos se arregalam quando vê meu rosto e o ar fica preso em minha garganta.

O casaco de Roan está torto, seu rosto corado e seus olhos brilhantes. Ele dá meio passo para trás para me ver melhor, inclinando a cabeça de lado. Então, devagar, sua boca se curva em um leve sorriso.

Sei que deveria abaixar a cabeça e fugir, mas uma parte de mim está gritando para Roan finalmente me ver e se lembrar de mim. Seu rosto está tão cristalizado em minha mente que é difícil acreditar que ele pode olhar o meu e não se lembrar de meu nome também.

— L-Lorde Gerling — digo, enrolando a língua. Faço uma mesura, sentindo o rosto queimar. — Perdoe-me.

— Não tem problema. — Sua risada me convida a olhá-lo, então é o que faço. E difícil evitar, com seus olhos atraindo os meus como um ímã. — Aonde vai com tanta pressa?

Eu pisco.

— A lugar nenhum, milorde.

Isso o faz rir. Então ele para de repente e estuda meu rosto.

— Você ajudou na chegada da Rainha — ele diz. — Pegou as coisas dela quando caíram.

Não é o reconhecimento que eu esperava, especialmente depois que ele piscou para mim no jardim, mas aceito de todo coração. Talvez ele não se lembre de mim de verdade, mas reconhece meu rosto.

— Sim, senhor.

— Qual é o seu nome? — ele pergunta devagar, inclinando a cabeça como se observasse algo quase reconhecível.

Meu coração dá um salto. Devo contar a verdade?

Liam talvez saiba quem sou; é ele quem me odeia. Se vou sofrer alguma consequência por meu descuido, ela já está a caminho. E nada acontecerá a meu pai — é tarde demais para isso.

— Jules — respondo, apertando os lábios com medo de que as palavras se agitando em meu peito voem para fora da boca.

— Jules — Roan repete. — A filha do ferreiro.

Minha boca se abre quando o escuto dizer meu nome, íntimo e precioso. Eu a fecho depressa.

— Éramos amigos — digo baixinho.

— É claro. — O sorriso retorna a seu rosto. — Brincávamos de esconde-esconde na árvore do jardim norte.

Em um segundo, a lembrança me preenche — o verão, o cheiro de grama cortada, uma brincadeira ofegante, a mão de Roan sobre a minha. Dou um aceno, sem conseguir falar.

— Vi você na festa. E naquela noite nos corredores...? — Roan fala a última parte com cuidado, hesitante em discutir em público meu coração partido. Meu primeiro pensamento é: tomara que ele não pense que estou apaixonada por outra pessoa. Meu rosto queima com minha tolice. No entanto...

Não, não importa, digo a mim mesma. Ele vai casar com a filha da Rainha.

— Eu sabia! — Ele dá um passo à frente, ainda sorrindo. — Você era tão misteriosa. Um dia sumiu do nada.

— Eu não queria ir embora — explico, tentando manter a voz firme. Em outro mundo, perguntaria: *Você procurou por mim?*

Uma vida inteira, repleta com lembranças diferentes, desdobra-se em minha mente — uma vida em que não saí de Everless — e depois desaparece de uma vez.

Do que Roan se lembra? O que posso dizer a ele que explique tudo e não revele nada?

— Meu pai... ele...

— Meu irmão expulsou vocês, não foi? — Ele sorri, mas não consigo identificar se está brincando. Antes que eu possa responder, Roan abana a mão como se pudesse apagar o passado com um gesto. — Não importa, agora você está de volta.— Em um movimento tão rápido que quase não vejo, ele me olha dos pés à cabeça e sinto um calor desabrochar na barriga. — Onde

eles te puseram, Jules?

— Na cozinha. — E um posto muito mais humilde que o de ferreiro e sinto o rosto ficar vermelho de vergonha.

Roan estala a língua e vem mais para perto. Sinto o calor de sua respiração contra meu pescoço. Se fosse outra garota, poderia estender os dedos e tocá-lo.

— Desculpe por trombar com você — ele diz após um momento. — Estava com pressa, tenho uma audiência com a Rainha.

Mas ele não faz menção de ir embora e fico chocada ao perceber que está corado. Combinado com a falta de seu sorriso descontraído de sempre, isso o faz parecer vulnerável e juvenil.

— Bem — ele diz. — E melhor eu ir, não quero me atrasar.

— Espere — falo de repente. Minha voz sai alta, quase como uma pergunta. Roan se vira para mim. — Seu casaco, senhor.

Roan olha para baixo e vê o casaco desalinhado, os botões presos nos buracos errados. Tenta arrumá-los e se atrapalha em sua pressa.

Sem pensar, dou um passo à frente para ajudar — então percebo o que estou fazendo e sinto o rosto queimar. Mas ele abaixa as mãos e abre espaço para mim. Seria estranho parar agora, então continuo. Sinto o calor do corpo dele através da camisa e do colete.

— Obrigado, Jules — ele fala suavemente.

Um aroma leve e familiar de lavanda emana dele e percebo que Roan devia estar com Ina Gold. Os botões tortos, seu rosto corado... sinto um aperto no coração. Eu me afasto depressa e inclino a cabeça.

— Pois não, milorde. — O nó em minha garganta distorce as palavras, mas Roan não parece notar.

Em vez disso, segura meu braço, e sinto seu aperto firme e gentil através da manga do vestido. O interrogatório de Liam alguns minutos atrás parece uma lembrança distante.

— Você tem um olho afiado — ele diz, com um sorriso brincando nos lábios. — Espero que a gente se encontre de novo.

Quando? quase pergunto, mas outra ideia desabrocha em minha mente.

— É possível — digo.

Ele ergue as sobrancelhas e seu sorriso cresce.

— Como assim?

Minha esperança também cresce. Nunca pensei que teria um caminho direto até a Rainha e agora ele está diante de mim na forma de Roan Gerling.

— Eu gostaria de me candidatar para a posição de Addie, a garota que foi banida pela Rainha — explico depressa. O sorriso dele vacila. — Sei que não há muitas garotas disponíveis e ouvi que... — Roan fica pálido, então tento outra tática. — Queria estar na comitiva de Sua Majestade, para servir Ina. Acabei de vir da biblioteca, estava estudando. Sei tão pouco da história dela... — Tento canalizar para a voz todo o desejo que ele acendeu em mim, como se meu maior anseio nos últimos dezessete anos fosse atender às vontades da filha da Rainha.

Seu sorriso retorna e o afeto em seu olhar me acalenta.

— O teste é só uma formalidade, Jules. Uma bobagem, se quer saber minha opinião. A Rainha não estará aqui amanhã, mas vou te recomendar para Caro, sua criada pessoal. É ela quem decide quem se aproxima de Sua Majestade, e não um teste qualquer — ele explica, com uma nota de orgulho na voz. Então dá um passo para trás e inclina a cabeça de novo (um hábito que adquiriu em algum momento nos últimos dez anos), como se estivesse procurando uma resposta. — Na verdade, por que não serve o café da manhã para Ina e eu, para que ela possa ver como você é adorável? Eu te chamo quando tivermos uma manhã livre.

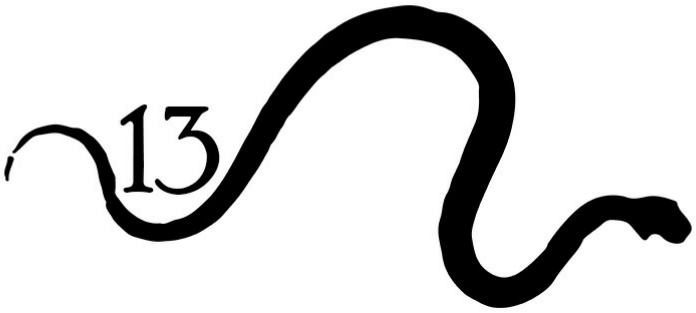
— Obrigada, milorde — sussurro, com o coração acelerada!

— Jules, me chame de Roan — ele me corrige.

— Lorde Roan — digo, permitindo-me um sorrisinho torto.

Sua risada, longa e alta, ecoa no corredor estreito

— Estou encantando, por te encontrar, Jules. — Ele se inclina para falar perto de meu ouvido. — Mais do que você imagina.



Roan mantém sua promessa. Na manhã seguinte, antes que o céu vermelho fique amarelo, ele manda me buscar. Devagar, tiro a farinha do cabelo na água morna de uma bacia e pego o vestido de lã azul embaixo do travesseiro, abotoando-o até o queixo — tudo em preparação para conhecer Ina Gold.

Quando estou saindo, Bea ergue as sobrancelhas e dá um assovio baixo.

— Pra quem está se arrumando, Jules?

As outras garotas interrompem o que estão fazendo para ouvir.

— Vou servir Ina Gold esta manhã — eu conto, embora as palavras pareçam não vir de mim. Bea bate palmas em alegria, mas reparo que as outras garotas arregalam os olhos e subitamente começam a arrumar camas que já estavam arrumadas.

Assim que chego à cozinha para contar a Lora — e antes que eu possa falar qualquer coisa — ela me pega pelo cotovelo e me arrasta até um canto. Parece perturbada, com o rosto corado e o cabelo frisado escapando debaixo do lenço.

— Jules — ela diz, com a voz tensa. — Venha comigo, querida.

— Mas Lora... — Minha voz sai infantil e faço uma careta. — Lorde Roan me convidou a servir o café da manhã para ele e a filha da Rainha. — Lora recua e me observa, ainda segurando meu cotovelo. — Lorde Roan...

— Bem, Lorde Liam tem um trabalho diferente pra você esta manhã. Reclame com ele.

Mordo o interior da bochecha com força. Jamais reclamaria. Ele é o mais velho e, bem...

Terrível.

Desconfiada, sigo Lora até o caminho para as adegas.

Paro na entrada, ficando rígida ao sentir o aroma úmido e pungente de terra, vegetais e ferro. A última vez que desci aqui foi no dia que descobri Papai amarrotado entre sacos de nabos e batatas. Isso foi há seis ou sete dias? Lora pega meu braço e com gentileza, mas firme, me puxa escada abaixo.

— Você está encarregada da mava hoje — ela diz, evitando meus olhos. — O suprimento de polpa está acabando.

— O quê? — Por um segundo, meu horror instintivo à adega é engolido por uma onda de fúria. Os suprimentos de mava de Everless são mantidos aqui embaixo, bem longe da cozinha, de modo que, lá em cima, não éramos distraídos pelo odor adocicado e enjoativo da fruta, como mel e cobre ou vinho estragado. Para fazer o corante, alguém precisa tirar a casca encouraçada e extrair com as mãos a polpa nociva e abrasiva, o que deixa manchas e cicatrizes. Já vi as vítimas infelizes saindo cambaleantes da adega, atordoadas pelo aroma.

Mas não é por isso que todos temem a tarefa. As frutas às vezes abrigam pequenos escorpiões venenosos, viajantes dos desertas do sul onde a mava cresce. Embora os passageiros clandestinas sejam raros, lembro-me de ir com meu pai ao funeral de uma cozinheira que morreu depois de uma única picada.

Descascar mava é um *castigo*, apenas um passo acima de ter tempo sangrado.

E, ainda por cima — os fatos me esmagam como pedras, — agora sei que a linda cor é usada como uma marca de morte sobre quem quer que ouse abrir o cofre. Pessoas como Papai.

— O que eu fiz? — balbucio, indignada.

Mas é claro que sei: contrariei Liam Gerling.

Lora suspira.

— Não é culpa minha, Jules. São ordens diretas de Liam.

— *Liam,* — O nome escapa de minha boca como veneno, ao mesmo tempo em que o medo me atravessa: se me escolheu para a tarefa, ele se lembra de meu nome e de meu rosto. Uma pergunta cruza minha mente: será que ele sabe que meu pai veio a Everless? As mãos de Papai estavam manchadas por tentar acessar o cofre, que fica sob os cuidados de Liam.

Lora assente, interrompendo meus pensamentos.

— Não sei como você atraiu a atenção dele, mas fique feliz por ele não ter cobrado um dia. Embora não haja muita diferença. Você vai passar um bom tempo aqui embaixo.

Então este é o castigo por minha *curiosidade*. Aperto os punhos, cravando as unhas nas palmas, enquanto tento reprimir a raiva e o medo. Achei que não tinha mais nada a temer depois da morte de meu pai, mas se Liam sabe quem sou — e está se esforçando para me atormentar como posso ficar a salvo em Everless?

E como vou me aproximar da Rainha?

Quando avançamos na escuridão, outro pensamento combate o anterior: Roan também sabe que estou em Everless. A lembrança de nosso encontro, de sua proximidade, é como um talismã, e me agarro a ela. *Mais do que você imagina.*

Os pensamentos se dissolvem conforme Lora me leva à adega. Quando ela abre a porta estreita no fim do corredor, quase desmaio ao ver as pilhas de mava na sala escura e milhares de frutas preto arroxeadas do tamanho do coração de frangos estão empilhadas contra a parede, chegando até o teto, algumas estouradas e vertendo sua polpa brilhante sobre as outras. O cheiro é quase uma coisa física, um muro de ar adocicado e pungente com um sabor amargo por banco, como vinho e vinagre.

A abertura da porta faz algumas das frutas feias e duras rolarem pela pilha. Uma delas para diante de nós e resisto ao impulso de esmagá-la com a bota. Lora tosse ao meu lado, claramente afetada pelo cheiro.

— Suba se começar a se sentir atordoada — ela diz depois de observar a cena por um momento. — Sinto muito, querida. — Mas ela fecha a porta atrás de si, deixando-me apenas com uma tocha tremeluzente.

Depois que é tirada de sua casca protetora, a mava precisa ser mantida

resfriada, então a adega está congelante — meus dentes batem e meus pés estão entorpecidos dentro das botas graças ao chão de pedra gelado. Cada fruta tem uma casca dura como couro, que preciso arrancar sem estragar a polpa no interior. Depois de cinco, as pontas de meus dedos começam a sangrar.

No começo, penso estar me acostumando com o cheiro, mas ele me sobrecarrega de novo à medida que os baldes fornecidos por Lora se enchem de fruta. Minhas unhas se prendem e quebram nas cascas. O suco deixa minhas mãos da cor do vinho. Liam não poderia ter inventado uma tortura mais perfeita para mim: cada vez que abaixo os olhos, me lembro de minha perda e culpa. Imagino que eu poderia voltar ao cofre — e tentar abri-lo enquanto minhas mãos já estão manchadas mas se Liam falou a verdade, talvez isso custasse tempo demais. A porta poderia beber cinquenta anos em um segundo e me deixar desmaiada — ou morta — no chão.

Enquanto peso os riscos, volto à cozinha para levar os baldes de polpa e para comer algo. Lora não me deixa aproveitar o calor, mandando-me para baixo de novo com um pão duro e um pouco de manteiga, seus lábios comprimidos em uma linha dura. Sei que ela está pensando nas histórias de Tam, do pai de Hinton, de todo mundo que contrariou os Gerling. Meu humor fica sombrio.

Em algum momento escuto uma batida na porta. Ergo os olhos e encontro Lora retorcendo as mãos. Meu coração dá um salto quando vejo a preocupação em seu rosto.

— Lorde Gerling está descendo para falar com você. Fique apresentável, rápido. — Ela desaparece.

O medo é rapidamente substituído por esperança. As sensações de meu encontro com Roan no corredor dos criados — sua proximidade e calor — retornam. Talvez ele tenha ouvido o que aconteceu e esteja vindo remediar a situação.

Enxugo a testa na manga, com cuidado para não manchar o rosto, e estou limpando as mãos no avental da melhor forma possível quando escuto outra batida.

A porta se abre e meu estômago despenca. Não é Roan quem chega — em vez disso, vejo o cabelo alisado e a postura rígida e desajeitada de Liam.

Ele estreita os olhos enquanto examina a pilha enorme de frutas, meu avental e minhas mãos manchados. Raiva e decepção me atravessam como uma maré, e uma dúzia de xingamentos pulam para a ponta da língua. Dou um olhar furioso para ele, como se a força de meu ódio pudesse mandá-lo embora.

Ele entra, deixando a porta aberta atrás de si. Está usando um casaco longo para se proteger contra o frio da adega, e suas mãos estão enfiadas sem jeito nos bolsos.

— Lorde Gerling — digo entre dentes cerrados. Ele está a dois passos de mim.

— Jules.

Eu me amaldiçoo por ter dito meu nome. A dureza que ouvi ontem, quando ele me confrontou perto do cofre, sumiu de sua voz. Ele soa mais educado ou... cansado.

— Queria ver como você estava — ele declara, então emenda: — Como estava indo o trabalho.

— Que gentil — resmungo. Quero me encurvar, deixar os ombros caírem e cruzar os braços para me esconder de seu olhar direto. Mas me obrigo a sentar reta e encará-lo diretamente. Não quero demonstrar nenhuma fraqueza.

O olhar dele vai além de mim até a pilha de mava, os baldes cheios e as cascas descartadas no chão.

— Eu não sabia que... era tanta coisa. — Ele parece um pouco arrependido.

— Talvez devesse parar de interferir com assuntos que não entende — deixo escapar.

— Eu poderia te dizer o mesmo — ele retruca, seus olhos faiscando no escuro. Então ele pisca. Passa-se um segundo, dois, e ele solta o ar, contendo sua fúria.

Ele se abaixa para pegar uma fruta que rolou da pilha e parou a seus pés, endireita-se e a considera.

— Mostre pra mim — ele ordena.

— Como... descascar mava? — Minha voz sai mordaz e incrédula, mas ele só assente. Posso sentir meu rosto esquentar de frustração e espero que a luz baixa a camufle. Será que ele veio só para avaliar minha técnica?

Furiosa, pego uma fruta da pilha. Ele se aproxima, observando com interesse enquanto demonstro a habilidade que desenvolvi nas últimas horas — primeiro encontro o veio no topo, por onde a fruta foi colhida do arbusto, e a abro no meio com as unhas. Liam imita meus movimentos com a sua fruta, mas faz força demais e o suco espirra e mancha seu casaco. Ele franze o cenho.

Solto o ar com cuidado. Se abrir a boca, minha raiva vai transbordar ou vou falar algo revelador, e Liam Gerling já sabe demais sobre mim. Pego outro punhado de mava da pilha e começo a descascá-las, mas pelo canto do olho vejo que Liam está me observando. Fico focada no trabalho espero ele falar primeiro.

— Sobre ontem — ele diz, por fim, soando inseguro — Fui grosseiro sem necessidade. Você me surpreendeu.

A meia desculpa é um choque, mas fico em silêncio. Sei que fui descuidada ao deixar que ele me flagrasse seguindo. Talvez ele pense que, se for gentil comigo, revelarei meus segredos — já vi Ivan fazer o mesmo jogo. Mas eu também posso jogar.

— Sou uma criada, milorde — respondo com falsa alegria. —— Não precisa ser gentil comigo.

— Você não tem medo? — ele pergunta calmamente.

A questão é inesperada.

— Como assim? — Por um momento, esqueço de deixar minha voz fria.

— Quer dizer... — Ele para e começa de novo. — Os criados morrem de medo desta tarefa. Dizem que o escorpião rouba todo seu tempo com uma picada. — Ele joga fruta em um balde. — Mas, sabe algumas pessoas no litoral os comem. Acham que se pegarem um que picou alguém, vão ganhar uma vida inteira.

Lembro de Liam quando era criança, sempre pronto para corrigir alguém, usando uma informação inútil que lera em um de seus livros que antes era apenas irritante, agora ele está usando como arma. Desta vez, deixo a raiva

saturar minha voz.

— Foi você que me mandou pra cá, lembra?

— Você não respondeu à minha pergunta. — Liam aperta uma fruta na mão, então abre os dedos para me mostrar. — Não tem medo do que pode estar escondido aqui?

A pergunta se assenta pesadamente na sala enquanto ele pega outra fruta e a abre em silêncio. Penso nos ferros-sanguíneos que passam por suas mãos — mãos manchadas da cor do vinho. Algo me diz que ele não está falando apenas sobre a ameaça do escorpião.

Eu pisco.

— Não — digo, no tom mais neutro possível. — Você tem?

Liam sorri, seus dentes brancos na penumbra.

— Às vezes, sim.

Suas palavras pairam ao nosso redor, fazendo algo se remexer dentro de mim. O que Liam Gerling tem a temer? E mais importante...

— Por que está me punindo? — Quero que ele admita. Liam Gerling é tão sovina com informações quanto sua família é com ferros-sanguíneos.

— Você quebrou uma regra da casa — ele responde. — Poderia ter sido pior.

Mas sei que é mentira. *O conto de Elisa, a Viajante* era meu livro preferido na infância. Ele se lembrou disso, lembrou-se de *mim.* O ódio que sente por mim queimou tão forte durante todos esses anos quanto o meu por ele — exatamente como meu pai disse, — embora eu não possa imaginar por quê. Para um homem de sua posição, não sou nada. Só mais uma garota de Everless.

— Por que você está aqui, Jules? — ele pergunta, a escuridão em seus olhos aumentando de alguma forma. Fico perturbada ao perceber que poderia afundar naqueles olhos como na lama grossa no coração da floresta; são calados e profundos, capazes de prender uma pessoa até ela morrer de fome.

— Para ganhar tempo.

— Onde está seu pai? Peter, não é?

Eu me ergo em um pulo, apertando os punhos e espalhando mava, que cai de meu colo para o chão.

— Você sabe o nome *dele* também, maldito — sibilo. Sei que ele está brincando comigo, jogando iscas como faria com um animal, mas não me importo, embora uma voz em minha cabeça grite para que me importe e pare com isso. — Você nunca esqueceu nenhum de nós e nunca nos deixou esquecer o acidente, que foi. — *Culpa sua* é o quero dizer, mas engulo as palavras, novamente com medo. — Por que não vai encontrar outro lugar para ser cruel?

— Cuidado — Liam fala com calma. — Esta é a minha casa

— Era a minha também, antes de você nos expulsar. — Agora sei que ele se lembra do banimento e do acidente na forja. Tenho mais certeza disso do que tive sobre qualquer coisa desde que cheguei às terras dos Gerling, mesmo que ele não admita.

Mas será que ele sabe que meu pai morreu?

— Jules, escute —— ele começa.

— *Não.* Só me deixe em paz, Liam, *por favor.* — Meu autocontrole começa a vacilar quando penso em meu pai, sobre como preciso dele e desejo que ainda estivesse aqui comigo. A raiva faz meus olhos marejarem. Por que me odeia tanto?

Liam não responde. Ele puxa o ar, mas, antes que qualquer um de nós possa falar, passos se aproximam pelo corredor.

Dou as costas para Liam e pressiono as mãos contra os olhos até que as lágrimas recuem. Ele se vira para a porta.

Roan está lá. Seus olhos se arregalam quando vê o irmão mais velho.

— Liam? — Então ele olha para mim. —Jules? Perguntei onde você estava e me mandaram pra cá. O que... está acontecendo?

— Nada — Liam responde após um segundo de hesitação. Até falando com o irmão sua voz é fria e remota. — Os guardas da Rainha precisavam de mais corante de mava para as armas, então designei alguém para a tarefa.

— Mava? — Roan repete, sem acreditar. — E trancou uma pobre criada aqui embaixo no escuro para descascar fruta em vez de importar a pasta, como

uma pessoa razoável?

Sou atravessada por uma onda de afeto, mesmo que esteja um pouco decepcionada por ouvi-lo me chamar de criada em vez de Jules.

— Então outra criada em outra província teria que fazer isso — Liam retruca, seco. — Acha que a pasta pode ser colhida das árvores? Se não acontecer diante de seus olhos, não importa?

Roan franze o cenho e ignora o irmão. Ele examina meu avental manchado e meu rosto corado.

— Jules, foi por isso que perdeu nosso encontro de manhã?

Os olhos de Liam faíscam tão nitidamente que juro que mudam de cor. Já li sobre criaturas marítimas cujos corpos inteiros fazem isso antes de serem consumidas por um predador.

Ele olha de mim para o irmão, por fim abre a boca... e não diz nada.

Roan continua:

— Você passou o dia inteiro aqui?

— Sua preocupação com o bem-estar dos criados é tocante — Liam dispara, voltando ao normal. — Mas você é especialista no assunto, não é?

— Não é da sua conta. — O tom de Roan fica tão gélido que é difícil distinguir a voz dos dois.

Liam se aproxima um passo do irmão. Ele é só um pouco mais alto que Roan, mas a diferença parece aumentar no escuro; a luz da tocha esmaece os olhos azuis de Roan e aprofunda os negros de Liam, afiando os ângulos de seu rosto.

— Por que *você* não a ajuda a descascar a mava, se está tão preocupado? — Ele passa por Roan e sai da adega, batendo a porta com força.

Meus ouvidos zunem com o silêncio que cai, quebrado quando ouço Roan soltar uma série de xingamentos leves — aqueles que os criados usam. Quase dou risada. Em vez disso solto o ar trêmula e ele sé vira para mim com o cenho franzido de preocupação.

— Sinto muito que você teve que presenciar isso — diz, com a voz suave e afetuosa outra vez. — Meu irmão é...bem, você viu. — Ele se aproxima e apoia uma mão gentil em meu braço. — Venha, estou anulando as ordens de

Liam; você vai sair daqui.

Grata, eu o sigo em silêncio para fora da adega. A ansiedade em meu peito diminui quanto mais nos afastamos do cômodo escuro e do aroma pungente de mava e conforme a luz forte da cozinha cresce à nossa frente.

Eu me preparo para receber olhares arredios dos outros criados, mas Roan para de repente na base das escadas e se vira para me encarar.

Também paro, meu corpo naturalmente ecoando o seu.

— Sinto muito por causar problemas entre você e seu irmão — digo.

— Sinto muito por Liam ter te incomodado. Foi por isso que vim — ele explica depressa.

Eu pisco, esperando que ele não me veja corar no escuro. Posso sentir o suor formigando nas palmas das mãos.

— Ina ainda quer te conhecer — Roan acrescenta. — Mas acho que você vai precisar se lavar primeiro. Se correr, pode chegar a tempo da prova.

Assinto depressa, em ritmo com meu pulso. As possibilidades florescem em minha mente. Esta pode ser minha melhor chance de me aproximar da Rainha antes que ela retorne ao palácio. Não posso falhar.

Mas então as palavras me alcançam.

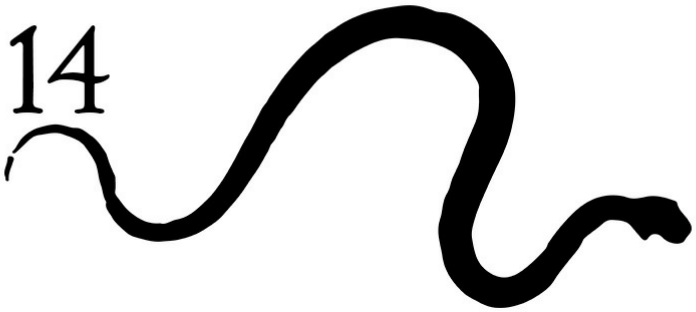
— Espere, prova?

— Lady Gold vai experimentar seu vestido de casamento hoje.

Seu vestido de casamento — para se casar com Roan, o homem diante de mim, que agora sustenta meu olhar por um momento demorado, com um leve sorriso curvando os lábios.

Apesar das manchas nas roupas, da briga com Liam e de meus dedos machucados, eu me sinto vista, de um jeito como não me sentia desde que cheguei a Everless. Um sentimento estranho flui por minhas veias, como se eu estivesse à beira de um penhasco, olhando o mar verde azulado que só vi desenhado em livros e acompanhando o vaivém de suas ondas lindas e infinitas — e, desta altura, mortais.

14



Fico quase uma hora me esfregando com o sabão áspero de Lora antes que a mava sequer comece a sair, deixando minha pele e meu rosto sensíveis, com manchas roxas desbotadas em alguns pontos. Ao entrar na cozinha, atraio olhares curiosos dos outros criados.

Esperando com Lora está a criada pessoal da Rainha, que me ajudou quando as joias dela caíram no chão. Mas ela parece tão deslocada na cozinha que demoro um momento para reconhecê-la. Bonita, com cabelo escuro e constelações de sardas no rosto, ela parece ter alguns anos a mais que eu. Está vestida de modo mais elegante que todos nós, em um vestido de veludo simples, mas com corte fino, de um vermelho tão profundo que é quase preto e tão longo que roça o chão, embora a touca branca em seu cabelo indique que é uma criada. Ela sorri timidamente para mim.

— Jules, esta é Caro — diz Lora, acrescentando com ênfase: — A criada pessoal da Rainha.

É um lembrete nada sutil de que devo respeito a alguém superior na hierarquia da casa. Meu coração se endurece um pouco enquanto faço uma mesura apressada.

— Sinto muito, senhorita.

— Não tem problema — Caro diz de forma suave. Quase sussurra, na verdade. De algum modo, ainda a escuto acima do barulho da cozinha, como se estivesse ouvindo o eco do mar dentro de uma grande concha. Ela gesticula para que eu me endireite. — É um prazer conhecê-la, Jules. Roan me disse que está interessada em servir Sua Majestade e Lady Gold. Você sabe coser,

não sabe?

— Um... pouco, acho — respondo, dando um olhar para Lora. — Trabalhei com costura em... — O nome *Crofton*morre em meus lábios. — Em meu vilarejo. Mas nunca mexi em nada tão fino quanto o guarda-roupa de Lady Gold. — Sinto uma pontada no coração ao pensar em seu vestido de casamento.

— Será suficiente, tenho certeza. De toda forma, fazemos apenas as medidas para as costureiras. — Caro pega minha mão, deixando-me alarmada, e se vira para Lora.

— Leve o tempo que precisar — diz Lora com um olhar sagaz para mim. — Lorde Liam designou uma tarefa a ela, mas...

— Tenho certeza de que os desejos da Rainha tomam precedência sobre os de Liam Gerling — Caro diz simplesmente. Tento não sorrir com o desdém óbvio que da sente pelo irmão Gerling mais velho. A cozinha fica em silêncio e Lora balança a cabeça com vigor em concordância.

Então a criada da Rainha me puxa para fora.

No corredor, ela entrelaça o braço com o meu e caminhamos lado a lado, como velhas amigas, enquanto ela explica que a Rainha não confia em estranhos, de modo que eu passaria a maior parte do tempo servindo Lady Gold. Também me conta que três das damas de companhia de Ina adoeceram na jornada para Everless. A mentira sai com tanta facilidade de seus lábios que me pergunto se ouvi errado quando escutei Roan e Ina pela parede dos sussurros, mas Bea também disse que pessoas foram assassinadas nessa viagem.

— Mais ninguém vai se juntar a nós? Imaginei que outras...

Caro reduz o passo quase imperceptivelmente, virando-se um pouquinho na minha direção. Seus olhos são de um verde claro e esmaecido e algo faísca neles.

— Outras...? — ela pergunta, mas não tenho respostas desvio os olhos, temendo ter ido longe demais. Ela abre outro sorriso largo e apressa o passo de novo. — Você não tem competição, se é isso que está se perguntando. As pessoas ficam intimidadas pelo poder real, Jules. Nunca se esqueça disso.

Enquanto Caro me puxa, esforço-me para manter um sorriso sempre que

ela olha para mim. Não estou acostumada a ficar tão perto de outra pessoa e, para minha surpresa, sinto-me reconfortada por sua proximidade e alegria.

— Você conhece bem a propriedade — Caro afirma, na terceira vez que pego um atalho até os aposentos reais. — Faz tempo que está aqui?

— Só algumas semanas. — Hesito, mas então percebo com amargura que, com Papai morto e Liam e Roan cientes de minha identidade, não há risco em ser eu mesma. — Mas meu pai trabalhava aqui quando eu era criança. Cresci em Everless.

— Entendo. — A voz de Caro está mais suave agora; ela parece ter captado algo estranho em meu tom. — E por que voltou?

O rosto de Papai quando o vi pela última vez, sozinho na escuridão fria da adega, cruza minha mente — e por um momento não consigo respirar. De repente, sinto que preciso contar a verdade ou vou sufocar.

— Ele morreu — digo apenas. — Faz pouco tempo. — Não consigo explicar mais. Caro só reduz um pouco o ritmo, olha-me nos olhos e aperta meu braço.

— Sinto muito — ela diz gentilmente. — E sua mãe?

Meu silêncio é uma resposta em si.

Ela assente e aperta meu braço outra vez.

— Meus pais também, quando eu era mais nova. Se quiser fazer isso outra hora...

Balanço a cabeça, grata pela empatia.

— Não, obrigada. Quero parar de pensar nisso.

— Acho que é a melhor coisa a fazer quando se perde alguém — ela concorda. Então sorri, a expressão cheia de luto e compreensão compartilhados, e parece que uma bigorna foi erguida de meu peito.

Os sons delicados de música suave e conversas murmuradas flutuam até nós conforme seguimos para os andares superiores. Minha pele formiga de ansiedade e de repente o silêncio entre nós parece ensurdecedor. Que conversas instigantes poderei oferecer a Lady Gold, se entedio sua criada? Espero que ela não esteja esperando alguém como Caro, refinada e dona de si.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, ela preenche o silêncio cantarolando enquanto andamos. A melodia triste e delicada é familiar, embora eu não lembre onde a ouvi. Caro canta:

— Sua voz é a hora de uma rosa, sua alma um ladrão apaixonado. Eu a seguirei pelos bosques verdes até que seu coração seja meu...

— Que canção é essa? — pergunto.

— Uma muito velha. É a preferida da Rainha.

A melodia é uma alternância simples entre algumas notas, mas as palavras contam uma história de perda, amor e violência.

Em pouco tempo, Caro para diante de uma porta à direita e se vira para mim. Seus lábios se entreabrem e seus olhos se arregalam em choque.

— Jules, você está chorando.

Levo a mão ao rosto e fico surpresa quando meus dedos saem úmidos. Meu rosto queima.

— Está tudo bem — prometo, sorrindo. — E só que a canção é tão linda.

Caro sorri e assente.

— A Rainha a escreveu em honra da Feiticeira.

— É verdade que a Feiticeira caminhou ao lado dela? — pergunto.

— Caro! — uma voz chama do outro lado da porta. — Você achou a amiga de Roan?

A amiga de Roan. As palavras ecoam em minha mente.

Meu coração bate depressa — uma, duas, três vezes — e repete o ritmo como a melodia da canção, enquanto Caro tira uma chave do vestido e abre a porta. Inclino a cabeça, perguntando-me por que Lady Gold estaria trancada.

Caro capta meu olhar e chega mais perto, falando ainda mais baixo que o normal.

— Lady Gold perdeu seus guardas recentemente — ela conta. — E não gosta de ficar cercada por estranhos, então se recusou a ser protegida por guardas de Everless. A Rainha ficou furiosa.

Ela abre a porta e me introduz em uma suíte de decoração suntuosa, com tapetes vermelhos de luxo e cortinas translúcidas flutuando diante de enormes

janelas. O espaço está inundado pelo sol de inverno, mas é quente e impregnado com a flagrância de água de rosas.

Um canto do cômodo é dominado por uma cama gigante, fofa como uma nuvem, e agora coberta por vestidos de todas as cores, jogados de qualquer jeito como se tivessem sido provados e descartados. Lady Ina Gold está parada diante da cama usando camisola e anáguas de seda, os braços e panturrilhas nus exceto por alguns braceletes de metal simples, e com o cabelo curto solto. Ela está segurando um vestido -reluzente e ondulante como esmeraldas derretidas — contra a luz e o examina criticamente. Quando a porta se fecha atrás de nós, ela se vira para Caro e eu.

Por instinto, desvio os olhos, para evitar vê-la em suas roupas de baixo.

— Milady — diz Caro naquele seu sussurro alto. — Esta é Jules Ember.

Ergo os olhos, com o rosto queimando, e encontro os de Ina Gold. Ela tem a mesma altura e idade que eu, mas vem de um mundo diferente. O fato de nunca ter tido qualquer preocupação na vida transparece em seu rosto — e em seu corpo. Sua pele brilha, sem qualquer sugestão de cicatrizes ou calos.

Um pensamento fugaz faz um arrepio percorrer minha espinha: um dia, muito depois que eu morrer, esta garota será rainha.

Então outro: e ela vai passar todos esses anos com Roan.

Ina sorri sem qualquer embaraço e aperta minha mão vazia.

— Srta. Ember — diz. Sua voz é encorpada e suas vogais melodiosas, naquele sotaque estranho que parece pertencer só a Rainha, Caro e ela. — Obrigada por vir. Estou tão feliz que pôde se juntar a nós. Roan disse que você era um tesouro; não sei por que não falou isso para a mãe desde o início, antes de perdermos tempo...

Sem saber como reagir, faço uma mesura desajeitada, mantendo os olhos fixos no tapete.

— Lorde Gerling não sabia que eu estava em Everlen até ontem, Lady Gold. E o prazer é todo meu.

Ela se vira para a cama, fazendo um gesto amplo para indicar os vestidos amarrotados ali.

— Caro e eu temos um dilema. E tradicional que a noiva use as cores da

família do noivo, já que vai se unir a ela, mas verde não cai bem em mim. E, tecnicamente — ela ergue as sobrancelhas, — minha família é superior à dele, não é?

Apesar da provocação, há uma nota maravilhada em sua voz quando fala sobre o casamento — e sobre Roan —, e penso que ela não está só se gabando. Seu rosto brilha como o de uma criança vendo neve pela primeira vez.

Percebo de imediato que ela está apaixonada por Roan Gerling — e, pelo jeito como sorri, ele deve amá-la de volta. Quem não amaria?

Meus sentimentos se retorcem e assumem uma forma estranha dentro de mim. E fácil ter inveja da futura rainha, que vai se casar com um Gerling por motivos políticos, mas é outra história odiar a garota diante de mim, sorridente e descalça e obviamente apaixonada.

— Caro acha que eu deveria usar verde — Lady Gold continua, jogando o vestido verde na cama, magnífico mesmo quando embolado. — Mas eu gosto deste. — Ela ergue outro e o segura contra o corpo: vermelho, da cor da Rainha, com mangas elegantes caindo dos ombros. — Mas será que é ousado demais para Everless?

— Nem um pouco — opino, surpreendendo a mim mesma. — Vossa Alteza ainda não viu, mas as damas Gerling usam peças muito mais escandalosas em ocasiões menos importantes.

Sinto um arrepio de prazer quando Ina dá uma risadinha satisfeita. Caro parece contrariada, como se tivesse perdido uma aposta.

— Mas você gosta dele, Jules? — Ina pergunta. — Nenhuma garota de Everless nos fala a verdade, com medo de me chatear.

Durante minha infância em Everless, eu era obcecada com os vestidos e as joias que adornavam as mulheres, tão encantada com objetos bonitos quanto qualquer garota nascida em berço de ouro. Papai me chamava de guaxinim porque eu vivia colecionando coisas — joias que não serviam para as espadas dos Gerling, pedaços de fitas, brincos dourados sem par — e guardava tudo em uma tigela na mesa de cabeceai Eram meus tesouros. Quando fomos exilados e nos mudamos para Rodshire, depois para Crofton, rejeitei tais coisas. Fingi que as desprezava.

Mas agora Lady Gold me olha enquanto segura o vestido vermelho contra o corpo. Seus olhos encaram os meus, como se ela se importasse com minha resposta. Quero tirar o vestido de suas mãos e rasgá-lo em pedaços, mas mordo o lábio e aperto as mãos na frente do corpo.

— Talvez algo dourado? — sugiro depois de alguns segundos. — É a cor secundária das duas famílias. E afinal... — Inclino a cabeça de modo sugestivo para Ina Gold, um pouco chocada por estar fazendo uma piada e torcendo desesperadamente para uma delas captar a ideia: afinal, o nome dela significa "dourado".

Depois de alguns instantes; Lady Gold entende. Sua risada é repentina e contagiante, fazendo-me sorrir contra minha vontade.

— Sabe, eu não tinha pensado nisso — diz, virando-se para Caro. — Dourado. O que acha?

Caro sorri.

— Não ó muito convencional — ela sussurra, mas a cor cai bem em Vossa Alteza. — Ela entorta a cabeça, analisando Ina. — Vou pedir que as costureiras façam um. Enquanto isso, vamos continuar provando os outros para elas terem um modelo. — Ela faz um gesto e, com um suspiro teatral, Ina ergue o vestido verde da cama e alisa os amassados. Então graciosamente desliza para dentro dele e se vira para que Caro possa abotoar as costas.

Caro dobra o tecido contra o corpo de Ina e me instrui a segurá-lo no lugar enquanto insere alfinetes de forma hábil, nunca perfurando a pele de Lady Gold. Sua voz é autoritária, apesar de sussurrada.

Enquanto fico parada, ruborizada e tentando manter uma distância respeitável de Ina Gold, ao mesmo tempo que seguro o tecido sobre seu peito, a criada e ela fofocam. Falam de uma bruxa que Caro visitou recentemente e que lhe contou que em breve ela vai reencontrar seu primeiro e verdadeiro amor. Quando Ina a provoca perguntando quem pode ser, Caro fica vermelha e muda de assunto, comentando sobre uma nobre que deu à luz uma criança com uma semelhança impressionante com seu lacaio.

— Jules. — A voz de Lady Gold atravessa meus pensamentos dispersos. — Você pode nos dizer: Liam é sempre tão carrancudo? Ou só quando todos estão se divertindo?

O nome de Liam me dá um choque desagradável e quase derrubo o tecido verde.

— Eu... eu não conheço Lorde Liam muito bem, milady — balbucio. Lembro que elas são forasteiras em Everless, embora pense que, se foram recebidas com os sinos da Rainha, não podem ser tão forasteiras assim. No entanto, ninguém daqui ousaria criticá-lo. — Ele sempre foi... distante.

Lady Gold faz uma careta, empinando o nariz com exagero.

— *Eu sou Liam Gerling* — ela diz em uma versão dramática e grave de seu próprio sotaque aristocrático. — *Não falarei com ninguém nesta festa. Claramente meu tempo será mais bem gasto ficando emburrado em um canto e olhando feio para qualquer um que ousar me dirigir a palavra.*

Enquanto engulo uma risada — nunca ouvi um deboche tão aberto a um Gerling —, Caro balança a cabeça.

— Coitada da mãe dele — ela fala. — Lady Verissa propôs uma dúzia de noivas e ele recusou todas.

— Talvez elas tenham mudado de ideia quando viram como ele é mal-humorado — Lady Gold sugere — e ele só diz que as recusou para evitar o constrangimento. Não consigo imaginar alguém querendo casar com ele, nem por todo o tempo em Sempera.

— Roan herdou a beleza e a personalidade — Caro sussurra, brincalhona.

— De fato — concordo sem pensar, então abaixo os olhos para esconder o calor que toma meu rosto.

Ina parece não notar — ou não se importar, — mas sinto os olhos de Caro sobre mim.

— Há quanto tempo Vossa Alteza conhece Lorde Roan? — pergunto depressa. Quando as palavras deixam minha boca, capto um vislumbre de mim mesma no espelho atrás de Lady Gold, pálida e cheia de ângulos afiados e sombras sob os olhos. O contraste entre nós não poderia ser mais claro.

Mas a princesa não parece perturbada.

— Ah — ela diz. — Bem, primeiro, me chame de Ina. E conheci Roan quando os Gerling visitaram o palácio dois anos atrás.

Tenho uma vaga lembrança de que, quando os Gerling viajaram, Crofton

montou uma feira na praça do mercado com brincadeiras de criança, música e canto e todas as frutas adocicadas que podíamos ceder. As barracas ficaram erguidas durante toda a semana que eles passaram fora, como um tipo de comemoração — uma tentativa desesperada de celebrar.

— Nós... nos demos bem —— Ina continua, com outro daqueles risinhos que simultaneamente me fascinam e partem meu coração. Sei que vai doer, mas quero descobrir tudo sobre ela e Roan. — Depois disso, trocamos cartas, mas tivemos que manter segredo, porque era a Rainha que deveria escolher meu noivo. Na verdade, foi graças a Caro que ela escolheu Roan. — Ina dá um olhar agradecido à criada. — Ela encontrou uma das cartas — Caro dá um sorriso pequeno e travesso — e, antes que o sol tivesse nascido, a Rainha sugeriu que forjássemos uma aliança mais estreita com os Gerling. Claro que não fiquei sabendo disso até que o noivado foi anunciado. Ela subestima a própria influência, — Ina olha com afeto para Caro, que fica vermelha.

— É uma história... maravilhosa — sussurro, com um aperto no peito.

— Não é? — A alegria em sua voz é tão genuína que não consigo me ressentir, mesmo que meu coração doa por mim mesma. Quando Caro é eu a soltamos ela recua um passo e dá uma voltinha, o tecido verde inflando em um círculo brilhante ao redor dos tornozelos. Mesmo que a roupa não esteja terminada, o movimento gracioso a faz parecer o vestido mais refinado do mundo.

— A vida inteira de Ina é uma história maravilhosa — Caro me diz em um tom ainda mais baixo do que seu sussurro normal, enquanto Ina atravessa o quarto para examinar nosso trabalho no espelho de corpo inteiro. — Imagino que já a ouviu.

Eu assinto, tentando não encarar Ina pelo canto do olho. Parece impossível que ela já tenha sido algo exceto deslumbrante, sorridente e abençoada. Mas todos em Sempera conhecem sua história: ela foi uma de centenas de crianças abandonadas pelos pais no litoral do palácio ou em orfanatos, na esperança de que se tornassem herdeiros da Rainha, como ela declarara séculos antes. Uma promessa de quinhentos anos, realizada agora com a garota diante de mim.

É claro que eu, como a maioria das pessoas em Sempera, estou mais familiarizada com a história por baixo da superfície brilhante da vida de Ina: quase todas as crianças abandonadas à Rainha cresceram em orfanatos.

Quando atingiam a idade adulta — ou até antes disso as que não tinham sido adotadas viravam serviçais ou trabalhadores braçais. Papai sempre desprezara a proclamação da Rainha. Na pratica, ela resultou em horrores — Sua Majestade viveu tanto tempo que só escolhia uma criança em um período de décadas, que então era considerada insuficiente, designada a um papel menor, ou sucumbia a doenças — ou, e estremeço ao lembrar das insinuações de Lady Sida, tornavam-se vítimas dos caprichos da monarca quando ela decidia que não queria mais ceder o trono. Mas isso não impedia os pais de abandonarem centenas de crianças ao longo dos anos, inspirados pela esperança ilusória de que seus filhos seriam escolhidos.

Ina vem até nós com um punhado de tecido apertado na mão, um comando implícito para o fazermos desaparecer. Enfiando um alfinete entre os lábios, ajoelho-me diante da futura rainha.

Ela foi escolhida. A notícia enviou ondas de choque pelo reino, ou pelo menos era o que as pessoas diziam. Tenho vagas lembranças das fofocas entre os criados do palácio quando ela foi escolhida — a pedra lisa em sua boca quando nasceu era supostamente uma bênção da Feiticeira. A Rainha ficou sabendo da história e deu seu próprio sobrenome, Gold, para a garota, que foi levada ao palácio para ser criada como filha de Sua Majestade.

Eu me pergunto quem são seus pais. Estarão vivos hoje? Sequer sabem que Ina é o bebê sem nome que abandonaram na praia? Meu coração se aperta com o próximo pensamento.

Talvez seja o que aconteceu comigo.

Desde que li o bilhete de Papai, venho tentando não pensar sobre o que afirmava — que ele não era meu pai de verdade. Mas, se isso for verdade e eu também nunca conheci minha mãe, é possível que eu seja um daqueles órfãos abandonados, adotada por Papai antes que alguém pudesse se lembrar de minhas origens.

O que significa que eu também poderia ter sido escolhida pela Rainha — mas não fui.

Sinto uma pontada no dedo — me cutuquei com o alfinete. Puxo a mão antes que possa manchar o vestido de Ina e chupo o sangue, porém algo está errado. Ina está se virando para me encarar, mas devagar, como se estivesse se movendo através de âmbar. Coloco as mãos de volta no lugar antes que ela se

vire e, quando olha para mim, ela só pisca uma vez e se vira de novo, como se tivesse esquecido o que chamou sua atenção. Caro olha para ela em confusão por um momento, como se tivesse esquecido o que estava fazendo.

Sei o que aconteceu, é claro. Quando me espetei, o tempo congelou — ou reduziu —, como quando pesquei a truta no riacho, tantos dias atrás, ou quando confrontei o guarda dos Gerling no mercado de Crofton, durante a seleção de garotas. Sinto uma pontada de ansiedade. Isso não acontece desde que cheguei — ou, se aconteceu, foi sutil demais para notar.

Felizmente, as duas parecem ignorar a irregularidade. Ina submete o vestido a outras alterações e Caro dá seu sorriso misterioso.

— É uma sorte seus pais terem decidido lhe dar ao reino, Ina. Nenhum outro bebê teve tanta sorte ou foi tão merecedor dela.

O relógio bate uma, duas vezes antes que Ina dê um sorriso gracioso. Com certeza não se lembra dos pais, mas o fato ainda a machuca — não deixo de notar o olhar magoado que cruza seu rosto. É difícil acreditar que algo possa entristecer esta garota linda e alegre, noiva de Roan e futura rainha — mas aprendi em primeira mão como é difícil lidar com perguntas não respondidas em relação a seus pais.

Quando Caro enfim julga perfeitas as dobras do tecido, Ina sai do vestido com cuidado e Caro e eu o dobramos para levar à costureira. Enquanto alinhamos os ombros, Caro diz:

— Jules, vou recomendar à Rainha que você seja escolhida como nossa nova criada pessoal.

— Se você quiser — Ina acrescenta depressa. — Espero que queira.

Leva um segundo para as palavras fazerem sentido, mas quando fazem preciso me segurar para não soltar o vestido e abraçar Caro.

— Obrigada! — exclamo, sem fôlego. — Muito obrigada!

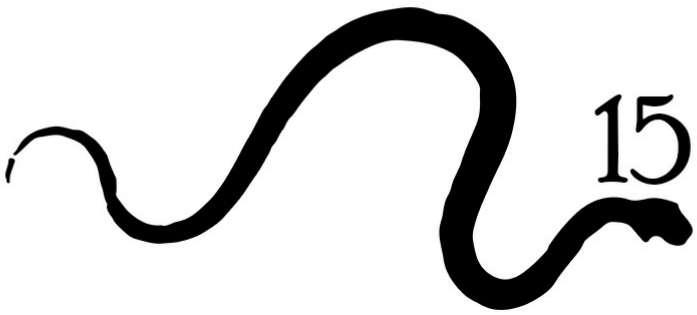
— Você vai me servir mais do que à Rainha, claro — explica Ina. — Ela prefere que Caro cuide dela, e com moderação.

É estranho sentir alegria depois de tanto sofrimento. Se eu examinar o sentimento de perto, há algo sombrio e estranho em suas bordas — estou empolgada por estar um passo mais perto da mulher contra quem Papai me

alertou e que pode estar ligada a sua morte.

Porém, a felicidade é doce demais para que eu pense sobre as trevas. Eu a empurro para o fundo de meu coração, para liberar e lidar com ela em outra hora.

— Mas, primeiro — diz Caro —, a Rainha deve aprovar. Vamos levar você até ela agora.



Caro me informa que a Rainha prefere permanecer em seus aposentos, longe das fofocas inúteis dos moradores do palácio. Os guardas postados dos lados de sua porta servem como prova disso. Quando nos aproximamos, eles permanecem imóveis como pedras; vendo seus rostos cinzentos, temo por um momento que o tempo tenha parado outra vez.

Caro passa entre os guardas sem medo nem hesitação. Ina a segue de perto, os dedos agitados ao lado do corpo, e me pergunto, com uma pontada de curiosidade, se ela sempre fica nervosa na presença da mulher que a criou. No quarto, a rainha de Sempera está sentada em uma poltrona de espaldar alto, entalhada em madeira escura. Ina e Caro fazem uma mesura baixa e eu as imito, mantendo os olhos no espesso tapete verde e dourado sob meus pés.

Caro fala primeiro.

— Minha Rainha, permita-nos apresentar Jules Ember. Ina e eu gostaríamos que ela se juntasse à comitiva real, para servi-la. — A Rainha permanece em silêncio. — Ela serviu em Everless durante a infância e conhece bem a propriedade. Jules — Caro conclui.

Eu me endireito, erguendo os olhos do chão. A Rainha está me observando inexpressiva. Tédio e desdém parecem ter sido entalhados em suas feições, tornando sua beleza fria e distante, como a beleza de uma estrela. Mas seu olhar é penetrante e sua voz ainda mais.

— Ina, isso lhe agradaria? — a Rainha pergunta.

— Sim — Ina responde depressa. — Jules era amiga de Roan quando

criança e nada me deixaria mais contente.

Caro e a Rainha trocam um olhar quase imperceptível — um comando implícito que faz Caro pigarrear.

— Jules, servir a Rainha e sua filha não é como servir outra família nobre. O cargo vem com alguns perigos. — Mantenho os olhos em Caro, embora meu coração esteja batendo com força em meu peito. — Você não deverá falar a ninguém sobre a Rainha. Não entrará em seus aposentos sem ser convocada. Não tocará nela, nem para auxiliá-la. Se alguém te abordar para perguntar sobre ela ou sugerir violência contra sua pessoa, você deverá me informar de imediato. Ameaças contra Sua Majestade não são raras, como você pode ter ouvido falar — ela explica. — Um grande poder atrai violência, de dentro e de fora. — O discurso de Caro soa tenso e ensaiado. Eu me pergunto quantas vezes ela já o pronunciou. — Ameaças são emitidas sem hesitação ou arrependimentos, e com total discrição — ela continua em voz baixa. — Se pretende nos servir, deve entender isso.

Imagino que a seriedade em seu tom amedrontaria qualquer pessoa, ainda mais alguém que já abriga pensamentos traidores. Mal estou respirando e espero que meu rosto não me denuncie. Felizmente, Caro confunde a emoção com nervosismo e me dá um sorriso tranquilizador. Inclino a cabeça, reprimindo um estremecimento.

— Entendo.

— O mesmo vale para Ina, é claro. — Agora as palavras vêm mais devagar, como se ela estivesse pensando nelas. — Se vai servi-la, precisamos ter certeza de que a protegerá com a própria vida.

Concordo com um aceno.

— É claro.

Caro me dá um sorriso fraco.

A Rainha me analisa por um momento, então se ergue em um movimento gracioso, assomando sobre nós.

— É o que veremos. Venha aqui, garota — ela ordena.

Quando hesito, Caro toca meu ombro em um incentivo para que eu vá para o lado de Ina. Engulo em seco e dou um passo hesitante, embora meus

joelhos estejam tremendo debaixo da saia. Ina me dá um olhar de esguelha e sorri de modo encorajador.

— Vamos administrar um teste de lealdade, Jules — avisa Caro, parando a meu lado. — Para nos certificar de que você tem os instintos necessários à posição.

— Claro, o que for necessá...

As palavras morrem quando um movimento à frente me faz olhar para a Rainha. Ela tirou uma faca de algum lugar e a lâmina brilha em sua mão. Congelo em terror quando ela a ergue atrás do ombro.

E a joga diretamente contra o peito de Ina.

A prata sibila pelo ar.

Reflexos controlam meus membros. Mais rápido do que consigo pensar, pulo na frente de Ina, enviando um apelo mental à Feiticeira para que o tempo fique mais lento, ao mesmo tempo em que espero sentir o metal cravado na minha pele.

Mas não sinto nada além das batidas aceleradas de meu coração. Não há nada. E nada. Por um segundo, acho que consegui — mas, quando abro os olhos, com o coração ainda pulsando alto nos ouvidos, é Caro quem está com o braço estendido e os dedos fechados ao redor da lâmina. Ela a apanhou a apenas centímetros de meu peito e fico admirada com sua velocidade. O esforço só a deixou um pouco ofegante.

Solto o ar. Um teste de lealdade — minha vida pela de Ina.

A Rainha me encara com uma expressão ilegível enquanto Caro lhe devolve a faca. Não sei se é minha imaginação ou suas palavras gélidas, mas frio parece emanar dela e se assentar sobre minha pele.

— Bom trabalho — ela diz. — Você também. Caro. Vejo que não escorregou desta vez. — Quando a Rainha se dirige a mim, os olhos de Caro faíscam de vergonha. — Lembre-se, se não proteger Ina com a própria vida e algum mal lhe recair, a punição serão os seus anos.

Com a boca seca como poeira, engulo de novo e me obrigo a responder.

— Compreendo, Vossa Majestade — afirmo, tentando purgar a voz de qualquer emoção.

A governante de Sempera se acomoda de volta na poltrona e assente, e o cômodo parece soltar o fôlego. Escuto a respiração suave de Caro e Ina, e um farfalhar de tecido quando elas se movem. Quando a Rainha acena para nos dispensar, viro-me para elas. Como uma só pessoa, sorriem para mim, seus olhos brilhando com algo como gratidão — ou pena.

16



O baú de roupas depositado ao pé de minha cama naquela noite e o longo vestido vermelho como o de Caro dobrado sobre ela são a confirmação: entrei na comitiva da Rainha como a nova criada pessoal de Ina. Ela me ofereceu um quarto perto do seu, mas não quero deixar Alia sozinha nos dormitórios. Além disso, a companhia das outras é reconfortante e sinto a presença de meu pai mais forte aqui do que nos corredores silenciosos e desconhecidos que visitei mais cedo.

Agora estou mais perto do que nunca da Rainha e, espero, do significado por trás do alerta de Papai — o que indica que estou mais perto do que nunca do perigo.

Disponho um dos vestidos na cama e um grupo de garotas paira ao redor dele como se estivessem se aquecendo diante do fogo. Alguns olhares são invejosos, claro, mas outros quase de dó. Alia estende uma mão pequena para alisar o tecido. Ela deve voltar a Crofton em alguns dias, então decido ajustar um dos vestidos para caber em uma garota menor e presenteá-la quando eu voltar para casa. *Mas quando vou voltar?*

Bea comenta, com um tom quase alegre, que o baú revestido de veludo é mais luxuoso que a cama das criadas.

— O vestido verde era pra ser de Addie — uma garota mais nova, chamada Selena, diz a ninguém em particular. — Nunca foi usado. — Ela é aprendiz da costureira, então saberia. As outras se afastam aos poucos, deixando-me sozinha com as palavras de Selena, que formam um nó em meu estômago.

Não contei a ninguém o que aconteceu quando encontrei a Rainha. Tenho medo demais — tanto dela como de que ninguém vá acreditar em mim. Digo a mim mesma que foi só um teste de minha lealdade e que Ina jamais esteve em risco — mas como alguém poderia lançar uma faca contra a própria filha, mesmo sabendo que jamais iria alcançá-la?

Minha primeira tarefa como criada pessoal da realeza, detalhada em um bilhete que Caro prendeu no interior do baú, é coletar azevinho-de-gelo para a treliça de casamento de Roan e Lady Gold. Embora esteja decepcionada porque minha tarefa não me aproxima da Rainha, saio mais cedo do café da manhã para colocar um dos vestidos e uma capa grossa. Domo meu cabelo o máximo possível e o enfio dentro da touca de criada, então desço aos jardins, que ficam aninhados no pátio mais interno, no coração de Everless.

Os Gerling mantêm estes jardins reservados a si mesmos e seus convidados — para ser admitida, preciso mostrar o bilhete de Caro na entrada. Então, embora já os tenha visto pelas janelas, nunca andei por suas trilhas imaculadas de mosaico. Os ladrilhos pequenos e coloridos estão pontuados com neve. Os canteiros de flores já estão transbordando de rosas e hera, embora o inverno ainda resista firme contra o avanço da primavera. Ouvi dizer que os jardineiros borrifam a terra com ferro-sanguíneo derretido para fazer as flores crescerem mais robustas e antes da época, e para garantir que tenham uma vida mais longa. Por mais que ache isso um desperdício grotesco, não posso negar a beleza das rosas vermelho sangue contra a neve.

Ouço passos atrás de mim. Olho por cima do ombro e fico chocada ao ver Roan se aproximando com uma capa sobre os ombros, a cabeça descoberta e os cachos balançando ao redor do rosto na brisa suave. Sinto uma vontade súbita, urgente e íntima de lhe dizer para colocar um chapéu. Ele sorri para mim e apressa o passo até parar à minha frente.

— Estava torcendo para te encontrar de novo — ele fala, dando um olhar apreciativo para minhas roupas. — Pensei que Liam podia ter te jogado nas masmorras, te obrigado a polir os sapatos dele ou alguma outra coisa terrível.

— Sou uma criada real agora. — Inclino a cabeça. — Obrigada de novo pela ajuda.

Ele ri de leve. Deveria ser estranho estar com ele em um lugar tão aberto, mas ao começarmos a percorrer uma trilha, nossos passos parecem naturais e

leves, como quando éramos crianças. Não ficaria surpresa se Roan começasse a correr, desafiando-me a pegá-lo.

Eu queria que as palavras viessem com a mesma facilidade — alguma piada, história ou provocação mas não vêm.

— Nunca estive aqui antes — digo enfim, gesticulando para as flores. — O jardim é adorável.

Para minha surpresa, Roan suspira.

— Imagino que sim, mas não posso deixar de sentir que é falso. — Casualmente, ele bate em uma rosa com as costas da mão e a observa oscilar para a frente e para trás, como o pêndulo de um relógio. Seu sorriso é travesso e conspiratório. — Sempre preferi flores selvagens a rosas cultivadas;

Uma lembrança me vem à mente li seu aroma no outro dia era lavanda, não água de rosas. Balanço a cabeça, concordando.

— Aquele canteiro de lavandas ainda existe no portão sul? O que a gente transformava num forte?

A princípio, ele franze o cenho como si tentasse evocar a lembrança, então seus olhos se iluminam.

— Pode haver algumas na estufa — diz, apontando o queixo para o outro extremo do jardim. — Podemos ir conferir.

— Tenho que esperar Caro aqui — aviso depressa, e seu sorriso se desfaz.

— Outra hora, então. Está gostando de ser uma criada pessoal? — Ele pega minha mão enquanto andamos, erguendo-a para examinar os babados nos punhos. Meu rosto fica quente e preciso de todo meu auto controle para manter uma expressão casual, embora eu jure que Roan me segura um segundo além do necessário antes de soltar. — O vestido fica bem em você — ele fala casualmente.

Minha risada sai um pouco sem fôlego.

— Não é difícil superar o saco de batatas que usamos na cozinha.

Ele retribui a risada.

— Tem isso também. Mas é diferente. Eu estava pensando sobre quando éramos crianças. Você queria ser ferreira como seu pai e corria por aí coberta de fuligem.

Alegria e dor combatem em meu peito. E difícil não admirar Roan, cujo passado parece ter sido purgado de ressentimentos — até de lembranças como a lousa escolar de uma criança. Mas o comentário casual machuca.

Ele não sabe sobre meu pai, me lembro. *Não tem como saber.*

E se Papai tivesse visto como Roan é gentil talvez as coisas fossem diferentes.

— Diga-me outra coisa — peço, ansiosa para mudar de assunto. — Do que mais se lembra?

— Bem... — Ele sorri. — Você sempre foi selvagem. Lembra como inventava histórias sobre os animais da floresta, ou fazia a gente encenar antigas batalhas?

A princípio, não me lembro, as recordações enterradas sob anos de fome e preocupação com dinheiro. Mas quando encaro seus olhos, idênticos desde a infância, imagens soltas retornam à memória — nós dois escondidos como espiões sob a mesa no grande salão, rolando nas colinas verdejantes fingindo estar sendo perseguidos por lobos...

De repente, Roan pisca e rompe a conexão, erguendo a mão em cumprimento para alguém à distância. Sigo seus olhos e vejo Caro se aproximando. Ela inclina a cabeça quando nos vê juntos.

— Lorde Roan, Srta. Ember — ela diz quando chega perto o suficiente para seu sussurro nos alcançar. — Bom dia.

— Bom dia, Caro — Roan a cumprimenta animado, mas sua voz sai um pouco estridente. Pelo canto do olho, eu o vejo erguer a mão como se fosse tocar meu braço, então abaixá-la como se tivesse pensado melhor.

— Obrigada novamente por sua gentileza em me recomendar, Lorde Gerling — digo, dando um passo para dar distância entre nós. — É uma honra servir à Rainha.

Seu sorriso é fugaz e destinado apenas a mim.

— O prazer foi meu. — Ele assente para mim e depois para Caro. — Agora, se me dão licença, tenho um encontro com minha noiva.

— E já está atrasado — Caro acrescenta com um sorriso brando.

Roan me olha mais uma vez antes de se dirigir ao castelo.

Caro entrelaça o braço no meu como quando me levou para conhecer Ina.

Sorrio para ela, tentando esconder o nervosismo. A mudança que sinto quando Roan está por perto é tão forte que custo a acreditar que os outros não veem, como se luz emanasse de minha pele.

Mas o sorriso de Caro é despreocupado.

— Estou tão feliz que a Rainha aprovou sua indicação. Poucas pessoas passam no teste de lealdade. A intenção é assustar as candidatas mais do que qualquer coisa — ela acrescenta depressa, como se fosse algo constrangedor. — Na verdade, com o casamento, passo mais tempo fazendo tarefas para Ina do que falando com ela. E logo... — Ela se interrompe, com o olhar perdido. — Ela vai precisar de alguém em quem possa confiar. Depois que você foi embora, me disse o quanto gostou de você.

— Ela vai casar com Ro... Lorde Roan em breve — comento. — As coisas vão mudar.

Caro dá um sorriso um pouco triste.

— Tem razão, Jules. As coisas vão mudar. — Ela aperta meu braço e olha ao redor do jardim, satisfeita. — Você já viu azevinho-de-gelo?

Balanço a cabeça, sorrindo contra minha vontade, e ela me leva em direção ao centro dos jardins. Conforme seguimos para o interior, a trilha reta e ordenada fica estreita e serpenteante, com canteiros de flores espalhados de modo irregular por todos os cantos. Um pouco depois, Caro para e se agacha. Com cuidado, evitando os espinhos, ela enfia a mão em uma roseira e remove algo pequeno e prateado.

— Aqui está, exatamente como o jardineiro descreveu — declara, segurando algo fino e reluzente. A planta parece brilhar e me aproximo para olhar o pequeno galho, lindo e ornado nas bordas, diferente de tudo que já vi. O caule é preto, as folhas, brancas prateadas, e as frutinhas de um profundo azul escuro. Percebo que é a mesma planta (com o caule espichado e as folhas afiadas e finas) gravada na caixa de joias da Rainha, que Addie deixou cair no dia em que a comitiva chegou a Everless. — E a insígnia da Rainha — explica Caro, parecendo ler meus pensamentos de novo. — Dizem que induz as pessoas a contar a verdade e só cresce em lugares onde a Feiticeira praticou sua magia.

Dou uma gargalhada, mas engulo o riso quando Caro me olha surpresa.

— Você não acredita? — ela pergunta.

— Sinto muito — emendo depressa. — E que meu pai não me criou para acreditar na magia da Feiticeira. — Não conto que na verdade ele debochava da ideia sempre que o assunto surgia, depois que fiquei velha demais para sentar em seu colo e pedir histórias. Sem Roan por perto, minha infância retorna ao momento sombrio e interrompido em que fomos obrigados a fugir das terras dos Gerling.

— Mas veja. — Caro se abaixa e com cuidado separa duas partes da roseira para vermos por baixo. Intrigada, chego mais perto e vejo que o azevinho-de-gelo cresce na sombra, agrupado como arbustos ou arvorezinhas de poucos centímetros, e segue um padrão estranho no chão, quase como pegadas.

Eu me ajoelho, com a vontade súbita de tocar a planta. O chão de pedra é frio, mesmo através do vestido. Toco o lado de baixo de uma folha com o dedo e uma imagem vivida atravessa minha mente — o azevinho no mesmo canteiro, mas crescendo depressa sob sol e sombra alternados. E como se eu estivesse assistindo muitos dias passarem em sucessão.

Atordoada, eu me endireito. Caro me observa com atenção, mas não diz nada, só apontando para o centro desorganizado do jardim.

— É por isso que o jardim é assim. Os Gerling o modelaram ao redor do azevinho. — Ela se aproxima e abaixa a voz. — Ele é muito raro hoje em dia e a Rainha exigiu que o canteiro dos Gerling fosse colhido imediatamente. Suspeito que Verissa esteja furiosa.

— Entendo. — Não estou convencida de que é mágico, mas a imagem estranha me perturba por motivos que não consigo explicar. Eu me agacho ao lado dela e Caro mostra como evitar os espinhos e coletar o azevinho sem danificar a raiz.

Depositamos a planta em uma cesta de vime que ela trouxe. O azevinho é tão pequeno e delicado que vamos levar a manhã toda para encher a cesta, mas, depois da mava, não me incomodo com alguns arranhões enquanto coleto a linda planta e ouço ao fluxo de conversa suave e caloroso de Caro. Ela me lembra de um pássaro, com seus movimentos velozes e eficientes, a voz musical e os olhos brilhantes.

Quando enchemos um terço da cesta, ela fala:

— Roan parece gostar muito de você.

Fico tensa, embora as palavras também enviem uma pontada de prazer ilícito através de mim. Não parece uma censura, só curiosidade. Mesmo assim, fico cautelosa.

Quase digo: *Salvei a vida dele*. Mas, mesmo na minha cabeça, a frase me faz parecer uma criança, como se meu coração esperançoso estivesse transformando em realidade o devaneio de dez anos atrás. Liam empurrou Roan no fogo e talvez eu o tenha salvado — ou talvez tenha sido Papai e eu tenha moldado a história como se fosse minha, como Roan e eu costumávamos fazer na infância.

— Éramos amigos na infância — explico, por fim. — Quando meu pai trabalhava em Everless. Tenho uma dívida com ele por me recomendar a você. Lorde Liam tinha me designado à pilha de mava no outro dia e Roan me livrou da tarefa.

— Mava! — Seus olhos se arregalam de horror. — Eu estava mesmo me perguntando sobre as marcas nas suas mãos. O que fez pra merecer isso?

— Talvez eu tenha merecido um pouco, na verdade — digo casualmente, tentando suavizar o que acabei de contar. —Estava em um corredor onde não deveria estar, e claro que era perto do cofre. Liam me encontrou.

— Você estava tentando entrar no cofre? — ela pergunta sem rodeios.

Balanço a cabeça com força. A última coisa que preciso é que ela pense que sou uma ladra.

— Eu nunca ousaria. Foi um... acidente.

— Hmm. — Caro me examina, um sorrisinho curvando a lateral dos lábios. — Um acidente, para uma garota que conhece Everless tão bem?

Abro a boca, então a fecho de novo antes que possa revelar demais.

Caro ergue as sobrancelhas e colhe uma pequena fruta de um galho de azevinho, rolando-a entre os dedos.

— Você não precisa mentir pra mim, Jules. — A voz dela é quase melancólica. — Não sou bruta nem implacável como a Rainha. Não vou te prender em grilhões.

Balanço a cabeça, mas ela continua me olhando, esperando uma resposta.

Solto o ar devagar, com cuidado.

— Eu estava pensando que... pode haver algum objeto do meu pai no cofre. — Não quero contar a ela que estava seguindo Liam, mas isso também é verdade. E fico quase chocada com a facilidade com que a confissão escapa de minha boca, como se eu sempre pretendesse lhe contar. Ela disse que o azevinho induzia as pessoas a contar a verdade, mas isso não pode funcionar, pode?

— Quando nos mudamos de Everless, anos atrás, deixamos algumas coisas de valor aqui — acrescento depressa, como explicação. Não é uma mentira completa. — Talvez tenham acabado lá. — Balanço a cabeça. — É uma tolice, mas...

— Não diga isso — da interrompe. — Não é tolice. Seu pai se foi e você quer guardar o pouco que restou dele. Mas sim, mesmo agora que serve a Rainha, não seria bom ser pega tentando entrar no cofre. Os Getting são muito protetores em relação a seus preciosos ferros-sanguíneos. Liam, em especial. — Ela pausa. — Se puder, dou uma olhada pra você. O que pensa que pode haver lá dentro?

— Não! — exclamo, minha voz saindo mais alta do que eu queria. Acrescento depressa: — Liam disse que qualquer pessoa exceto um Gerling que tentar entrar pode morrer. A porta está encantada.

Para minha surpresa, Caro ri. O som é musical e mais alto que sua voz, flutuando sobre o jardim como sinos.

— Tenho certeza de que é apenas um tributo de tempo — ela diz.

— Mesmo assim, você não deve arriscar.

— Eu vou partir com a Rainha esta noite, por alguns dias — conta, ignorando meus protestos. — Vamos visitar um dos nobres menores no norte. Mas quando voltar, posso conferir pra você, discretamente. Ou podemos ir juntas; eu pago o tributo e você pode esperar com uma garrafa de anos. Pode ser divertido — ela conclui, com um brilho selvagem nos olhos claros.

— Caro, não! É perigoso demais. — Engulo em seco. De repente me sinto boba e assustada. — Eu... nem sei se é verdade, se tem algo do meu pai lá dentro.

— Mas parece importante. — Ela sorri. — Pode me fazer um favor em

troca?

— É claro — respondo depressa, querendo afastá-la da ideia de invadir o cofre. — Qualquer coisa.

— Se notar algo... estranho sobre o comportamento de Roan, pode me avisar? — Sua voz é doce, seu rosto levemente contraído de preocupação. O pedido transforma minha língua em areia quando me lembro dos segundos que passaram antes que ele soltasse minha mão.

— Sim, claro. Não será um problema.

— Obrigada — ela diz, envolvendo-me em um abraço rápido. — Você é minha amiga agora, Jules. De Ina também. Precisamos cuidar umas das outras.

Na distância, um dos sinos de Everless toca. Caro se ergue em um pulo antes que eu possa responder e empurra a cesta para minhas mãos.

— Tenho que servir a Rainha. Pode levar isso à cozinha? Eles vão preparar as treliças.

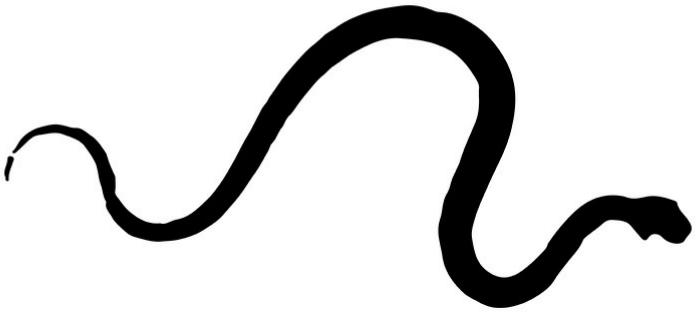
Ainda estou pensando na palavra *amiga* — não sei como isso pode ser verdade, se conheço Caro há menos de dois dias, mas parece certo e quero agradá-la.

— O que eu faço? — pergunto. — Vou acompanhar você e a Rainha? — Meu coração dispara com o pensamento.

— Não — ela responde depressa e sinto uma pontada de decepção. — Vamos cobrar uma dívida, será tedioso. Você fica aqui e serve Ina enquanto estivermos fora. Ela vai gostar de ter sua companhia. Quando ela não precisar de você, pode fazer o que quiser. A não ser que a Rainha ou Ina precisem de você, suas noites geralmente serão livres.

Quase a encaro, boquiaberta como uma idiota, mas fecho a boca e assinto — como se a ideia de ter noites livres não fosse um presente precioso e eu não quisesse chorar de gratidão. Uma pontada de felicidade me atravessa, diferente da emoção poluída e vingativa que senti ontem ao saber de minha nova posição. Esta é diferente, mais pura — nascida de nada mais complicado do que a ideia de ter uma amiga e uma noite para mim mesma.

17



É estranho e desconfortável estar entre os empregados da cozinha e não ser um deles. Para ser sincera, mesmo antes de ser escolhida como criada de Ina, eu me sentia deslocada — era recém-chegada em Everless, mas na verdade já tinha morado ali, um segredo vivo caminhando pelos corredores do palácio dos Gerling. Depois, na minha névoa de luto, os preparativos do casamento eram a última coisa em minha mente e eu mal falava com as pessoas que passavam o dia todo ao meu redor.

Em uma sala nos fundos da cozinha, um grupo de criados tece o azevinho e uma fita prateada larga na madeira da treliça. Deni, uma garota jovem com o cabelo preso em uma coroa de tranças, pega a cesta das minhas mãos e começa a espalhar o azevinho em uma mesa longa; um garoto que não conheço desenrola um arame fino.

Bea aparece ao meu lado. Ela pega um galho reluzente de azevinho da mesa e começa a tecê-lo com arame.

— Então, como é trabalhar para a Rainha? — ela pergunta pra mim.

Três outras garotas na mesa erguem os olhos para ouvir minha resposta. Lembro das palavras de Caro ontem — não devo falar da Rainha nem do que descobrir sobre ela.

— Não a vi muito, na verdade — respondo. — Espero ver em breve.

— Não se souber o que é bom pra você — Ingrid comenta, rolando uma frutinha entre a ponta dos dedos. A preocupação me corrói quando as outras murmuram em concordância. — Ela é capaz de te banir como baniu Addie.

— Ou de transformar você em uma moeda! — Deni dispara.

— Não ligue pra elas — recomenda Bea, com um olhar afiado para as duas meninas. — São exageradas, se quer saber minha opinião. — Ela se vira para o grupo. — O pai de meu pai serviu a Rainha quando era garoto e ela garantiu que ele fosse pra escola.

— É por isso que você está aqui? — Ingrid solta um ruído de desdém. Bea franze o cenho, claramente magoada, e se vira para o azevinho na mesa. — Desculpa Bea — diz Ingrid. — Mas é pro seu próprio bem. De vocês du...

— Vou ficar bem — interrompo, embora cada fibra de meu corpo grite o contrário. Aponto o queixo para as folhas prateadas na mesa, prontas para serem picadas e penduradas. — Vocês têm coisas mais importantes com que se preocupar.

Ingrid começa a protestar, mas uma figura pequena aparece na porta e acena antes que ela possa falar qualquer coisa. Não vejo Hinton há muito tempo — pelo menos é o que parece. Ele dispara entre as garotas e vem até mim. Eu me inclino e o abraço, mas ele parece nervoso e rígido e se debate em meus braços.

— Tem uma pessoa aqui pra te ver, Jules — anuncia em voz baixa. — No corredor. — Ele segura minha manga e me puxa em direção à porta.

Fico chocada ao ver Liam apoiado na parede oposta, com as mãos nos bolsos do casaco. Ele parece mal humorado, com as sobrancelhas franzidas profundamente. Joga uma moeda a Hinton, que a pega e desaparece na cozinha como um coelho em sua toca.

— O que está fazendo aqui? — pergunto. Tenho menos motivos para temê-lo agora que Roan e Caro estão do meu lado, mas os antigos medos fluem por minhas veias e não consigo silenciar os alertas que soam quando o vejo.

Ele tira um pedaço de papel do bolso do colete e o estende.

— Ina me ordenou que lhe entregasse isso.

Sorrio, lembrando da imitação que ela fez de Liam enquanto provava os vestidos — pelo visto, não consegue resistir ao impulso de recordar a ele que, apesar de seu nascimento, ela lhe é superior. Sinto uma satisfação mesquinha com o desconforto dele. Liam me encara furioso enquanto pego o papel e dou

um passo atrás para ler. A letra é bonita, mas levemente inclinada, como se o autor estivesse correndo para terminar.

Jules, pretendo dar uma volta fora de Everless amanhã e gastaria que fosse comigo. Por favor, encontre-me nos estábulos ao nascer do sol para aproveitarmos o dia.

Com amor, Ina

— Para uma criada, você se emaranhou depressa no funcionamento de Everless — Liam comenta quando enfio o bilhete no bolso do vestido.

— Não sei do que está falando.

— Ganhou o afeto de Lady Gold — ele diz. — E do meu irmão.

A resposta afiada que tenho na ponta da língua se dissolve. Mantenho os olhos fixos nele, examinando seu rosto para ver o que de sabe, e me deparo com uma determinação ilegível. Não consigo imaginar Roan contando nada a ele. Nas poucas vezes em que os vi na mesma sala, pareciam viver em universos separados — Roan no centro das atenções, feito de luz e risadas, e Liam observando em silêncio de algum canto, os olhos tão escuros que pareciam devorar qualquer claridade que se aproximasse, fazendo as velas tremeluzirem e vacilarem, como meu coração está fazendo agora.

— Seu irmão e eu nos conhecemos desde a infância — digo. — Você sabe disso. Estava lá também. — *Mas sempre à parte, sempre observador e silencioso.* — Roan e eu somos... — Paro, sem conseguir terminar o pensamento.

A boca de Liam se retorce.

— Amigos? — Ele dá uma risada cruel. — Acho que meu irmão tem outra coisa em mente.

Meu estômago se embrulha — não de dor nem de prazer com a sugestão, mas de raiva. Todos esses anos e nada mudou.

— Contestando seu irmão, sua futura nora e a mim de uma só vez — retruco, seca. — Impressionante. Você é tão orgulhoso que não aguenta obedecer às ordens de outra pessoa por alguns minutos?

Ele pisca, sua expressão se contraindo com algo como a mágoa e em

seguida ficando impassível outra vez.

— Não me importo com hierarquia — ele declara. — Nunca me importei.

— Ah, então é pessoal. — Antes que ele possa responder, eu me viro e sigo pelo corredor em direção aos dormitórios.

Há uma pausa, então:

— Você e seu pai não pertenciam a este lugar — Liam diz, com uma voz estranhamente inexpressiva.

Meu sangue fica frio, como se as horas, os dias e os anos dentro de mim parassem. Viro-me para encará-lo — seus olhos são como uma pederneira e, quando me aproximo, vejo a faísca neles.

— O que disse sobre meu pai? — Minha voz é baixa e, espero, transmite toda minha fúria. Depois de retribuir meu olhar por alguns segundos, ele abaixa os olhos sem responder. Seus ombros caem, na postura de um garoto que recebeu um tapa na mão por roubar doces.

Então os sinos de Everless tocam em um som alto, demorado e frenético, que parece seguir o ritmo de abertura e fechamento de meus punhos. Eu me viro e sigo pelo corredor outra vez, torcendo a cada passo para que Liam Gerling não me siga.

18

Na manhã seguinte, no dormitório, coloco um dos vestidos mais quentes — e suntuosos — que Caro me deu, botas e uma capa cinza. Embora ainda esteja irritada pela conversa com Liam, tenho que admirar a maciez do tecido e o peso da capa. Nunca possuí nada tão quente em todos os invernos severos que passei em Crofton.

Para meu choque, encontro Roan encostado na parede do corredor dos criados, um ponto no retângulo de luz que entra pela janela alta. Aspiro o ar com força. Será que ele está... esperando por mim? Ina contou sobre seu convite?

Mas ele parece igualmente surpreso ao me ver.

— Jules — ele diz à guisa de bom dia, então recupera o controle. — Ina mencionou que você vai acompanhá-la em um passeio. Para onde vão?

Antes que eu possa responder, Bea emerge dos dormitórios deslizando sobre os chinelos. Ela vê Roan primeiro e abre um sorriso largo — então olha para mim e seu sorriso vacila. Estou prestes a falar bom dia, mas ela já mudou de direção e desapareceu no corredor como se tivesse se lembrado de algo importante.

Roan a olha por um momento antes de se virar para mim. Na luz forte e oblíqua, suas covinhas se tomam pontos escuros. Percebo que ele está esperando uma resposta.

— Só vamos dar uma volta — falo casualmente. Parece que nem Roan sabe aonde Ina e eu vamos. Já estou suando com o calor do castelo, o peso do

vestido e o olhar dele. — Afinal, conheço bem as terras.

Isso o satisfaz. Ele inspira e solta o ar, passando uma mão pelo cabelo já bagunçado.

— É claro. Às vezes me preocupo que ela esteja ficando impaciente. Obrigado por lhe fazer companhia — ele diz, sério. — Cuide bem dela, e se cuide também.

Então, ele acena e segue na mesma direção que Bea, cobrindo o corredor rapidamente com seus passos longos. Sem pensar, estendo uma mão para impedi-lo, como uma planta tentando alcançar o sol. A palavra *espere* derrete na minha língua.

Quando ele some, sigo para os estábulos, perguntando-me por que — por que, por que — Ina Gold deixaria de contar ao noivo o que vamos fazer. A cada passo, sinto meu corpo se tornar um brinquedo, uma marionete — os Gerling, Ina e a Rainha me puxam para todas as direções, seus segredos se entrelaçando em mim, perfurando a pele e esticando meus membros. Eu só queria descobrir a verdade sobre meu pai — como vim parar no meio deste tabuleiro de xadrez?

É um alívio sair no ar frio e fresco do pátio. Nevou durante a noite, e uma camada branca, fina e cintilante reveste o grande jardim. Gostaria de andar, observar as paliçadas e torres de Everless à distância e admirar o lago. Mas o sol está um palmo acima do horizonte, então corro até os estábulos para encontrar Ina.

Ela já está lá, também usando um vestido de viagem e uma capa cinza, com uma bolsa de couro sobre o ombro. Ao ver minhas mãos nuas, tira um par de luvas da capa e as oferece a mim. fico suspresa, não só por sua generosidade, mas também pelo fato de que está vestida como eu — feito uma criada de alta posição.

Ela está ao lado de dois cavalos, um baio e um castanho. O baio já está selado e Tam está prendendo o equipamento no lombo do castanho. Meu estomago despenca como uma pedra na água e minhas palmas ficam suadas. Imaginei que íamos pegar uma carroça ou carruagem.

Embora eu saiba cavalgar — em Crofton, pegava serviços ocasionais para levar mensagens ou fazer entregas —, não sou muito habilidosa, e os cavalos

enormes, bem alimentados e vivazes dos Gerling me deixam nervosa. Depois de um momento, percebo que parei e estou encarando de modo grosseiro, então abaixo a cabeça depressa e faço uma mesura a Ina.

— Isso não é nessário — ela diz. Apesar do vestido simples, está tão linda e majestosa quanto sempre. Mas há algo hesitante, quase severo, em sua postura. Seu cabelo curto está escondido sob uma boina de lã simples, e as pontas criam uma franja escura e abrupta ao redor das orelhas. — É bom ter você aqui, Jules.

Com cautela, aproximo-me dos cavalos, cumprimentando Tam com um aceno e um sorriso. Ele olha com curiosidade de Lady Gold para mim, perguntando com os olhos por que estou aqui com a filha da Rainha. Eu balanço a cabeça de leve e faço com a boca: *Explico depois.* Ele torce os lábios e faz uma mesura rígida. Acrescento-o à lista de pessoas — que já inclui Lora, Bea e Hinton — a quem devo explicações por minha grosseria.

— De qual cavalo você gostaria? — Ina pergunta educadamente, como se questionasse se prefiro açúcar ou leite no chá. — Esta é Mel — ela acaricia o focinho do baio — e esta é Mava.

— Mel — respondo, tão depressa que ela ri. — Eu fico com Mel.

— Tudo bem, então. — Ela me passa as rédeas do baio e pisco nervosa quando a criatura se vira para me observar, parecendo me avaliar com os olhos grandes. Lembro do que meu pai dizia sobre cavalos: não pareça nervosa, mesmo se estiver.

A mesma dica serve para a realeza.

Por algum motivo, espero mais preparativos, mas Ina está pronta e Tam vem me ajudar a subir na sela de Mel. Monto sem jeito e seguro a frente da sela com nervosismo.

Ina vê meus ombros tensos e seu rosto fica surpreso, e em seguida constrangido. Posso ver que não lhe passou pela cabeça que talvez eu não saiba cavalgar e agora ela está envergonhada, perguntando-se como voltar atrás. Tudo que Ina Gold sente é transparente em seu belo rosto. O fato de nunca ter precisado esconder seus sentimentos é um privilégio — não me ressinto por isso. Ela me conhece há dois dias e está preocupada com meu conforto.

— Sei cavalgar — explico antes que ela possa dizer qualquer coisa. Quero sair de Everless, e respirar em liberdade, mesmo que apenas por um dia. Eu me endireito na sela e seguro as rédeas, tentando não pensar sobre como estou longe do chão, Ina monta no cavalo sozinha — graciosa como uma dançarina — e puxa o capuz sobre a cabeça enquanto nos guia para fora dos estábulos. Felizmente, Mel segue Mava por instinto.

— Quero visitar um orfanato entre Crofton e Laista — ela anuncia em voz baixa, quando estamos longe o suficiente de Tam. — Fica a cerca de uma hora daqui. Não contei a ninguém sobre isso, Roan, Caro nem à Rainha. Todos acham que serei caçada e abatida como uma lebre — diz, tão casualmente que tenho que rir. — Então eu ficaria grata se você... sabe...

Ina se vira para mim, mordendo o lábio. Lady Gold não parece o tipo de pessoa que guarda segredos, muito menos de seu noivo ou da mãe adotiva, mas então me lembro que também não pareço.

Aceno em silêncio e sorrio.

Algo atrás de mim chama a atenção de Ina e a faz se calar. Ela faz um gesto para que eu fique atrás dela enquanto nos aproximamos do portão sul, um conjunto menor de portões destinados a criados e a entregas, menores do que aqueles por onde ela e Rainha entraram uma semana atrás. Está vigiado por dois guardas, que parecem congelados e nos observam sem interesse, mas se aprumam assim que veem o rosto de Ina. Ambos fazem uma mesura baixa.

— Lady Gold — um balbucia, depois de se endireitar. — Vossa Alteza... deveria sair dos muros sem um acompanhante?

Ina não hesita, e há uma alegria em sua voz que não estava presente quando falava só comigo.

— Eu tenho uma acompanhante, a menos que considerem esta garota um fantasma — diz, gesticulando em minha direção. — Vou só surpreender Roan em sua caçada.

Mais uma vez, fico impressionada com a facilidade com que a mentira sai dos lábios dela. Seus olhos, claros e puros como gotas d'água, não revelam nada. Meus instintos dizem que devo lhe contar sobre a visita de Roan aos corredores dos criados esta manhã, mas guardo o fato junto com meus outros segredos.

De qualquer modo, sua desculpa funciona — os guardas abrem caminho e nos deixam passar. Saímos na planície além dos muros de Everless; os portões ficam abertos por um momento, depois se fecham com um barulho pesado. E incrível como me sinto imediatamente mais leve, como se não notasse o peso de ferro sobre meu peito até que fosse erguido.

Ina nos conduz à estrada principal. Ainda é cedo e os viajantes são poucos e esparsos — passamos por algumas carroças que seguem lentamente para Everless, carregadas com feno, madeira ou pilhas de grãos, mas ninguém mais parece estar saindo da cidade. Ina mantém o capuz abaixado, mas fora dos muros de Everless ninguém olha para ela. Ou melhor, as pessoas olham, mas do jeito que qualquer um olharia para uma garota linda como ela. Nenhum dos fazendeiros e mercadores pelos quais passamos parece saber que ela é a filha da Rainha e a futura governante de Sempera.

Quando ela vira Mava para uma estrada menor, que corta pela floresta, eu sigo, embora meus dedos apertem as rédeas, que ficam úmidas de suor. Eu me pergunto se meu pai atravessou estes bosques em sua última viagem a Everless.

— Você não acha que há... sangradores aqui, acha? — Ina olha ao redor com medo, menos confiante agora que estamos cercadas por troncos negros retorcidos e por sombras. Eu me pergunto se ela ficou muito assustada no ataque que matou seus criados. Ao ver meu olhar confuso, ela continua: — Você não ouviu? Uma bruxa foi assassinada ontem em Ayleston.

Um arrepio percorre minha coluna. Papai dizia que bruxas e outros feiticeiros menores eram charlatões, mas nem todo mundo acredita nisso — e alguns deles supostamente têm um relacionamento especial com o tempo, o que os torna alvos de ladrões. Balanço a cabeça enquanto limpo minha garganta e meus pensamentos.

— Perto de Everless nós estamos a salvo. — Dado que devo morrer por ela se formos atacadas, espero que seja verdade. — Mas não conheço bem esta parte da floresta.

— Não tem problema — ela diz, tirando um mapa dobrado do bolso do vestido.

A luz fica mais forte conforme os galhos das árvores dão lugar ao céu. Fico tensa no lombo de Mel — cada vez que ela se vira de leve para seguir Mava

ou desviar de algum obstáculo na trilha, aperto a sela com as coxas, com medo de cair. Pelo menos o frio diminuiu um pouco com o nascer do sol, e a paisagem ao nosso redor é estranhamente bela — tudo cintila com neve e gelo derretido.

Por mais que eu esteja grata pela mudança de cenário, não posso ignorar a suspeita de que a filha da Rainha está escondendo algo.

— Ina... — Hesito. Questionar a protegida da Rainha ainda parece muito estranho; o poder de Ina paira no ar como uma criatura esperando para dar o bote. Mas continuo. — Por que vamos a um orfanato? Se você não se importa em dizer.

— Ah. — Ela dá uma risada curta, mas o som parece oco. — Eu estava tão focada no mapa que esqueci de explicar.

Ela se vira um pouco na sela, tão à vontade como se estivesse em uma espreguiçadeira na praia próxima ao palácio da Rainha. Mesmo assim, demora para responder e, quando fala, sua voz sai lenta e baixa.

— Quero saber quem são meus pais de sangue — ela diz casualmente. — Amo a Rainha e sou grata a ela, mas quero saber quem... quem veio antes.

Ela se vira para a frente de novo, então não vejo mais seu rosto.

— Pensei em pedir a Roan que me acompanhasse, mas ele é tão... jovial. Não queria que ele pensasse sobre coisas tristes ou achasse que estou infeliz. — Entendo perfeitamente o impulso de manter toda a escuridão e tristeza do mundo longe de Roan. — E se a Rainha descobrir...

Termino a frase em minha mente: *Ela vai ficar decepcionada.*

Vai me acusar de traição.

Vai cortar minha cabeça.

Fico imaginando qual é a verdade, mas não ouso perguntar. Lembro da faca da Rainha voando em direção a Ina.

— E Caro? — pergunto.

Ina suspira, parecendo decepcionada

— Ela sabe que eu saio para cavalgar sozinha, mas não sabe aonde vou. Também não aprovaria. De toda forma está ocupada cumprindo uma de suas missões misteriosas para a Rainha.

— Que missões são essas? — pergunto, curiosa, no mesmo instante corando com minha impertinência.

— Nada importante — ela responde, desinteressada. — Você sabe que a Rainha é obcecada com a Feiticeira. Bem, ela gosta de visitar os locais históricos, campos de batalha e túmulos e coisa assim, e sempre leva Caro junto.

Uma dúvida me vem à mente.

— Como Caro entrou no serviço da Rainha? Ela também foi... — Deixo as palavras no ar, mas pelo jeito como ela aperta as rédeas, sei que entendeu o que eu quis dizer.

— Abandonada, como os outros? — ela termina com suavidade.

Meu silêncio é sua resposta.

Ina se vira e me dá um sorriso — embora a tristeza ainda cubra delicadamente suas feições, como fumaça.

— Ela afirma que nunca teve curiosidade sobre seus pais e que eu também não deveria ter. Diz que foi o destino que a levou ao palácio e à Rainha e que não se importa com o que veio antes. É muito leal, como se fosse da família. Mas se não tivesse chegado até nós já mais velha...

Há uma emoção entrelaçada na voz de Ina — não sei distinguir se é dúvida, culpa ou inveja. Talvez as três.

Ela me olha pelo canto do olho.

— Fico grata a você por ser discreta. É bom falar com outra ór... — Ela puxa as rédeas de Mava e para de repente. — Desculpe-me, sou uma idiota. Não deveria estar falando de família logo depois da morte do seu pai.

— Tudo bem — respondo depressa, mesmo que sinta uma pontada no coração. E uma dor boa, se é que existe tal coisa. Falar abertamente essas palavras (*pais, órfã)* é estranho, mas melhor do que mantê-las fervendo sob a pele. Parte de mim acha incrível que Ina Gold confie tanto nas pessoas. Mas por que não confiaria? Talvez seja eu, com minhas paisagens ocultas de segredos e temores, que seja anormal.

Ina pisca como se sentisse o mesmo.

— É um alívio confiar em você, Jules. Sinto que posso falar e você vai

entender. — Ela sorri, um pouco tímida. — Faça-me parar se eu não estiver fazendo sentido. Sei que estou presumindo muito...

Balanço a cabeça — eu a entendo de fato, pelo menos quando ela fala sobre os pais. Todo o meu corpo quer se agarrar à ideia de meu pai. A prova é a carta dele no bolso de meu vestido, quase desmanchando depois de ser aberta e dobrada tantas vezes. E quero que Ina saiba disso. Quero que confie em mim.

Ela bate os calcanhares em Mava, e Mel segue. Ina e eu formamos uma dupla estranha — uma princesa e uma criada, uma órfã há muito tempo e uma há pouco, uma favorita da Rainha e uma que teve o amor de um pai. Passa pela minha cabeça que eu não trocaria de lugar com ela se tivesse a chance; não trocaria meu pai pela Rainha.

O pensamento faz uma onda fresca de dor me atravessar e tento pensar em outro assunto de conversa rapidamente antes que possa ser consumida por ela.

— Pensei que o orfanato da Rainha ficasse no litoral leste, perto do palácio — digo. Mas isso implicaria uma jornada de semanas, e Ina e eu trouxemos suprimentos apenas para algumas horas.

— Esse foi o primeiro orfanato — ela explica. — Já estive em quase todos eles. Há tantos, Jules, no reino todo. As famílias ainda abandonam seus filhos nas praias do palácio. Poderíamos formar uma cidade só de órfãos.

Balanço a cabeça, imaginando uma cidade com habitantes sem qualquer conhecimento do próprio passado.

— Visitei todos que encontrei para examinar seus arquivos — ela continua. O fluxo de palavras deixa claro que ela refletiu sobre o assunto muitas vezes. — A verdade é que não sei de qual eu vim, e não posso perguntar à Sua Majestade.

— Claro que não — murmuro. Algo me causa um arrepio e puxo a capa de lã ao redor do corpo.

— Tudo o que sei é que Ina é o nome que minha mãe de sangue me deu. — Ela faz uma pausa. — E mesmo assim não tenho certeza disso. — Ela não precisa falar nada para que eu a entenda: a dor de ansiar pelo toque gentil de uma mãe ou pai, por uma palavra de conforto, abriu um buraco em meu peito. — Então visitei quase todos os orfanatos no reino. E não encontrei

nada.

Sou tomada por uma curiosidade mórbida. Será que meus pais de sangue estão vivos ou mortos? Será que me deixaram no litoral do palácio, para ser escolhida pela Rainha, encontrada por um orfanato ou morrer sob o ar marítimo? Como Papai me reivindicou como sua filha?

Isso tem algo a ver com o motivo que o fez morrer por mim?

Passamos por uma clareira; embora o sol esteja alto agora, tremo outra vez, deixando-me aquecer pela carta guardada perto do coração. Ele deve ter me encontrado em um desses orfanatos e me deu o que Ina Gold, princesa de Sempera, nunca teve: amor.

Depois da guinada sombria na conversa, cavalgamos o resto do caminho em silêncio. O mapa de Ina nos leva por trilhas cada vez mais estreitas, através de planícies e bosques, até que entramos em uma floresta de bétulas e encontramos um enorme portão de ferro forjado, ornamentado, mas cheio de ferrugem. As palavras entalhadas no topo estão cobertas de neve e gelo, mas ainda consigo lê-las: *é refúgio para as crianças de Sempera,de modo que todas tenham um lar.* A inscrição inquieta algo que está profundamente enterrado em meu coração.

Ficamos paradas diante do portão por alguns minutos, sem saber se devemos gritar por alguém — tudo que vemos além é mais neve e mais árvores. Mas, antes que uma de nós possa desmontar, uma criança aparece atrás das barras — uma menininha com seis ou sete anos, com cabelo preto cortado rente à cabeça e olhos muito arregalados. Ela nos observa solenemente, apertando as mãos nuas ao redor do ferro forjado. Está usando um casaco puído e uma calça grande demais, nem de longe o suficiente para se proteger do frio.

— Você é uma fada? — ela pergunta.

Ina abre a boca e hesita, olhando para mim. Seu autocontrole usual parece ter sumido; ela está ansiosa e incerta, seus lábios rachados de tanto serem mordidos. Exceto por aquele breve momento fora dos aposentos da Rainha, nunca a vi nervosa — nem quando estava entrando pela primeira vez em Everless em um cortejo real. Então desço do cavalo, pousando com força na neve.

A menina não se mexe quando me aproximo. Eu me agacho diante do portão para ficar no nível dos olhos dela e tento canalizar o modo como Lora fala comigo ou como meu pai falava quando eu era pequena.

— Fadas não existem, querida — afirmo, tentando soar feliz e acessível, embora não consiga parar de pensar no frio que ela deve estar sentindo, seus dedos apertando o portão de metal.

A garota assente e olha para além de mim. Percebo que não está observando Ina nem eu, e sim os cavalos. Olho sobre o ombro e os vejo através de seus olhos, o pelo brilhante e a crina sedosa de Mava e a curva orgulhosa do pescoço de Mel.

— Pode afagá-los — digo. — Vá em frente.

Ela pisca para mim, então um esboço de sorriso ilumina seu rosto. Ela aperta as barras de metal e recua, abrindo o portão. Gesticulo para Ina — ela pisca, hesitante, depois desmonta e pega as rédeas dos dois cavalos. Enquanto Ina os puxa através do portão, a garota, encantada, ergue a mão para afagar o flanco de Mava.

Em meio às árvores adiante, um prédio começa a tomar forma — uma construção grande e decrépita, como se alguém tivesse tentado imitar Everless sem ter nem os ferros-sanguíneos nem os conhecimentos dos Gerling. Duas alas de pedra negra margeiam um pátio grande, onde dezenas de garotos e garotas correm para todos os lados e brincam na neve. Nenhum parece ter mais que dez anos. Seus gritos estridentes ecoam entre as árvores.

Ina apoia a mão em meu braço, olhando trêmula para o prédio.

— Você pode... entrar por mim? — ela pergunta. — Preciso dar uma volta.

Eu a encaro.

— Não quer ir pessoalmente?

— Temos quase a mesma idade... — Ela evita meu olhar, olhando para as crianças que agora encaram os cavalos, boquiabertas. — Pergunte se podemos verificar os registros do mês anterior ao dia em que a Rainha me encontrou. Acho que deve ser suficiente. Mas diga que é pra você. — Falando cada vez mais rápido de nervosismo, ela me informa o dia de seu nascimento como a Rainha se lembra, seis de março, e percebo com surpresa que ela só é alguns

dias mais velha que eu, nascida no dia onze.

Em um momento de clareza, também entendo por que ela quer que eu finja procurar as informações — ninguém pode saber que ela está aqui no interior tentando descobrir mais sobre sua vida antes da Rainha. Meu estômago se embrulha em uma combinação de decepção e mágoa. Continuo sendo uma ferramenta, uma luva para ser vestida e usada pelos mais poderosos — mesmo Ina Gold, a garota que uma hora atrás disse que podia confiar em mim e que nos entendíamos. Mas só respondo:

— É claro.

Ina encontra um estábulo para os cavalos e eu sigo para dentro. Mais perto, posso ver que o prédio não é bem conservado. Alguns tijolos parecem soltos e me encontro sobre um chão de tábuas velhas e empenadas. Um fogo baixo queima em uma lareira e um homem calvo mais velho está sentado a uma mesa do outro lado da sala, escrevendo em um livro de registros. Quando a porta se fecha, ele ergue os olhos, assustado, e me examina.

— Boa tarde — diz com a voz um pouco estridente. — Como posso ajudar a senhorita?

— Boa tarde — Pigarreio e recito as palavras que Ina me passou: sou uma órfã curiosa que trabalha em Laista e gostaria de examinar os registros da instituição para ver se encontro alguma informação sobre meu nascimento em um inverno, dezessete anos atrás.

O empregado escuta atentamente, então se levanta — ouço suas juntas estalarem — e vai até uma estante em uma parede, repleta de livros enormes e antigos em estágios diversos de deterioração. Ele passa um dedo sobre eles, sem seguir nenhuma lógica que eu consiga identificar, e enfim puxa um de uma prateleira alta. Então o joga sobre a mesa com um baque, fazendo-me tossir com a nuvem de poeira que se ergue.

Quando abre o livro, aproximo-me para ler sobre seu ombro. Cada página grande e amarelada apresenta várias fileiras de nomes e números. O nome da criança e seu aniversário, se fosse conhecido; o dia e a condição em que chegou ao orfanato; e o nome dos pais adotivos, se houve algum. A última coluna só está preenchida em um terço dos casos, mas então chego a uma seção em que todas as informações estão dispersas. Há números em vez de nomes e muitas lacunas.

O homem vê a confusão em meu rosto.

— A mulher que mantinha o orfanato antes de mim e meu marido era péssima em manter os registros — ele explica. — Algumas décadas atrás, houve uns casos desagradáveis de pessoas que adotavam crianças só pra roubar seu tempo. A Rainha enforcou todos eles e demitiu os empregados que deixaram isso acontecer. Para manter a ordem, sabe. — Ele ri sem humor. — Por garantia, melhoramos bastante os registros ao longo dos anos. Mas... — Ele franze o cenho, olhando mais de perto. — Esse foi o ano daqueles tremores.

— Tremores? — repito. — Na terra? — Não os sentimos em Crofton, mas as histórias me deixaram acordada de noite: em uma cidade perto do palácio, o chão se partiu no meio, engolindo prédios e pessoas.

O homem ergue as sobrancelhas.

— Não, tremores no tempo. — De repente, tenho uma lembrança vaga de meu pai desprezando histórias sobre rupturas no tempo. — No inverno que você está procurando, tivemos todo tipo de perturbações. Momentos congelados, dias que pareciam longos demais. Uma vez, perdemos uma hora inteira. As pessoas estavam frenéticas. Houve pânico no litoral, pilhagens e toda aquela história em Briarsmoor. — O homem morde o interior da bochecha, encarando algum ponto além de meu ombro.

Começo a suspeitar que meu pai não me contou nada sobre o mundo.

— O que é Briarsmoor?

— Não ensinam nada para as crianças hoje em dia. — Ele fala com um leve tom de censura, mas não é dirigida a mim. — Briarsmoor é uma cidade que está a alguns quilômetros ao norte, doze horas atrás do resto de nós. Se você e eu estivéssemos lá agora, seria o meio da noite. O tempo congelou por metade de um dia lá naquele verão, e as pessoas começaram a dizer que todas as crianças vindas de lá eram amaldiçoadas.

Ele apoia o queixo na mão e inclina a cabeça para mim, esperando uma reação, mas minha mente está girando com o que ele contou. Não é incomum que o tempo tropece de vez em quando, reduzindo-se, acelerando ou pausando por um momento, de modo que o vento e o sol fiquem imóveis enquanto seguimos com nossas vidas, sem perceber que estamos fora da

corrente temporal. Mas tudo sempre se resolve. Não consigo acreditar que o tempo poderia parar durante meio dia — e ainda menos que o atraso poderia persistir por tanto tempo.

— A Rainha ordenou que todos evacuassem a cidade — ele continua —, mas o estrago estava feito.

Meia hora depois, já folheei o livro três vezes, da primeira à última página, então da última à primeira de novo, sem encontrar nenhum sinal de Ina ou de mim. E, de fato, está faltando uma semana nos registros. Será que fomos abandonadas na semana fora do tempo?

Briarsmoor. O nome acende em mim algo como reconhecimento — mas como poderia, se Papai nunca o mencionou?

— Jules? — Ina chama de fora, assustando-me. Agradeço o homem por sua ajuda e devolvo o livro inútil à sua prateleira, depois saio depressa para encontrar a filha da Rainha.

Começou a nevar e uma fina camada de branco cobre o capuz dela. Ina me vê e a esperança morre em seu rosto.

— Nada? Nenhum registro?

— Nenhum nome — digo. — Mas...

Antes que eu possa contar sobre Briarsmoor, ela bufa e me dá as costas.

— Esses lugares com seus registros malfeitos — ela reclama em uma voz abafada. Vejo por sua postura que a irritação é fingida. Embora não a conheça tão bem, percebo que está prestes a chorar. — Vasculhei praticamente todos os orfanatos no reino.

Quero dizer algo reconfortante, mas ela já está se afastando depressa em direção ao estábulo quase demolido do orfanato. O grupo de crianças de olhos arregalados admirando nossos cavalos se dispersa à nossa chegada, desaparecendo por uma porta dos fundos antes que possamos falar qualquer coisa.

Quando montamos, tenho uma ideia.

— O homem disse uma coisa — começo, fazendo Ina erguer a cabeça bruscamente. — Ele contou que há uma cidade ao norte daqui...

— Eu sei — ela interrompe. — Briarsmoor. — Sua boca se retorce como

se ela tivesse comido uma fruta estragada.

— Já esteve lá?

— Não, mas a conheço — ela responde, categórica. — E não há nada lá, só ruínas.

Meu coração se aperta, mas...

— Não pode não haver *nada* — insisto. — Talvez não haja pessoas, mas livros ou documentos?

— Não posso ir a Briarsmoor. A Rainha proibiu. — Sua voz é dura como pedra, e me pergunto se há um antigo conflito enterrado ali, sensível demais para que ela o revele. — Ela diz que a cidade é amaldiçoada.

— Talvez... — começo, mas Ina já subiu na sela. Ela olha para mim e então para a estrada ao norte, enrijecendo-se. Mas então parece murchar. Seus ombros caem, fazendo-a parecer menos com uma princesa e mais com qualquer garota triste que eu poderia ter conhecido em Crofton.

— E o que faríamos lá, mesmo se a Rainha não descobrisse? — ela questiona, com uma nota de amargura incomum na voz. — Não, estou farta de becos sem saída e cidades estranhas.

Um protesto se ergue em minha garganta, mas o reprimo e monto no cavalo. Não cabe a mim questioná-la.

Voltamos a Everless em silêncio — o humor de Ina está sombrio, enquanto eu continuo consumida pelo que o homem me contou. Briarsmoor. Como é possível... e por que meu pai jamais mencionou esse nome ou a história da cidade curiosa que caiu para fora do tempo?

Mas não há fim para os segredos que ele escondeu de mim. Até sua morte é um mistério.

Outro pensamento me atinge com força: talvez eu também seja um mistério — um segredo — que precisa ser desvendado.

A ideia se enraíza em um lugar profundo e sei que, assim que puder, darei um jeito de ir à cidade fora do tempo.

Com um saco de horas dos Gerling no bolso, penso.

Se há alguma verdade na superstição que o homem mencionou — que os bebês de Briarsmoor são amaldiçoados — tenho certeza de que Ina, a criança

mais abençoada do reino, não pode ter nascido lá.

Mas eu sou outra história.

O tempo sempre se moveu estranhamente ao meu redor, às vezes demorando-se demais, depois tropeçando para alcançar o resto do mundo. Talvez seja o efeito de Briarsmoor, que se prendeu a mim durante todos esses anos.

E com certeza me sinto amaldiçoada. O peso de tudo que perdi é uma pilha de pedras em meu peito. Minha mãe e meu pai são as mais pesadas, mas há milhares de outras, pequenas coisas que me foram roubadas — nosso jardim em Crofton, o abraço reconfortante de Amma... E, mais para trás, o calor da oficina de ferreiro, o sorriso infantil de Roan. Puxo as rédeas de Mel e fico para trás, para que Ina não veja as lágrimas que escorrem por meu rosto.

***

Chegamos a Everless quando o sol está começando a se pôr. O palácio é uma silhueta espichada e escura contra o brilho laranja do céu. Ina para na estrada vazia e eu paro ao lado dela. Examino seu rosto, sem saber se há algo errado, mas ela está só encarando aquele lar temporário que compartilhamos, suas belas feições tomadas por uma mistura curiosa de encantamento e dor.

— Talvez seja melhor que eu não saiba — ela fala, quase para si mesma. Eu me aproximo para ouvir. — Faltam menos de três semanas para o casamento, pelo amor da Feiticeira. Talvez isso seja um sinal de que eu não deveria estar correndo pelo reino procurando respostas que provavelmente não existam... quer dizer, já tenho tudo de que preciso.

Ela me olha, vulnerável. Embora eu não entenda por que Ina Gold, filha da Rainha, precisaria do consolo de uma criada, essa necessidade está nítida em seu rosto.

Sinto uma pontada de irritação. Por que ela precisaria que eu a reconfortasse, quando ela tem tudo com que poderia sonhar ao alcance dos dedos e vai sentar no trono um dia?

Mas seus olhos me lembram das corças que eu costumava encontrar na floresta de Crofton. Minha sobrevivência — e a de Papai — exigia que eu

fosse uma caçadora implacável. Mesmo assim, se uma corça me olhasse diretamente, nunca conseguia atirar.

Pego sua mão enluvada. Apesar de tudo, quero ajudá-la. Sei como é estar perdida.

— Meu pai me criou como sua filha, mas depois confessou que não sou — eu lhe conto. Ela aperta minhas mãos com tanta força que me encolho. — Sei como é a sensação de não saber, mas... — Paro, deixando que a verdade se revire dentro de mim. — É mais solitário saber que ele não me contou a verdade. Que tinha medo, porque pensava que eu não o amaria como pai. Mas ele estava enganado.

A filha da Rainha puxa as mãos de volta e cobre o rosto. Então, na sombra crescente do palácio, começa a soluçar. O som é como uma lâmina no peito — deixei o luto levar a melhor e falei a coisa errada.

— Todos Em Everless a amam — digo. Ela se inclina E apoia a cabeça em meu ombro, assentindo devagar. — Ninguém falava de outra coisa antes de você chegar só de Ina Gold e como era linda e gentil e como Roan era sortudo por casar com ela. — O nome dele aumenta o peso das pedras em meu peito, mas me obrigo a continuar. — E isso foi só o começo. Todos podem ver como a Rainha ama você, e Caro e... e como Roan — hesito — te adora.

Um sorriso fraco, mas genuíno, se abre no rosto de Ina.

— Obrigada, Jules. — Ela olha para Everless. — Estou prestes a me casar com Roan Gerling. Nenhuma garota jamais teve menos motivos para ser ingrata.

Uma lembrança se esgueira no fundo de minha mente — Roan no corredor estreito onde o encontrei outro dia, corado e cheirando a perfume. *Lavanda, não água de rosas.* Não é da minha conta e eu não deveria perguntar, mas...

— Você o ama? — pergunto de repente.

Uma expressão surpresa atravessa seu rosto. Ela me olha, então Everless, em seguida vira para mim de novo.

— Sim — responde. — Mais que tudo.

Ela impele o cavalo para a frente, em direção a Everless, a Roan e a seu futuro. Meu cavalo segue devagar — uma sombra viva do de Ina. Fecho os olhos para evitar a cena. *Eu tenho uma acompanhante, a menos que considerem esta garota um fantasma,* ela disse antes. Agora, sinto que talvez seja.

***

Depois que deixamos Mel e Mava nos estábulos com Tam e nos aproximamos da entrada leste, Ina sussurra nas sombras: — Não é que eu esteja infeliz, Jules, quero que saiba disso.

— Eu sei — respondo. — Entendo. — É possível sentir alegria e dor ao mesmo tempo. E possível olhar para o horizonte e ainda sofrer pelo que se perdeu.

Percebo que ela parou. Viro para ela e vejo que está torcendo as mãos. Há algo mais em seu rosto, algo querendo escapar.

— Ina... o que foi?

— Você precisa me prometer que não vai contar isso a ninguém — diz. — Nem a Caro nem aos outros criados.

Meu coração dispara.

— Prometo.

— Foi um homem. — Ela fala baixo. — Alguns anos atrás, na colheita de verão em uma província de Elsen, a Rainha estava fazendo um discurso para o povo. Eu estava entre eles para poder ver também. — Ela engole em seco. — Um homem me pegou pelo braço. É claro que gritei por minha guarda, como fui treinada a fazer. Mas, antes de correr, ele me disse... — Ela para e olha ao redor.

— O quê? Diga — ordeno sem pensar, ficando chocada com a ordem. A boca dela estremece.

— *A Rainha lhe quer mal Ela vai te matar* — Assim que pronuncia as palavras, Ina parece ter engolido veneno. Ouço sua respiração ficar mais rápida. — Pensei nisso sem parar. Ele arriscou a vida me agarrando. Por que fez isso? Não parecia querer me ferir.

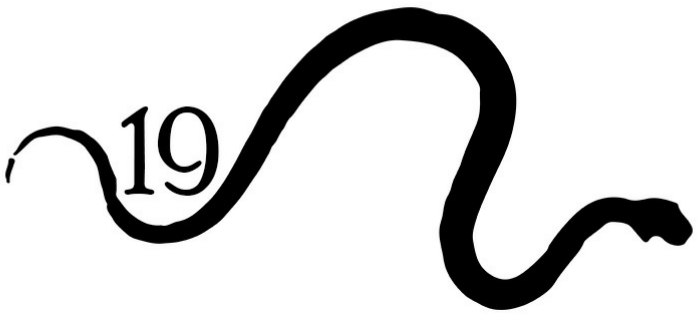
— Parece um louco — eu sussurro. Mas suas palavras parecem menos insanas depois que vi a faca da Rainha voando até o peito de Ina. As palavras de Lady Sida também flutuam em minha mente. Ela também é louca, certamente, porém...

Ina assente.

— Deve ser isso. Foi o que eu disse a mim mesma até a exaustão. Por um momento, pensei que esse homem poderia ser... — Ela aperta os lábios em uma linha fina. — Meu pai. Que a Rainha tivesse me roubado dele, como uma fada levando uma criança na noite. — Ela dá uma risada curta e amarga. — Isso é impossível, eu sei. Não conte a ninguém, Jules, por favor. Seria a minha ruína.

— É claro — murmuro. Não falo mais nada e da também não, mas sei que o mesmo pensamento se infiltrou em nossas mentes.

E se ele estivesse dizendo a verdade?



A Rainha está de volta a Everless antes da aurora da manhã seguinte. O fato de preferir viajar à noite é uma mensagem, embrulhada em papel pardo e desesperada para falar.

Quando volto ao dormitório das mulheres depois de observar sua carruagem entrar em Everless, encontro uma bolsinha de veludo no topo de minha cama arrumada. Outro presente — o que significa mais fofocas às minhas custas. Ao lado dele, encontro um bilhete na letra bonita de Ina: *Obrigada pela discrição, Jules*.

Sento e pego a bolsa. O peso dos ferros-sanguíneos dentro é como um soco no estômago. Ela cai de minha mão, fazendo uma moeda mensal brilhante rolar pela coberta fina, e ao meu redor as mulheres se viram para mim. Seus olhares, até então propositadamente afastados, são atraídos pelo brilho do metal.

Pego a moeda, nauseada, e as outras garotas logo desviam os olhos. Elas confundem minha reação com suspeita — como se eu pensasse que uma delas vai me roubar. Mas elas não são o motivo para a tristeza que se revira dentro de mim.

A proximidade que senti com Ina ontem, a conexão, os segredos compartilhados... foi tudo como uma bolha de sabão, crescendo e brilhando em mim, que agora se rompeu. Pensei que Ina era... bem, não minha amiga, isso seria tolo, mas alguma outra coisa. Que eu era mais do que uma criada que precisava ser comprada. Há pelo menos alguns anos na bolsa, e meu rosto queima de humilhação. Mas enquanto enfio o dinheiro furiosamente sob o

travesseiro, uma voz desdenhosa e racional me informa que não é com a doce e ingênua Ina que eu deveria estar brava. E comigo mesma — por esquecer quem somos e ousar pensar que eu poderia significar algo para a futura Rainha de Sempera.

Vergonha se mistura ao turbilhão dentro de mim. Não cheguei mais perto de descobrir o segredo por trás da morte de meu pai — seu assassinato, como comecei a pensar na questão, uma vez que o tempo extraído de seu sangue o matou tão certeiramente quanto uma faca no coração. Será que fiquei distraída e deslumbrada pelos belos vestidos de Ina, as fofocas amigáveis de Caro e os sorrisos de Roan, que parecem destinados apenas para mim, e me esqueci da promessa que fiz na margem do lago depois da morte de Papai?

Não fiquei em Everless para virar amiga de Ina Gold. Se vou passar meus dias servindo aos Gerling, quero que a morte de Papai tenha algum significado. A necessidade de saber queima em mim mais forte do que nunca.

Eu preciso ver a Rainha.

***

Nos dias seguintes, invento motivos para me aproximar dela, encontrando pequenas tarefas que me levarão ao longo corredor onde ficam seus aposentos, na esperança de vê-la por um instante. Digo a Caro que posso entregar quaisquer mensagens para a Rainha. Levo suas roupas sujas, pilhas de veludo e seda, para a lavanderia. Preparo chá de manhã e à noite, e o deixo na porta enquanto os guardas postados me lançam olhares desconfiados.

Certa noite, quando chego à porta da Rainha para entregar seu chá, os guardas não estão lá. Bato na porta e deixo a bandeja do lado de fora. Mas então fico mais tempo do que deveria no corredor vazio, esperando que a Rainha apareça, até que o chá com certeza já tenha esfriado. Quando estou prestes a desistir e voltar aos dormitórios, a porta se abre.

Levo um momento confuso e demorado antes de perceber que a mulher que abriu a porta é, de fato, a Rainha de Sempera. Ela parece mais com um dos bêbados que saem cambaleando das piores tavernas de Crofton nas primeiras horas da manhã. Seu cabelo cor de chama está emaranhado e ela

parece ter se vestido no escuro — só dois terços dos botões do vestido estão abotoados, revelando um trecho de pele branca na frente do peito. Os cantos de sua boca exibem manchas vermelho escuras que podem ser de batom ou de sangue.

Ela dá um passo vacilante para a frente e quase caio em minha pressa de me afastar. Mas meus ombros batem contra o peito de alguém e mãos pequenas, mas fortes, se fecham sobre meus braços, mantendo-me em pé. Estou prestes a libertar um grito que sobe pela garganta, então Caro me vira para encará-la.

— Shh, Jules — ela murmura; seus olhos estão gigantes no corredor escuro. — Está tudo bem.

Ela me deixa de lado como uma criança pequena e vá até a Rainha, e observo em confusão enquanto apoia a mão nua sobre o coração de Sua Majestade. Nossa governante intocável fecha os olhos e se inclina contra o toque, parecendo extrair forças dele. Um momento depois, ela se vira e desaparece no quarto sem falar nada. *Não tocará, nem para auxiliá-la,* lembro — mas parece que Caro é a exceção. Lado a lado na luz baixa, elas quase parecem mãe e filha, com postura idêntica, os olhos da Rainha refletindo Caro.

Caro se vira para mim, soltando um suspiro pesado.

— Sinto muito que tenha visto isso, Jules — ela diz. — Às vezes Sua Majestade deixa seus deveres tomarem precedência sobre seu bem-estar e não descansa como deveria. Ela sofre de terrores noturnos.

Eu já vi pesadelos, penso, *meus e de outros, mas ninguém que os teve nunca pareceu como se tivesse rastejado para fora de um túmulo.* Mas meu terror ainda está preso na garganta, então só consigo assentir. Caro coloca um braço ao meu redor e sinto o calor retornar ao corpo. Eu me pergunto se essa é a mesma sensação que a Rainha teve.

— Isso deve ficar entre nós, Jules — ela diz suavemente. Outro segredo. — Se as pessoas soubessem de alguma fraqueza dela...

— É claro — respondo depressa, recuperando a voz. — Eu sirvo à Rainha.

Caio se inclina mais para perto.

— Jules, você deve entender uma coisa. Você sabe que a Rainha... você viu

como ela... — Ela para e me olha para garantir que esteja escutando. — Ela vai morrer em breve. Ferros-sanguíneos não podem salvá-la. Nada pode ser feito. Em pouco tempo, Ina estará casada e Sempera terá uma nova governante.

Perguntas inundam minha mente. *Será que um dia vou descobrir se houve uma razão para a morte de meu pai?* Buscando algo — qualquer coisa — para fazer, inclino-me e pego a xícara de chá que deixei à porta da Rainha. Ela balança no pires e Caro delicadamente os tira de mim.

— Agora — ela diz, gentil —, enquanto a Rainha descansa, por que não fazemos algo por nós mesmas? — Eu a encaro sem entender. — Quando começarem os preparativos do casamento, Ina não vai ter nenhum momento livre, e ela quer uma última aventura antes de... — Ela franze o cenho. Apesar da leveza forçada em seu tom, a revelação sobre a morte da Rainha paira no ar. — Antes de ser uma mulher casada.

Aventuras e casamento estão tão longe da minha mente quanto a Lua, mas deixo que Caro me puxe, sem saber como reagir.

— Acabei de vir dos estábulos — ela me conta, em uma voz baixa e animada, enquanto percorremos o corredor apressadas. — Arranjei uma carruagem para nos levar a uma taverna em Laista. Vamos comemorar, nós três.

Os tapetes suntuosos abafam nossos passos até a ala onde ficam os aposentos de Ina. Ela abre imediatamente quando batemos à porta. Preciso de um momento para reconhecê-la: ela prendeu o cabelo com broches prateados e flores. Seu vestido é uma criação elaborada de tule e renda, com um decote que me faz corar.

— É tão gentil da sua parte se juntar a nós, Jules — ela diz, rindo, enquanto Caro me empurra para dentro. — Aceita uma bebida? — Ela já está segurando uma garrafa pelo gargalo, um vidro verde com um liquido cintilante, e a estende para mim.

Minha expressão deve ser resposta suficiente, porque Caro passa um braço protetor ao redor de minha cintura.

— Ina, dê à pobre garota um tempo para se acostumar — ela sussurra, virando-me da princesa em direção a um guarda-roupa enorme que despeja

seda e veludo em todas as cores imagináveis e mais algumas. — Primeiro precisamos achar algo para ela usar.

— Mas... — Meu protesto fraco é ignorado por Ina, que entra no armário e começa a puxar um vestido após o outro, até seus braços estarem cheios.

Ela faz um gesto para que eu a siga até a cama, onde, animada, dispõe os vestidos. São todos coloridos, minúsculos ou frívolos — ou os três. Ina já está escolhendo um de seda azul que parece preocupantemente pequeno em suas mãos. Quando o passa para mim, não consigo acreditar que o tecido leve é um vestido, muito menos algo que eu possa usar fora do castelo com esse frio.

Mas Ina aguarda imóvel com a mão na cintura e Caro está um pouco atrás dela, com a cabeça inclinada e um brilho travesso nos olhos. Não tenho escolha, então estendo a mão à nuca para soltar meu vestido. Lembro de Ina andando pelo quarto em suas roupas de baixo no outro dia, experimentando os vestidos de casamento — mas ela tem uma beleza natural que eu nunca poderia igualar. Diante delas, sinto-me atrapalhada e desajeitada, toda cotovelos, joelhos e ângulos afiados — um corpo que cresceu passando fome.

Os olhos de Caro pousam em mim e ela franze um pouco o cenho, mas não diz nada. Ina não percebe meu desconforto e sacode o vestido diante de mim. Ergo os braços e permito que da o deslize sobre minha cabeça enquanto Caro vem para trás e abotoa as costas.

Ina me puxa até a penteadeira. Sobre a superfície polida há uma bagunça de tintas, bastões e frascos de coisas que não sei identificar, abertos e expondo cores marrons, pretas e vermelhas fortes para Ina, e coral, rosa e bronze para Caro. O aroma dos frascos flutua no quarto. Ina pega um pincel de pó e Caro uma escova de madeira. Fecho os olhos e as deixo trabalhar.

Quando os abro, meu rosto no espelho me enche de surpresa. Ainda pareço eu mesma, mas as olheiras sumiram e minhas bochechas chupadas parecem cheias e viçosas. Contornados com delineador, meus olhos castanhos revelam pontos âmbar que nunca vi antes, e Caro prendeu meu cabelo em um coque discreto, mas intricado, que pende atrás da nuca.

A pele opaca e os olhos cansados sumiram. Perceber que eles não são parte de mim alegra meu coração.

— Ina — digo —, você deve ser mágica.

Ela ri e aperta meu ombro.

Enquanto elas pintam os toques finais em seus próprios rostos, sou tomada pela curiosidade e me rendo à tentação — outra pequena rebelião contra a insistência de Liam Gerling para que eu fique no meu lugar, na vida de uma criada. Tomo um gole da garrafa verde na cabeceira de Ina. O licor tem gosto de fruta e mel e é efervescente na língua. Quando Caro e Ina terminam de se aprontar, sinto-me quente por dentro, disposta a sorrir para qualquer um; meus pensamentos sombrios são uma lembrança distante.

Rindo, seguimos para os estábulos. Vagamente, percebo como tudo isso é estranho sair escondida de Everless na companhia da princesa e de sua criada pessoal. Quando noto as joias que adornam o pescoço de Ina, o rosto de Addie surge à minha mente como uma chama, então morre depressa.

Assim que entramos nos estábulos, alguém pigarreia à nossa esquerda. Vejo uma carruagem preta, simples mas bonita, e um lacaio que não conheço sentado no assento do cocheiro. Ina dá um olhar encantado para Caro, que só responde com um sorriso misterioso. O formato esguio, fino e curvo de seus lábios me lembra a lua crescente.

— Ina — chamo —, espero que esta saída tenha mais sucesso que... — Quero lembrá-la de nossa visita ao orfanato, mas ela se vira depressa para mim, com os olhos arregalados, e balança a cabeça de leve. Engulo as palavras. Caro inclina a cabeça e lembro como Ina guarda com cautela o segredo de sua curiosidade; nem um cocheiro pode ouvi-lo.

Tudo é facilitado pelo planejamento de Caro. E perceptível que o cocheiro, um jovem da idade dela, está a par da brincadeira. Ele dá um sorriso largo para Ina enquanto subimos na carruagem.

— Está entediada, Vossa Alteza? — ele brinca.

Ina retribui com um sorriso relaxado e sacode um dedo sardônico.

— Vou morar em um palácio enfadonho a vida toda. — O cocheiro dá um aceno curto, como se tivesse medo de atrair a fúria dos Gerling pela calúnia que sai com tanta naturalidade dos lábios dela. Caro a observa com algo como desejo no rosto. Eu me pergunto se Ina sabe sobre a morte iminente da Rainha. — E melhor me divertir um pouco agora, enquanto posso.

Uma pequena lâmpada a óleo no topo da carruagem ilumina assentos de

veludo e paredes de madeira estofadas. Ina olha pela janela. Na luz baixa, seus olhos transparecem uma tristeza súbita. Uma pontada de desconforto atravessa a leveza trazida pela bebida. Enquanto Caro fala com o cocheiro, sigo o olhar de Ina, tentando ver o que ela vê — as paredes altas do palácio de Sempera, o trono dourado;os laços apertados e claustrofóbicos de um vestido formal.

Seu passado — seu nascimento — atravessa tudo como uma sombra, que desaparece quando se projeta uma luz sobre ela.

Caro se joga no assento ao meu lado. Afasto os olhos da janela e evito os seus, com medo de que meu olhar revele o que acabei de entender sobre Ina: que o verdadeiro escândalo — talvez até um perigo mortal — seria se sua mãe adotiva descobrisse sobre o orfanato e seus pensamentos traiçoeiros a respeito da Rainha, e não sobre esse passeio inebriado no meio da noite.

O licor nas veias me protege do frio quando partimos noite adentro. Tudo que venho remoendo desde que cheguei a Everless — meus temores, meu desconforto por não me adaptar, e até meu desejo constante e desesperado por justiça e respostas — recua para o fundo da mente enquanto observo a paisagem pela janela. Os joelhos de Ina roçam os meus quando a carruagem passa por um sulco na estrada; ela conversa com Caro sem qualquer sinal de tristeza em suas feições. Suponho que tenha aprendido a aproveitar momentos de privacidade, como uma criança aprende a roubar doces da despensa.

Logo, as luzes esparsas de Laista estão brilhando diante de nós. A carruagem nos deixa na frente de uma porta de madeira polida sem placa, em uma rua estreita, mas bem conservada. Estamos na parte rica de Laista, do lado da estrada mais próximo a Everless. Quando Papai era ferreiro dos Gerling, ele me levava para o festival de verão de Laista todo ano, para ver animais estranhos e tomar gelo raspado com sabor de mel. Depois que nos mudamos para Crofton, eu implorava para voltar — mas ele se recusava, dizendo que ainda sentiria o cheiro da fumaça de Everless.

Embora quase vazias, as ruas são exatamente como me lembro. Os paralelepípedos limpos estalam sob os cascos dos cavalos e tochas esparsas iluminam as ruas. Até a neve sobre os tetos é limpa, revestindo a fileira de prédios como um cobertor imaculado e brilhante. Enquanto Caro paga o

cocheiro, Ina aponta para as guirlandas que marcam as portas de Laista. Meus olhos pousam em uma vidraça embaçada — atrás dela, uma figura magra, de cabelo cacheado, limpa uma chaleira com um pano de prato...

Ela ergue uma mão para limpar o vapor da janela, espiando através do vidro, diretamente para nós, então recua de forma brusca. Tenho um lampejo de familiaridade.

— Ina, Jules! — Caro já está se afastando, gesticulando para a seguirmos. Quando viro a cabeça de novo, não há mais sinal da garota na janela. Sigo na direção que Caro aponta e ela nos conduz para dentro de um dos prédios mais altos da rua, onde descemos uma escada estreita, mas bem conservada.

A taverna em que eu trabalhava era um lugar encardido e lúgubre, visitado por homens e mulheres com rostos prematuramente enrugados e olhos anuviados, que queimavam seu tempo por mais uma bebida, apesar de beberem para esquecer que lhes restava tão pouca vida. Mas esta aqui é bem diferente — não luxuosa como Everless, mas confortável e elegante. Abastada. Ela me lembra de que, neste mundo, as pessoas bebem para se divertir e não para tentar atenuar a amargura de uma vida árdua.

Algo afiado e furioso se remexe dentro de mim.

O salão é escuro e vasto; os balcões de mármore cintilam e, atrás deles, garrafas de todas as formas e cores ondulam contra a parede. Fumaça de tabaco flutua do bar, onde alguns clientes bebericam de taças de cristal. Um jovem bonito nos leva depressa a uma mesa vazia e privada em um canto nos fundos. Fico me perguntando se todo mundo é tratado assim em lugares como este ou se isso também faz parte do discreto planejamento de Caro.

— Uma garrafa do seu melhor vinho tinto e uma de madel, por favor — Caro diz em seu sussurro alto. Ela está linda na luz tênue, seus olhos pálidos brilhando contra a pele.

Antes que eu perceba a passagem do tempo, duas garrafas surgem diante de nós: uma verde escura e outra vermelha. O garçom coloca três taças de cristal pesadas na mesa.

Quando tomo um gole do madel, a bebida espuma e desce queimando, e o fogo dispara até o estômago muito mais rápido do que quando o bebi nos aposentos de Ina. Engasgo e ela ri, o som como o tinido leve de sinos.

— Assim — ela sussurra. — Eu te mostro. — Ela serve um pouco de vinho na taça, então, com cuidado, acrescenta um filete do madel dourado. O vinho fica um pouco efervescente, então se assenta. Caro estende a taça para mim.

Tomo um gole cauteloso. O vinho diluiu o madel, tomando-o estranho e esfumaçado. Ainda queima um pouco, mas não a ponto de fazer meus olhos marejarem. Enquanto Caro sorri e Ina solta uma gargalhada, sou percorrida por uma felicidade inesperada. O momento se estende — a risada de Ina se transforma em uma canção, o sorriso de Caro derrete em seu rosto — e se transforma em uma bolha expansiva e cintilante. Então Caro fala, fazendo o mundo voltar ao ritmo normal.

— Comece assim — ela diz — e talvez até o fim da noite esteja pronta para madel puro. — Ela toma um gole longo da própria taça.

Ina dá uma risadinha enquanto examina a sala, seu rosto iluminado de alegria. Ela ergue sua taça.

— Um brinde — ela propõe. — A três órfãs que encontraram seu lar.

Sorrio de volta e começo a erguer minha taça, mas a expressão de Caro me faz parar. Por um momento, seus olhos se arregalam de choque — então algo como raiva se solidifica em seu rosto enquanto olha de Ina para mim.

— Jules — ela diz. Sua voz é neutra, mas os olhos estão tensos. — Pensei que seu pai tinha acabado de falecer.

Sinto uma pontada de dor com a afirmação brusca.

— Ele... ele morreu — balbucio. — Mas, algumas semanas atrás, descobri que sou adotada. Não que isso importe — acrescento depressa. — Ele me criou.

Ina finalmente notou que há algo errado e me lança um olhar apologético, então começa a falar depressa para disfarçar o momento constrangedor.

— Ela pode ser uma daquelas crianças de Briarsmoor, Caro. Deveríamos convencer a Rainha a nos levar lá. Por Jules.

— Talvez — Caro diz, inexpressiva.

Olho para baixo, morrendo de vergonha com o pedido de Ina e por Caro pensar que escondi algo dela. Mas, no tempo de uma respiração, a tensão se

desfaz e seu sorriso agradável retorna.

Ela gesticula ao redor.

— Ina, mesmo se você tiver o melhor licor no palácio ano que vem, não acho que vá encontrar nada que se compare a esta atmosfera.

— Ah, acho que a companhia de Roan vai compensar por isso — responde Ina. — Ele não quer ficar perto do irmão um dia além do necessário, e eu gosto de Everless, mas não tem nada a ver com Shorehaven.

No palácio ano que vem. Solto um ruído vago de interesse, estudando minha bebida com atenção e torcendo para que Ina e Caro não vejam as lágrimas despontando em meus olhos.

Com todo o furor e correria em Everless por causa do casamento, nunca me ocorreu perguntar o que aconteceria depois.

Ina vai deixar Everless. *Roan* vai deixar Everless.

A Rainha também vai embora, e ficarei sozinha, tendo como companhia apenas o mistério da morte de meu pai — e os olhares cruéis de Liam.

Murmuro que vou pegar mais bebidas e recuo da mesa, mantendo o rosto virado para longe de Caro e Ina. Alguns momentos antes, o madel aqueceu meu sangue e soltou meus membros. Agora me sinto um pouco como na pilha de mava — cercada por uma névoa fina, rostos e vozes girando ao meu redor sem se solidificar em imagens concretas. Sinto que estou caminhando torta, mas não consigo me endireitar.

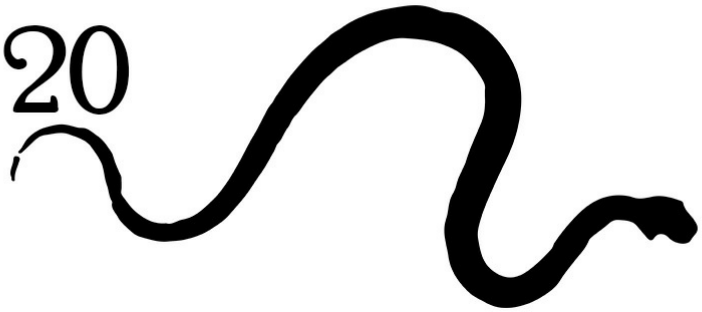
Meus pensamentos se tornam afiados e dolorosos: Ina e Roan se mudando para o palácio, e eu sozinha outra vez, sem meu amor de infância.

Talvez não tenha sido só a busca por respostas que me deu força nas últimas duas semanas.

De repente, o calor e a fumaça parecem querer me esmagar. A taverna é como uma fornalha: rostos viram borrões, vozes e risadas se misturam em um som áspero. Aperto o balcão para me equilibrar. Minha cabeça gira.

Ar. Preciso de ar.

20



De alguma forma, afasto-me cambaleante do balcão e sigo em direção à porta sem que ninguém veja o pânico em meus olhos. Quando saio na rua silenciosa, inspiro o ar noturno avidamente. Tem cheiro de neve derretida. Uma névoa suave começou a cair e gotículas rodopiam nas pequenas esferas de luz projetadas pelos postes da rua. Não há ninguém aqui e me reclino na parede de tijolos para esperar meu coração se acalmar.

Então, meus pés começam a se afastar da taverna, refazendo o caminho que seguimos para chegar a ela. Reduzo o passo e paro em frente à casa de chá feita de tijolos, então olho pela mesma vidraça de antes. A janela está quase opaca com vapor, exceto por uma marca de mão onde a condensação foi limpa. Dou uma espiada e, mesmo através do vidro, reconheço a garota.

Addie.

A porta se abre para uma sala lotada, em uma cena diferente da taverna — este lugar é mais escuro, humilde e silencioso, cheio de habitantes mais velhos que bebem xícaras fumegantes de chá ou conversam baixinho em grupos de dois ou três. Addie está atrás do balcão usando um avental sobre o vestido.

— Addie? — pergunto, hesitante.

Ela ergue a cabeça de forma brusca, e a vejo notar minha capa e a insígnia da Rainha bordada nela.

— Você é uma garota de Everless — ela diz, ríspida. Desdém pinga de sua voz, mas identifico subcorrentes de inveja e fúria. — O que quer? — Ela olha pela janela, em direção à taverna. — A Rainha te mandou para me dar outra

punição?

— Não — digo depressa. — Ela não me mandou. Você não me conhece, mas... — Não consigo encará-la diretamente, tomada pela vergonha. Eu permaneci enquanto ela foi banida, depois tomei seu lugar. — O que aconteceu?

O rosto dela se suaviza um pouco.

— Você ajudou a recolher as joias.

— Não que tenha feito muita diferença — murmuro.

— Provavelmente estou melhor aqui. — Addie olha ao redor, como se quisesse garantir que ninguém está ouvindo. Depois de um momento, conta: — Não tive a chance de me explicar antes que Ivan me arrastasse. — Ela se inclina para perto, dando um olhar de relance para os clientes mais próximos, então continua em um sussurro apressado. — Eu toquei a Rainha quando ela caiu. Estava tentando ajudar, mas ela... ela era fria como gelo. Mais que fria. Era... — Ela para, mordendo o lábio. — Parecia que minha vida estava sendo drenada só por tocá-la. Foi como sangrar tempo, mas pior.

Um filete de gelo desce por minha espinha quando penso em como a Rainha apareceu na porta apenas algumas horas atrás — e como pareceu tirar algo de Caro.

— Poderia ter sido pior. Ivan tentou... — Addie deixa a frase no ar e limpa um pedaço de balcão já limpo. — Eu teria morrido se não fosse por Lorde Liam. — Minha descrença deve estar clara, porque ela continua. — Ele me entrevistou e conseguiu este emprego para mim. É amigo do dono deste lugar. Acho que vem pra cá ficar em paz, sem os pais metendo o nariz na sua pesquisa.

— Pesquisa?

— Ele está lá nos fundos. — Addie aponta um dedão sobre um ombro, indicando uma porta simples que eu não tinha notado antes.

Meu sangue congela, então esquenta. Talvez seja só a bebida me dando coragem, mas quero descobrir algo sobre ele de uma vez por todas. O que ele precisaria esconder em uma casa de chá em Laista?

Ele ergue os olhos quando escancaro a porta. A mesa à sua frente está

coberta de livros e papéis. Ele está vestido de modo simples: um casaco de lã sobre uma camisa branca e calças. Mas nem as roupas mais simples no mundo seriam capazes de disfarçar seus olhos famintos e sua postura ávida enquanto se inclina sobre a superfície. Mil pensamentos e cálculos percorrem minha mente. Atravessando tudo, ouço as palavras de meu pai: *Se um dia vir Liam Gerling, corra.*

Embora cada músculo em meu corpo esteja gritando para que eu fuja, sigo em frente e sento diante de Liam, empurrando a capa para trás dos ombros. Ele me encara, com as pupilas enormes na luz baixa.

— Lorde Gerling — cumprimento, tornando minha voz a mais calma e gélida possível. — Por que é que você parece estar em todo lugar aonde eu vou?

Sua mandíbula se tensiona ao ouvir minhas palavras.

— Esta cidade pertence à minha família — ele afirma. — Posso ir aonde quiser. Mas não se pode dizer o mesmo sobre você, Jules. — Meu nome em sua voz faz meus braços se arrepiarem. — Não deveria estar em Everless?

— Sua futura cunhada me convidou — disparo. — Se não me quiser *na sua cidade*, fale com ela.

Liam balança a cabeça, envolvendo as mãos nos ombros como se estivesse com frio. Isso me faz pensar em como estou vestida, a seda de Ina ainda se agarrando a meu corpo e deixando meus braços nus. O calor do madel evapora e de repente me sinto fria e vulnerável.

— O que eu quero não importa — Liam diz, sua voz tão baixa que inconscientemente me aproximo para ouvir. Há uma nota de urgência em seu tom que não entendo. — Você está andando sozinha pela cidade. Sempre corre em direção ao perigo sem pensar?

— A única ameaça aqui são pessoas como você e sua família. Vocês — continuo, com a voz cheia de fúria — são o motivo de todos estarmos em risco. — Não consigo conter um ruído de desdém. — De todas as pessoas, você deveria saber que Everless é muito mais perigosa que Laista.

— No entanto, você continua lá. — Liam me encara por um momento com o cenho franzido, como se eu fosse uma pergunta em uma prova que ele está tentando responder. Então sua expressão se dissolve e ele sorri enquanto

passa as mãos pelo cabelo, inclinando a cabeça para trás como se fizesse uma prece à Feiticeira. E uma mistura estranha de diversão e desespero, e tão inesperada que mal me lembro de onde estou e com quem estou falando.

— Você não está errada sobre Everless ser perigosa — ele afirma, olhando de volta para mim. — Em especial para alguém tão próxima à Rainha.

— Então você acha que a Rainha é perigosa — digo.

— Não foi o que eu disse — ele responde de modo cuidadoso. — E seria bom que você também não dissesse isso, não importa quem sejam seus amigos. — Ele se inclina para a frente, de repente com um olhar sério. — Ouça o que estou te falando.

— Por que eu não deveria dizer? — eu desafio, sentindo o calor do madel nas veias. Inclino a cabeça para cima, como se falasse a uma multidão. — Se ela não é perigosa, se é boa...

— Pare. — Liam continua imóvel. — Jules...

— Estou farta de escutar ladrões de tempo gananciosos.

— Não é a mim que você deve temer, — ele alerta, quase suplicante.

— Você... — Minha voz falha, mas engulo o nó de medo na garganta e o encaro diretamente. — Você tentou matar Roan. Empurrou seu irmão na forja quando éramos crianças. E claro que tenho medo de você.

Ele estremece como se eu o tivesse estapeado, mas se recupera depressa.

— Sua memória está enganada — diz. — Pergunte a Roan. Ele vai te falar que não se lembra de nada.

Por um momento, a dúvida me atravessa, mas a reprimo. Sei que devo confiar mais em mim mesma do que em Liam Gerling. A lembrança de meu pai me dá forças. Quero chocar Liam e desequilibrá-lo como ele fez comigo, então digo:

— A Rainha está morrendo, você sabia?

Isso o afeta — ele se reclina de repente, como se tivesse recebido um golpe.

— A Rainha de Sempera não está morrendo. — Sua voz é suave mas confiante, e os olhos se anuviam em pensamento como se ele tivesse me esquecido. — Não é tão simples assim. Confie em mim, Jules.

— Por quê? — cuspo. Sua mentira e seu pedido se misturam no ar e enchem meus pulmões. — Por que eu deveria confiar em você?

— Se não tomar cuidado, é *você* quem será ferida, Jules. Saia de Everless, vá embora esta noite. Pare de procurar segredos do seu passado. — Ele respira fundo. — Pehr não era seu pai, mas iria querer que fizesse isso.

O choque congela o ar em meus pulmões.

— Como sabe disso? — sussurro, rouca. — E por que...

— Não importa. O que importa é que, com um pouco de esforço e sorte, qualquer um pode descobrir qualquer coisa.

— Quero que me conte — exijo. Estou furiosa que Liam, sentado à minha frente, pareça saber mais sobre mim do que eu mesma, como se minha vida fosse outra moeda para ser contabilizada e trancafiada.

Quando ele se inclina para a frente, noto como bate um dedo sobre o caderno na mesa em um ritmo simples e persistente — um movimento involuntário. Meus olhos o seguem. De imediato, reconheço a lombada fina e a capa de couro marrom. E seu caderno pessoal, no qual estava escrevendo no dia em que o segui da biblioteca.

Ele sabia que sou uma órfã, talvez antes que eu mesma descobrisse. O que mais pode saber e ter escrito naquele caderno?

— Vou acompanhá-la de volta. — Liam empurra a cadeira para longe da mesa. — Espere aqui enquanto pago minha conta — ele diz bruscamente antes de seguir para o saguão da casa de chá.

Sua presunção aumenta minha raiva. Mas então, percebo uma porta estreita atrás de onde ele estava sentado. Através de uma janelinha nela, posso ver os postes na rua.

Triunfo se inflama em minhas veias. Estou cansada de fazer o que Liam Gerling — o que qualquer Gerling — me ordena. Antes que possa pensar melhor e considerar as consequências, pego o caderno marrom e escapo pela porta dos fundos.

Contorno o prédio correndo e desço a rua até a taverna, com a cabeça abaixada para o caso de Liam me avistar pela janela da frente. Meu coração está disparado, fazendo minha cabeça girar. Quando chego à taverna, apoio-

me contra a parede de tijolos e abro o caderno, folheando as páginas e pegando vislumbres de números, datas e notas. Estão escritos no que deve ser a letra de Liam, ordenada e compacta, mas uma página capta minha atenção. As palavras em si são familiares — histórias estranhas e simples, mas dolorosamente familiares.

Uma noite, a Raposa e a Cobra queriam brincar de gravetos. Mas o homem na torre disse não. A Raposa ficou com tanta raiva que esmagou sua tigela de sopa em pedacinhos e a Cobra os fez irromper em chamas...

Eu devoro a página. As palavras se derretem umas nas outras e sobre mim, abrasadoras como cera pingando de uma vela. Quando percebo que, por algum motivo, estou chorando, não enxugo as lágrimas.

— Vou nos libertar — disse a Cobra. — Você só tem que confiar em mim...

Histórias — as minhas histórias e brincadeiras de infância. O que Liam poderia querer com elas? Estou fadada a perder para ele tudo que tinha?

Então ouço Ina às minhas costas, gritando meu nome. Ergo os olhos e vejo a princesa e Caro saindo da taverna.

Às pressas, enfio o caderno em um bolso interno da capa. As duas estão correndo em minha direção com expressões preocupadas. Ina vê minhas lágrimas e toma minhas mãos, mas Caro está olhando desconfiada para algo atrás de mim.

Sigo seu olhar e vejo Liam vindo em nossa direção através da neve. Meu coração dá um salto — ele deve ter percebido que roubei seu caderno. Começo a polir outra mentira, não querendo que elas saibam o que fiz.

Mas ele apenas para a alguns passos de nós e faz uma mesura baixa.

— Lady Gold. Não esperava encontrá-la aqui.

— Liam — Ina cumprimenta, cautelosa. — O que o traz a este lugar?

— Eu vi Jules aqui fora e quis cumprimentar uma velha amiga — ele responde friamente. Apesar de estar falando com Ina, seus olhos não deixam os meus. — Estava pensando sobre as histórias que você costumava contar, Jules. Você lembra?

A Raposa esmagou sua tigela em pedacinhos; a Cobra os fez irromper em chamas. As bobagens de uma garota. Por que ele se importa com isso? Minhas mãos se fecham ao lado do corpo. Pelo brilho em seu olhar, sei que ele está ciente do caderno escondido em minha capa. Estamos tendo duas conversas paralelas, uma que inclui Ina e Caro e uma entre nós.

— Eram coisas infantis — digo.

Liam dá de ombros com elegância.

— Eram boas histórias. Você deveria recordá-las.

Os olhos de Caro se estreitam enquanto ela olha de mim para ele.

— Por mais agradável que seja este reencontro — ela diz de forma educada —, temos mais uma parada a fazer esta noite, Lorde Gerling. Tenho certeza de que não julgaria Lady Gold por um pouco de frivolidade antes do casamento. — Ela se move sutilmente para ficar entre Liam e eu, e sinto uma onda de gratidão.

— Nem um pouco — afirma Liam, sua voz graciosa e irônica ao mesmo tempo. — Estou certo de que meu irmão está fazendo a mesma coisa. Vou deixá-las em paz.

Ina faz uma careta quando ele se afasta, e tenho que engolir uma risada aliviada. Viro para agradecer Caro, mas ela está me encarando com a cabeça inclinada, como se eu fosse um enigma a resolver.

— Estou congelando — reclama Ina. Quando nenhuma de nós responde, ela entrelaça o braço no meu e puxa a manga de Caro. — Vamos. — Ela tem um brilho no olhar que a esta altura aprendi a reconhecer: significa que teve alguma ideia imprudente. E o mesmo olhar que tinha nos estábulos antes de irmos ao orfanato, e em seu quarto esta noite quando me contou seus planos para esta última saída antes do casamento. Ela estreita os olhos para mim. — Jules, você estava chorando?

— Só estava pensando no meu pai — digo. — Precisava tomar um ar.

— Bem. — Ela faz uma pausa, hesitante, antes de continuar. — Caro teve uma ideia... ela conhece um lugar que... bem, conte pra ela — conclui, virando para Caro. Ina está cambaleando de leve, ainda segurando meu braço. Inebriada de madel, imagino.

Caro dá seu sorriso discreto e envolve a cintura de Ina com um braço.

— Ina deixou escapar que você está curiosa sobre seus pais de sangue — ela me informa em uma voz suave. — E eu tive uma ideia. Ouvi falar de uma bruxa que mora aqui e faz regressões de sangue.

— Regressões de sangue? — repito, sentindo um aperto no coração. A realidade da partida iminente de Ina e Roan, o vislumbre de Addie servindo chá e, acima de tudo, o encontro com Liam me destruíram. Eu me sinto terrivelmente deslocada nesta cidade elegante e enfumaçada. Quero fugir, voltar a Everless ou a qualquer lugar, ou então escancarar a porta da Rainha e exigir que ela me conte seus segredos.

Em meio ao brilho nebuloso das lanternas da rua. Caro explica o que são regressões de sangue — um ritual interiorano no qual uma bruxa coloca a pessoa em transe para que ela recue através do próprio tempo e permita que suas lembranças enterradas flutuem para a superfície. Não entendo -nem consigo me importar. Estou profundamente cansada, e só agora percebo como fui tola de vir aqui com Caro e Ina e pensar que poderia ser como elas, com seus vestidos bonitos e diversões estranhas.

Mas é claro que não estou no comando, é claro que discutir seria pior, então não protesto quando Ina toma nossos braços e segue em frente.

Perdi a noção do tempo, mas pela lua baixa, as janelas escuras e a exaustão se infiltrando em meus ossos, deve ter passado da meia-noite quando Caro nos leva por uma rua lateral em direção a uma casinha esmagada entre bares. Parei de beber antes de Ina e Caro, então embora elas pareçam confortáveis sob as capas, estou tremendo quando batemos na porta, observando a fina fresta de luz entre a madeira e o chão.

Nunca estive fora tão tarde da noite e meu ressentimento está aumentando. E não consigo parar de olhar por sobre o ombro de tempos em tempos, procurando por Liam Gerling.

Mas as ruas permanecem vazias e um vento leve assovia entre os prédios

adormecidos. Parece errado bater à porta de alguém de madrugada, mas Caro nos garantiu que a bruxa atende a qualquer hora — contanto que a pessoa possa pagar.

Depois do que parece um longo tempo, a porta se abre e revela uma mulher pequena e encurvada, com cabelo grisalho que cai até a cintura. Está usando um vestido puído e remendado, que se parece um pouco com o de Lady Sida, em um estilo que saiu de moda há uns cem anos — mas, olhando para a suposta feiticeira de Caro, posso ver imediatamente que ela tem mais em comum comigo do que com a matriarca Gerling. Sua idade é do tipo ordinário, seu rosto é queimado de sol e enrugado pelo peso dos anos, embora ela tenha passado pó para ficar pálida e pintado os lábios de um vermelho sangue.

O artifício é óbvio para mim, mas Ina, ao meu lado, parece um pouco intimidada. Ela dá um pequeno passo à frente.

— Gostaríamos de fazer uma regressão de sangue.

A mulher nos examina, demorando-se em nossas roupas elegantes e botões e renda, então observando o belo rosto de Ina por um longo momento. Finalmente, dá um passo para o lado e gesticula para entrarmos.

— Sigam-me — ela convida.

Ina aperta o braço de Caro e, apesar de meu humor sombrio, sinto os cantos da boca se curvarem para cima. Talvez eu devesse estar assustada também, mas o sotaque afetado da mulher — uma mistura de laista rústico com um trinado aristocrático falso — me dá vontade de rir. Troco um olhar com Caro depois que ela examina, com uma sobrancelha erguida, as pencas de folhas penduradas nas paredes.

A bruxa nos leva por um corredor mal iluminado até uma sala pequena e escura cheia de objetos pessoais e quinquilharias aleatórias — pilhas de antigos livros de couro nos cantos; pinturas a óleo apoiadas contra as paredes; pequenas e estranhas engenhocas de metal suspensas no teto com arames; um pássaro de cobre com uma moeda horária no bico; uma estatueta de mulher cujo corpo é uma ampulheta. Ina se estica e toca a mão de metal dela e a areia coletada no torso escorre para a cintura. A sala é iluminada apenas por uma série de velas dispostas em locais estratégicos; cada forma estranha e ângulo afiado é ampliado, estendendo-se pelas paredes em sombras cinzentas.

O ar está pesado com o cheiro adocicado e enjoativo de um incenso que embrulha meu estômago, e uma mesa no meio da sala está coberta de gaze. Tudo é arranjado perfeitamente para formar o retrato ideal dos aposentos de uma bruxa.

Nós três paramos na porta, esperando que a bruxa nos diga o que fazer enquanto vai até a mesa. Ina dá um passo à frente, então hesita e olha para nós.

— Uma de vocês quer ir primeiro? — ela pergunta com seu sorriso mais convincente.

Troco um olhar com Caro, que está franzindo o cenho de leve e tem os olhos arregalados. Suspiro. Se minhas duas amigas estão com medo dessa charlatã, eu vou primeiro, só para voltarmos mais depressa a Everless.Talvez a minha vez prove que tudo isso é uma farsa. Dou um passo à frente.

A mulher gesticula, um pouco impaciente, para que eu sente em uma almofada ao lado da mesa. Olho de Caro para Ina — Caro está franzindo a testa enquanto examina a bruxa; Ina dá de ombros, como se me perguntasse *por que não?* Hesitante, sento enquanto a velha se acomoda do outro lado da mesa. Ela pega uma pequena garrafa com um líquido escuro e turvo e meu estômago se revira. Já bebi licores misteriosos suficientes por uma noite.

— É uma poção de tempo corrompido — ela diz, como se isso explicasse alguma coisa. — O tempo entrando em seu sangue vai convencer seu corpo de que você é jovem de novo e permitir que memórias enterradas profundamente subam à superfície.

Quero voltar logo para Everless, então abro a garrafa e quase engasgo quando reconheço o cheiro de mava subindo do líquido arroxeado. A bruxa nota e franze o cenho.

— É uma mistura alquímica — ela explica, por um momento esquecendo de parecer misteriosa. — Tem que ser forte, para te tirar do presente.

Hesito por um momento, depois levo a garrafa à boca, tomando o menor gole possível. Tem gosto de suco de mava estragado, talvez misturado com mel para disfarçar a fruta podre.

Enquanto me obrigo a tomar mais um gole, a mulher pega um livro empoeirado de uma das pilhas ao seu redor. Ela o acomoda na mesa, abre

uma página marcada e começa a ler. Sua voz, tão baixa que quase não escuto, fala em uma língua que soa como semperano antigo, mas não é — posso ouvir ecos de palavras que reconheço, *tempo*, *sangue* e *retornar*; mas estão submersos em algo diferente, rítmico e mais antigo.

Não use meu sangue, a voz de uma jovem repreende.

Abro os olhos de repente. Olho ao redor e vejo Ina e Caro me olhando fixamente — Caro com interesse, Ina como se estivesse prestes a rir. Com um arrepio, percebo que a voz só estava na minha cabeça.

— Feche os olhos — a bruxa diz de novo, avaliando-me com um olhar estranho. — Pense na sua lembrança mais antiga, então volte para antes dela.

Com os olhos fechados contra a bagunça espalhafatosa da sala, a voz da velha é quase tranquilizadora. O ritmo de seu cântico toma fácil lembrar de um fluxo de imagens — o rosto alegre de Ina e o abatido de Addie; a porta entalhada do cofre prometendo muitos segredos; Roan perto de mim no corredor dos criados; Liam me espreitando com seus olhos negros reluzentes.

Deixo minha mente recuar cada vez mais e minha vida se desenrola em reverso diante de meus olhos, as imagens ficando cada vez mais turvas e desconexas quanto mais longe vou. E estou cansada, tão cansada, e o madel me deixou letárgica. Meu sangue flui como mel pelas veias, mas vou ainda mais longe. Sinto um aperto doloroso no coração quando vejo Papai e eu e nossa vida em Crofton, nosso jardinzinho no verão, o desenho de minha mãe na parede. Então meus primeiros anos em Everless, o brilho do fogo da forja, um Roan jovem balançando os pés sobre o galho de um carvalho, o cheiro de sua pele queimando e minhas mãos o puxando de volta.

Com o coração disparado, arrasto-me até minha primeira lembrança — algo que nunca soube se era real ou imaginado. Sou segurada firmemente nos braços de minha mãe, seu rosto tão luminoso e firme quanto a lua e respingado de sangue.

— Minha pequena cobra — ela entoa. — Meu amorzinho.

Ouço sua voz. Nunca me lembrei dela antes. Ela canta uma canção doce e familiar, e tenho um sobressalto.

A parte de mim que ainda está na sala com Caro, Ina Gold e a bruxa, ainda com dezessete anos, espera acordar... mas não acordo. O rosto de

minha mãe ondula e se dissolve diante de mim, mas a canção permanece. Vejo verde — grama verde através de uma janela, cintilando sob o sol.

Então a canção se transforma em um grito.

Estou gritando também, e o ar se transforma em sangue ao meu redor. Depois do que parece uma eternidade, os gritos da mulher param.

— Leve-a. — Eu a ouço ofegar em cima de mim. — Leve-a agora.

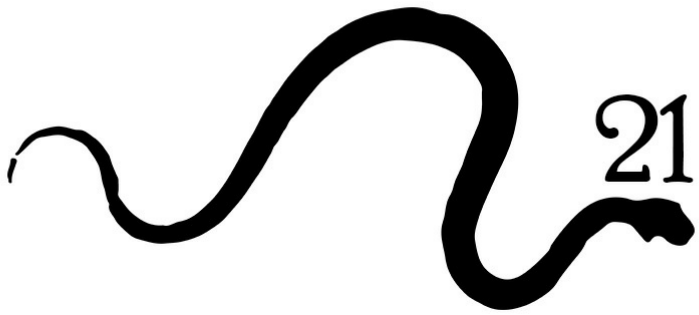
Espere...

A cena muda. Estou nos braços de um homem e estamos correndo sobre a grama, através da praça de uma cidade que não consigo identificar; O homem cujo rosto é um borrão acima de mim, mas cuja presença me conforta — para por um momento diante de uma grande estátua cinza, uma cabeça mais alta que ele, contra um céu pálido. A estátua é estranha, representando uma jovem com um punhado de pedrinhas nas mãos em forma de concha, como se recebesse ou fizesse — uma oferenda. E a pose tradicional da Feiticeira, retratando o momento em que ela segura o suposto presente do Alquimista e descobre que ele a traiu. O homem me passa para um braço só, estende a mão e tira uma pedra dos dedos imóveis da estátua.

De repente, a escuridão cobre a cena e novas imagens nadam através dela — imagens desconhecidas, de um lugar que não identifico, de nenhum lugar que eu já tenha visto em Sempera. Há estruturas redondas feitas de pilhas de pelo em um campo congelado, um lance de degraus de pedra se erguendo em uma floresta verde, escura e enevoada, e o que penso ser o grande palácio de Sempera à beira-mar, mas desmoronando e queimando.

Uma jovem em uma planície escura, seu rosto na sombra, ergue as palmas em minha direção. Por um momento, ela é a estátua em carne e osso. O vento faz seu cabelo escuro balançar freneticamente ao redor do rosto, o mesmo vento que me fustiga enquanto corro em sua direção. Tenho uma faca na mão e há algo que preciso da garota, algo que deverá ser pago com sangue.

Só quando chego mais perto percebo que minha inimiga tem uma faca também. Ela a joga e a lâmina corta o ar, voando direto para meu coração...



Acordo sem fôlego.

O perfume da casa da bruxa é nauseante, mas puxo o ar como se tivesse emergido de águas profundas. Do outro lado da mesa, a velha me encara, boquiaberta. Ina está mortalmente pálida e Caro me olha como se eu fosse uma desconhecida. Vejo o branco nos olhos de todas elas.

Algo escorre em meu colo — a garrafa de poção, que devo ter derrubado durante meu transe. Uma mancha escura e malcheirosa se espalha sobre o topo da mesa.

Minha voz sai rouca.

— O que aconteceu?

A bruxa não responde. Parecendo se recuperar um pouco, ela estende a mão e endireita a garrafa, impedindo que o líquido escorra ainda mais.

É Ina quem rompe o silêncio.

— Você estava falando — ela diz, com os olhos arregalados. — Nós... não conseguimos entender tudo. Uma parte não parecia semperano.

Sinto um arrepio na espinha e me afasto da mesa.

— Sinto muito pela bagunça.

— Não tem problema. — A velha parece mais pálida que antes. Depois de um longo momento, ela só assente e remove o tecido manchado. — Uma de vocês gostaria de tentar? — ela pergunta para Caro e Ina, esquecendo de usar seu sotaque fingido. Agora soa como qualquer velha da parte errada da

cidade, rouca e um pouco assustada.

Caro nega com a cabeça imediatamente, mas Ina olha de mim para a bruxa, então de volta para mim. Posso ver o desejo em seus olhos arregalados e mãos trêmulas, assim como vi no portão do orfanato no outro dia. Talvez ela sinta que compartilhamos isso — essa necessidade consumidora e fatal de nos conhecer, de saber de onde viemos, mesmo se a história não for bonita.

Ela assente devagar e toma meu lugar diante da bruxa.

Minhas pernas ainda estão moles e incertas, mas recuo para junto de Caro, que assiste a cena encostada na parede, com os braços cruzados e a luz tremeluzente das velas fazendo seus olhos parecerem maiores e mais escuros. Enquanto Ina bebe da garrafa e a velha lê do livro, eu me inclino para perto do ouvido de Caro.

— Você acha que é real? — pergunto com cautela. Não tenho certeza se prefiro pensar que o que vi foi verdade ou fruto da imaginação.

Ela vira para mim de forma abrupta, franzindo as sobrancelhas.

— Você não estava fingindo? — sussurra.

Balanço a cabeça com força.

— A bebida pode ter sido drogada para você alucinar. — Ela olha para Ina. — Vamos descobrir logo.

A ideia não tinha passado pela minha cabeça, e sinto um arrepio com a ideia — e com as palavras tensas de Caro. Viramos para a mesa ao mesmo tempo, enquanto Ina bebe da garrafa verde.

Mas pela expressão no rosto da princesa — sua testa está enrugada de concentração — e pelas mãos dobradas graciosamente sobre o colo, é claro que ela não está sentindo nada. Caro observa com atenção, olhando de Ina para a velha. A mulher também observa, erguendo os olhos para a princesa de vez em quando. A sua voz sobe e desce com o texto, mas Ina não parece fazer nada fora do comum.

Depois de una tempo, a velha deixa as palavras morrerem. Ina abre os olhos, parecendo igualmente decepcionada e aliviada.

— Nada? — Caro pergunta.

Ina olha para as mãos.

— Nada.

Por um momento, ficamos em silêncio. O clima na sala é diferente agora — até Caro e Ina não parecem mais ver o experimento como uma brincadeira. Então Caro se sacode e enfia a mão no bolso, de onde tira três moedas diárias que entrega para a bruxa. Fora da janela, o céu começou a clarear sobre as ruas de Laista.

Quando estamos de saída, a bruxa me pega pelo braço, cravando os dedos esqueléticos em minha pele.

— Pode ficar um momento a mais e me ajudar a limpar aquela mancha, querida? — Seus olhos perfuram os meus, urgentes e injetados de sangue.

Caro e Ina pararam e estão olhando para mim. Indico que sigam para a porta.

— Encontro vocês em um minuto.

Quando a porta se fecha, viro-me para a velha bruxa. Tenho uma sensação estranha e terrível de que sei o que ela vai dizer, mas pergunto mesmo assim.

— O que foi?

Ela solta meu braço — e, quando fala, todos os sinais de afetação que usou com Caro e Ina somem de sua voz. Suas palavras são curtas e diretas, no sotaque que eu cresci ouvindo.

— Você já deve ter adivinhado: tudo isso é uma farsa, garota. Não tem nada especial naquele livro, nem naquele poema que eu li. — Ela toca nas moedas que Caro lhe deu, como se fossem amuletos da sorte.

Meu estômago se revira. Eu suspeitava, mas é diferente saber com certeza.

— E a bebida?

— Mava, mel e um pouco de madel — ela diz. — Só isso.

Eu me sinto atordoada.

— Então o que aconteceu?

— Não sei — ela responde. — Mas não foi coisa minha.

***

De volta a Everless, agarramo-nos umas às outras, ainda cambaleando um pouco enquanto seguimos para o quarto de Ina, com a intenção de desabar na cama gigante dela. Minha cabeça está girando com as visões da casa da bruxa e com suas palavras para mim. O caderno de Liam, pressionado contra meu corpo sob a capa, parece trivial agora.

Mas Ina se interrompe ao destrancar a porta do quarto. Eu trombo com suas costas e meu sangue se transforma em gelo quando olho por cima de seu ombro e vejo a Rainha esperando no escuro. Ela está ereta, empertigada. Seu cabelo, preso em uma trança simples que cai pelas costas, não se parece nem um pouco com a bagunça emaranhada que vi mais cedo.

Ela parece resplendente e aterrorizante.

— Vossa Majestade — Ina diz em uma voz aguda, estremecendo de terror com a aparição. — O que faz aqui?

— Essa é uma pergunta impertinente. — Os olhos da Rainha parecem ver através de Ina, focando-se em mim. Ao meu lado, Caro parece prestes a vomitar. — Venham comigo — ela entoa. — Todas vocês.

Impotentes, seguimos a Rainha até uma saleta lateral modestamente decorada, apenas com uma mesa e algumas cadeiras onde Ina faz as refeições quando não quer descer para o salão de jantar. Mas quando a Rainha se senta em uma das cadeiras e nos examina, parece tão majestosa e apavorante quanto estaria em seu trono no palácio à beira-mar. Ela volta seu olhar feroz para Ina.

— Para expiar sua tolice, você e Lorde Roan vão viajar comigo até a estátua da Feiticeira em Tilden amanhã e implorar por perdão. — Estremeço, lembrando da estátua na minha visão. — E vocês duas — eu me encolho quando seus olhos pousam em mim como dois raios de fogo — não vão sair de Everless amanhã. Lidarei com vocês quando retornar.

Caro e Ina inclinam a cabeça e eu as imito.

— Sim, Majestade — diz Caro no sussurro mais suave.

— Não vamos mais decepcioná-la — Ina acrescenta. Eu a sinto tremer ao meu lado.

Quando a Rainha nos deixa, despimo-nos em silêncio, lavamos o rosto e vestimos nossas camisolas. A vergonha queimou os últimos vestígios de

embriaguez, deixando-me oca e exaurida, e a julgar pelo rosto pálido e pelos olhos afundados de Ina e de Caro, elas se sentem do mesmo jeito.

Ina, entre Caro e eu, adormece logo que encosta a cabeça no travesseiro, mas fico ouvindo a respiração superficial e desperta de Caro do outro lado da cama, pelo que parece um longo tempo. O caderno continua escondido sob minha camisola e, apesar da exaustão, estou ansiosa para pegá-lo e ler mais das estranhas histórias que contém. Mas por algum motivo as palavras na página parecem secretas, íntimas demais até para compartilhar com Caro.

— Sinto muito por não ter contado sobre meu pai — digo o mais baixo possível. Ela não responde imediatamente, mas sua respiração muda um pouco, então sei que ouviu.

— Tudo bem — ela responde por fim. — O segredo é seu, você decide quando compartilhá-lo. Eu não deveria ter me magoado. — Ela fica em silêncio e quase penso que adormeceu, mas então fala de novo. — Sinto muito por te envolver em tudo isso — ela diz. *Em quê,* quero perguntar, mas não falo nada. — Os guardas vão estar relaxados amanhã, sem a Rainha — ela continua. — Podemos ir ao cofre procurar as coisas do seu pai.

— Já te disse que não devemos — protesto baixinho. — Nunca devia ter falado nada a respeito disso.

— Amanhã discutimos. Temos um longo dia pela frente — ela fala, com a voz pesada de sono. Estende a mão sobre o corpo de Ina e entrelaça os dedos nos meus. — Amanhã, Jules.

Ela vira de lado e puxa os cobertores. Assim que tenho certeza de que está respirando profundamente, pego o caderno e o seguro contra a fina faixa de luar que cai sobre a cama através da janela pequena, tentando distinguir as palavras de Liam. Mas as primeiras palavras que encontro tratam de negócios de Everless, números, gráficos e observações mundanas sobre impostos ou dívidas pagas, e sinto minhas pálpebras ficando pesadas. De vez em quando, pego um vislumbre de alguma palavra — uma raposa, uma cobra, — mas o sono enfim me toma.

***

Acordo ao som de sinos. Levo um momento para perceber onde estou — sozinha na cama enorme de Ina, com o sol da manhã entrando pela janela. As notas são suaves, mas sou percorrida por um arrepio de alarme.

Eu me sento de repente, inspirando com força.

Já ouvi esse toque — não nas últimas semanas, mas quando criança. E o som que chama os criados para uma punição.

Pulo da cama, ignorando a dor latejante embotada em meu crânio, e tiro a camisola. Depressa, encontro as roupas de criada que abandonei na noite passada e enfio o caderno de Liam, que estava parcialmente escondido sob meu travesseiro, no bolso do avental.

No refeitório, um clima tenso paira sobre os criados. Apesar de a sala estar lotada, bá poucas conversas. Eu me aproximo de um grupo de criadas da cozinha usando nossos lenços e aventais, e pela primeira vez desejo ainda ser uma delas.

Meu coração dá um salto quando olho para a frente da sala. E claro que Ivan está aqui, com um sorrisinho malicioso, examinando o grupo retinido. Ele está usando seu uniforme, uma capa verde escura sobre uma túnica de couro. É flanqueado por dois guardas de Everless e, atrás deles, vejo Liam Gerling, com uma expressão severa.

A alguns passos de mim, Lora parece ansiosa — quando olho para baixo, vejo que está remexendo com a bainha do avental, que não chegou a tirar.

Quando todos parecem ter chegado, Ivan dá um passo à frente.

— Boa tarde — ele diz em um tom de voz jovial que faz minha pele se arrepiar. — Infelizmente, é meu dever anunciar uma punição para um dos criados. Alguém, foi encontrado tentando invadir nada menos que o antigo cofre dos Gerling, a família que alimenta e protege todos vocês.

Meu corpo fica rígido. O cofre. Ivan nos observa com uma careta ameaçadora, mas sua voz é lânguida. Ele está desfrutando o momento, saboreando o terror na sala. reparo em um punhado de guardas com o uniforme vermelho da realeza — mas são poucos e estão separados de Ivan e dos guardas de Everless. Têm os braços cruzados e não parecem felizes.

Antes que eu possa imaginar o que isso significa, Ivan dá um passo para o lado e uma porta atrás dele se abre. Dois guardas entram arrastando pelo

braço uma garota às lágrimas, uma garota com sardas e olhos verde claros...

Não.

— Caro Elysia foi encontrada no corredor fora do cofre, tentando abrir a porta — Ivan anuncia, lendo algo que tem na mão. — Na posição de oficial da família Gerling, eu imponho, como punição por violar este lugar tão importante, a pena máxima de quarenta anos, a ser extraída do sangue imediatamente. — Ele olha por cima do ombro para Liam. E Liam, atuando como representante dos Gerling, dá um aceno curto. Uma permissão.

Caro se debate sem forças contra os guardas que a seguram, lágrimas escorrendo pelo rosto. Um *não* suave escapa de meus lábios.

Quarenta anos? Até para Ivan isso é uma barbaridade.

E é culpa minha.

Abro caminho entre o grupo de criados. Eles me encaram e sussurram, mas não deixo que atrapalhem meu avanço. Era eu que queria ver o que havia dentro do cofre, e Caro vai perder quarenta anos de vida por isso. Ela só estava tentando me ajudar a recuperar algo de meu pai, porque se importa comigo.

— Espere! — Sem saber o que estou fazendo, dou um pulo quando Ivan passa diante de mim e agarro sua capa.

Ele me observa com as sobrancelhas erguidas e uma expressão levemente divertida, como se eu fosse um cachorrinho que fez um truque novo.

— O que você quer?

— Você... não pode tirar quarenta anos — digo, ofegante e miserável. — E demais de uma só vez. — Memórias terríveis cruzam minha mente: Papai voltando do credor de tempo em Crofton, pálido, doente e cambaleante depois de ter alguns meses sangrados. Será que é possível alguém sobreviver à perda de todo esse tempo, se é que ela tem tudo isso?

E é aí que sinto o impacto real do castigo — quais as chances de uma criada sequer ter quarenta anos?

A punição pode matá-la.

Ivan puxa sua capa de minhas mãos.

— Isso não é problema meu — ele diz em uma voz arrastada. — Se está

tão preocupada, vá ao credor de tempo e drene um pouco do seu para dar a essa ladra.

Uma mão aparece no ombro dele. Ivan se vira e vejo que Liam se aproximou, silencioso como um fantasma.

— Vamos logo, Ivan — ele rosna, por algum motivo parecendo furioso. — Faça o serviço.

Ivan faz uma careta, mas obedece, afastando-se com passos largos e gesticulando aos guardas que seguram Caro, para que o sigam. Os quatro desaparecem através da porta por onde miraram e a última coisa que vejo é um vislumbre, de perfil, do rosto de Caro marcado de lágrimas.

Enquanto os outros criados começam a se dispersar, murmurando de tristeza e balançando a cabeça, Liam estende a mão como se quisesse me equilibrar. Eu recuo, tropeçando.

— Não me toque. — Lembro do aceno que ele deu mais cedo: um movimento tão pequeno que implica um peso enorme de morte e dor. —— Onde está Roan? — Com certeza ele impediria isso.

Liam congela, algo se fechando em seu rosto. Finalmente, diz:

— Sinto muito, Jules — e segue Ivan para fora da sala.

Fico parada, entorpecida, observando a porta fechada por onde eles desapareceram. Cada batida de coração é como uma faca se retorcendo em meu peito.

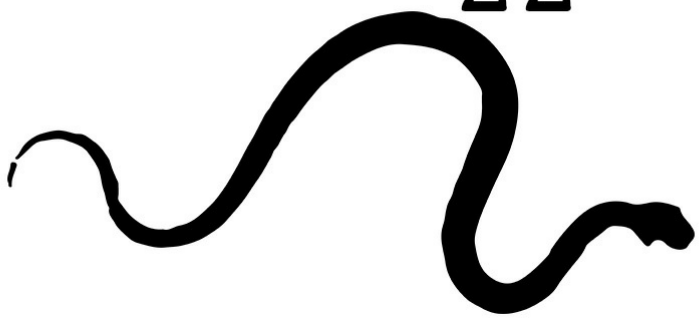
Ivan não estava falando sério sobre o credor de tempo, era só uma piada cruel. Mas agora que me deu a ideia...

Com certeza Ina poderia salvá-la; qualquer um de seus vestidos elegantes ou joias cintilantes deve valer muitos anos. Mas Ina está viajando com a Rainha, por causa de nossa tolice. Podemos *não ter tempo* para esperá-la. Entre a bolsa em meu cinto e minhas economias sob o colchão no dormitório, tenho quase três anos de ferros-sanguíneos. Posso correr até lá e levá-los a Caro. Mas não é suficiente — nem de longe. E se ela tem menos de quarenta anos para começo de conversa, isso sequer a salvaria.

Não. Não consigo pensar em mais nada que possa parar a faca em meu peito e apaziguar a culpa apertando meu coração.

Preciso encontrar o credor de tempo.

22



Escancaro as portas laterais do castelo e corro pelo jardim em direção ao portão sul, onde a estrada vai me levar de volta a Laista. O medo deixa minhas pernas pesadas, e meus sapatos finos ficam imediatamente encharcados de neve. Mas sei que, se parar de correr, se reduzir o ritmo, o medo vai me dominar. Você não tem que fazer, uma voz sussurra em meu interior.

Caro vai morrer, diz outra voz, e será culpa sua.

Eu corro.

Chego à loja do credor de tempo, um prédio estreito e simples de madeira em um beco que dá para os fundos de lojas de Laista, todas propositalmente cegas aos negócios que são feitos lá dentro. Uma placa rústica acima da porta indica o que é o estabelecimento — um símbolo de ampulheta gravado em um quadrado simples de madeira. No beco escuro e apertado, vejo montinhos de neve suja e borrifos de sangue antigo. O credor de tempo de Laista — que se chama Wick, como descubro com o guarda postado à porta — está ocupado hoje. O homem dá um sorriso sinistro quando me deixa passar.

Na penumbra do ambiente, poucos reparam em mim quando entro na fila. Ao contrário dos cidadãos de Laista com os quais bebi na noite passada, as pessoas na fila são macilentas e tremulas. Na mesa à minha frente, uma faca lustrosa e tigelas de prata estão dispostas de forma casual, e um forno simples está aceso mais ao fundo. Sua madeira de balsa barata emana um aroma azedo e pungente. O homem se movendo atrás da mesa deve ser Wick. Apesar do cabelo escorrido e do avental rasgado e manchado de sangue, ele parece jovem

e saudável comparado com as pessoas que vieram atrás de seus serviços; seus olhos estão pálidos pelo consumo de ferro-sanguíneo. Sinto um arrepio, mas não é como se tivesse escolha.

Depois do que parece uma eternidade e também pouco tempo, é minha vez de ir à mesa. A mulher mais velha na minha frente se retira mancando e apertando a mão enfaixada. Eu me aproximo e sento em um banquinho bambo. Wick me ignora enquanto balança a faca, borrifando gotas de sangue na mesa, então a limpa com um pano.

Por um momento, sinto que vou vomitar sobre os instrumentos de sangramento. Já vi isso ser feito em Crofton, mas agora, observando Wick segurar a lâmina sobre a chama de uma lâmpada a óleo, preparando-a para minha pele, sei por que Papai garantiu que eu nunca tivesse que passar por isso.

Quando Wick pega meu braço e o apoia na mesa, aperto os lábios e mordo o interior da bochecha. Caro arriscou tudo por mim, para tentar me trazer algo — qualquer coisa — de meu pai. Qualquer pedacinho de memória. Um pequeno ato de justiça.

É culpa minha isso ter acontecido com ela. E é meu dever salvá-la.

Espero que Wick fale algo ou tente me reconfortar antes do corte, mas ele é pragmático.

— Quanto? — pergunta.

— Quê?

— Quanto tempo você quer drenar? — ele repete, impaciente.

Minha voz falha quando respondo.

— Quarenta anos.

O rosto dele se contrai em um momento de choque, seguido por desaprovação.

— Você deve estar brincando — ele diz. — Quantos anos tem?

— Dezessete. — Minha vida inteira se descortina em minha mente, dezessete anos de lembranças, dor e tudo que me toma o que sou. Pelo tempo de um respiro, não penso em Everless nem na Rainha, nem em escuridão ou qualquer outra tristeza, apenas em pequenos momentos perolados de pura

alegria: a mão de Roan apertando a minha e um risada alta de criança, o sorriso de Amma ao dispensar Jacob e o cheiro de carvão enquanto meu pai domava meu cabelo em uma fita com os dedos.

Sempre terei esses momentos, mas quais estou prestes a sangrar e quantos — se sobrar algum — ainda terei?

— Vou ter que medir o tempo no seu sangue primeiro — de me diz, parecendo ver a determinação em meu rosto. — Não quero ninguém caindo morto na minha mesa.

Dou um aceno, sem falar nada. Meu coração está disparado, martelando no pulso e na garganta, por mais que tente aquietá-lo. E como se meu sangue tivesse medo de me deixar. Mas Wick só balança a cabeça, com uma expressão cansada, e traz a faca para baixo.

— Não olhe — ele me orienta.

Eu olho — como posso evitar? — e inspiro bruscamente, estremecendo quando ele fura meu dedo com a ponta da faca, então coleta a gota de sangue em um frasco de vidro. Ele se vira e eu assisto em fascínio horrorizado quando mexe na série de instrumentos sobre a mesa improvisada. Ele tem uma engenhoca que consiste em um pratinho de vidro segurado com arame sobre uma vela. Ele a acende e verte a gota de sangue no prato. Enfim, borrifa uma pitada de um pó verde no sangue e assistimos quando ele chia e começa a soltar fumaça. Ele verifica um relógio na cintura, e me pergunto quanto disso é só um espetáculo e quanto é alquimia real.

O sangue e o pó misturados no prato se inflamam e ardem com uma chama pequena e constante como a cabeça de um fósforo. Wick examina o experimento com um ar profissional, alternando o olhar entre a chama e seu relógio. Mas quando os segundos se estendem, ele abaixa o relógio devagar e franze a testa profundamente. Embora eu já tenha assistido a sangramentos, sei por sua expressão que há algo errado.

— O que é? — Minha voz sai estridente enquanto tento interpretar sua expressão.

Ele balança a cabeça.

— Me de sua mão — ele diz.

Reluto, mas estendo a mão e ele coleta outra gota de sangue da ponta do

dedo. Repete o processo, misturando meu sangue com o pó Em um novo ponto no prato e incendiando-o, com o mesmo resultado. Ele observa, confuso, enquanto as duas chamas queimam sem parar.

— O que está acontecendo? — Minha voz soa frágil de medo e frustração. — Qual é o problema?

Wick faz um beicinho, pensativo. Por fim, ele diz:

— A chama deveria apagar. Isso nos indica quanto tempo você tem; por exemplo, se tivesse se apagado depressa, você poderia ter menos de um ano.

Era para eu ter uma vida longa. É um pequeno alívio.

— Então eu teria vivido muito tempo. Posso ceder quarenta anos. — Talvez eu possa recuperar pelo menos alguns deles.

— Ninguém pode ceder quarenta anos — Wick dispara, ainda encarando a chama.

Pelo canto do olho, reparo em um velho na fila nos espiando com curiosidade. Estremeço, querendo estar de novo dentro dos muros de Everless.

— Isso não está certo. — Ele ergue o relógio de bolso e bate uma unha contra sua tampa de vidro. — Já deveria ter parado, mesmo se você fosse viver cem anos... Talvez tenha algo errado com meu pó. — Ele puxa um segundo conjunto de instrumentos e, antes que eu perceba o que está fazendo, fura o próprio dedo com a faca. Não se dá ao trabalho de usar o frasco — simplesmente joga a gota de sangue no prato, borrifa o pó e acende a vela. O sangue pega fogo.

Enquanto Wick e eu observamos, começo a contar — um, dois, três, quatro, cinco, seis — e a chama morre antes que eu chegue a sete. Wick pisca.

— Viu — ele diz, inexpressivo. — Eu diria uns quinze anos.

Não sei como reagir à aparente indiferença de Wick quanto a seu tempo de vida restante, mas meus olhos são atraídos de volta a meu sangue, ainda ardendo. Wick está me observando com suspeita e desconfiança, com os lábios apertados e os braços cruzados. Ao nosso redor, as pessoas na fila ficaram imóveis e estão nos observando.

— Eu não entendo — digo em uma voz fraca. Ele acha que sou uma

Gerling, com centenas de anos no sangue? — Não sou... sou de Crofton. Nunca drenei tempo.

Wick ergue uma sobrancelha, mas conforme os segundos passam, seu rosto se suaviza um pouco.

— Talvez haja algo errado com meus instrumentos — ele explica, sem parecer convencido.

— Mas você ainda pode me sangrar? — insisto, desesperada. Será que os quarenta anos já foram tirados de Caro? — É para uma amiga. Ela precisa.

— Posso tentar — ele diz após um momento. Estuda seus instrumentos (uma coleção de facas e agulhas que faz meu estômago se embrulhar) e escolhe uma faca curta que parece feita de vidro azul. Então pega uma pequena caneca de latão e limpa ambos com um pano.

— Estenda a mão — ele instrui. Eu obedeço, subitamente grata por não ter comido nada de manhã. Sinto vontade de vomitar.

Ele segura meu punho com uma mão experiente e, com a outra, faz um corte superficial na palma. A dor me atinge um segundo depois que o sangue desponta em uma linha fina de fogo. Wick segura a caneca sob minha mão e coleta o filete de sangue.

Enquanto o sangue vermelho cai no vidro, minha força começa a se esvair — muito mais do que a pequena quantidade de sangue na caneca poderia justificar. Sinto que estou envelhecendo neste banquinho, observando entorpecida enquanto meu sangue enche a caneca.

Quando está cheia, Wick vira minha palma para cima, parando o fluxo, e coloca a caneca de lado antes de enfaixar minha mão com prática. Percebo que estou apertando a mesa com a outra mão para continuar ereta. Minha cabeça está girando e permaneço sentada enquanto Wick continua o procedimento, com medo de me levantar.

Eu já vi o processo de cunhagem de sangue, mas agora parece levar eras. Entro em um tipo de transe enquanto o observo verter meu sangue em um recipiente na balança, brilhante como rubis mesmo na loja escura. Ele acrescenta uma colherada cuidadosa de um pó diferente — este escuro e cintilante como obsidiana. Assim que o pó entra em contato com o sangue, o conteúdo do recipiente irrompe em uma chama branca. A explosão de calor

atinge meu rosto, junto com o cheiro de cobre.

A chama queima forte por vários momentos, então morre. Quando se apaga, Wick pega o recipiente e o inclina para que eu veja. Através da escuridão nas bordas da minha visão, observo o líquido brilhante no fundo. Ele cintila como óleo e brilha como mercúrio — se mercúrio fosse vermelho dourado. Quando Wick move o recipiente, o líquido se movimenta devagar, como mel. Puro tempo. Meu tempo.

— Agora, vou transformá-lo em moeda — ele diz, seu tom um pouco mais gentil depois de ver minha angústia. Pega outro item, um bloco de chumbo pesado no qual posso ver versões invertidas da insígnia da Rainha, o símbolo que aparece em todos os ferros-sanguíneos em Sempera. Há moldes na mesa para todo tipo de ferro-sanguíneo, desde moedas horárias do tamanho de meu dedo até o que ele está segurando: moldes para moedas anuais, o diâmetro de cada círculo quase tão largo quanto meu punho.

Com cuidado, ele verte um pouco de meu tempo no molde e eu observo, fascinada e atordoada, à medida que a moeda toma forma diante de meus olhos, o metal esfriando e já começando a congelar ao cair do recipiente. O bloco tem dez moldes; Wick enche cada um com tempo derretido. Duas vezes, ele tem que voltar a derreter sobre a chama meu tempo esfriado.

— Volte mais tarde e eu tiro outros dez — ele diz, brusco. — Não quero fazer tudo de uma vez.

Quando ele termina, a primeira moeda já esfriou por completo e se parece exatamente com os ferros-sanguíneos que vejo todo dia. Fico nauseada ao considerar o fato de que, para cada moeda que já gastei, recebi ou mesmo toquei, alguém precisou sofrer o que estou sofrendo agora. Alguém teve que sentar e ver sua vida sangrada e transformada em moeda para comprar uma faixa de carne seca, um caneco de cerveja ou um teto sobre a cabeça.

Quando todas as moedas esfriaram, Wick vira o bloco e o sacode de leve para que os ferros-sanguíneos caiam na mesa de madeira, com um som pesado de metal. Pego um e o olho com fascínio e repulsão em medidas iguais. Esse tempo fluiu em minhas veias por dezessete anos, e agora está fora do corpo e eu estou diminuída. O metal é quente. Se a coisa toda não fosse tão horripilante, seria quase bonito.

— Como está se sentindo? — Wick pergunta, mas já estou recuando da

mesa. Não tenho tempo, penso amargamente, para ficar sentada nesta loja refletindo sobre as injustiças da vida. Enquanto estou aqui, os anos de Caro podem estar sendo drenados. Ela pode estar morrendo, se já não estiver morta. Por causa de mim. *Para* mim. Tentar entrar no cofre por mim foi mais do que um ato de coragem (ou tolice) de sua parte. No fundo de minha alma sei que foi um ato de verdadeira gentileza. Ninguém nunca se importou comigo desse jeito, exceto Papai. E Papai se foi.

Tenho que levar esses ferros-sanguíneos para ela.

Eu me levanto enquanto Wick junta as moedas em um tecido e me entrega o pacote. Elas ainda estão quentes através do pano.

Ele apoia uma mão em meu ombro.

— Vá com calma — recomenda. — Você perdeu muito tempo. Pode desmaiar, ou pior, se fizer um esforço excessivo.

O movimento brusco me deixou zonza e as paredes derretem momentaneamente diante de meus olhos. Mas tenho que ir.

— Estou bem — consigo dizer, com a voz saindo um pouco arrastada. — Vou ficar bem.

Eu me desvencilho de sua mão e levanto, percebendo que ele pode ter razão quando a distância até a porta parece um quilômetro. Mas não posso me sentar e descansar. Tenho que ir — por Caro.

***

Vagamente, sinto um leito grosseiro de madeira sob as costas e um balanço suave e constante, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Por um momento, penso que estou no mar e estendo o braço para tocar a água — mas então um rosto borrado aparece sobre mim e um par de braços me ajuda a sentar. Percebo que é só a carroça de um mercador me deixando nos portões de Everless.

Pisco contra a luz cinzenta, lembrando que nunca vi o mar. Com meu tempo drenado — só dez anos por enquanto, mas trinta a mais no futuro —, é provável que nunca veja.

Eu caminho em direção ao quarto de Caro, o mais depressa que minhas pernas bambas permitem.

Ter dez anos drenados é um pouco como ficar bêbada, mas sem o calor agradável do madel. Quando tropeço e me apoio na parede, sou tomada por calafrios. O dormitório dos criados parece estranho e ameaçador, serpenteante e claustrofóbico. Sinto pessoas passando por mim, outros criados cuidando de seus afazeres, mas não consigo distinguir seus rostos. Eles se mantêm a uma distância segura, talvez achando que estou bêbada. Contra a luz de tochas que iluminam o corredor, suas sombras se projetam como monstros, com membros distorcidos e dentes afiados, todos tentando me pegar.

Eu caio e alguém me segura. Uma esperança desabrocha em minha garganta e lhe dou voz.

— Roan?

— Não, querida. — A voz é suave, gentil e recoberta de açúcar. Bea. Eu despenco contra ela. — Você é boa demais para aquela cobra — ela diz, com a voz distante. *Cobra*. Sou dominada pela sensação de que estou caindo para trás através do tempo, como na loja da bruxa. O cheiro podre de enxofre enche meu nariz e me vejo em outro lugar, um lugar escuro e apertado. Frio. O cheiro de enxofre vem de novo e sinto uma onda de náusea, mas está misturado com o aroma de lavanda. O cabelo de Bea. O cabelo de Bea, digo a mim mesma, tentando lembrar onde estou. Estendo a mão para ela, minha mente tentando desesperadamente se situar.

— Agora me conte o que você fez.

De quem é essa voz? É de Bea, digo a mim mesma, Bea está me chamando.

O que você fez? Sobre a voz alta e assustada de Bea vem uma voz diferente — mais grave e furiosa, como se alguém falasse comigo por cima do ombro dela.

Sinto dedos no meu pulso. Alguém respira fundo.

— Jules, você não... não fez isso por Caro, fez? Jules!

Caro. O nome põe Bea e Everless em foco. Eu me endireito, ainda apertando os braços de Bea. Ela me observa com os olhos arregalados de preocupação.

— Jules, você precisa descansar. Venha aos dormitórios e...

— Não. — Meu tom duro a faz apertar os lábios. Ela se afasta de mim. — Tenho que encontrar Caro — digo, em vez de *desculpa*.

Bea começa a falar, mas me viro em direção aos aposentos da Rainha e ela não me segue.

De algum modo, consigo chegar ao corredor que fica atrás dos aposentos dos Gerling e de seus convidados. A esta altura, sei qual das portas de carvalho pesadas leva ao quarto de Caro. Enxugo o suor do rosto e me esforço para continuar em pé enquanto me aproximo, mantendo a cabeça erguida e apertando a bolsa de ferros-sanguíneos com força sob a capa. Empurro a porta com as palmas. Sinto uma pontada de dor, mas a porta se abre.

O clima no quarto de Caro é severo. As cortinas estão fechadas, bloqueando a luz da tarde e transformando o cômodo aconchegante em um lugar de sombras estranhas, que dançam graças ao fogo baixo estalando na lareira. Por um segundo, pergunto-me quem teria organizado isso pela aia em desgraça — mas então vejo Caro em sua cama, dormindo e tremendo com cada respiração, e uma cadeira vazia a seu lado. Desabo nela. Caro se remexe, mas não acorda.

Eu me perguntei se eles drenariam seu tempo imediatamente depois da sentença, mas olhando seu rosto emaciado a resposta é clara. Parte de mim esperava que houvesse mais tempo — que Caro, com sua posição privilegiada como criada pessoal de Lady Gold, teria um julgamento ou uma chance de provar sua inocência, ou então que a Rainha interviesse em seu nome. Mas eu deveria saber que não é assim que funciona a justiça do capitão Ivan.

Ela é jovem, digo a mim mesma, tentando me acalmar. Será que me contou quantos anos ainda tinha? Deviam ser muito mais que quarenta antes de eles tirarem esse tempo. É claro que Ivan não teria verificado seu tempo, como Wick fez comigo. Nem teria se importado que *ninguém ceder quarenta anos,* como Wick me alertou. Minha cabeça gira; talvez Caro ainda esteja em perigo mortal. Não é raro que jovens drenem tempo pensando ter muito para ceder e que morram um ano, um mês ou um dia depois.

Pego a bolsa de ferros-sanguíneos e a coloco na cabeceira dela.

— Isto é pra você — anuncio, como se ela pudesse ouvir minha gratidão e

culpa por ter se importado tanto comigo.

— Dez anos.

É claro que ela não se move nem reage. Mal está respirando, e sinto um calafrio. E se ela estiver morrendo?

Nunca consumi tempo, mas sei como o processo funciona. Então atravesso o quarto até as estantes de Caro e volto com uma pequena garrafa de vinho. Sirvo o vinho em uma chaleira e o aqueço no fogo. Depois de alguns minutos, quando um vapor intoxicante e aromático se ergue da chaleira, eu a tiro da chama e a levo à mesa de cabeceira. Pego a caneca de madeira simples apoiada ali e coloco dentro dela três das minhas moedas recém-cunhadas, então observo fascinada enquanto despejo um pouco do vinho fumegante sobre elas.

Há um chiado quando o líquido quente e o metal se encontram e uma fumaça se ergue da caneca, cheirando a açúcar e cinzas. Mexo a mistura com uma colher e a deixo de lado, gentilmente sacudindo o ombro de Caro.

Ela acorda aos poucos, piscando e tremendo apesar de o quarto estar tanto escuro como aquecido. Seus olhos se focam devagar em mim.

— Jules — ela diz, soando mais exausta que surpresa enquanto se empurra para sentar. — Você está aqui.

— Sinto muito — falo, infeliz. Pego a caneca de vinho e ferro-sanguínco e a ofereço a ela. — Beba.

Caro aceita, seus movimentos lentos e pontuados por estremecimentos de dor. Ainda estou atordoada pela perda de tempo, meu corpo tão sensível quanto um hematoma, e não consigo imaginar como ela deve se sentir depois de perder quatro vezes o que eu drenei. Suas mãos não estão enfaixadas como as minhas — Ivan deve tê-la sangrado pelos braços. Sinto um nó na garganta. Seus punhos estão cobertos pelo vestido grosso de veludo, então não consigo ver as marcas.

— Obrigada, Jules — ela diz, sua voz um sussurro rouco, então bebe.

O efeito é imediato. Pontos de cor surgem em suas bochechas brancas e suas mãos apertam a caneca com mais força enquanto ela engole a mistura de vinho e tempo. Até a postura parece mudar, ficando mais aprumada. Ela suspira, sua respiração mais forte do que antes, e estende a mão para pôr a caneca na cômoda.

Mas, antes que alcance a superfície, ela para de repente. O ar está espesso de calor. Seu braço fica parado, torto, então seus dedos soltam a caneca, que cai e se estilhaça nas tábuas do chão. Ela ofega de dor e leva a mão à garganta.

Eu me inclino para a frente, com o coração disparado.

— O que foi? Caro? — Será que derreti os ferros-sanguíneos de um jeito errado? Ou cometi algum erro na mistura?

Caro abre e fecha a boca, mas nada sai. Ela não parece respirar; seu rosto se contorce e ela fica rígida, então começa a se debatei entre os lençóis, cuspindo e engasgando. Os sons são duros e urgentes, arquejos inúteis interrompidos antes que o ar consiga alcançar seus pulmões. Seu rosto ficou vermelho e os olhos estão se forçando para fora das órbitas.

Ela está engasgando.

— Caro! — eu me ouço gritar. Sendo tomada pelo pânico, seguro sua cabeça com uma mão e abro sua garganta à força com a outra. Algo brilha lá no fundo.

Tremendo de medo, deito sua cabeça de lado e enfio dois dedos em sua boca, mas com o jeito como ela está se debatendo, não consigo alcançar o objeto. Seu corpo sofre espasmos, o rosto fica cada vez mais vermelho, e me ouço implorar à Feiticeira pela vida dela enquanto silenciosamente grito comigo mesma para agir depressa. Meu coração está batendo tão forte que temo que vá rachar as costelas e irromper pelo meu peito.

Os olhos de Caro se reviram para trás e ela fica flácida em meus braços.

O mundo fica quieto.

Ela desmaiou. Minha respiração vem em arquejos. O resto do cômodo está em silêncio — um silêncio tão espesso que se assenta sobre mim como pedra.

Ergo os olhos e quase grito.

De início, nada parece errado no quarto, mas algo o tornou aterrorizante. As cortinas finas não oscilam no vento, mas estão paradas e infladas como se feitas de gelo. Caindo de uma rosa no vaso na penteadeira de Caro, uma pétala está congelada no meio do ar, a meio caminho do chão.

E Caro não está se movendo — nem um pouco. Seu corpo está imóvel como uma estátua — não há movimento em seu peito e ela nem pisca. Há

algo profundamente errado na cena, e meus braços se arrepiam. Não sei se Caro está viva ou morta. Quando olho para ela, noto uma gota de suor brilhando em sua bochecha, que está se alongando e prestes a cair de seu rosto até o chão. Mas não cai. E não cai. Só quando passo a mão ela se move, atingindo o chão com um *ploc* audível nesse silêncio mortal.

Sou tomada por uma certeza fria e aterrorizante.

Há algo errado com o tempo.

No silêncio e na imobilidade, eu me sinto mais sozinha do que jamais estive, enquanto minha amiga jaz como morta em meus braços. Ela não se mexe quando um soluço, reprimido pela adrenalina, enfim escapa de meu peito.

Quando a solto e caio de joelhos ao lado da cama, ela cai de volta sobre o travesseiro, seu rosto vermelho, mas inteiramente imóvel. As tábuas do chão rangem sob meu peso e o colchão volta ao lugar quando tiro o peso dele, mas todo o resto do quarto permanece tão congelado como se tivesse sido encerrado em vidro. E atordoante, um pesadelo, e minhas lágrimas escorrem quentes e velozes. Já senti o tempo ficar mais lento, mas nunca parado por completo, esse espaço sinistro onde apenas eu posso me mover. E se eu estiver presa, como a cidade de Briarsmoor?

O medo clareia minha mente. Respirando fundo para me controlar, eu me levanto e me inclino sobre Caro. Aperto seu ombro e quadril com cuidado e a viro de lado. Então subo ao lado dela e, lembrando de algumas instruções de Lora sobre vítimas de engasgamento, bato em suas espáduas com a base da mão.

Nada muda. Respiro fundo e tento de novo, com mais força. E de novo, até que minha mão recém-enfaixada inflama de dor e começa a sangrar.

No quarto golpe, algo se solta. Um borrão dourado salta dos lábios de Caro — eu suspiro de choque e alívio — e a coisa atinge o chão com um baque pesado, rolando sob o guarda-roupa. Embora minha visão esteja turva de suor e lágrimas, o objeto parece maior e mais pesado do que uma moeda anual.

Ouço um barulho estranho e estrangulado atrás de mim — a segunda metade de um soluço. Viro a cabeça e vejo Caro inspirar com um som

arranhado e dolorido.

— Graças à Feiticeira — sussurro, inclinando-me sobre ela. Ela está respirando com dificuldade, ofegante, e há sangue em seus lábios, mas o rosto está passando lentamente de vermelho a rosa, e quando aperto seu ombro, consigo sentir sua pulsação, mais forte e rápida. Olho para onde a coisa dourada caiu no chão. — Você engasgou.

Caro se acalma, encarando-me com os olhos injetados. Quando ela segue meu olhar até o chão, percebo que há mais que surpresa em seu rosto — há suspeita.

Não, outra coisa — traição.

Não entendo. Será que ela acha que eu tentei feri-la?

Quando enfim desvia os olhos dos meus, ela se inclina e tenta pegar o objeto, mas está fraca demais. Eu me abaixo, grata por me afastar de seu olhar. Mas o alívio se transforma de volta em terror quando penso no que vou encontrar embaixo do guarda-roupa.

Não é uma moeda. Eu me ajoelho, tanto para olhar mais de perto, como para esconder meu rosto de Caro. No chão, sob um rastro de sangue e cuspe, mas imaculadamente limpa, há uma esfera dourada do tamanho de uma noz. E ferro-sanguíneo novo — isso é óbvio pelo brilho do metal, — mas é como se as três moedas que eu dissolvi no vinho se reformassem nessa esfera.

Pouco a pouco, sou tomada pela sensação de estar presa no tabuleiro de um jogo que não entendo. A esfera me enoja e me atrai ao mesmo tempo. Estendo a mão.

O metal que envolvo com meus dedos não é quente, mas suavemente morno, como se aquecido pelo sol. E liso e parece estar quase zumbindo, como se guardasse algo vivo dentro de si. É pesado e...

Solto uma exclamação de surpresa quando meus dedos afundam na superfície, como se o metal estivesse derretendo sob meu toque. Eu o solto e recuo às pressas.

— Segure. — A voz é um sussurro quase inaudível, mas inconfundível.

Ergo os olhos para Caro, que está se puxando com dificuldade para a beirada da cama. Seu rosto continua corado e úmido de suor, mas ela encara a

bola de metal com olhos alertas e bem abertos.

— Veja o que acontece — ela acrescenta, encontrando meu olhar outra vez. Há ali uma centelha de alguma emoção que não consigo identificar, mas no próximo segundo Caro abaixa os olhos para a esfera de ouro de novo. Quero protestar e me esconder até descobrir o que, em nome da Feiticeira, está acontecendo, mas ela está esperando com expectativa. E está viva, por enquanto, o que é tudo que devia importar.

Relutante, encosto um dedo na esfera de metal.

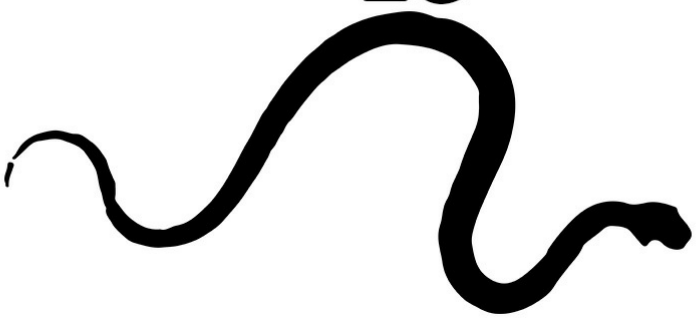
Por um momento, nada acontece. Então a superfície começa a mudar e meu dedo afunda, como se a esfera estivesse derretendo sem calor. Conforme amolece, o metal meio líquido começa a subir por meu dedo. Eu me encolho, mas me obrigo a não recuar enquanto o ouro sobe pelos nós de meus dedos e continua pela palma. Ouço nossas respirações pesadas enquanto os fios de ouro desaparecem sob a gaze que Wick enrolou ao redor de minha mão. E como água quente, gotejando para cima.

Logo a esfera sumiu por completo, e fios de metal líquido correm por minha pele como veias.

— Tire a atadura — Caro diz suavemente.

Algo em sua voz me faz obedecer; desenrolo o tecido manchado de sangue. Ele cai e revela o corte feito pelo credor de tempo, ainda fresco e vermelho. Um filete de ouro — de ferro-sanguíneo, do meu tempo — está entrando nele, de volta para o seu lugar dentro de minha pele.

23



Na calada da noite, Caro — ainda fervendo de febre, com mechas suadas grudando-se ao rosto — exige que eu lhe diga como. Sua voz é dura, sua garganta arranhada devido ao caco de meu tempo que ficou preso nela. Conto a verdade, e a repito sem parar: que não sei, que não faço ideia do que fez o tempo em meu sangue se rebelar contra ela e retornar a mim. Nunca vi nem ouvi falar de nada parecido. Coloco as sete moedas anuais restantes na cômoda, com medo de tentar fazê-la beber de novo e com medo de deixá-las perto de mim.

Quando tento sair para encontrar ferro-sanguíneo que se comporte direito, Caro me implora para ficar. Depois de horas desse ciclo, ela finalmente adormece em meus braços, agarrando-se a mim com a ferocidade de uma criança. Será que meu ferro-sanguíneo piorou sua condição? Ela está pálida, mas sua pulsação se estabilizou. Exausta pelos acontecimentos do dia, e sabendo que Ina logo vai voltar para nos ajudar, deixo meus olhos fecharem.

Quando os sonhos vêm desta vez, eu os recebo de braços abertos.

No escuro, faço um gesto para chamar a garota com o rosto nas sombras, já sabendo que devo derrotá-la ou morrer. Ela se aproxima de mim com as mãos erguidas. Um mundo assustador entra em foco ao meu redor: nós nos enfrentamos em uma planície escura; a grama está queimada e não há nenhum outro sinal de vida até onde posso ver.

A garota se aproxima de mim e chamas se erguem onde seus pés pisaram. Uma capa esvoaça atrás dela, preta como tinta, e um capuz esconde seu rosto.

Vou morrer, penso no sonho.

A garota para a dois braços de distância de mim. Ela estende as mãos como um convite, e sua risada selvagem e zombeteira se ergue acima do vento.

— *Minha amiga* — eu a ouço dizer, sua voz aguda e doce parecendo emanar de todos os lados. — *Não confia em mim?*

A imagem se dissolve e estou sentada na cama, na nossa cabana em Crofton, olhando para a estatueta da Feiticeira que pertenceu à minha mãe. Seguro a pedra entalhada. O alívio é tão forte que arde — mas, desta vez, sei que estou sonhando. A imobilidade no quarto me assusta mais do que a visão da garota. Só posso encarar a estátua, encarar e encarar mais.

Então a estátua se move.

Abre a boca e ri.

E ergue a mão que segura a faca.

Acordo com um sobressalto na cama de Caro, com o colarinho do vestido empapado de suor e lágrimas. Um senso de familiaridade me atravessa de repente. A pose da garota cruza minha mente: um pouco inclinada para a frente, com as mãos em formato de concha na frente do corpo. E a mesma pose que lembro da minha visão na loja da bruxa — ser segurada quando era bebê enquanto o homem que me carregava parava diante de uma estátua da Feiticeira e tirava uma pedrinha de suas mãos.

A mesma mulher, mas viva, não feita de pedra.

Então na estatueta de minha mãe, transformada em pedra de novo.

Estremeço, envolvendo os braços ao meu redor para me aquecer. Será que era isso que meu pai tentava esconder de mim — que tenho alguma conexão com a própria Feiticeira?

Ao meu lado, Caro se remexe. Percebo que, enquanto sonhava, chutei nossos cobertores para longe, expondo seu torso. Ergo o tecido para cobri-la e noto que suas mãos estão geladas. Então as cubro e percebo, pela primeira vez, como estão pálidas...

Minha mente estanca de repente. Ela foi pega perto do cofre *ontem* – e depois do meu tempo na adega de mava, levei dias para limpar completamente as mãos.

Encaro suas mãos e começo a tremer, uma onda de confusão e medo ameaçando me afogar.

Gentilmente, para não a acordar, enrolo suas mangas para cima — e paro. Não há nenhuma marca de sangramento. Nenhum corte. Nenhuma atadura.

Ela mentiu — ou alguém mentiu por ela. O que aconteceu com Caro não é o que me disseram.

A mentira é escura, opaca, ilegível, como um rio tão cheio de sedimentos que não se pode ver o fundo. Ela flui por mim, espessa como meu próprio tempo transformado em metal líquido nas veias.

Uma frase do caderno de Liam, ou de meus sonhos, ou de meu passado, se insinua em minha consciência, como se tivesse dormido o tempo todo em minhas veias e finalmente alcançado o coração.

"Cobra", disse a Raposa. "O que você fez"?

Deve haver algum mal-entendido.

Levanto devagar do colchão, com cuidado para não o mover e acordar Caro. Saio do quarto com o máximo de silêncio, sentindo o ar preso na garganta.

Fortalecida pelo tempo novo-antigo em meu sangue, percorro os corredores fracamente iluminados. Só algumas tochas estão acesas, projetando uma luz sombria nos corredores vazios, e o único som são os estalos das chamas e meus passos vacilantes.

Os pensamentos começam a girar em minha cabeça, cruéis e ofuscantes como joias na luz.

A farsa de Caro.

Os segredos de Papai, suas mentiras bem-intencionadas.

O choque da suposta bruxa quando seu feitiço fraudulento funcionou comigo.

O modo estranho como o tempo se comportou ao meu redor durante a vida toda.

Os sonhos recorrentes com a garota que quer me matar, e todos os outros sonhos ao longo dos anos em que eu fugia de uma figura sombreada, que Papai — e com o passar do tempo, eu — consideramos apenas os pesadelos

de uma criança ansiosa. Mesmo palavras e imagens de minhas histórias de infância favoritas, sobre a Raposa e a Cobra, que Liam registrou em seu caderno...

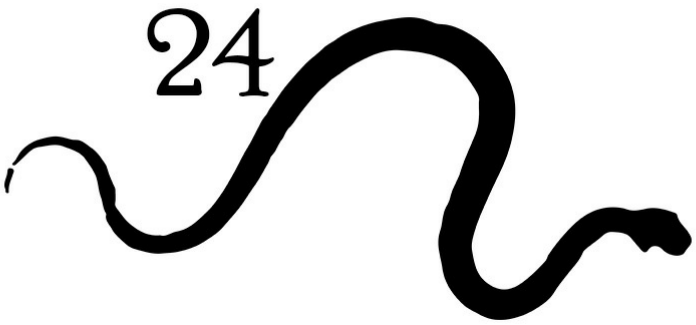
Todas essas coisas estão entrelaçadas de modos complicados e cambiantes, mas nada ainda está claro. Perceber o quanto meu pai escondeu de mim — quanto mentiu durante minha vida toda — é como olhar para baixo, esperando encontrar pedra sob os pés, e não ver nada exceto o ar.

Preciso entrar no cofre. Preciso ver sobre o que Caro mentiu e por que meu pai morreu.

Giro uma maçaneta e outra frase dispara por minha memória, arrepiando o corpo inteiro.

"Raposa", disse a Cobra, enrolando-se lentamente ao redor do coração da amiga. "E hora de enfrentar a verdade.

24



No escuro, cercada por espelhos e retratos de Gerling mortos, a distância até o cofre parece se estender diante de mim, os corredores se desenrolando mais rápido do que consigo percorrê-los, por mais que aperte o passo. Galhos de árvores arranham as janelas e o vento distante uiva, como se o próprio inverno estivesse atacando as paredes de pedra de Everless e tentando encontrar uma fissura pela qual se infiltrar e me puxar para fora.

Caro não entrou no cofre — não teve nenhum tempo drenado.

Ainda é noite. Passo pelos dormitórios, onde ouço as mulheres — aquelas com as primeiras tarefas do dia, como cuidar da lareira dos nobres para que eles nunca sintam a fisgada do frio matinal — saindo da cama e se vestindo. Os sons chegam como se viessem de quilômetros de distância. Minha mente e meu coração estão acelerados, a adrenalina do sonho fluindo pelo corpo como se eu ainda estivesse adormecida, embora meus olhos estejam abertos.

Corro para a ala que contém o cofre, atendo-me aos corredores dos criados quando posso e mantendo a cabeça abaixada e os olhos fixos no chão quando não é possível. Não sei onde Liam Gerling pode estar espreitando, se estiver acordado.

Quando finalmente chego à porta do cofre, o corredor está vazio e silencioso, e pontos de poeira flutuam na luz que entra pelas janelas altas com vista ao jardim. Fico parada em frente à porta e ergo os olhos, sua massa brilhante me lembrando de como tenho pouco poder. A porta contém painéis de bronze incrustados em uma longa faixa correndo pelo meio, entalhados em formas estranhas — pássaros, cobras e joias transbordando de cálices, mas

que, no fim, se transformam em pessoas, mulheres dançando em vestidos de seda e apertando as mãos. Se eu recuar um passo e apertar os olhos, o efeito do conjunto é de um rosto com uma joia em forma de coração caindo de seus lábios. A cena me faz lembrar de Ina, e me pergunto o que ela vai pensar quando voltar de sua viagem com a Rainha e Roan e ficar sabendo da punição de Caro... e de tudo o que aconteceu depois.

Com cuidado, empurro a madeira. Parece tão sólida quanto pedra. Nada acontece, nem um rangido. Minhas mãos emergem limpas.

Eu me inclino e vejo que uma série de pequenas engrenagens estão entrelaçadas nos entalhes, descendo pela porta como botões. Sigo-as para cima, percebendo que, correndo ao lado delas, há um canal estreito e manchado de vermelho, mais raso que um arame. Um calafrio percorre minha espinha.

Liam me disse que a porta exige sangue para abrir e drena tempo, mas nunca se sabe quanto. Antes de hoje, eu nunca teria assumido o risco. Mas agora nem hesito antes de erguer os dedos ao painel e explorar com atenção seus padrões.

As paredes do pequeno canal têm manchas castanho avermelhadas que não são decorrentes do tempo. No topo há uma pequena maçaneta na forma de uma cauda de escorpião emergindo de uma fruta, afiada como uma lâmina. Seu propósito é claro: um pagamento de sangue, mas um que ninguém exceto um Gerling poderia arriscar. Cruel e elegante — exatamente como os Gerling.

Eu traço o canal com a ponta do dedo. Será que parte desse sangue é de Papai? Raiva, medo e luto fluem juntos por mim e me dobro de náusea. Encosto a cabeça na porta e permito que a emoção escape em um soluço engasgado. Papai sabia como a porta funcionava — e quão perto estava da morte, — mas pensou que valeria o risco.

Antes que eu possa desistir, pressiono o dedo na lâmina do escorpião. Sinto calor e a sensação peculiar e desagradável de ter tempo drenado. Por um momento, fico zonza, mas menos do que quando Wick tirou dez anos de mim.

Então algo atrás da porta faz um clique. Quando empurro a madeira, ela se abre sem resistência e minhas mãos saem roxas. Por um momento, fico

maravilhada com o mecanismo e seu criador — antes que o assombro se transforme em raiva. Entro na escuridão, deixando uma fresta aberta para não ficar presa lá dentro.

Aos poucos, meus olhos se ajustam e revelam uma escadaria de pedra estreita iluminada por tochas, como a que leva aos aposentos de Lady Sida. Subo por um longo tempo, até que o topo se abre para o breu total. Volto para a escada, pego uma das tochas de seu suporte e a seguro no alto.

Por um longo momento, não compreendo o que vejo. Estou em uma sala de pedra escura, sem janelas, com um chão brilhante de ladrilhos. Suas paredes se curvam na forma da torre, talvez só vinte passos de diâmetro, mas as sombras se estendem indefinidamente acima de minha cabeça.

E não são ladrilhos. O chão sob meus pés é recoberto com ferros-sanguíneos de todo tamanho e cor, em meio a outros tesouros — cálices de ouro e prata, pérolas e anéis, pedras preciosas jogadas no chão como lixo. Espadas cerimoniais enferrujadas pendem das paredes com as lâminas cegas. Mas dinheiro não significa nada para mim agora que Papai se foi. Não sinto o ímpeto de me abaixar e recolher moedas mensais e anuais na saia, como teria antes. Analiso o cômodo em busca de algo, qualquer coisa que me atraia, qualquer coisa que me lembre de meu pai e sugira por que ele viria aqui, por qual motivo ele morreu — e não vejo nada.

A decepção forma um nó em minha garganta, espessa, amarga e sufocante.

Mas então algo capta minha atenção em uma estante — um livro com aspecto antigo. Eu me aproximo, chutando ferros-sanguíneos para longe. Não há nenhum motivo para um livro estar aqui, entre várias centenas de vidas em moedas e tesouros. Com o coração disparado, abro a capa e sou banhada por um aroma familiar — palha, metal e fumaça de madeira. A página não tem nenhum escrito impresso, só palavras rabiscadas em uma letra inclinada e desconhecida: *Antonia Ivera.*

Não conheço o nome, mas ele faz algo se agitar dentro de mim.

Ao lado dele, pedacinhos de papel rasgado escapam da encadernação. Fascinada, tiro o retrato de minha mãe do bolso — onde sempre o mantenho — e o encaixo perfeitamente no espaço.

Então tenho certeza: meu pai morreu por este livro.

Cercando as palavras — cercando o texto em *todas* as páginas, percebo quando começo a folhear — há pequenos desenhos, rabiscos de espirais, árvores e animais da floresta. E sei quem os fez.

Eu.

As lembranças voltam de uma vez: sentar no colo de meu pai — antes que qualquer escuridão tocasse nossas vidas, antes do acidente — e ouvi-lo contar sobre a cobra e a raposa em sua voz grave e melodiosa, então roubar o livro, levá-lo até minha cama para deixar minha marca nas páginas, o que nunca pareceu incomodar Papai. Segurar este livro é como ter de volta um pedaço dele — e até de mim mesma, daquela Jules que nunca contou uma mentira, nunca soube o que é passar fome, nunca sentiu saudade dos pais nem fez nenhum acordo terrível.

Viro para a primeira página para encontrar as histórias, mas enquanto leio as frases — ainda na letra de Antonia Ivera, — a tinta parece fluir para fora da página e se erguer ao meu redor. A escuridão inunda minha visão. Não consigo apontar o momento exato quando a realidade dá lugar a sonhos, mas sei o que esperar depois de minha experiência com a bruxa e, embora tenha medo, obrigo-me a não me fechar às imagens. Fico imóvel, com a mente aberta, e deixo que as visões — as lembranças — me atravessem.

À minha frente está a garota, mas muito mais jovem, com o cabelo escuro escondendo o rosto. Ela está sentada contra uma parede fracamente iluminada pela luz de velas, com os braços ao redor dos joelhos. Grilhões de ferro pesados prendem seus punhos. Sua cabeça está enterrada nas mãos.

— Nunca vamos sair daqui, vamos? — Sua voz é tão familiar quanto as batidas de meu coração.

Quando viro para encará-la, os grilhões em meus próprios punhos tilintam e se arrastam. Mas estendo a mão e toco seu ombro. *Vamos,* digo a ela. *Eu tenho uma ideia.*

E tenho mesmo. Ela brilha sob a superfície de minha mente, presente mas indistinta, como pedras no fundo de um rio de correnteza veloz.

Então há a luz de uma vela. Tenho um livro sob o braço e uma pena fina nos dedos. Sinto uma dor vaga no braço e reparo em um borrifo de sangue no canto da página cor de creme. O couro do livro é mais novo — ainda quente,

quase como se retivesse o calor do animal —, mas sei que é o mesmo livro que seguro, tremendo, no cofre dos Gerling. A conexão me firma; olho para minha própria mão escrevendo freneticamente como se a visse de uma longa distância. A pena começa a escrever um nome familiar: *Briarsmoon*

Briarsmoor. E a única palavra que faz sentido, e me agarro a ela.

Então estou correndo, disparando por uma floresta antiga, com galhos arranhando meu rosto e raízes parecendo se erguer para roçar meus tornozelos. Atrás de mim há latidos de cães, gritos de caçadores, a fúria da garota e uma fome — eterna e inescapável. À minha frente, posso ver a cidade, *o extenso jardim verde e a estátua da* Feiticeira na praça. Todo *mundo que amo* está lá. *Briarsnoor*, uma voz sussurra em meu ouvido. Se eu *conseguir chegar até lá, se conseguir* salvá-los, *poderei salvar* a mim mesma.

O terror em meu âmago se mistura a um *luto* ardente e à traição. Cada passo, cada batida do coração, cada respiro ofegante diz as mesmas palavras: *minha amiga, minha amiga, minha amiga, minha amiga. O que você fez?*

Então outro som alcança, algo fora do mundo de visões. Meus olhos se abrem, ainda pesados com as imagens, e levo um momento para lembrar por que estou deitada em um cobertor de ferros-sanguíneos, com uma joia pressionada contra o rosto.

Mas o som de passos sobre pedra me faz ficar alerta. Sento às pressas enquanto a luz de tocha ilumina a escada, e vejo as sombras de homens contra a parede. Escuto vozes — guardas de Everless.

Deixei a porta aberta para qualquer um ver. Que decisão idiota, e que jeito idiota de morrer.

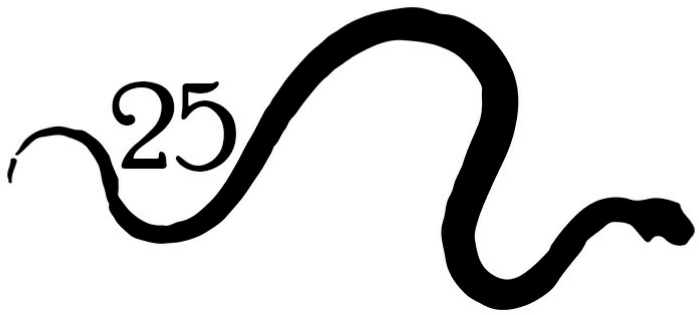
Quando eles aparecem na entrada, ergo as mãos, minha mente repetindo em pânico, como uma criança, que se eu não puder vê-los eles também não poderão me ver. Tudo fica em silêncio e me encolho, esperando os gritos que vão anunciar minha ruína, as mãos que vão me pegar e me arrastar para fora.

Mas eles não vêm. Abaixo as mãos e vejo um homem espiando pela entrada, segurando uma tocha no alto, com a outra mão no cabo da espada. Mas ele está imóvel. Não respira nem pisca, e a chama de sua tocha não tremeluz. Atrás dele, o padrão de luz e sombra projetado na parede está sinistramente congelado — como se alguém tivesse pintado a pedra com a luz

do fogo.

Não paro para pensar sobre o que estou vendo. Só atravesso o tapete de riquezas na ponta dos pés e contorno o homem, com o corpo rígido. Passo pelos três outros guardas atrás dele nas escadas, com cuidado para não tocar por acidente em nenhum, então praticamente me lanço escada abaixo e saio no corredor. Barulho irrompe atrás de mim.

Só quando estou no jardim, na metade do caminho para os estábulos, percebo que deixei o livro para trás.



O vento passa por baixo de minha capa, enregelando-me até os ossos. A égua galopa depressa, fazendo pedras voarem sob os cascos enquanto disparamos pela estrada vazia. Meu corpo inteiro dói — eu deveria ter parado para consumir o ferro-sanguíneo que não pude dar a Caro, — mas minha necessidade de sair de Everless supera tudo o mais. Não foi fácil me puxar para cima do cavalo, nem sentar ereta enquanto mentia para os guardas no portão, mas a urgência e o terror inspiraram em mim uma energia selvagem.

Agora a adrenalina está se esvaindo e estou tão exausta que temo adormecer no lombo da égua, apesar da cavalgada aos solavancos e do ar gelado que arrepia meus braços e pescoço. Mas, de alguma forma, sei para onde guiá-la, e parece que poucos minutos passam antes que o cavalo faça uma parada repentina e violenta.

Campos vazios se estendem dos dois lados da estrada, a neve intocada brilhando sob o luar. Cerca de cem metros à frente há um grupo de casas e prédios que parecem abandonados, espalhados de forma irregular dos dois lados. Mas são estranhos — cintilam de leve no brilho da lua e da neve como se fosse verão e houvesse uma névoa se erguendo entre nós e o vilarejo. As casas parecem brilhar, embora as ruas estejam vazias e as janelas apagadas.

Não importa o que eu faça, a égua não se move. O animal se remexe nervosamente, batendo os cascos na terra congelada e jogando a cabeça para trás. E entendo por quê — a visão de Briarsmoor à nossa frente parece errada. Percebo que estou cerrando os dentes, resistindo ao impulso de dar meia-volta e fugir.

Terei que andar o resto do caminho. Tento engolir meu medo enquanto amarro a égua a um poste na margem da estrada e me viro para Briarsmoor, jogando a bolsa sobre o ombro. Dando um último olhar preocupado para trás, começo a andar.

O trajeto até a cidade parece demorar, e o estranho brilho que recobre Briarsmoor só fica mais intenso conforme me aproximo. Quando alcanço a cidade, a distorção é tão forte que os prédios atrás dela são formas vagamente iluminadas contra a noite, como se eu estivesse do lado de fora, olhando para dentro de uma janela embaçada. Meu coração dispara de terror. Tudo aqui parece errado, mas não posso voltar atrás. Estendo o braço até a barreira entre Briarsmoor e o mundo exterior. Calor se espalha por minha mão, mas nada mais acontece, então atravesso.

E pisco na súbita luz do dia, puxando o ar com força.

Minha cabeça gira enquanto absorvo a vista ao redor. Um momento atrás, o céu noturno se estendia sobre mim, pontuado por estrelas; agora está do azul cinzento de um dia claro de inverno, o sol pálido lançando um calor fraco em meu rosto.

As histórias são verdade.

A princípio, não consigo ver nada, mas logo meus olhos vão se habituando. O brilho esvanece e vejo os resquícios de uma cidade: uma estrada esburacada com pedras faltando, uma coleção de casas em ruínas, janelas escuras cercadas por vidro quebrado. Viro e vejo a mesma fronteira pairando entre mim e o resto de Sempera, como uma cortina de gaze. Além dela, só consigo ver a linha fraca do horizonte escuro, coberto de neve e interseccionado pelo longo corte branco acinzentado da estrada.

Meu corpo se arrepia. Ouvir o homem do orfanato falar sobre a cidade que está doze horas atrás do resto do mundo é uma coisa, mas ver este lugar pessoalmente é outra história.

O vento uiva em meio às casas vazias.

Sem saber o que fazer em seguida, começo a contornar devagar a cidade. Não sei bem o que estou procurando — a estátua, uma livraria, qualquer sinal de vida. Mas tudo parece desprovido de humanidade, castigado por anos de abandono. Arvores emergem através de janelas quebradas. Telhados afundam

sob cobertores de neve. Quase tropeço no que parecem ser os restos de uma cadeira, quebrada e mofada.

Quando olho para baixo, sei que lembranças como esta estão por todo canto, semiocultas pela neve — carcaças de móveis, pratos e tigelas quebrados e livros irreconhecíveis de tão inchados pela umidade e pelo passar do tempo. Lembro do que o homem do orfanato disse sobre a pilhagem que se seguiu a crise temporal, e meu estômago se revira quando penso no caos que aconteceu aqui.

Um borrão de movimento no céu me faz erguer a cabeça. Ergo os olhos e vejo uma fina coluna de fumaça se erguendo em meio ao azul de algum lugar no centro da cidade, e o ar fica preso em meu peito. Que tipo de pessoa moraria em um lugar desses?

Bem, você está aqui, uma voz seca me lembra. Certamente, todo tipo de exploradores e saqueadores correram para Briarsmoor desde que foi abandonada. Pode não ser nada. E mesmo se for... não vou descobrir nada sobre meu passado espreitando as margens da cidade. Apesar de ter olhado para todo canto, não achei uma estátua que pareça com a de meus sonhos.

Então aprumo os ombros e sigo em direção à fumaça.

Depois de um tempo, encontro uma casinha que parece menos dilapidada do que suas vizinhas. Fumaça pálida se ergue da chaminé e um caminho estreito foi aberto na neve até a entrada. Sem me dar tempo para hesitar, sigo em frente e bato na porta.

Há uma pausa muito, muito longa. Então ouço passos — lentos, leves, hesitantes. A porta se abre.

Não sei quem estou esperando, mas a mulher parada ali poderia ser de Crofton ou de qualquer outra cidade: cabelo castanho preso em uma trança, rosto e mãos desgastados pelo sol, um vestido feito em casa pendendo do corpo magro. Ela parece ter a idade de meu pai, talvez um pouco menos.

— Quem é você? — ela pergunta. Por um momento, parece surpresa ao ver uma desconhecida em sua porta, mas então abre um sorriso mais descontraído. — Boa tarde.

— A-ah... — balbucio antes de recuperar a voz. — Jules. Jules Ember. Estou procurando por... informação. Acho que minha família viveu aqui.

Há um momento de silêncio enquanto a mulher me examina com atenção. Então ela diz:

— Entre.

Apertando minha bolsa contra o peito, eu a sigo para dentro. Um fogo baixo queima na lareira e uma chaleira ferve sobre ele. Peles estão empilhadas contra uma parede, e há carne seca e ervas penduradas no teto. Há quanto tempo essa mulher vive sozinha nesta cidade abandonada?

— Meu nome é Rinn — ela se apresenta, sentando em uma mesa de madeira rústica e, com um gesto, convidando-me a fazer o mesmo. — Eu morei aqui. Sempre moro.

Não é como se estivesse misturando as palavras — não há confusão nem gagueira em sua voz. Em vez disso, é como se alguém estivesse colhendo suas palavras do ar e as embaralhando antes que elas cheguem a meus ouvidos.

— Olá — digo gentilmente. — Pensei que a Rainha tivesse ordenado que a cidade fosse evacuada.

Rinn sorri.

— Mas, na confusão, quem vai reparar se uma mulher ficou para trás? — ela responde. — Contanto que o fogo não se espalhe — ela acrescenta, como se as chamas pudessem ultrapassar seus limites, selvagens e famintas, a qualquer momento. Até onde sei, bem que podem.

Sinto um frio na barriga.

— E sua família?

— Meu filho vai morrer. — A voz dela é casual, mas ouço o sofrimento por baixo. — Ele é doente e... vai ser demais para ele. Outra mulher fica comigo. Mas ela morreu de febre.

— Sinto muito. — Engulo meu horror ao imaginar tal solidão. Eu a encaro, tentando entender o mundo como ela o vê: sua linguagem estranha, presa entre o que foi e o que será. Talvez o tempo tenha quebrado ao redor dela também, junto com a cidade. — E você ficou aqui desde então? Como sobreviveu?

Rinn dá de ombros.

— Caçando, plantando, preservando. E pessoas aparecem, como você.

Então não fico sozinha. Chá?

Surpresa, aceito com a cabeça e Rinn vai pegar a chaleira.

— Você vai ao festival hoje? — ela pergunta sobre o ombro.

Sinto um aperto no coração. Não haverá nenhum festival hoje, não pode haver. Este lugar é uma cidade fantasma, um lugar preso para sempre no tempo. Ela me estende uma xícara e eu beberico o chá, tentando falar sem estilhaçar sua ilusão.

— Se puder. Mas vim por outro motivo. Nasci aqui — digo lentamente. — Estou procurando... — Hesito, tropeçando na verdade. — Fui separada dos meus pais. Não lembro nada deles. — Vasculho a memória em busca da visão que tive de Briarsmoor, o sangue, a mulher aos gritos e o homem que me levou para longe. — Lembro de um jardim e de uma estátua da Feiticeira, segurando pedrinhas assim. — Eu demonstro juntando as mãos sobre a mesa, então as deixo cair, constrangida. — Sinto muito, sei que é uma lembrança estranha.

O olhar de Rinn fica mais atento.

— Sei de quem é essa casa: dos Morse, um mercador, sua esposa e sua família. Naomi Morse.

A decepção se ergue em mim, seguida por frustração — quem é Antonia Ivera?

Rinn continua.

— Ela, o marido, a irmã e seus filhos todos moram em uma antiga mansão ao oeste, perto dos limites da cidade. — Ela inclina a cabeça, encarando-me como se estivesse desesperada para reconhecer meu rosto. — Eu sou a parteira de Naomi.

Meu estômago se revira com seu uso da língua — a implicação de que eles ainda estão vivos. Aperto os lados da cadeira enquanto meu coração bate um pouco mais rápido, e tento não criar expectativas. Pode ser só outro truque de sua cabeça incapaz de se prender a um tempo.

— Pode me dizer onde fica a mansão? Eu... eu gostaria de dar uma olhada nela.

Rinn pisca.

— Minha querida — ela fala depois de um momento. — A casa está queimando.

Sinto um calafrio.

— Queimando? — repito.

Ela estende uma mão marrom e cobre a minha, seus olhos subitamente arregalados e frenéticos.

— Temos que ir — ela diz —, temos que ir...

— Rinn. — Seguro seus ombros. — Não há nenhuma casa pegando fogo.

— Você disse Jules? — A mulher está mais calma agora. — Naomi Morse, bem... as pessoas dizem que ela é uma bruxa. Uma bruxa de verdade.

— Então queimaram a casa dela? — Surge um nó em minha garganta e é difícil pronunciar as palavras. — Ela foi morta?

Ela balança a cabeça.

— Naomi está morrendo — ela diz. — Posso ver. E uma misericórdia, se quer saber. Sua irmã, o marido, os filhos, todos morrem no fogo. Todos vamos morrer no fim, mas o fogo não vai me pegar. Ela vai. — Sua voz se torna um sussurro.

Aperto a xícara, meus dedos estrangulando a argila endurecida.

— Quem vai? Quem é ela?

Ela me olha, então pisca.

— A casa está desmoronando. Temos que sair.

Seus olhos ficaram distantes, vítreos, como se ela tivesse caído de volta no passado. Então eles se enchem de lágrimas. Ela inclina a cabeça, uma dor ao mesmo tempo antiga e fresca enevoando o rosto — e eu a sinto também, para minha surpresa. Eu me lembro dos gritos, dos rostos desfocados reunidos ao redor da cama em minha visão. Se meu palpite estiver correto, Naomi Morse era minha mãe e os rostos são de minha tia e primos. E todos estão mortos há muito tempo.

— Você conhecia meu... o marido de Naomi? — pergunto, rouca, interrompendo-me antes de dizer meu *verdadeiro pai*. Papai é meu verdadeiro pai, mesmo que não de sangue.

— Ezra é estranho — ela afirma depois de um tempo. — Apareceu na estrada um dia, com uma capa de viagem e uma bolsa de ferros-sanguíneos novinhos. Nunca conta a ninguém de onde veio, até onde sei. Talvez nem Naomi saiba. — Ela toma um gole do chá, seu sorriso tingido de tristeza. — Há boatos sobre ele.

— Que tipo de boatos? — Meus dedos doem de apertar a xícara, mas não consigo soltá-la.

— Que ele é obcecado com tempo e magia negra. Às vezes entra em uma taverna ou visita um amigo e... a noite parece durar mais que o normal. As pessoas dizem que ele joga ferros-sanguíneos corrompidos no chá dos outros. Vai acontecer comigo mais de uma vez, quando Ezra e Naomi vêm me visitar. Comemos e rimos pelo que parecem horas, mas quando eles saem da casa, eu olho para o relógio e vejo que só uma hora ou duas se passaram. — Ela ri sozinha. — Ele vai deixar as pessoas inquietas, tem todo tipo de ídolos estranhos. Fala mal da Feiticeira.

Arrepios me percorrem, meu corpo inteiro aceso com reconhecimento.

— E o bebê? — pergunto sem fôlego, esquecendo de ser discreta.

O sorriso de Rinn morre e as lembranças felizes das visitas de Ezra e Naomi são rompidas pelo horror do que aconteceu em seguida.

— Uma garota nascida com uma pedra na boca — ela diz por fim. O rosto de Ina cruza minha mente. — Um mau agouro. As pessoas estão assustadas, pensam que o bebê é a causa de tudo... — Ela olha para as mãos.

Minha respiração fica mais rápida e me sinto zonza, como se estivesse pendurada na borda de um penhasco. Ina nasceu com uma pedra na boca. Todo mundo sabe disso. Mas se a casa em meus sonhos era a minha casa, se Naomi era minha mãe...

— Alguns de nós, os amigos de Naomi, vão para a casa... o que restou dela, depois do incêndio. Queremos enterrar os Morse antes de todos irem embora. — Ela pausa. — A Rainha... A Rainha a quer.

— Quem? — pergunto em um sussurro.

— O bebê — Rinn explica. Um sorriso lento e triste surge em seu rosto. — Mas o irmão de Naomi não vai deixar. — Ela olha para mim, com os olhos redondos de medo. — Temos que dar tempo para ele fugir.

— Quem? — pergunto. — O irmão de Naomi?

Rinn assente.

— O ferreiro.

O ar fca preso em meu peito.

— Pehr?

— Isso, era isso, ele...

Não tenho tempo para refletir sobre a revelação, porque Rinn se encolhe de dor e dá um grito, apertando o coração. Derrubo a xícara e corro até ela. Dessa distância, tão perto que posso cheirar a camomila em seu hálito, noto que seu vestido está manchado.

Ela me aperta.

— A outra, pegue a outra — ela ofega.

— Que outra, Rinn?

— A gêmea. Mas... mas... é tarde demais. Ela está levando a garota...

A voz dela vai morrendo e Rinn solta minhas mãos. Vejo um ponto vermelho desabrochando sobre seu coração. Lentamente, com cuidado, afasto de seu peito a lã grossa do vestido.

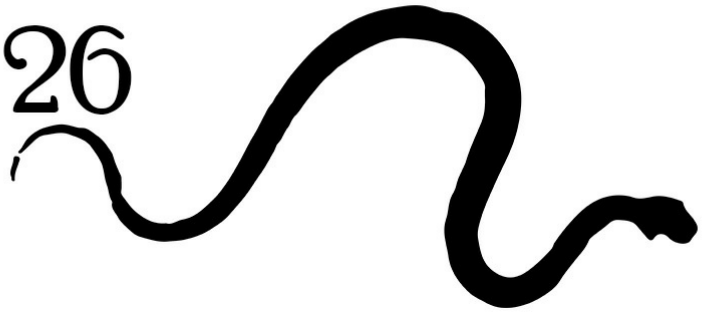
Sua pele foi perfurada e a marca está cercada pela cor roxa que conheço tão bem — mava, a marca de morte da Rainha. Sangue escorre do ferimento, tão fresco e abundante quanto no dia em que foi desferido.

Depois que ela fica imóvel, fico segurando seu corpo por um tempo, horrorizada demais para me mexer. Seu sangue esquenta meu colo e escorre pelas fendas das tábuas ao nosso redor. Finalmente, eu a ponho no chão. Então me ergo, tremendo e querendo encontrar um lençol para cobri-la — e depois fugir desta cidade para nunca, nunca mais voltar.

Eu me viro, então um som atrás de mim faz um grito ficar preso em minha garganta. Giro e vejo Rinn, sentada e me olhando com uma expressão confusa. Seu vestido está limpo e inteiro, embora o meu ainda esteja empapado com seu sangue.

— Olá — ela diz. — Quem é você?

26



Quando atravesso a fronteira entre a cidade de Briarsmoor e o resto do mundo, a escuridão cai em um instante — uma tarde fria e límpida de inverno se dissolve em uma noite gelada prestes a virar aurora. Meus pés tropeçam por alguns passos, a mudança súbita me deixando atordoada. Seres humanos não foram feitos para se mover através do tempo desse jeito, e uma onda de náusea me atravessa. Mas à medida que meus olhos se ajustam à escuridão, distingo a égua ainda me esperando, amarrada a um poste na estrada.

O animal relincha contente quando o viro em direção a Everless. Queria poder compartilhar sua alegria simples e seu ritmo empolgado.

As palavras de Rinn ecoam em minha cabeça. Seu sangue mancha meu vestido, sangue que ela tem derramado sem parar por dezessete anos. Quando recuperei a voz, implorei que viesse comigo, pensando que eu poderia tirá-la daquele ciclo temporal em que parecia estar presa — mas, assim que chegou ao batente, seus olhos se anuviaram de confusão. Quando tentei puxá-la para fora, ela começou a gritar e só parou quando soltei seus punhos e fui embora.

Morrer e morrer e morrer, uma vez após a outra. Fui uma tola de achar que poderia salvá-la de uma magia tão poderosa. Meu coração se aperta por ela, por aquela cidade. Por uma família que nunca conheci e que virou cinzas.

Mas, acima de tudo, meus pensamentos são consumidos pela verdade que lentamente toma forma diante de mim. Minha mente volta sempre a Ezra Morse — o homem que parava o tempo quando estava feliz. Quando sua esposa deu à luz, o tempo parou por completo, assim como fez ao meu redor

ontem, quando Caro estava em perigo.

Pehr — Papai — era meu tio. Os Morse deviam ser meus pais de sangue, meu pai um desconhecido que apareceu em Briarsmoor ninguém sabe de onde. Um homem que desdenhava a Feiticeira, mas apesar disso tinha uma estátua dela perto de casa, que diziam fazer experimentos com magia. Se fui a bebê que foi salva, será que fui eu que parei o tempo? E Ina Gold...

Minha irmã? Minha gêmea?

Impossível. E Roan...

Minha irmã vai casar com Roan Gerling. Minha irmã será coroada Rainha. Minha irmã que não sabe quem sou, que não sabe sobre a noite de sangue, magia e morte que nos trouxe ao mundo.

O enigma pulsa em minha mente: Papai morreu para me manter longe da Rainha. Ele me avisou no próprio dia em que morreu para não deixar que ela me visse.

Mas por quê? E o que isso tem a ver com a Feiticeira, que fica aparecendo em meus sonhos, as palmas abertas enquanto corro em sua direção com a faca em mãos...

O que a Rainha tem a ver com as histórias que Rinn me contou? Por que ela iria querer uma criança nascida em Briarsmoor — uma criança cujo nascimento parava o tempo?

A não ser que a Rainha... *seja* a Feiticeira.

O pensamento arde, insuportavelmente quente, então frio. Digo a mim mesma que é o ar, apenas o ar que fustiga meu rosto.

Por algum motivo, a Rainha queria a criança capaz de parar o tempo.

Eu fui salva. Separada de Ina, que foi deixada para ser adotada pela Rainha. Será que isso significa que sou a única com um poder oculto fluindo no sangue?

Se a Rainha é a Feiticeira, entrei diretamente em seu caminho e deixei caos e destruição em meu rastro. Mas o que ela iria querer comigo? Ela pode ser fria e cruel, mas nunca feriu minha irmã. Se pensava que Ina era a criança que nasceu com a pedra, será que ainda não descobriu seu erro?

E, é claro, há uma questão tão urgente e enorme que faz minha cabeça

doer: quem *sou eu*? Por que meu nascimento teria parado o tempo? Por que meu tempo endureceu e ficou preso na garganta de Caro, incapaz de ser absorvido por outra pessoa?

Enfim, outro pensamento muito, muito mais enjoativo anuvia os demais como uma coluna de fumaça negra e asfixiante, tão pesada que meus olhos se enchem de lágrimas. Penso nas histórias que escrevi quando criança, em como as brincadeiras inocentes da Raposa e da Cobra lentamente ficaram mais sombrias até que a Cobra passasse a se enrolar no coração da Raposa e roubasse a vida dela. E se não for a Rainha que deve ser temida?

A se a pessoa a ser temida sou eu?

Papai está enterrado em uma cova anônima em algum lugar na floresta. Ele estaria vivo se eu nunca tivesse ido a Everless. Ainda estaria vivo se, dezessete anos atrás, tivesse permitido que eu morresse em Briarsmoor com Naomi Morse.

Olho para minhas mãos trêmulas, manchadas de sangue e mava, enquanto os cascos da égua retumbam sob mim. Não posso voltar para lá. Tenho que ir embora. Preciso fugir para algum lugar muito, muito longe daqui. Mas como posso viajar sem dinheiro — e aonde iria?

Rapidamente, um plano se forma em minha mente. Voltarei a Everless só pelo tempo necessário para reunir meus pertences e algumas roupas que não estejam cobertas de sangue. Gostaria de pegar o livro também, mas imagino que os Gerling terão postado um guarda fora do cofre, então nem penso em recuperá-lo. Terei que ir sem ele e escapar pela entrada dos criados. Com sorte, estarei longe antes mesmo que eles sintam minha falta.

A ideia de não dizer adeus a meus amigos — Lora e Hinton, que me apoiaram nas profundezas do meu luto — ou a Ina, *minha irmã,* é como uma faca entre as costelas. O rosto de Caro cruza minha mente também — assim como suas mãos sem as manchas do cofre e seus braços, sem incisões de sangramento. Ivan mentiu por ela. Ela mentiu para mim.

Talvez, quando eu estiver longe de Everless, consiga desemaranhar o mistério e me ver livre dele, para um dia poder retornar.

Uma fantasia.

Impulsiono o cavalo adiante.

***

O trajeto de volta a Everless passa em um borrão e, logo que atravesso os portões, disparo pelos corredores dos criados e entro no dormitório, felizmente vazio, já que todos estão no meio de suas tarefas e atividades diárias. Não demoro para reunir minhas coisas e fico parada por um momento diante da cama estreita — dura e inóspita, mas, por um breve tempo, meu lar. No silêncio dos dormitórios, troco de vestido, jogando na lareira aquele ensopado de sangue, e enfio sobre as mãos manchadas o par macio de luvas que Ina me deu. Então passo correndo pela saída dos fundos. Faço o máximo para ignorar tudo exceto minha próxima meta: este corredor, esta escadaria, esta porta levando para fora. Então uma voz chamando meu nome — masculina, macia como veludo e familiar — se infiltra pela névoa em minha mente. Eu paro e me viro.

Pela primeira vez desde que saí dos dormitórios, noto meus arredores: fui diretamente aos lindos jardins reais, que, recobertos de neve e gelo, não estão menos deslumbrantes. Exceto pelos caminhos que serpenteiam através dos canteiros, o cobertor de neve no chão é imaculado, ofuscante de tão branco. E em meio a tudo isso está Roan Gerling em sua capa verde de caça, com as faces coradas e flocos de neve presos no cabelo e nos cílios.

Mal vi Roan nos últimos dias. Mas vê-lo agora, em suas cores fortes contra o preto, branco e cinza dos jardins, faz meus sentimentos voltarem com a força de uma onda. Ele segura um rifle elegante com coronha de bronze em uma mão e, com a outra, afasta o cabelo do rosto.

— Jules — ele repete, seu sorriso muito mais ofuscante do que o fraco sol matinal. — Onde você esteve?

Quase rio, pensando na taverna, no beco do credor de tempo, no cofre, na cidade abandonada. Tenho vontade de contar tudo a ele; seus olhos da cor do céu de verão prometem consolo e compreensão. Afinal, ele me conhece há mais tempo do que qualquer um aqui. Mas mordo a língua no último segundo.

— Estive ocupada com tarefas, Lorde Gerling — respondo, evitando seu olhar. — Além disso, você estava viajando com Lady Gold. — As palavras se tornam frias em minha garganta. Ao dizê-las, percebo que Ina e a Rainha

também devem ter voltado para Everless, se Roan está aqui. Preciso ir embora antes de cruzar com elas. Não tenho certeza se consigo olhar para Ina sem deixar escapar a verdade sobre nós. E a Rainha...

Mas meus pensamentos se dissipam quando Roan inclina a cabeça, o sorriso costumeiro morrendo. Seu olhar fica sério. Ele dá um passo para a frente e, sem pensar, aperto a bolsa com mais força.

— Jules. — Meu nome em sua boca é suave, seu olhar pesado. — Você está bem?

Em um segundo, eu o vejo como uma criança, esticando-se de seu lugar no carvalho para me ajudar a subir ao seu lado. As palavras se erguem em uma torrente incontrolável:

— Você a ama?

Ele estanca com uma mão estendida a meio caminho de mim e franze o cenho.

— O quê?

Vergonha e medo me dominam, fazendo-me sentir pequena e oca. Mas estou partindo e nunca verei Roan Gerling depois de hoje, então...

— Ina — insisto. — Você a ama?

Roan pisca e engole em seco. Dá um passo, chegando tão perto que posso sentir o aroma de pinheiros em sua pele. Não há nenhum traço de lavanda ou água de rosas hoje. Ele respira tão profundamente que quase estremece.

— Não — ele responde enfim. — Não amo.

Estou congelada, em choque. Não consigo me mexer, nem quando Roan toma minha mão na sua.

— Você está aqui — ele diz, vacilante. — Você está aqui e senti sua falta e... e não consigo mais ver Ina como via antes. Não agora que você está em Everless. — Ele dá um passo para perto. Posso sentir seu calor, seu hálito balançando meu cabelo.

— Roan... — Não sei o que quero dizer: que está tudo bem ou que ele é um covarde por saber disso e casar com Ina mesmo assim; se peço que me deixe ir ou imploro que se aproxime.

Roan, o garoto que cheira a perfumes diferentes, dependendo do dia.

Roan, o garoto que costumava me perseguir aos risos, com a cabeça jogada para trás, através de campos de flores silvestres. O garoto que foi criado para não amar nada mais do que Everless, com suas tortas e aves assadas, suas taças de licor borbulhante, suas festas no jardim no meio do inverno.

As palavras se reviram em meu estômago, um emaranhado de lembranças e sentimentos confusos.

Mas não importa, porque Roan já tomou a decisão. Ele se abaixa e cobre a distância entre nós — e antes que eu possa me mexer, antes que possa sequer pensar, seus lábios encontram os meus.

Arquejo contra sua boca. Por um momento, fico congelada, rígida — então uma guerra particular irrompe em cada fragmento do meu corpo, partindo do peito e se irradiando para fora, até que cada parte de mim esteja gritando simultaneamente para que me afaste e chegue mais perto. E a segunda opção está ganhando depressa. Roan enrosca os dedos em meu cabelo, inclinando meu rosto para trás para encontrar o seu; e, em resposta, como que por vontade própria, meus braços envolvem sua cintura e eu o puxo contra mim. O desejo — não só por Roan, mas de ser desejada, amada do jeito como o amei quando eu era jovem, de pertencer, de que a completude de minha infância seja restaurada e *real* — corre por mim, levando embora todas as descobertas sombrias da noite.

Roan acaricia meu rosto e segura o lado de meu pescoço, seu toque mandando arrepios por todo meu corpo. O pulso de alguém está disparando onde sua mão está parada — não sei dizer se é o dele ou o meu. Tudo está em tumulto, mãos, respiração e lábios. É só quando paramos para respirar que percebo que o mundo ficou em silêncio.

Eu não tinha reparado nos sons do jardim até que eles desapareceram — agora, sua ausência soa muito mais alta do que os próprios sons. O mundo está quieto ao nosso redor.

Não.

Roan me sentiu enrijecer. Ele recua com um olhar questionador e um sorriso leve. Então parece perceber a ausência de som também. Olha ao redor e franze o cenho.

Sei exatamente o que ele está pensando, porque agora vejo o que

aconteceu. Nada *parece* errado — mas a imobilidade completa é mais evidente ao olhar do que movimentos gentis, e vejo a confusão em seu rosto quando percebe que os galhos não estão balançando, que dois pássaros em uma fonte próxima se congelaram no meio do banho, e que as nuvens finas não estão deslizando pelo céu, mas fixas como uma pintura.

Eu congelei o tempo de novo. E, desta vez, outra pessoa ficou comigo. Roan se vira para mim e vejo a expressão em seus olhos azuis passar, pouco a pouco, de confusão para medo. Sinto uma pontada de mágoa.

O instante estendido não dura muito. O silêncio é rompido pelo baque de uma porta — alguém fora da imobilidade que lancei sobre o jardim — e um xingamento alto.

— Lá está ela! — um homem grita.

Os sons do jardim retornam e são imediatamente abafados por passos pesados e apressados. Eu me afasto de Roan e vemos três guardas de Everless correndo em nossa direção. Estou chocada demais para me mover quando o primeiro deles me pega pelo braço.

— O que... o que está acontecendo? — Roan pergunta, em uma voz débil. Parece pálido e muito perturbado, então seus olhos se arregalam. — Liam!

Giro e vejo Liam entrando no jardim, com uma capa negra esvoaçando atrás de si, feito de gelo e ângulos afiados enquanto Roan é cor e vida.

— Saia da frente, Roan — Liam diz tranquilamente, como se não estivesse surpreso por encontrar o irmão comigo. — A prisão da srta. Ember não é da sua conta.

O ar fica preso em minha garganta enquanto Roan dá um passo à frente, com as mãos se fechando em punhos.

— Prisão? Que motivo você poderia ter para isso?

Mas as palavras morrem no ar ao nosso redor enquanto um guarda puxa minhas luvas — expondo minhas mãos, manchadas de um vermelho escuro como vinho. Ele tem sua resposta.

Liam me encara e meu coração se transforma em gelo. Seu olhar é maldoso, sua boca uma fenda cruel e seus olhos um poço de escuridão sem fundo e ilegível. Ele faz um gesto fluido aos guardas.

— Levem-na.

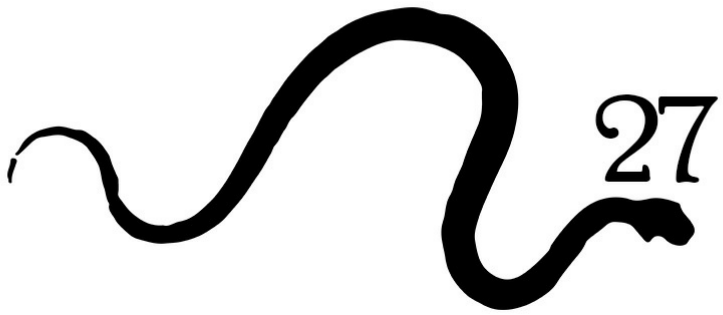
Roan fica imóvel enquanto os guardas me arrastam dos jardins, dois deles apertando meus braços até doer. Fico olhando para ele, querendo que diga algo, que os impeça, mas ele não faz nada. Só observa enquanto me levam para longe. A decepção deixa um gosto amargo na boca — não tanto com Roan, mas comigo mesma, por depositar tantos sonhos nas mãos de um garoto que não é capaz nem de dizer algo para me salvar.

Liam acompanha o ritmo dos guardas, seus passos largos e seus olhos voltados para a frente.

— Não grite — ele diz para mim.

Cerro os dentes de raiva quando saímos dos jardins e entramos em um pátio vazio, onde uma carruagem modesta e sem janelas espera com as portas de trás abertas.

Sem cerimônia, os guardas me erguem e me jogam dentro dela. Caio pesadamente de costas e me ergo com dificuldade, apoiando a mão na parede para me equilibrar, mas é tarde demais — as portas já estão se fechando e me trancando na escuridão. A última coisa que vejo antes que a luz do dia desapareça é Liam puxando o capuz para esconder o rosto.



Cavalgamos por horas, até que meus pensamentos frenéticos se solidificam em um terror moroso. Quando deixei Briarsmoor, estava tão perto da verdade que podia senti-la zunindo em meus ossos. Agora parece que nunca vou descobri-la — que vou acabar como meu pai, sangrada e morrendo sozinha no frio.

Em certo momento, o chacoalhar constante da carruagem na estrada dá lugar a um ritmo mais lento e cheio de trancos — como se estivéssemos nos movendo sobre grama. Então a carruagem estremece e para. De repente, as portas se escancaram e a luz inunda o interior, ofuscando-me. Sento-me depressa, cobrindo os olhos até que o vulto na entrada assume a forma de Liam, com um pé apoiado na borda da carruagem. Atrás dele há o que parece ser um campo aberto, sem nenhuma estrada à vista.

Um ódio ácido me atravessa enquanto o terror volta rugindo. Será que ele me trouxe para o meio do nada para me matar?

Liam me observa por um longo momento sem falar. O ódio pulsa dentro de mim, pressionando de dentro para fora. Imagino o sentimento rompendo a pele, uma massa amorfa de fumaça negra, e se envolvendo na garganta dele.

Mas sei que, se tentar recriar a cena, a espada pendendo ao lado do corpo de Liam encontraria meu coração em segundos.

— Veja — ele diz, dando um passo para o lado para que eu possa enxergar a parte de trás da carruagem e apontando para algo. A princípio, penso que está me mostrando seus três guardas, parados em intervalos à distância, fora do alcance de nossas vozes, mas perfeitamente dentro do alcance de um tiro se

eu tentar fugir.

Então meu olhar vai além. Na direção do dedo de Liam há uma ampla mancha cinza no horizonte, uma série de formas escuras e pequenas com colunas de fumaças se erguendo para o céu. Uma cidade, muito maior que Crofton ou Laista. Eu olho para Liam.

— É Ambergris — ele explica. — Uma cidade portuária na Baía de Hunt. Você já esteve lá?

Cruzo os braços.

— Vou tomar isso como um não — ele diz após um momento. — Enfim, há mais de cem mil pessoas morando lá. Você vai conseguir desaparecer. — Não há malícia em sua voz; é baixa, clara e direta, como se ele estivesse tentando me persuadir de alguma coisa. — Pode usar um nome novo, criar uma vida nova.

Ele se abaixa para pegar algo a seus pés, então se endireita e joga um pacote no chão da carruagem entre nós. Para a minha surpresa, vejo que é uma bolsa de ferros-sanguíneos, pequena mas pesada.

— Você não pode ficar em Everless — diz.

— Eu sei — disparo, ríspida. Lágrimas furiosas e confusas se formam em minha garganta. — Mas me diga. Agora que tem provas de que eu invadi o cofre, por que não me sangra? Se me odeia tanto, por que tentar se livrar de mim assim?

Isso parece surpreendê-lo, mesmo que só por um momento. Ele pisca e ergue uma mão para remexer nervosamente com o fecho da capa.

— Eu não te odeio, Jules — ele afirma com a voz entrecortada. — Não entende? Você está em perigo.

— Por *sua* causa! — quase grito. — Você mentiu. Não finja que não sabe do que estou falando. Se tivesse contado a verdade sobre empurrar Roan no fogo, não teríamos que fugir. Você culpou meu pai e nos atormentou, apesar de ele ter gastado toda sua saúde servindo a sua família. Everless era nosso lar e você nos baniu. — Minha voz ganha força à medida que as palavras saem em uma torrente. — É sua culpa que terminamos desse jeito. É sua culpa que ele morreu.

Liam parece ter levado um tapa, então algo muda em sua expressão.

— Jules... — ele diz, sua voz baixa e dura. E penso em seu caderno, em seus registros de minhas histórias de infância.

— Você sabe algo sobre mim, não sabe? — pergunto antes que ele possa falar. Enquanto faço a acusação, uma verdade começa a tomar forma, de maneira lenta e dolorosa, no meu coração.

O acidente.

— Você me chamava de bruxa — sussurro, quase para mim mesma.

As chamas tinham pulado da fornalha em direção a Roan. Iam matá-lo.

Talvez eu tenha parado o fogo, assim como imobilizei o ar no jardim quando Roan me beijou.

— Você me viu parar o tempo — sussurro, precisando expressar o pensamento em voz alta para que faça sentido.

Ele leva um longo tempo para responder. Quando fala, sua voz é suave.

— Não, é mais que isso. Eu te vi fazer o tempo voltar. Empurrei Roan e o metal derretido do pote caiu sobre ele, e você o agarrou e o puxou de volta. Mas ele não foi queimado. — Ele olha para o chão, como se estivesse envergonhado. — Você o salvou. Nunca quis feri-lo, juro. Mas se você tivesse ficado em Everless e outra pessoa descobrisse o que era capaz de fazer...

Meu pânico gradualmente desaparece, não deixando nada além de um gosto amargo na boca. Eu deveria acalmar a raiva em meu coração e focar no mistério da morte de meu pai, mas estou afundando sob o peso do que Liam disse.

O ódio de Papai por Everless e pelos Gerling sempre correu fundo demais para fazer sentido — a não ser que ele estivesse exagerando, tentando construir um muro de silêncio entre mim e essa verdade perigosa.

Liam interrompe meus pensamentos.

— Seu pai não confiava em mim. Ele sabia que você não estava a salvo em Everless. — Ele dá um sorriso leve e amargo. — Posso imaginar o que ele te falou sobre mim, para te manter longe. Vi o terror em seu rosto quando te encontrei fora do cofre. E não o culpo. Eu era terrível naquela época, teria feito qualquer coisa para descobrir o que queria saber. Mas aquela noite me

mudou. Você me mudou. — Ele olha para baixo. — Sinto muito por todo o sofrimento que te causei, Jules. Mas estava tentando te proteger.

Tentando me proteger. Será possível? Em todo o caos das novas informações, não sei se suas palavras são outra mentira ou a verdade mais pura que já ouvi. Há algo em sua mão, que ele coloca entre nós, sem parecer muito decidido. Hesito, então percebo que a letra torta de meu pai recobre o papel e o agarro. Mas o mundo ao meu redor parece ficar mais lento quando percebo que é uma carta para Liam.

— É verdade que eu fui procurar vocês... — Ele se interrompe quando lhe lanço um olhar perigoso. — Mas só pra ajudar. — Sua voz é tão baixa que ele parece falar consigo mesmo. Examina meu rosto, abrindo e fechando a boca algumas vezes antes de continuar. — Depois que vocês partiram, escrevi pra saber se você estava a salvo. Enviei um mensageiro para todos os vilarejos da região, mas suspeitei que você nunca tivesse recebido as cartas. Finalmente, depois de minha visita desastrosa, ele me falou que você estava morta. — Seu sorriso e voz são fracos. Cansados. — Suponho que ele queria que eu parasse de procurar. Quando você voltou para Everless, pensei que o melhor jeito de te manter a salvo seria tornar sua vida infeliz e te obrigar a deixar a propriedade para sempre. — Sua voz se fortalece um pouco. — Não sou seu inimigo, Jules — ele diz devagar, escolhendo as palavras com cuidado. — Mas você tem inimigos. Muitos.

Desesperadamente quero cobrir os ouvidos e bloquear o que ele está dizendo, mas não posso. Tenho vontade de bater nele, mas também não faço isso. Lá no fundo, sei que Liam não está mentindo agora. Talvez seja seu rosto, sem o sorriso cruel de costume, ou as mãos que pendem ao lado do corpo, em uma postura aberta e vulnerável.

— Roan não lembra o que aconteceu na forja de Pehr. Graças a você, não aconteceu nada que ele possa lembrar — ele explica. — Mas o que você fez hoje é diferente. Meu irmão é tolo, mas não idiota. É mais uma pessoa que vai saber.

— Roan nunca... — Mas eu paro, pensando no medo em seus olhos e em sua falta de ação.

— Você sempre foi confiante demais — Liam diz, sentando na borda da carruagem, puxando as pernas para cima e se inclinando contra a parede. Uma

parte de mim percebe que ele está bloqueando a saída, mas minha vontade de fugir se dissipou. Estou congelada no lugar, faminta pela verdade.

Engulo em seco. *Ele me manteve afastada de propósito. Ele sabe quem sou.* O que *eu sou.*

Os sonhos com a estátua.

— Eu sou... — Não faz sentido. Não pode fazer. Mas não consigo ver outra possibilidade. — Você acha que tenho alguma conexão com a Feiticeira? — pergunto.

Por um momento, Liam não reage. Então, para meu choque, ele sorri — um sorriso largo e genuíno que ilumina seu rosto como o sol aparecendo atrás das nuvens. Só dura um momento, mas a expressão o deixa parecido com Roan. Não — parecido consigo mesmo.

Então ele balança a cabeça.

— Não *exatamente*— ele responde. — Mas talvez.

Dúvida e frustração lutam dentro de mim.

— Eu não entendo! Você disse que...

— Quando fui estudar fora — ele interrompe —, não conseguia parar de pensar nas suas histórias da cobra e da raposa e no que eu tinha visto na forja. O momento em que você... — *Fez o tempo voltar.* Ele não diz, só pigarreia. — Fiquei obcecado com a história do tempo sanguíneo e passei vários anos estudando os antigos mitos. Não só na academia; fui pra todo canto de Sempera, encontrei cada livro, estudioso e conto antigo que podia, mas por fim tive que abandonar minha pesquisa. Meus professores pensavam que eu estava perseguindo contos de fada e desperdiçando meu talento. As pessoas começaram a comentar.

Embora esteja fascinada pelos fatos que ele está compartilhando, sua falta de humildade — e o tom ensaiado do discurso — me faz querer revirar os olhos. Reprimo o impulso.

— Mas, mesmo que eu tenha mudado de foco — ele prossegue —, continuei pensando sobre a Feiticeira e o Alquimista e as histórias que as pessoas contam sobre eles. Havia relatos contraditórios. Impressões da própria Feiticeira que desmentiam o que eu tinha ouvido na infância. Você

deve conhecer a versão mais comum.

Vasculho a memória em busca dos contos lidos às crianças naquelas manhãs na biblioteca de Everless, tantos anos atrás.

— Dizem que o Alquimista roubou a imortalidade da Feiticeira, vinculando-a ao metal, para que eles pudessem se libertar de um lorde maligno. Mais tarde, ele alegou que sabia como devolvê-la, mas era um truque. Uma trama para roubar o coração da Feiticeira.

— E as doze pedras... — ele me *instiga.*

— Ele disse à Feiticeira que ela precisava engolir doze pedras, mas ela não confiava nele. Ela o matou, fazendo-o engolir as pedras, e depois ele se afogou. — Quase me sinto boba recitando a história, mas há uma urgência mortal na expressão de Liam que dispersa qualquer sensação de que isto é um jogo.

— Sim. Onde os relatos *diferem* — *ele* continua — é que a maioria apresenta o Alquimista como um *ladrão,* um trapaceiro mentiroso que enganou a Feiticeira e morreu com o coração dela. *Mas* outras versões dizem que a Feiticeira e o Alquimista ainda estão ambos por aí, e que ela está atrás do seu coração. Então me perguntei: como o Alquimista teria sobrevivido?

Eu o encaro, terrivelmente confusa.

— Magia?

— As doze pedras. Há uma teoria das pedras que eu não conseguia abandonar. *Ela diz* que cada uma representa...

— Uma vida — digo, uma vaga lembrança despertando *em* mim.

— Exato. Doze. — Liam se inclina um pouco para a *frente.* — E se o Alquimista *não mentiu?* E se encontrou um modo de devolver a imortalidade à Feiticeira, só que de um jeito diferente? Nascer, viver uma vida normal, morrer... mas então nascer de novo, a mesma alma em um novo corpo, com toda a sabedoria de suas vidas passadas. — Um conhecimento *terrível se reúne em* mim, tomando forma. — Deixando vidas para trás, uma vez depois da outra, como uma...

— Como uma cobra mudando de pele — eu termino a frase.

— Porém, ela o forçou a engolir as pedras. — Ele começa a falar mais

depressa, seu rosto corado de frio ou empolgação. — Mas se fosse verdade, se o Alquimista tivesse doze vidas, por que ouvimos falar tão pouco dele desde então?

— O que você está dizendo? Que o mito todo é uma mentira? — Lembranças de Briarsmoor cruzam minha mente. Ezra Morse, meu pai de sangue, que tinha raiva da Feiticeira e parecia obcecado com o tempo.

— Ou está incompleto — diz Liam. — E se o Alquimista não quiser ser encontrado? E se souber que a Feiticeira o mataria se o encontrasse?

Dou um aceno devagar, pensando na Rainha, tão gélida — na verdade, *sem coração* — e mais velha que qualquer pessoa em Sempera.

Ele limpa a garganta.

— Escute. Sei como é fazer coisas que os outros julgam com rigor. — Seus olhos brilham e percebo que ele está tentando dizer algo grande, importante, mas não sei se estou pronta para ouvir. Ele passa a mão pelo cabelo. — E se o Alquimista era só incompreendido e queria ficar escondido? Isso pode explicar por que não ouvimos falar dele há séculos. Mas ainda não explica uma coisa.

— O quê? — O sol está começando a se pôr e um arrepio gelado se insinua em meus ossos. Estremeço.

— Você, Jules. — Ele apoia as mãos em meus ombros e fico tensa no mesmo instante, então surpresa com o calor de seu toque.

Apesar de tudo, ele abre um sorriso brilhante.

— As histórias que você costumava contar... eu as transcrevi o melhor que pude, quando percebi o que significavam. — Ele me dá um olhar sugestivo. — Por anos, não consegui encontrar uma resposta e desisti. Até que um dia, em uma aula sobre matemática e filosofia, um professor estava discursando sobre a elegância e simplicidade das leis da matemática e da lógica e disse que *a distância mais curta entre dois objetos é sempre uma linha reta.*

Um longo silêncio se estica entre nós.

— Passei tanto tempo tentando encontrar uma conexão entre você e o Alquimista, mas não vê como a resposta é elegantemente simples?

Eu respiro fundo.

— Meu pai era o Alquimista?

Mas enquanto estou falando, algo em mim sussurra: *não*. Então Liam ri, soltando o ar.

— *Você é o* Alquimista, Jules — ele declara.

Eu devo parecer um peixe capturado, parada de boca aberta. O que ele está dizendo não faz nenhum sentido. Mas, ao mesmo tempo, suas palavras me perfuram com a precisão da verdade, da memória, da história. Meus ossos cantam em resposta ao meu próprio nome.

— Mas... meu pai — digo, lutando para formar um pensamento.

— Jules — ele fala, com a voz estranhamente gentil —, feiticeiros menores podem diminuir ou acelerar o tempo, mas só o Alquimista pode pará-lo por completo. E há outras coisas, fontes, que eu queria ter tempo para te mostrar... — Ele respira fundo. — Sobre seu pai... há pessoas que transmitem conhecimento sobre o Alquimista. Suas vidas passadas, seus pertences, algumas de suas lembranças, como se estivessem te protegendo. Talvez ele fosse um deles. Mas só você é o Alquimista. — Ele sorri de novo e sinto que estou flutuando para fora do corpo, testemunhando esta conversa de cima.

— Mas... — começo, então me interrompo. Há milhares de motivos por que isso é impossível, mas me agarro ao primeiro. — Eu não me lembro de nada sobre... vidas passadas.

Os olhos de Liam perscrutam os meus, como se ele estivesse procurando algo que já está dentro de mim. Quando encaro seus olhos escuros, penso nos sonhos. Nas histórias.

O livro.

— A Cobra e a Raposa — falo devagar. Minha mente se encheu com um tipo de névoa, que me esconde da enormidade do que Liam está contando. Sei que, se ela se dissipar, o terror vai me dominar, então por enquanto fico contente pela calma. — Eu sou a cobra — digo. — E a raposa...

Liam olha para os lados, como se temesse que alguém pudesse nos ouvir.

— Quem rouba tempo em Sempera?

— Sua família — respondo sem pensar ou hesitar.

Os olhos dele ficam duros, então se suavizam.

— Sim, mas não somos os únicos.

— A Rainha. — Minhas palavras são suaves, não sei se com fascínio ou temor. É o mesmo pensamento que tive ao deixar Briarsmoor: a Rainha é a Feiticeira.

Liam assente.

— Ela vem roubando tempo de todos em Sempera há séculos.

— E a Feiticeira me quer. — Não Ina, eu. Ela estava procurando por mim, em Briarsmoor. Mas... — Por quê?

— Você tem o coração dela. Jules, se ela te pegar, vai te matar. E se te matar, terá seu poder de volta, e daí... — *O Alquimista roubou o coração da Feiticeira.* — Você contém o poder dela. Com seu sangue se misturando com o dela ao longo de todas aquelas vidas... — Ele continua depois de uma pausa. — Talvez ninguém saiba quanto poder há em seu coração, Jules. Nem a Rainha.

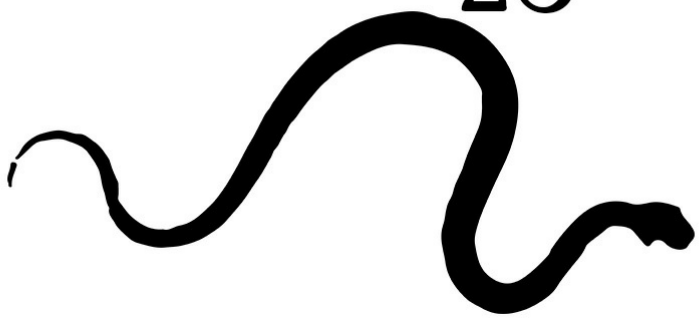
O ar some de meus pulmões. Minha suspeita enorme e sombria não estava errada. E por isso que Papai não queria a Rainha perto de mim.

Liam desvia os olhos. No crepúsculo, ele subitamente parece muito cansado, com pequenas rugas se aprofundando nos cantos dos olhos.

— Portanto, vá embora — ele sussurra. — E não volte para Everless nunca mais.

Então, antes que eu possa absorver tudo que aconteceu, ele se vira e se afasta pelo campo.

28



Enquanto observo Liam se afastar, um único pensamento se cristaliza em minha mente.

Não.

Suas revelações pesam sobre minha cabeça, atordoantes, ameaçando me sobrecarregar — mas, no momento, há algo muito mais importante do que as histórias inacreditáveis do Alquimista e da Feiticeira.

Ina Gold.

A Rainha pensa que Ina é o Alquimista, não eu. É por isso que a adotou tantos anos atrás. E se Liam tem razão, ela deve ter algum plano para destruir Ina e recuperar seu poder. Só está esperando por alguma coisa... algo que ainda não entendo. O que quer que seja, preciso avisar Ina — *minha irmã.* — e salvá-la antes que mais alguém sofra por minha causa.

Por instinto, estendo as mãos, as palmas voltadas para as costas de Liam. Só consigo pensar que, se ele montar no cavalo e se afastar, vai fechar os portões de Everless atrás de si.

A necessidade de impedi-lo queima desesperadamente em meu peito. De repente, é quase como se eu pudesse ver os segundos passando como fios, como se pudesse segurá-los.

Um poder antigo, primordial e atordoante se ergue dentro de mim.

Não é como quando Caro engasgou ou quando beijei Roan. Nessas ocasiões, parar o tempo foi como uma explosão involuntária, como se o mundo ao meu redor estivesse infectado, errado. Agora o mundo se imobiliza

porque eu *quero*. O vento frio morre abruptamente ao meu redor e todos os outros sons param também, incluindo a maré distante do oceano, um som que eu nem percebi até que sumiu. Além, posso ver as formam embaçadas de Liam e os guardas prestes a montar seus cavalos. *Faça-os parar*.

Meu sangue pula nas veias quando o tempo me obedece, o congelamento disparando a partir de meus pés e imobilizando a grama. É como uma bolha de sabão inchando para englobar o campo. No tempo de algumas batidas de coração, ela cobre os vinte metros que me separam dos guardas e os prende.

Um instante depois, toma Liam. Eu o vejo com clareza enquanto é engolido por ela. Está olhando de volta para mim, uma mão sobre as rédeas do cavalo e os olhos arregalados de terror.

Ele viu — viu o que fiz antes que o congelasse. Mas não posso parar e me preocupar com isso. Corro até os cavalos. Minhas botas triturando pedras e minha própria respiração ofegante são os únicos dois sons no universo. Respirando penosamente, paro diante do guarda mais jovem e de seu cavalo, uma égua castanha e vigorosa. Com um toque gentil em seu lombo, eu a faço acordar.

Ela volta à vida e empina a cabeça, resfolegando. Dou um pulo para trás, erguendo as mãos. É claro, para ela foi como se uma humana desconhecida tivesse surgido do nada.

— Está tudo bem — digo em meu tom mais calmo, apesar de minha pulsação acelerada. — Está tudo bem.

A égua bate os cascos no chão e relincha, mas permite que eu me aproxime e tire as rédeas das mãos imóveis do guarda. Acaricio seu focinho, como Tam me mostrou, e logo ela se acalma. Ela se remexe nervosamente enquanto monto na sela, mas obedece quando aperto as pernas e a viro para longe do grupo.

De meu ponto de vista em suas costas, posso ver que nossa pequena comitiva deixou marcas no campo de neve — torrões arrancados pelos cascos dos cavalos e sulcos longos e profundos das rodas da carruagem, um rastro apontando em direção à noite que se aproxima. Só posso torcer para que isso me guie a uma estrada de volta a Everless — e que minha bolha temporal se mantenha mesmo depois de eu ultrapassar seus limites, pelo menos o suficiente para me dar uma vantagem contra os guardas e Liam.

Não consigo evitar e giro na sela para dar uma olhada em Liam. Ele está em pé, com os olhos fixos no lugar onde me viu pela última vez. Eu costumava pensar que ele parecia uma estátua, com suas feições entalhadas e seu olhar frio. Mas agora, embora seu peito não se mova e os cílios não tremulem, ele parece tudo menos pedra. Um turbilhão de emoções está suspenso em seu rosto, nos lábios entreabertos e olhos arregalados. Choque, medo e raiva — mas também algo como admiração. Como desejo.

***

A estrada de volta a Everless parece voar sob nós, a égua do guarda disparando como se galopássemos juntas há anos. Talvez ela consiga sentir o poder fluindo por meu sangue — ou, o que é mais provável, apenas a urgência em meu coração, como todos os animais parecem capazes de reconhecer. Cavalgo para o sul, e o sol já se ergueu quando alcanço a fronteira de Laista e vejo as pontas afiadas de Everless se erguendo em direção ao céu.

Os portões estão abertos e um fluxo constante de carroças levando flores, vinho e rolos de tecido entra por eles. Eu as ultrapasso, o cavalo desviando das carroças com agilidade, e atravesso os portões em disparada.

Os dois guardas postados ali se giram para mim em surpresa, boquiabertos ao ver meu vestido de criada e o cavalo caro, mas passo por eles e corro em direção ao pátio. Tudo ao meu redor parece se mover devagar, como se o ar tivesse se transformado em piche para todo mundo exceto eu. Não sei se o tempo está se distorcendo ao meu redor ou se é simplesmente a adrenalina correndo pelo meu corpo, pânico convertido em movimento.

No pátio, salto do cavalo e o deixo perto dos estábulos, então entro no castelo por uma porta lateral e chego nos corredores dos criados. Mesmo a esta hora da manhã, o lugar está movimentado, as tarefas para o casamento somando-se às cotidianas e resultando em um fluxo constante de criados correndo de um lado para o outro.

Tenho medo de ser parada se chamar atenção para mim mesma, então embora meu corpo anseie por correr até os aposentos de Ina, eu só caminho depressa, mantendo a cabeça baixa e as mãos apertadas. Em um primeiro momento, não vejo o rosto da pessoa que agarra meu braço. Assustada, ergo

os olhos e minha garganta se fecha quando minha visão é dominada por um rosto pálido e bonito emoldurado por cachos negros. *Liam.* É impossível ele já ter me encontrado. Mas...

— Jules — Roan sussurra, puxando-me pelo corredor. Parece que um ano se passou desde que ele me beijou nos jardins, mas a proximidade faz tudo voltar: a emoção, a vergonha, a confusão e o pânico. Tento ignorar as batidas violentas de meu coração. O que aconteceu entre nós é a coisa menos importante no mundo hoje. — Eu estava procurando você. Todo mundo está. Onde esteve? — ele pergunta quando chegamos a uma alcova fora de vista, apertando meus braços de forma possessiva. — O que aconteceu? Para onde Liam...?

— Não posso explicar agora — respondo, forçando-me a recuar um passo. — Roan, onde está Ina?

— Ina? — Ele franze o cenho, sua expressão ficando séria.

— Ela está a salvo? — *Minha irmã, minha irmã.* O que a Rainha quer com ela? O que planejou?

— A salvo? Eu estava com ela agora mesmo — Roan protesta, mas seu rosto fica pálido. — Por que ela não estaria...

— Não posso explicar agora — digo depressa. — Mas ela está em perigo.

Uma suspeita me atravessa — será que ele sabe que o perigo é a Rainha, a mãe adotiva de Ina e sua única família?

— Roan, por favor, acredite em mim. Tire-a do quarto dela e a leve ao seu. Fique com ela até eu dizer que é seguro.

Ele me encara mudo, com uma expressão assustada.

— Por favor — imploro, minha voz falhando. — Ina é minha amiga. Nada mais importa agora. Se gosta dela, mesmo que um pouco, fique com ela e tranque a porta. Só até eu voltar. Por favor.

Devagar, seus dedos soltam meus braços.

— Tudo bem — ele diz, por fim. — Eu fico com ela. Mas depois você vai nos buscar e explicar tudo isso?

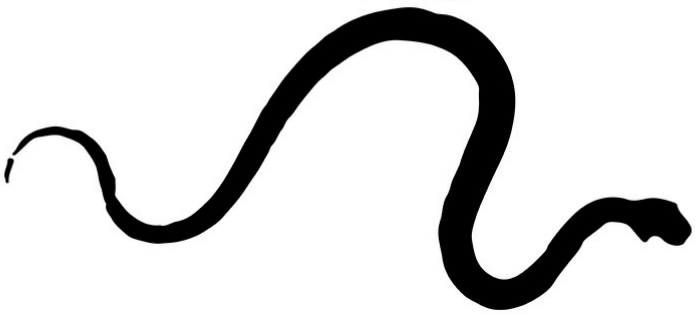
— Vou — respondo, tão aliviada que poderia chorar. — Prometo que vou. Agora vá. Tranque a porta e não deixe ninguém entrar, não importa o que

digam. — Viro e me afasto pelo corredor, forçando-me a não olhar para trás.

Assim que meus pés se movem, sei aonde estou indo.

Encontrar a Rainha.

29



Mantenho as mãos estendidas quando viro o canto do corredor onde fica a suíte da Rainha. Estou pronta para parar o tempo e passar pelos três guardas sempre postados na sua porta após o anoitecer. Em vez disso, estanco ao encontrar um corredor vazio.

Talvez a Rainha tenha saído — posso esperar aqui e confrontá-la quando voltar. Atravesso o corredor até sua porta e tento abri-la, sem grandes esperanças de conseguir. Para meu choque, a maçaneta se vira e a porta se abre. Eu hesito, uma vozinha dentro de mim sussurrando que algo está errado.

O quarto da Rainha está mergulhado na penumbra, cintilando com tecidos dourados e iluminado pela luz tênue de velas. A enorme janela está coberta com cortinas vermelho sangue, e tudo que consigo distinguir são tons de luz e sombras enquanto meus olhos se acostumam à visão. O quarto é amplo, pelo menos o dobro do de Ina, e as paredes estão cobertas alternadamente com espelhos e estantes de livros. Esperava encontrar Ivan ou mais guardas — mas o quarto está vazio, exceto por uma pessoa.

A Rainha de Sempera está em pé diante de uma penteadeira magnífica em um canto, de costas para mim, uma única vela sobre a mesa iluminando seu rosto no espelho. Está usando um robe índigo e seu cabelo ruivo escuro cai solto ao redor dos ombros. Ela não reage ao som da porta fechando.

— Vossa Majestade? — chamo suavemente, repassando a mentira que inventei. Ina está doente e pede que a Rainha vá a seus aposentos. É improvável, mas não preciso que ela acredite em mim por muito tempo. Se

conseguir impedi-la, posso contar a verdade a Ina e podemos decidir o que fazer juntas.

A Rainha continua imóvel enquanto me aproximo na ponta dos pés.

Pareço levar uma eternidade para atravessar o quarto cavernoso. Há algo sinistro no lugar — o tamanho e os tecidos luxuosos drapejados em todo canto abafam alguns sons e ampliam outros, então o cômodo está em silêncio exceto por minha pulsação, que parece preencher o ar.

— Vossa Majestade — digo de novo, mais alto, quando estou a meio caminho dela.

A Rainha continua não reagindo, encarando o espelho com a mesma postura ereta e o queixo erguido que a imagino usando em seu trono à beira-mar, ou fazendo discursos a uma multidão de adoradores — mas está completamente imóvel, exceto pelo movimento do braço e da mão enquanto aplica com cuidado delineador nos olhos e batom vermelho nos lábios. De todas as coisas que eu esperava, este silêncio me perturba e corrói minha coragem.

Agora posso ver meu rosto no espelho, atrás do dela. Os dois flutuam juntos no vidro, o dela pálido como neve e destacado na penumbra; o meu, por trás, bronzeado de sol, pequeno e assustado. O ímpeto de poder e determinação que me impeliu do campo com Liam evaporou por completo. Não me sinto como o Alquimista, sinto-me como uma garotinha que entrou de propósito na boca de uma fera.

A Rainha abaixa seus cosméticos e se vira.

Nunca estive tão perto dela. Posso ver a palidez de seus olhos, as rugas finas que se irradiam ao redor deles. Como é se mover no mundo em um corpo e uma mente que viram cinco séculos? Estou encarando uma montanha, uma deusa. Uma antiga inimiga, embora eu não veja nada familiar nela.

— Jules — ela diz; então: — Antonia.

O nome faz uma onda de certeza me atravessar. Sim, eu sou Antonia. A autora do livro que meu pai morreu para recuperar, para manter o segredo a salvo. De repente, sei disso em meus ossos. Outra encarnação do Alquimista, talvez a primeira. Mas a sensação evapora depressa. O conhecimento não me

traz mais segurança.

O olhar da Rainha me dá vontade de me encolher e fugir. É como uma força física, um raio de calor focado em meus olhos. Mas me obrigo a permanecer ereta e manter a cabeça erguida.

A Rainha solta uma risada baixa e reverberante como um trovão à distância.

Nós não paramos de nos encontrar.

— Sou eu que você quer, não Ina — digo. — O que quer que esteja planejando, pode libertá-la.

Aquela risada outra vez. Eu me esforço para não me amedrontar.

— Você não deve temer por Ina — ela afirma. — Não preciso mais dela. — Sua voz é estranha, suave demais. — Mas foi gentil de sua parte dar a Roan Gerling a tarefa de protegê-la, quando você mesma o ama.

— Eu... o quê? — Minha voz sai engasgada, medo e confusão se misturando na garganta. Como ela sabe o que eu disse a Roan?

Ela dá um passo à frente e apoia uma mão em meu peito, diretamente sobre meu coração disparado. Sinto seus dedos gélidos através do tecido fino do vestido. O frio se espalha por meu corpo com uma velocidade inacreditável e a força de um fio de prata.

— Você tem razão. Ina Gold não tem o coração de que eu preciso. — Agora a voz dela está se dividindo em duas; uma é a sua própria, a outra é jovem e conspiradora. O som duplo faz meu estômago se revirar.

O coração.

Conforme suas palavras desvanecem, vou ficando entorpecida — quando tento formar um punho, meus dedos só endurecem em rebelião silenciosa.

Então minhas pernas se dobram e eu desabo.

Caio no chão de joelhos. Toda a força evapora de meu corpo, todos os meus músculos e ossos são transformados em água. Lembro do que Addie falou sobre tocar a Rainha, de seu olhar assustado como o de uma corça: *foi como sangrar tempo.*

Mal consigo erguer a cabeça, muito menos me defender. Ouço uma porta abrir atrás de mim e outra pessoa entra na sala.

— Não — a Rainha repete, sua voz vinda de todos os lados agora, da minha frente e de trás de mim, emanando das paredes, da própria terra. — Não é de Ina que eu preciso. Nunca foi.

Então uma mão pequena e fria ergue meu queixo. Mantenho os olhos fechados, não querendo ver o brilho da faca enquanto corta minha garganta ou perfura meu coração, não querendo ver como falhei com Ina — e com todo mundo. Se Liam tem razão e a Feiticeira é maléfica, em minha tolice, acabei de dar o mundo para ela.

Mas...

— Abra os olhos, Jules — diz alguém. Não a Rainha.

Eu obedeço.

Caro está ajoelhada diante de mim, acariciando meu rosto e sorrindo. Atrás dela, a Rainha está em pé, com os olhos fixos em um ponto distante.

— Caro! — Arquejo de alívio. — A Rainha é...

— Ela não é nada — Caro interrompe.

Pela primeira vez desde que a conheço, ela não está sussurrando. Sua voz é tão alta, nítida e familiar quanto as batidas de meu coração. Ela está usando um vestido de veludo negro, não o uniforme de criada, e seu cabelo está solto.

Ela não parece nem um pouco doente ou febril.

Ela estende a mão atrás de si, sem olhar, e toca na mão flácida da Rainha. E, de repente, a Rainha desaba — caindo tão rápida e silenciosamente quanto uma marionete cujos fios foram cortados.

Meu grito finalmente se liberta, mas ninguém virá e não há o que ser feito: a Rainha cai de lado, em uma pilha de veludo, seda e ossos. A violência do ato me faz tremer.

Caro respira fundo. E como se alguma coisa que faltava tivesse fluido de volta para ela. Mesmo ajoelhada diante de mim, ela parece mais alta. Majestosa. Poderosa.

Não digo nada, mas uma lágrima escorre por meu rosto e sobre os dedos dela. Ela me solta e enxuga a mão na saia. Atrás de si, os olhos da Rainha estão fechados, os movimentos do seu peito quase imperceptíveis.

— Eu não deveria dizer que ela não era nada — Caro se corrige, com um

som de desaprovação. — A Rainha já foi uma amiga. Éramos jovens na época, e eu já conseguia ver o potencial dela. — Ela sorri com alguma lembrança ou alucinação muito antiga. — E então houve a invasão e logo ela estava liderando o exército semperano à vitória. Depois que a batalha terminou, ela foi declarada Rainha. E eu fiquei a seu lado, nas sombras, o tempo todo.

Arrepios percorrem meus braços. Caro está recitando uma aula de história — toda criança semperana sabe como a Rainha ascendeu ao poder mas, em sua loucura, fala sobre a guerra de cinco séculos atrás como uma lembrança afetuosa, com uma nota nostálgica e um olhar perdido. Ela tem que ser louca. Tem que ser. Porque, se não for, eu estive terrivelmente enganada.

— No começo, considerei me tornar rainha — ela continua, com um tom reflexivo. — Sem mim, o exército nunca teria vencido. Eu assassinei inimigos e descobri seus segredos. Mas, *Jules*— ela alonga meu nome como um xingamento, — você não acreditaria como ser rainha torna a pessoa um alvo. — Ela me olha como se isso fosse a maior injustiça no mundo. — Enfim, entendi que poder nada tem a ver com posição. Especialmente se você for fraco. — Ela rosna, lançando um olhar para o corpo prostrado da Rainha. — Era melhor assim. Uma rainha não poderia ter feito as coisas que fiz, nem ter ido aos lugares aonde fui, sem ser vista e notada, como os criados fazem. E não era como se me faltasse poder. Não quando ela — Caro faz um gesto para a Rainha inconsciente — me deixou entrar. — Ela pausa e me olha com expectativa, como se fosse minha vez de falar.

— Como assim, "deixou entrar"? — pergunto, rouca.

— Você poderia ter aprendido a fazer isso também, se tivesse mais tempo. Sussurrar no ouvido de alguém e controlar sua mente. — Ela me analisa. — Eu tive esse tempo Jules, o que compensa um pouco o poder que você roubou de mim.

Uma compreensão terrível começa a afundar em mim — algo enorme e sombrio que não fui capaz de absorver até agora, algo que não vi esse tempo todo. Mas meu corpo inteiro se rebela contra ela, lutando contra a verdade. Não consigo expressar em palavras.

Caro ri baixinho da minha expressão.

— Não fique tão chocada, Jules — ela repreende. — A Rainha estaria

morta há muito tempo se não fosse por mim. Ou, ao menos, seria um saco de ossos como aquela megera na torre oeste. Nós ajudamos uma à outra; eu lhe dei vida e ela me deu poder. Mas ela nunca foi você. — Ela olha para a Rainha desmaiada e suspira. — E cansei das sombras. Da servidão. De ferros-sanguíneos. Bebi centenas de anos e odeio o gosto.

— *Centenas de anos.* — Engulo em seco. — Como ninguém reparou? Como ninguém viu que você não envelheceu?

— Ninguém repara, Jules. Ninguém se importa com uma criada. Você deveria saber disso. — Caro exibe os dentes em um sorriso. — E, se notavam, eram fáceis de despachar.

Meu estômago se revira quando percebo que ela tem razão. E fácil imaginar nobres de qualquer época não reparando que uma criada em particular permanece eternamente jovem, esbelta e vigorosa.

Eu a encaro, horrorizada e congelada, e ela ri consigo mesma. O sol está passando por trás das cortinas, tornando o quarto ainda mais escuro do que quando entrei. Os detalhes de seu rosto estão esmaecendo e tornando-se apenas contornos, maçãs do rosto afiadas, dentes brancos e olhos impossivelmente escuros. Já vi esse rosto antes, entre fogo, raios e sombras.

— Como você soube? — pergunto em uma voz arranhada.

— Seu ferro-sanguíneo, é claro — ela diz, começando a andar na minha frente como um gato selvagem. — Suspeitei antes disso, quando percebi que você tinha mentido sobre seus pais, e depois do que aconteceu com a bruxa, mas tive certeza quando vi seu tempo voltar para o seu corpo. Já vi isso antes, quando você era Eryn, May, Cecily e... bem.

— Mas Ivan te prendeu, te arrastou na frente de todo mundo e... — Eu me calo, percebendo a verdade antes mesmo que ela sorria de satisfação. E claro: ela tinha Ivan sob controle o tempo todo. A história do cofre era uma farsa para me pegar. Para me testar. — Você *sabia* que eu me sangraria para salvar sua vida.

— Parece que conheço você melhor do que você mesma se conhece.

Uma amiga de verdade.

Uma inimiga impensável.

— Você é mesmo a Feiticeira — sussurro, dando voz ao meu pior medo e ainda esperando que ela ria na minha cara e diga que estou errada ou louca. Mas ela não ri.

— Eu deveria estar magoada, sabe — ela diz em vez disso. — Você nunca se lembra de mim tão bem quanto me lembro de você. Embora eu deva admitir que levei um tempo para ter certeza desta vez. Você sempre foi esquiva, Antonia. Em todas as suas vidas. Mas pior: você sempre teve ajuda. — Ela cospe a última palavra como uma maldição.

Mal consigo reservar um segundo para pensar em Papai, Lora, Liam, todos os que me ajudaram, antes que ela segure meu rosto nas mãos. Ela não parou de sorrir até agora, com um afeto real nos olhos. E fome — uma fome feroz e antiga, diferente de tudo que já vi.

— O que você quer? — pergunto, ofegante.

— Quero ser eterna outra vez — ela responde. — Estou envelhecendo há séculos. Mais devagar que a maioria, é verdade, mas mesmo assim. Quero ser como eu era, sem medo da velhice ou da morte, sem ter que beber sangue de camponeses como um maldito lobo. — Seus olhos perfuram os meus, ainda com aquela combinação de amor e fome, e algo mais sombrio e profundo surge em sua voz. — Quero o que você roubou de mim tanto tempo atrás.

Toda a leveza sumiu da voz agora. Ela me solta e, de repente, meu corpo é novamente meu. Eu me levanto atrapalhada sobre pernas bambas, apoiando uma mão na cabeceira da cama. Meu peito parece ter sido esmagado por dentro, como se eu tivesse segurado o *fôlego* por tempo demais.

Caro dá um passo para trás, olhando para o quarto opulento com uma expressão de leve asco.

— As coisas vão ser como eram antes de você vincular o tempo ao ferro — ela sibila. — Você tirou minha imortalidade e condenou nós duas. Eu vou consertar as coisas, mas não podemos ambas viver.

Ela ri quando me encolho.

— Por quase quinhentos anos, meu poder esteve trancado em seu coração. Eu costumava pensar que poderia libertá-lo matando você. Precisei te matar quatro ou cinco vezes antes de perceber que não era suficiente. — Ela bate no próprio peito com um dedo. — Eu tinha que partir seu coração primeiro.

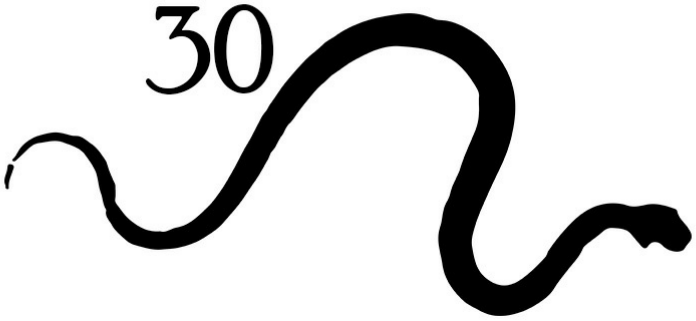
— Então você está sem sorte — retruco, entre dentes cerrados. Recuo, apalpando discretamente atrás de mim na esperança de encontrar na cômoda alguma coisa que possa usar como arma, mas meus dedos não param em nada. — Meu pai está morto. Minha mãe está morta. Já vi amigos morrerem de fome. Meu coração já está partido.

Mas Caro balança a cabeça, impaciente.

— Não — ela fala. — Você não sabe o que é um coração partido até a pessoa que mais ama morrer em seus braços. — O sorriso que ela me dá é cruel e aterrorizante. — Agora, se não se importa com companhia — ela diz como se eu tivesse escolha —, há alguém que você vai gostar de ver.

Ela vai até a porta com passos animados e a abre. Ivan está parado do outro lado, junto com Roan Gerling, que está com as mãos amarradas.

30



Em um primeiro momento, não entendo o que estou vendo — Roan pálido e de olhos arregalados, com os ombros curvados e as mãos amarradas à frente do corpo. Ele dá dois passos e entra na suíte da Rainha, empurrado por Ivan. O capitão traidor está segurando uma faca a um dedo da base da coluna de Roan. Ivan mantém os olhos fixos à frente, mas Roan vê o corpo da Rainha no chão e sua boca se abre.

Quero gritar para ele fugir, lutar, mas descubro que não consigo falar — não sei se é a magia de Caro ou o medo dela que deixa minha boca selada. Os lábios dela se retorcem em um sorriso satisfeito. Ivan retribui com um sorriso próprio.

Quanto tempo ela demorou para colocá-lo sob seu controle? O que mais ele fez por ela? Sob o sorriso, em seus olhos, eu vejo uma centelha de medo, embora a faca em sua mão não hesite. Ele teme Caro. Isso me assusta quase tanto quanto ver a Rainha desabar como uma boneca de pano.

— Obrigada pela assistência, capitão — Caro ronrona. — Lembre-se, cinco minutos.

Ivan a observa, sem se mexer. A estranha ordem me enche de um terror que nunca senti antes.

Por um instante, o rosto de Caro se contorce em uma expressão de pura raiva: seus olhos se arregalam e os lábios se afastam, expondo os dentes.

— *Vá* — ela rosna — e deixe a faca. — Ivan recua um passo. Ele lança um olhar rápido para Roan, então se vira para sair. Antes que a porta se feche, ele

gira e lança a lâmina, que voa em um arco, um clarão de prata, e desliza até parar aos pés de Caro. Eu congelo.

Ela pega a lâmina e se vira para Roan.

— De joelhos. — Seu rosto está agradável outra vez, mas há uma ameaça correndo sob a superfície de sua voz. Roan obedece, o pavor evidente em seu rosto, como um animal levado ao abate. Imagino que eu tenha a mesma expressão.

Você não sabe o que é um coração partido até a pessoa que mais ama morrer em seus braços.

De repente, entendo o plano de Caro. Deixando de lado toda cautela, atravesso o quarto correndo e me coloco entre ela e o corpo congelado de Roan. Encarando-a com as mãos erguidas, tenho uma sensação sinistra de que estou vivendo um de meus pesadelos.

Ela ri.

— Você não vai se safar dessa — digo, tentando manter a voz razoável. — Ele é um Gerling, praticamente um príncipe.

— O que é um príncipe comparado a uma deusa? — ela pergunta. — Na verdade ela — dá as costas para mim e se curva sobre a Rainha caída —, o que é uma rainha comparada a uma deusa?

Caro estende uma mão e forma um punho no vestido da Rainha, puxando a mulher para ficar em pé, com um movimento fluido e uma força sobrenatural.

Um terrível som arranhado sai da garganta da Rainha eu nem tinha certeza de que ela ainda estava viva. Sua cabeça se inclina para trás e um filete de sangue escuro escorre do uma narina. Ela abre os olhos e vê Caro.

Então dá um salto para a frente, cambaleante, as mãos como garras nos braços que tentam golpear em desespero.

Caro está pronta. Enquanto assisto horrorizada, ela desvia dos golpes da Rainha e a abraça por trás, envolvendo um braço ao redor de sua cintura. Com a outra mão, ela enfia a faca no peito da Rainha — um gesto e está feito — e depois empurra a mulher ofegante em minha direção.

Meus próprios gritos enchem o quarto. Recuo aos tropeços, mas não há

para onde ir. A Rainha está caindo em cima de mim e automaticamente ergo os braços para pegá-la. Tenho um vislumbre de seus olhos grandes e claros, de seu peito encharcado de sangue — sangue que está entornando em mim, em meu rosto, em minhas mãos. Meu grito parece algo separado de mim, como se viesse de outra pessoa. Tudo que consigo processar é o calor do sangue, seu corpo quebrado em meus braços e seus olhos pálidos enquanto a vida é drenada deles. Um vazio terrível se abre em mim. O tempo todo, ela era só uma marionete do verdadeiro monstro.

De algum modo, abaixo seu corpo no chão e recuo, caindo sobre as mãos e joelhos e engasgando de ânsia. O cheiro do sangue me cerca como uma névoa vermelha.

Até que o grito de Roan a atravessa.

Ergo a cabeça. Do outro lado da Rainha, Roan está se movendo, arquejando enquanto encara o corpo destruído. E Caro está em pé atrás dele — em um movimento veloz, ela enrasca a mão em uma mecha de seu cabelo, inclina a cabeça dele para trás e segura a faca ensanguentada contra sua garganta. Congelo, ajoelhada ao lado da Rainha, temendo que mesmo um piscar de olhos a provoque a usar a arma outra vez.

— Você tornou isso tão fácil para mim, Jules — ela diz. — Todo mundo via como Lorde Gerling olhava para você. Ninguém vai duvidar da minha história: você é uma traidora que o seduziu, convenceu-o a deixá-la entrar nos aposentos da Rainha, então assassinou os dois.

Os olhos de Roan se viram para mim, então caem impotentes para o lado — ele não pode se virar para Caro sem se cortar na lâmina. O que ela está dizendo não deve fazer sentido para ele, mas o perigo em que se encontra é óbvio.

— Caro, por favor — ele pede, rouco.

— E *você*. — Ela força a faca em sua garganta, extraindo um filete do sangue de Roan, que se mistura com o da Rainha na lâmina. — Seu lindo tolo. Você trouxe a verdadeira Alquimista até mim. — Meu corpo inteiro se tensiona. — Você cometeu um erro ao voltar para cá, Jules — ela afirma, com um traço de diversão na voz. — Se tivesse ficado em Crofton e se contentado em amar Roan Gerling à distância, talvez eu nunca tivesse te encontrado.

Mal estou escutando. Meus olhos estão fixos em Roan, enquanto seu olhar cheio de pânico vai do corpo da Rainha para mim. Lembranças atravessam minha mente — o sol filtrado pelas folhas de um carvalho, lutas ofegantes com espadas de madeira, rir livremente sem nunca pensar que eu era inferior a ele. Roan pode ter se transformado em um covarde e um tolo, mas não merece morrer assim.

— Por favor — ele implora em um sussurro. Ele engole, sua pele se movendo contra a faca, e sangue escorre pela sua clavícula. — Por favor, Caro, eu farei qualquer coisa.

Eu o interrompo.

— Eu não o amo. — Pelo canto do olho, vejo Roan piscar. — E ele não me ama. — Olho para Caro, esperando com todas as minhas forças que ela acredite em mim e reconheça essa verdade. *Por favor...*

Por um instante, acho que vejo a dúvida brilhar em seus olhos. Mas é tarde demais — sempre foi tarde demais. Conheço Caro e sei que seu desejo de me quebrar queimou de sua mente qualquer outra coisa.

— Se queria que eu tivesse misericórdia — ela rosna —, não deveria ter tirado minha imortalidade.

Então ela rasga uma linha vermelha profunda na garganta de Roan.

Abro a boca para gritar, mas nada sai. Todo o ar em meus pulmões se transformou em chumbo. Alguém enfiou o punho em meu peito e está puxando meu coração para fora.

Enquanto Caro dá um passo para trás, Roan ergue as mãos ao pescoço. Ele franze o cenho e parece perplexo com o sangue escorrendo entre seus dedos e sobre o peito. Sua boca se fecha e se abre e se fecha outra vez; palavras mudas e impotentes que se perdem para mim e para todos os vivos.

Então ele cai para a frente, aterrissando de cara ao lado da Rainha, e fica imóvel.

Por um *longo* momento, penso que o tempo parou de novo e tento *fazê-lo* voltar para trás, para que tudo isso possa ser desfeito.

Mas há sangue se espalhando pelo chão. O tempo não parou. E só que o quarto ficou em um silêncio sepulcral, tão profundo quanto a tumba em que

se transformou.

Caro me olha, esperando que eu quebre, que o poder flua de volta para ela. Mas nada acontece. E nada acontece. Ela entorta a cabeça, com a testa levemente franzida — uma expressão de decepção contida.

Uma centelha de raiva, mais forte que qualquer coisa que já experimentei, se acende em meu peito. A fúria arde em mim enquanto me levanto, vacilante, e me indica que estou viva — que não fui quebrada.

— Você realmente não o amava — diz Caro. — Bem, não importa. Vou encontrar a pessoa que vai te quebrar, mesmo se precisar matar cada habitante de Sempera. E, enquanto isso, você estará presa de novo em Everless. Que conveniente.

A essas palavras, a raiva me impulsiona. Pulo em direção a Caro e estendo as mãos, querendo que o tempo a congele o suficiente para que eu possa fechar os dedos ao redor de sua garganta. O poder se ergue em mim e explode para fora, pegando o ar na sala, mas só em estranhas bolhas. Enquanto as bolhas correm em direção a ela, vejo Caro erguendo as mãos também, sua cabeça inclinada para trás enquanto ri.

O poder dela e o meu colidem com um estrondo que parece fazer o mundo tremer e sair do eixo, e sou jogada para trás até o chão, com os ouvindo zunindo. Ao nosso redor, livros caem de prateleiras e pinturas desabam. Vidros se estilhaçam em algum lugar e, enquanto rolo dolorosamente e me apoio em um cotovelo, dezenas de joias tombam da cômoda da Rainha e se espalham pelo chão.

À medida que o zumbido nos ouvidos diminui, ouço gritos à distância e a batida pesada de passos vindo em nossa direção. Eu me empurro para sentar quando a porta se abre e guardas de Everless entram correndo no quarto. O primeiro estanca subitamente e grita ao ver a poça de sangue e os corpos no chão.

— Socorro! — Caro grita, em uma voz estridente. Viro a cabeça e a vejo de pé, apontando para mim, seu rosto uma máscara de horror. Ivan, silencioso enquanto encara o corpo de Roan Gerling, está parado ao lado dela. *Cinco minutos*, percebo. *É quando ela queria que os guardas entrassem e testemunhassem.*

Ela continua gritando enquanto os guardas convergem ao meu redor, agarram meus braços e me levantam. Nem tento resistir. Todo meu corpo foi tomado por um redemoinho de horror e ânsia e não há espaço para resistência.

Enquanto eles me arrastam para longe, Caro para de gritar apenas um instante — só o suficiente para me dar um sorriso, sem nunca afastar os olhos dos meus.

Epílogo

Gota.

Gota.

Go...

A gota de água congela no ar, a meio caminho do chão. No breu quase total das masmorras, mal consigo enxergá-la. Mas lá está ela, pairando no ar, um pequeno glóbulo refletindo a luz das tochas do corredor. Uma coisinha pequena, como uma joia — bela e inútil.

Eu relaxo meu controle sobre o tempo e deixo a gota cair ao chão. Ela se junta à poça nas pedras que está se estendendo aos poucos em minha direção e que uma hora vai me alcançar, no canto onde estou encolhida, tremendo, com os braços ao redor dos joelhos. Minha habilidade de alterar o tempo é completamente inútil agora. Posso brincar com as gotas de água em minha cela, ou fazer as chamas da tocha lá fora se imobilizarem. Mas não consigo aquecer a cela e não consigo escapar.

Posso segurar o tempo nas mãos, mas não importa o quanto me concentre, não consigo fazê-lo fluir para trás. Sinto que já tentei mil vezes.

O nome *Antonia* está alojado em minha boca como uma cárie — algo que já foi doce e agora é podre. O nome da Alquimista, meu primeiro nome. Finalmente sei quem sou e posso sentir o emaranhado de poder e de história trancado dentro de mim — mas isso só torna mais amargo o fato de que vou morrer aqui; de que Caro, a Feiticeira, me venceu. Eu falhei com Antonia. Falhei com todas as minhas encarnações anteriores sem nem saber quem

foram e a coragem com que lutaram. Falhei com Roan, o garoto que amei. Falhei com Sempera — deixando o território em poder da Feiticeira, e Ina à sua mercê.

Meu estômago se contrai quando penso em Ina. Minha irmã.

Ela deve me odiar, me desprezar com cada fibra de seu ser. E por que não odiaria? Ouvi os guardas sussurrando, então conheço as histórias que Caro divulgou sobre mim: que sou a *bruxa* que seduziu Roan e o usou para ter acesso à Rainha. Que assassinei a Rainha e depois Roan, quando ele tentou me impedir. Que Caro me encontrou diante dos corpos com a faca aos meus pés ensanguentados.

Por um momento, considero a possibilidade de deixar minha mente me consumir. Eu poderia fechar os olhos e me perder em uma visão, recair em lembranças tão puras, reais e abundantes quanto um colar infinito de pérolas. Mas pressiono as mãos no chão de pedra frio, tentando me ancorar no presente, nesta cela e nada mais. Se me perder em lembranças agradáveis, é capaz que nunca volte — mas se pensar sobre o sangue de Roan no chão ou imaginar o rosto de Ina quando descobriu que ele está morto, o desespero me destruirá.

Seria outra traição a Antonia e a todas as pessoas que já fui, se eu desmoronasse agora. Em vez disso, concentro-me no que sei.

Caro precisa de mim viva, ou eu já estaria morta. Ela precisa partir meu coração para acessar o poder escondido nele, de alguma forma. Isso deveria me reconfortar, mas não confio em meu coração, já aos frangalhos depois da perda das pessoas que mais amo.

Em algum lugar nas profundezas sombrias de minha mente, uma voz sussurra que eu deveria torcer para morrer antes que ela consiga me quebrar. Mas a ideia de desistir da vida agora — quando finalmente entendo quem sou, quando posso sentir meu poder pairando ao alcance dos dedos — faz cada fibra de meu corpo gritar em protesto.

Não. Eu me recuso a morrer.

O som de botas sobre pedra ecoa no corredor frio e úmido, ficando mais alto a cada passo em direção à minha cela. Não me mexo. Não há motivo — os guardas nunca se aproximam o suficiente das barras para que eu possa

alcançá-los e pegar as chaves.

Mas algo está diferente. Os passos soam mais leves que o normal — e hesitantes. Pausam de tempos em tempos, como se alguém estivesse parando para espiar as celas.

Ergo os olhos bem quando Liam entra à vista. Quando me vê, seus olhos se arregalam e ele corre ate a cela. Meu coração — por mais ferido e exausto que esteja — incha e bate um pouco mais forte.

Mas não, Liam não pode estar aqui. A imagem passa por trás de meus olhos: Roan, tremendo com a faca de Caro na garganta, então no chão, com os olhos abertos e sem vida enquanto o sangue se acumulava ao seu redor. Se ela descobrir que Liam está me ajudando, vai fazer o mesmo com ele — ou pior.

— O que está fazendo? — Minha voz está rouca por falta de uso. Tremendo, levanto-me enquanto ele fecha as mãos ao redor das barras. Está com um aspecto terrível, seu rosto magro e mais pálido do que o normal, com olheiras profundas.

— Jules — ele chama suavemente. — Você está bem?

— Você não pode estar aqui — digo, ríspida, tentando esconder meu medo. — Caro vai...

— Sei o que Caro vai fazer — ele interrompe. Seu sofrimento transparece na voz, e me lembro que seu irmão está morto. — Eu deveria ter percebido o que ela era. Se tivesse... — Ele se interrompe, abaixando os olhos, e penso ver o brilho de lágrimas em seus olhos.

— Sinto muito sobre Roan — falo da forma mais gentil que consigo. Mesmo que eles não se dessem bem, não consigo imaginar como seria ver um irmão morto desse jeito, por nenhum motivo além de crueldade.

Fecho os punhos, pensando em Ina, e afasto o medo.

— Roan é só o início — Liam afirma, sombrio. — Enquanto Ina se prepara para ocupar o trono, Caro fechou os portões de Everless. Ela está reunindo todo mundo que tinha qualquer conexão com você e os interrogando.

Meu sangue se transforma em gelo. *Lora. Hinton.*

— Ela tem que partir meu coração — digo, quase para mim mesma. — Está procurando qualquer pessoa que eu ame.

Liam termina o pensamento por mim.

— Você tem que sair daqui antes que ela comece a matá-los. — Suas mãos se apertam nas barras, os nós dos dedos arranhados ficando brancos. — Temos que ir. Só temos alguns minutos.

Fecho os olhos, tentando acalmar o turbilhão em minha mente e pensar. Os rostos das pessoas que amo flutuam em minha mente, em um refrão silencioso. Engulo o terror enquanto os imagino como vítimas da fúria de Caro, então encontro o olhar de Liam e me aproximo dele.

Cubro suas mãos com as minhas. O toque o faz estremecer, mas ele não se move. Sinto sua pele quente e saboreio a sensação — é o primeiro calor que sinto em dias.

— Feche os olhos — digo. Fecho os meus também e convoco o poder dentro de mim, desejando que a corrente do tempo ao nosso redor pare.

A cela e o corredor fora dela estão tão vazios que, quando abro os olhos, não sei se funcionou. Então noto que o som de água pingando parou e que a tocha atrás de Liam congelou no meio do seu tremeluzir.

Mas Liam está comigo, respirando pesadamente embora todo o resto esteja congelado. Meu corpo treme de fraqueza — com pouca comida e falta de sono, sinto o peso do tempo nos membros. Mesmo assim, consigo apertar as mãos de Liam. Em resposta à pressão, ele abre os olhos e pisca devagar, maravilhado, quando percebe o que aconteceu.

Afasto as mãos das dele — ignorando a pontada de perda que me atravessa — e aponto para o final do corredor.

— Os guardas ficam ali. Eles têm as chaves.

Liam entende imediatamente. Ele se vira, parando um instante para admirar a chama imóvel da tocha, então atravessa o corredor com passos largos e confiantes. Minhas mãos tremem de medo por ele.

Mas em poucos minutos ele está de volta, apertando a chave com força. Remexe na fechadura e eu aguardo, com o coração disparado. A porta se abre mais depressa do que eu esperava, e cambaleio para a frente, perdendo o

equilíbrio depois de tanto tempo sentada. Liam me segura e por um momento ficamos assim — ele com o braço ao redor de meus ombros e eu com o rosto pressionado em seu peito. Sou cercada por calor, e por um momento quase me sinto segura. Mas não podemos ficar assim. O tempo está congelado aqui nas masmorras, mas lá em cima — para Caro, Ina e todos que eu amo — os segundos continuam passando.

Liam se afasta primeiro, pegando minha mão.

— Conheço uma saída nos fundos — ele diz, com a voz baixa e urgente. — Venha.

Ele me puxa pelo corredor, com cuidado para não me deixar para trás, embora eu possa sentir que ele gostaria de sair correndo. Então me leva por corredores cada vez mais estreitos, onde o ar frio e pesado tem um cheiro úmido. Começo a contar os segundos até o momento em que seremos perseguidos — mas logo, por estar com o corpo fraco e ter que me concentrar em segurar o tempo pelo máximo que conseguir, não consigo fazer nada além de colocar um pé na frente do outro. Terei que soltar o tempo em breve ou vou desmoronar.

Depois de algum tempo, chegamos a uma escada estreita em espiral que parece subir para sempre, até que finalmente alcançamos o topo e emergimos em uma pequena choupana iluminada por uma lanterna a óleo. Olho pela janela e vejo o lago e o castelo além dele — devemos estar em uma das choupanas dos guardas no muro norte. Há um leito e uma mesa cheia de suprimentos, e uma porta diante de nós, emoldurada pelo crepúsculo cinzento.

Solto a mão de Liam e me afundo no leito, puxando o ar fresco da superfície até encher os pulmões. Todos os meus membros parecem fracos e moles. Liam reúne os suprimentos na mesa e os enfia em duas sacolas, então se vira e estende uma delas para mim.

— Addie pode nos abrigar esta noite — ele diz. — E amanhã iremos o mais longe possível de Everless.

Seu rosto brilha com sinceridade, e olhar para ele faz meu corpo doer. Ele está arriscando a vida por mim, está disposto a abandonar tudo que conhece.

Não posso deixá-lo seguir em frente com isso.

— Caro matou Roan porque achava que eu o amava — conto.

Os olhos dele cintilam.

— Mas você não amava.

Uma agulha perfura meu peito.

— Talvez não. Ou não o suficiente. Mas a questão não é essa. — Eu o encaro, querendo que entenda o perigo que nos cerca. — Você não pode vir comigo, Liam. Só vai virar um alvo.

Ele contorce a boca. Imagino que vai discutir, mas ele só me encara por um longo momento e então, por fim, assente. Sou inundada por uma mistura de alívio e decepção.

— Se eu tivesse confiado em você antes... — ele diz depois de um momento. Sua voz falha e ele respira fundo antes de continuar. — Se eu tivesse lhe dito o que sabia, nada disso teria acontecido. — As palavras implícitas pairam entre nós. *A Rainha ainda estaria viva. Roan ainda estaria vivo.*

— E nada disso teria acontecido se eu tivesse ido a Ambergris como você pediu — retruco suavemente. — Podemos nos culpar o quanto quisermos, mas isso não vai nos ajudar a derrotar Caro. — Minha voz estremece quando digo o seu nome.

Liam não tira os olhos de mim quando estendo a mão para aceitar a sacola que ele oferece.

— Espere.

Seus dedos roçam as costas de minha mão, depois se afastam. Ele abre uma gaveta da mesa e tira um livro pequeno e desgastado com encadernação em couro. A visão me faz mergulhar em lembranças — noites frias na cabana, sentada no colo de meu pai enquanto ele lia histórias; abrir o livro sozinha e traçar as palavras ali, sabendo que elas pertenciam a mim, embora eu fosse jovem demais para ler. E outras lembranças também, minhas mas não minhas, as mentes de Antonia e todas as outras vidas, minhas outras encarnações, suas lembranças e esperanças, amores e terrores entrelaçados em meu sangue e em meus ossos. Era isso que meu pai procurava no cofre, foi por isso que deu a vida.

— Não gosto da ideia de deixar você sozinha — Liam diz baixinho.

Pela primeira vez no que parecem séculos, sinto uma centelha de esperança.

— Não estou sozinha — respondo, pegando o livro. Jamais poderia estar sozinha com as palavras de meu passado falando comigo através dessas páginas.

Liam me observa, segurando as mãos rigidamente dos lados do corpo, como se estivesse se segurando para não me tocar de novo.

— O que você vai fazer? — ele pergunta em voz baixa.

— Não sei — admito. — Vou me esconder. Aprender sobre mim mesma. E depois tentar enfrentar Caro, quando estiver pronta.

— Não é tarde demais para desaparecer — ele sugere. — Você poderia trocar de nome. Deixar Sempera. Ela nunca te encontraria.

— Ela me encontraria — digo com certeza. — Você não a conhece como eu. Mas não vou desaparecer. Não vou abandonar você, todos vocês, sob o controle dela para sempre. — Aperto sua mão e ele pisca. — Fique aqui, em Everless — peço. — Vou precisar de você antes que tudo termine.

Muito, muito devagar, ele assente.

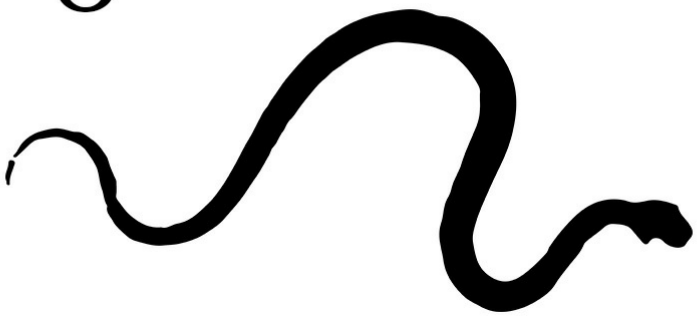
— Eu te ajudarei de qualquer modo que puder. E não vou dizer adeus, Jules — ele sussurra. — Agora corra.

Eu o observo por um longo momento — este garoto que odiei por tanto tempo e que estava me protegendo desde que ele próprio era criança. Seus olhos são buracos escuros, transbordando de desejo e medo. Por um instante, tenho vontade de beijá-lo — mas me contenho, lembrando que meu toque é uma marca de morte.

— Obrigada, Liam — digo.

Então lhe dou as costas e saio na noite, com o passado pesando em meus ombros, seguindo em direção a um futuro tão selvagem e desconhecido quanto meu próprio coração.

Agradecimentos



Todo livro é, em certa medida, um trabalho de equipe, mas esse é especialmente o caso de Everless. Tantas pessoas contribuíram com esse romance e todos vocês têm minha gratidão eterna.

Obrigada a toda a equipe incrível na Glasstown Entertainment por tornar meu sonho realidade: Lexa Hillyer, Lauren Oliver, Rhoda Belleza, Kamilla Benko, Tara Sonin, Adam Silvera, Emily Berge e, em especial, Alexa Wejko. Alexa, este livro não existiria sem você. Obrigada por todas as horas e mais horas que passou comigo e com estas páginas. Foi tão divertido e valeu totalmente os olhares estranhos que recebíamos enquanto discutíamos assassinato e reencarnação em cafeterias.

A minhas incríveis editoras, Erica Sussman,Tara Weikum, Kari Sutherland, e a todos na HarperTeen, por moldar e guiar este livro do início ao fim. Desde a edição habilidosa, até essa capa maravilhosa e seu trabalho para levar o livro para o mundo, seus esforços significam muito para mim. Um agradecimento especial para os preparadores de texto, que lidaram com minha inabilidade crônica de manter uma cronologia correta.

A Stephen Barbara e Lyndsey Blessing da Inkwell, por encontrar um lar para *Everless* e levá-lo a vários lugares ao redor do mundo. Pensar que minhas palavras vão aparecer em países onde nunca pisei, em línguas que não falo, nunca deixará de ser surreal.

A todos na Curtis Brown por me incentivar, brindar as boas notícias comigo e sempre manter as portas abertas quando eu precisava de conselhos. Tenho muita sorte de trabalhar em um lugar onde realmente quero estar

todos os dias.

A todos os professores e mentores que tive ao longo do caminho que me convenceram a arriscar, em especial Sonja Saunders, Jennifer Nelson, Kelly Bunte, Maggie Shea e Amy Bloom.

À minha família — Rachel, Ben, Hannah, vô e vó, vovô e vovó -, que leu minhas primeiras tentativas de histórias e (mesmo assim) me encorajou a continuar ao longo de toda a jornada.

A Henry, por ficar do meu lado ao longo de cada etapa dessa jornada, por ficar ainda mais empolgado com as boas notícias do que eu, e por não reclamar quando eu tinha que me retirar do mundo por dias inteiros para escrever. Por me fazer sorrir e rir todos os dias. Sei que digo isso o tempo todo, mas tenho muita sorte por ter você.

A meu pai, pelas centenas de noites passadas sentados no chão do corredor, equidistante dos quartos de todos os filhos, lendo Harry Potter, As crônicas de Nárnia e *Em busca de Watership Down* e muito mais. Por sempre conseguir inventar mais uma história que começa assustadora e termina feliz.

E à minha mãe, por me apoiar pelas águas não mapeadas da escrita e da vida e por nunca deixar de acreditar que eu era capaz. Se evoluí muito desde Stleznen, o simpático monstro marinho, foi graças a você.



SARA HOLLAND cresceu em uma cidade pequena de Minnesota em meio a centenas de livros. Graduou-se na Wesleyan University e já trabalhou em uma loja de chá, em um consultório odontológico e na administração pública antes de ir para Nova Iorque e se dedicar à literatura. Atualmente, pode ser vista explorando livrarias da cidade ou buscando novas maneiras de colocar cafeína em sua corrente sanguínea. Everless é seu livro de estreia.